

UNIVERSITY OF TORONTO



3 1761 00901773 2

NUNO CATHARINO CARDOSO

POETISAS
PORTUGUESAS

ANTOLOGIA CON-
TENDO DADOS BI-
BLOGRAFICOS E
BIOGRAFICOS
ACÊRCA DE CENTO
E SEIS POÉTISAS

Instituto de Estudos Portugueses



LISBOA
LIVRARIA SCIENTIFICA
81, Rua Nova do Almada, 81

1917



Poetisas Portuguesas

*Composto e impresso na Imprensa
♦ ♦ de Manuel Lucas Tôrres ♦ ♦
R. Diário de Noticias, 59 a 61, Lisboa*



NUNO CATHARINO CARDOSO

POETISAS PORTUGUESAS

ANTOLOGIA CON-
TENDO DADOS BI-
BLOGRAFICOS E
BIOGRAFICOS
ÂCÊRCA DE CENTO
E SEIS POETISAS



LISBOA
EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO AUCTOR

1917



A propriedade literaria deste livro é
garantida ao auctor, em Portugal,
pela lei de 18-3-1911 e no Brazil
pela lei n.º 2577 de 17-1-1912

PQ
4033
C3

PREFACIO

Não é unicamente nas paginas da sua Historia Militar, Maritima e Colonial, que Portugal se ufana de contar os nomes illustres de esforçados guerreiros e de audaciosos navegadores, os quaes pelos seus brilhantes e imorredouros feitos, levaram Camões a têr escrito :

E julgareis qual é mais excellente
Se sêr do mundo rei, se de tal gente

taes e tantos foram os prodigios de valôr que Portuguezes operaram desde a fundação de *Portucale* até *Chaimite, Marraquene, Coolela, Magul*, etc. Se compulsarmos as paginas da nossa Historia Literaria, deparamos, logo, com uma série de nomes de Senhoras que, pela sua intelligencia e saber, se impõem ao mundo culto.

Completando esse quadro já de si soberbo, vemos que não é sómente nas letras, mas ainda em quasi

todos os ramos d'actividade intelectual, que se teem distinguido as Damas Portuguezas.

Assim, em tempos idos, floresceram: *na pintura*, Josépha d'Ayala, Soror Maria da Cruz, a duqueza D. Anna de Lorena, e Luiza Maria Rosa; *na ceramica*, Ignacia de Almeida; *na architectura*, Margarida de Noronha; como *teologa*, Izabel de Castro; como *matematica*, a Condessa de Serem e Albuquerque; como *filosofas e humanistas*: Marianna d'Abrantes, falecida contando apenas 17 anos e auctora de varias obras sobre *Rétorica Moderna e Filosofia Moral*, Joana Michaela, Umbolina de Tavora; e, finalmente, como *literatas*: D. Joanna da Gama, auctora dos *Ditos de Freira*; Soror Brigida de Santo Antonio (D. Leonor de Mendanha), D. Feliciano de Milão, D. Joanna Ignez da Cruz, a *decima musa*, cognome que Lope da Vega tambem deu a Oliva de Nantes e que anteriormente havia sido posto a Bernarda Ferreira de Lacerda, auctora da *Espanha Libertada* e das *Saudades do Bussaco*; D. Izabel Correa, D. Helena da Silva, Soror Maria de Mesquita Pimentel, auctora de *Cantos religiosos*, Soror Maria Baptista, auctora d'*Obras asceticas*; Thereza Margarida da Silva e Horta, auctora de *Maximas da virtude e formosura com que Diophanes, Cly-*

meno e Hemireno, principe de Thebas venceram os mais apertados lances da desgraça ; D. Maria do Céu e D. Maria Magdalena Eufemia da Gloria, para não falar noutras notabilidades femininas.

Que brilhante pleiade de nomes illustres vem de eras remotas até nossos dias!

Que magica aureola envolve os nomes da Rainha Santa, convertendo ouro em fragrantas rosas ; os de D. Filipa de Vilhena e D. Marianna de Lancastre, armando cavaleiros seus proprios filhos, bem como os da varonil Duqueza de Bragança, D. Julia de Gusmão, e da arrebatada e lendaria Maria da Fonte !

*

Mãe de tantos Lusos insignes, a Mulher Portuguesa revive sempre pela grata lembrança de suas obras literarias e piedosas e por seus feitos militares e varonis.

Como, ainda hoje, seculos passados, é suave e empolgante ler essas cartas de Soror Marianna, a *Freira Portuguesa*, cartas em que o amor, a ternura e o sofrimento em cada pagina se manifestam !

Como, ainda hoje, é grato pensar na Rainha D. Leonor, a fundadora d'hospitaes e de misericordias, e que tantos benefícios espalhou no Paiz !

Como, ainda, volvidos tantos seculos, nos curvamos

reverentes, ante os nomes da Condessa de Castelo Melhor, da Condessa de Penaguião, de D. Luiza de Faro, de Helena Peres, de Deusadeu Martins, da Paideira de Aljubarrota; de Antonia Rodrigues, pelejando em Mazagão, de D. Izabel de Castro, luctando no cerco de Alcacer contra o rei de Fez, de D. Izabel de Galvão, em Ceuta, de D. Maria Ursula, em Amboná, intrepidadas guerreiras, companheiras de Izabel da Veiga, Anna Fernandes e Catharina de Sousa que na India deram sobejas provas de audacia e de bravura!

*

Como se no seculo XVI não bastassem os nomes de Camões, Bernardim Ribeiro, Cristovam Falcão, Sá de Miranda, Antonio Ferreira, Diogo Bernardes, Gil Vicente, João de Barros, Damião de Goes, Fernão Mendes Pinto e outros, para tornarem em extremo gloriosas as paginas da Historia Literaria da Patria onde nasceram, como se o nome do *Cantor dos Luziadas* não fosse só por si penhor bastante para representar, belamente, uma literatura inteira, surgem, tambem, os nomes notaveis de Paula Vicente, filha de Gil Vicente e sua colaboradora; da Infanta D. Maria, filha de D. Manoel I e de sua terceira mu-

lher, Infanta tão letrada e conhecida pelo esplendor dos *Serões da Infanta*, a que se refere Sá de Miranda, e que tanto brado deram; de Publia Hortencia de Castro; de Leonor de Noronha, e de Joanna Vaz, a par das irmãs Luiza e Paula Sigea, conjuncto este de damas que, sem duvida alguma, teve importante papel no resurgimento literario que nessa epoca se dá em Portugal.

Os conhecimentos que essas Senhoras possuíam, não se limitavam ao estreito ambito que algumas pessoas podem supôr.

Conheciam bem — linguas, teologia, filosofia, e humanidades.

E' deste modo que, aos desasete anos de idade, Publia Hortencia de Castro, que não pertencia á falange nobre dirigida pela Infanta D. Maria, tendo cursado filosofia, humanidades e teologia, defende teses em Evora, em 1563. A sua erudição era tal, que Filippe II — que assistiu a uma prova publica em que Publia Hortencia de Castro sustentou das mais dificeis teses teologicas — lhe concedeu uma pensão vitalicia.

Não nos deverão, todavia, admirar em extremo estes factos, se atendermos a que Joanna Vaz, filha do licenciado João Vaz e uma das tres damas da In-

fanta D. Maria, escrevia em arabe, hebraico, grego e latim, ao Papa Paulo III.

No seculo seguinte, apesar da decadencia que já se nota na Literatura Portuguesa, ainda se distinguem, entre outras, Soror Violante do Ceu, auctora das *Rimas Varias* e do *Parnaso dos Divinos e Humanos versos*; Soror Marianna, auctora dessas admiraveis cartas dirigidas ao cavaleiro de Chamilly; e a Condessa de Ericeira — D. Joanna de Menezes, — muito versada em castelhano, latim, italiano e francês e que escreveu quatorze volumes em que tratou assuntos varios.

*

Desejando prestar a minha homenagem a tantas Senhoras Portuguesas que, de meados do seculo findo, até hoje, se teem notabilisado como Poetisas, (abro tres justas excepções, tratando da Marqueza de Alorna, da Viscondessa de Balsemão e de D. Francisca Possolo da Costa, que viveram num periodo anterior á data marcada para inicio deste trabalho), ou que simplesmente teem versejado com felicidade, e que tão nobremente teem sabido continuar as gloriosas tradições literarias de suas antecessoras, resolvi consagrar ás Poetisas Portuguesas o primeiro volume

desta *Antologia*, na qual, Portugueses, Brasileiros e Estrangeiros encontrarão inumeras joias dispersas do nosso vasto tesouro poetico.

Da intelligencia, saber e merito de cada uma das Musas de que se ocupa este livro, mais do que eu possa dizer, falam as suas composições poeticas, nas quaes, a cada passo, encontramos sentimento, graça, lirismo e beleza que nos seduz e encanta.

Como poderiam deixar de ser notaveis as Senhoras que nasceram na Patria que se honra de contar no numero de seus filhos insignes :

Garrett, Herculano, Castilho, João de Deus, Anthero do Quental, Camillo Castello Branco, Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, Fialho d'Almeida, Julio Dinis, Gonçalves Crespo, Thomaz Ribeiro, Bulhão Pato, Conde de Monsaraz, Fernando Caldeira, D. João da Camara, Sousa Monteiro, João de Lemos, Faustino Xavier de Novaes, Xavier Cordeiro, Soares de Passos, Gomes de Amorim, Palmeirim, Simões Dias, Alexandre da Conceição, Guilherme de Azevedo, Guilherme Braga, Abel Botelho, Antonio Feijó, Luiz de Araujo, Rebello da Silva, Mendes Leal, Pinheiro Chagas, Latino Coelho, Oliveira Martins, Silva Pinto, Sousa Viterbo, Consiglieri Pedroso, Innocencio F. da Silva, Annibal Fernandes Thomaz, Rodrigues Sam-

paio, Teixeira de Vasconcelos, Antonio Ennes, Marianno de Carvalho, Emygdio Navarro, Silveira Malhão, Alves Mendes, Rodrigo da Fonseca Magalhães, José Estevão Coelho de Magalhães, Julio Cesar Machado, D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, Theophilo Braga, Xavier da Cunha, Fernandes Costa, Guerra Junqueiro, Gomes Leal, Adolfo Coelho, Julio Dantas, Eugenio de Castro, Antonio Correa de Oliveira, Affonso Lopes Vieira, Alberto Bramão, Augusto Gil, Julio Brandão, Alfredo da Cunha, Marcellino Mesquita, Lopes de Mendonça, Alberto Pimentel, Carlos Malheiro Dias, João de Barros, etc., etc.

Antecedendo as produções de cada uma das poetisas que figuram no primeiro volume da *Antologia Portuguesa*, que deverá compor-se de 6 tomos e para a feitura da qual já consultei, sem um momento de desfalecimento, cerca de mil e cem obras poeticas — ha uns ligeiros dados biograficos e bibliograficos que, propositadamente, escrevi numa linguagem simples, desapaixonada e sem hyperboles, dados que servem para apresentar cada uma das Senhoras a quem me refiro.

Muitas das poetisas de que trato, por demasiadamente conhecidos seus nomes e apreciadas suas obras literarias, não careciam de apresentação, se desse mo-

do não desejasse reunir muitos elementos dispersos, duma materia que entre nós tem sido pouco versada (Vide pag. 165 deste trabalho), e tornar mais util e mais interessante esta obra que, pelas notas biograficas e bibliograficas que insiro, fornece os elementos necessarios para se poder proceder a um balanço do movimento intelectual feminino em Portugal, a partir de meados do seculo XIX, até nossos dias, designio que, embora não completamente, penso ter realisado.

Ao organizar os seis volumes que constituem esta *Antologia* que, pela sua orientação e conjuncto, considero uma das mais completas de quantas tentativas e realisações similares se teem efectuado em Portugal e no Estrangeiro, não tive só em mira prestar a minha calorosa e respeitosa homenagem ás Damas Portuguesas e aos Poetas Portugueses como tambem dotar o meu Paiz com uma obra que ele ainda não possuia, não obstante tão grande lacuna ser ha muito notada.

Apezar de todas as meticulosas investigações e do cuidado que puz em não omitir o nome de qualquer poetisa que, de todo em todo, fosse injustiça deixar de citar, certamente uma ou outra omissão haverá.

A's Senhoras que tendo merecimento e direito a figurarem na minha obra, nela não virem o seu nome,

peço me relevém essa falta, que só o desconhecimento de suas produções poeticas ou a dificuldade em obter dados biograficos me levou a cometer.

Se não fosse um tanto ou quanto rebelde a classificações e se uma vez estas estabeccidas, não trouxessem melindres (razão porque resolvi, para os evitar, seguir neste livro a ordem alfabetica), dividiria as poetisas a que me refiro, em: *Poetisas falecidas e Poetisas vivas*.

Estas ultimas, subdividi-las-ia em dois grupos.

Como esta *Antologia*, pela sua propria natureza, não é um livro de critica literaria, embora algumas das poetisas citadas tenham, é certo, mais merecimento que outras, abstenho-me de taes classificações que deixo ao critério e preferencia do leitor.

Concluindo estas explicações, resta-me apresentar a todas as Senhoras e Pessoas a quem tive a honra de entrevistar e a todas as Damas e Cavalheiros que tiveram a amabilidade de me prestarem esclarecimentos, a expressão mais sincera do meu grande e profundo reconhecimento pela forma captivante com que umas e outros se dignaram anuir aos meus pedidos.

A's Ex.^{mas} Senhoras D. Mecia Mousinho de Albuquerque, D. Zulmira Franco d'Almeida Teixeira, D.

Maria Jacintha Teixeira Bastos, D. Esther Amalia da Cunha Belem, D. Maria Figueiredo Feio Rebello Castello Branco, D. Lia de Magalhães Collaço, D. Branca da Silveira e Silva, D. Alda Guerreiro Machado, D. Emilia Adelaide Moniz da Maia, D. Maria O'Neill, D. Rosalinda Celeste de Figueiredo Santos, e D. Rosa Varela que quizeram enriquecer esta *Antologia*, cedendo-me valiosos inéditos, aqui deixo expresso o preito da minha maior gratidão.

Lisboa, Junho de 1917.

Nuno Catharino Cardoso.





POETISAS PORTUGUESAS

ANTOLOGIA

D. MARIA ANNA ACHIOLI

D. Maria Anna Achioli nasceu em Torres Vedras. E' filha de D. Lia de Magalhães Collaço, da Casa de Condeixa e do dr. Fonseca Achioli, descendente de uma familia nobre e illustre de Florença.

E', portanto, D. Maria Anna Achioli bisneta dos condes de Condeixa e sobrinha dos condes d'Aviléz.

D. Maria Anna Achioli, apesar de muito nova, tem já a sua vida esmaltada por titulos de valor literario e artistico.

Obteve 20 valores no seu exame do quinto ano de portuguez, no liceu. E na pintura foi discipula dilecta e notavel de Madame Zoé Wautelet Batalha Reis.

As suas poesias são tão singelamente naturaes, tão impregnadas de candura, tão filhas de um grande coração, que bem se encarregam essas obras de iniciarem o alvorecer de uma vocação poetica de primeira ordem.

CHAPINHANDO

Ao de leve, na vidraça
bate a chuva miudinha
e ella, a Maria da Graça
finge que a saia arregaça
e ri com gosto, a tontinha!

A cabeça descoberta
e a chuva tão miudinha...
E ella a rir, travessa e esperta,
pára na rua, deserta,
e os pés na lama chapinha.

O cabelo a desfrizar-se
com a chuva miudinha...
e ella, rindo, a arregaçar-se,
como quem sêdas trajasse
em vez de curta sainha.

Ris, pequena endiabrada ?
E a chuva cae miudinha...
mas olha a saia encarnada
que de tanto arregaçada,
se não vê, a pobresinha !

Que gosto é esse, Maria ?
Cai a chuva miudinha...
foge, corre, que ella é fria
e eu sei que alguém choraria
ao saber-te doentinha.

Maria Anna Achioli. *Almanach de Lembranças*, 1913, pag.
150.

LAR FELIZ

Olha o sol já se escondeu,
Não tenho tempo a perder,
Vem o Manel, quer comer.
Todo o dia a trabalhar,
E' tempo de descansar !...
Tão branco e tão pequenino,
Como dorme o meu menino
O filho que Deus me deu !

Na mesa nova de pinho
Manchando a alvura do linho
Luz o verde cangirão,
Dois talheres, copos e pão.

Ah ! mulher, temos bom anno,
Não ha fome cá n'aldeia,
A espiga é grande e cheia,
Cahiu a agua dos Ceus
E inchou-a, benza-a Deus !
E a gente sempre a pensar
Que a chuva a vinha estragar,
E ás terras causar damno . . .

A comiða é bem frugal
Batatas, couves com sal ;
Mas na ferrina aldeã
Cheira a sopa a hortelã.

— Está boa a ceia, Maria ;
Ah ! . . . Olha lá, meu amor,
Faz hoje um anno, pois não ?
Que o bom do senhor prior
Me deu para a minha mão
A cachopa mais bonita,
A moçoila mais catita
Que eu vi lá na romaria. —

E os copos enchem-se então
— «A' nossa e á do petiz», —
Fructo d'aquella affeição,
Enlevo do lar feliz !

Maria Anna Achioli.

D. VIRGINIA DA C. SILVA AGOAS

Faleceu contando apenas 27 anos de idade. Era filha do empregado do Ministerio da Fazenda — Agoas.

O seu volume de versos, *Outr'ora*, prefaciado pelo Dr. Candido de Figueiredo, foi comprado por mim em plena rua, onde se vendia por preço ridiculo, como succede a tantas outras obras. O facto apontado é a prova evidente do pouco interesse que uma boa parte dos Portuguezes tem por assumptos literarios.

E' com satisfação, que presto homenagem á sua auctora, que em vida, tão assidua e distinctamente colaborou no interessante jornal *Os Echos da Avenida* que já conta bastantes anos de existencia e no qual se encontram as biografias e retratos de pessoas mais em evidencia no nosso meio literario. D. Virginia Agoas colaborou tambem nos jornaes *A Tarde*, *Folha do Sul*, de Montemór-o-Novo, etc. Num certamen literario iniciado pelos *Echos da Avenida*, em 1906, uma das suas quadras foi das mais votadas.

Esta Poetisa tinha grande vocação para a pintura e para a musica.

Escreveu ainda, um livro de contos, *Silvas*, prefaciado por Carlos Malheiro Dias e que á semelhança do que aconteceu com o seu volume de versos, foi publicado postumamente.

SAUDADE

Saudade tem-se de uma rosa linda
 que a gente vê desfolhar tristonha,
 Saudade tem-se, quanto mais se sonha...
 De um bem que morre. . de um prazer que finda.

Saudade, causa tanta vez, ainda,
 a propria Dôr — a sensação medonha.
 Mas essa é, a que provem risonha,
 do recordar de uma ilusão infinda.

Saudade — encanto e lagrimas — existe
de um sonho bom de um sonho belo ou triste,
e tudo envolve em sua roxa côr.

Saudade ! — ai é sentir todo um passado
nifidamente e sempre reavivado,
— é derradeira pagina do Amor.

Virginia Agoas. *Outr'ora*, versos postumos. Porto, 1913,
pag. 11 e 12.

*

IMACULADA

Um primor de arte antiga e requintada
essa medalha de subtis lavôres,
que eu encontrei um dia abandonada
no banco de um jardim, por entre flôres.

Na tampa de oiro, oval e cinzelada,
exibia uns idilios de pastores,
abraçando-se á luz da madrugada,
nos mais simples e candidos amôres.

Encontrei-a, — e uma intensa vontade
levou-me a abril-a, cheia de anciedade,
essa medalha antiga e cinzelada . . .

Vi então, mais formosa do que Ester
um retrato de deusa, ou de mulher,
e uma palavra só : — *Imaculada!*

Virginia Agoas. *Outr'ora*, pag. 15 e 16.

DORMIR — ESPERAR . . .

Dormir, dormir — esquecer . . .
 Coisa boa, que inãa existe !
 Dormir é quasi morrer,
 Allivio de quem é triste.

O tormento mais amargo,
 o mais luminoso amor,
 tudo cae n'esse letargo,
 sempre pacificadôr !

Dormir ! — A paz para a alma !
 — Treguas para qualquer dôr !
 — Descanso para o sentir !

— Vaga, que instantes acalma !
 Morte efémera do Amôr
 Esquecer . . . dormir, dormir !

Virginia Agoas. *Outr'ora*, pag. 41 e 42.

*

No calvario espinhoso d'esta vida,
 vou caminhando em busca de uma luz
 que me será depois, na despedida,
 derradeiro clarão, deposta a cruz.

Virginia Agoas. *Outr'ora*, pag. 83.

D. MARIA CECILIA AILLAUD

D. Maria Cecilia Aillaud nasceu em Coimbra, sendo filha de João Pedro Aillaud, negociante vindo de França e que se estabeleceu naquela cidade.

Em 1808 casou-se com o dr. Manuel Mathias Vieira e Filho de Mendonça, latinista notavel e poeta, e de quem enviuvou em 1833.

D. Maria Cecilia Aillaud, educada no Collegio das Urselinas, foi uma pianista muito notavel. Teve por professor o estudante de mathematica João Evangelista Torriani, a quem D. Frei Francisco de S. Luiz veiu a chamar *insigne tocador de piano em que mostrava particular gosto e expressão*.

D. Maria Cecilia Aillaud foi bastante infeliz.

Após a morte de seu marido, faleceu-lhe uma filhinha. Em 1834, deixava de existir seu filho, aluno distincto, e premiado em todos os anos da Universidade e a quem dedicava particular estima.

Nos escriptos de D. Maria Cecilia Aillaud predomina sempre grande saudade pelo filho e grande amor e respeito pela religião.

D. Maria Cecilia Aillaud deixou muitos escriptos originaes e traduziu bastantes trechos de auctores ecclesiasticos e profanos, como: *Bossuet, Massillon, etc., La Harpe, Buffon, Saint Lambert, Voltaire, Rousseau, Corneille, Racine, Molière, Chateaubriand, Victor Hugo, Metestasio, etc.*

Foi tambem auctora de meditações, pensamentos, e de varias poesias.

A sua obra principal são as suas Memorias.

Estes apontamentos foram extractados, em parte, da obra *A Mulher em Portugal* de D. Antonio da Costa. Nas *Cartas Selectas* de Fonseca Pinto vem tambem um interessante capitulo sobre esta Senhora que faleceu em 1857.

As poesias que apresento d'esta Poetisa, devo-as á amabilidade de Carlos Augusto de Almeida. Foram traduzidas

pelo dr. Castro Freire que foi lente de matematica e antigo Vice-Reitor da Universidade de Coimbra.

A' MEMORIA DE MEU CARO FILHO
MANUEL MATIAS VIEIRA

Tu que brilhar fizeste
Em minha noute escura
Doce raio de amor e luz celeste ;
Tu que na terra teu amor me deste
Ah ! de mim não te esqueças lá no céu.

Maria Cecilia Aillaud.

*

De colina em colina vagueando
Do sul ao aquilão,
Meus olhos desde a aurora ao occidente
Tudo correndo vão.

Eu digo : minha vista em vão procuro
Em sitio algum depara com a ventura !

Estes valles, as rochas, os palacios
E as chossas de pastor
Para mim vãos objectos sem encanto
Não tem algum valor.

Sem um ser que vos falta, amenos prados,
Rios, bosques, sois ermos, escalvados.

Quer o giro do sol vá ter principio
Quer esteja a findar

Eu, insensivel sempre ; pelos ares
O vejo caminhar :

Quer sumido entre nuvens, quer radioso
Que importa o sol e o dia ao desditoso ?

Ainda que em seu giro eu o seguisse
Dos ceus pela extensão,
Meus olhos sequiosos só reviam
O vacuo, a solidão :

De quanto cobre o sol nada apeteço
Ao mundo inteiro cousa alguma peço.

*

Que importa no momento do naufragio
Se em pomposo baixel se ha navegado,
Ou se n'um batel ligeiro
Solitario e passageiro,
Se tem sómente a praia bordejado ? !

Maria Cecilia Aillaud.

D. ANNA DE ALBUQUERQUE

D. Anna de Albuquerque foi actriz do teatro de D. Maria II, hoje Teatro Nacional, onde fez a sua estreia, não fazendo má figura, segundo assevera Sousa Bastos, no seu livro *Carteira do Artista*, que ácerca desta Senhora pouco mais adeanta.

D. Anna de Albuquerque abandonou a carreira teatral, para se casar com o general e par do reino D. Luiz da Camara Leme.

A poesia que apresento foi publicada na *Tragedia*, n.º unico de um jornal publicado pela sociedade dos artistas dramaticos do Teatro de D. Maria, destinado a socorrer as victimas dos terremotos em Hespanha, jornal no qual colaboraram, entre outros, Antonio Pedro, Augusto Rosa, Rosa Damasceno, Carolina Falco, Joaquim de Almeida, Thomaz Ribeiro, Eduardo Coelho, Fernando Caldeira, etc.

D. Anna de Albuquerque colaborou no Almanach dos Palcos e Salas, de 1899 e foi directora, segundo me informam, do Almanach D. Luiz.

Sae-nos do coração um pranto ardente
 um mysterio, um perfume, um brando som,
 como passa no ar o aroma quente
 das aras virginaes d'um anjo bom.

E o nosso amor, os nossos ais maguados,
 da nossa dôr as expansões tão francas,
 irão cair aos pés dos desgraçados
 como um diluvio de violetas brancas.

Anna de Albuquerque. *Tragedia*, 1885, pag. 6.

D. MAFALDA MOUSINHO DE ALBUQUERQUE

D. Mafalda Mousinho de Albuquerque que nasceu em Lisboa, é como sua irmã D. Mecia Mousinho de Albuquerque, de ilustre ascendencia, não devendo nós Portugueses esquecer que á mesma ilustre familia, cuja nobreza vem do tempo de D. Diniz e que tem dado a Portugal tantos guerreiros e literatos, pertence Joaquim Mousinho de Albuquerque, o heroe de Chaimite.

Seu avô Luiz Mousinho de Albuquerque, poeta de nome e homem de Estado notavel, foi uma das figuras de destaque na Revolução Patuleia, pela qual morreu na batalha de Torres Vedras.

Seu pae Fernando Mousinho de Albuquerque, alem de ser um liberal, foi tambem um bravo. Foi um dos mais intrepidos cadetes que a divisão auxiliar que foi á Hespanha, levou para combater o exercito Carlista. No combate de *Chão da Feira*, foi ferido; e á frente do *Batalhão Academico*, caiu varado do peito ás costas, no violento combate do *Alto do Viso*.

Apesar de D. Mafalda ter tantos motivos para justificado

orgulho, escolheu e firmou quasi todos os seus trabalhos literarios com o despretencioso pseudonimo de *Modesta*.

Foi nos ultimos tempos do grande poeta Thomaz Ribeiro, que apareceram os primeiros versos de D. Mafalda Mousinho e que tantos encomios mereceram ao falecido auctor do D. Jaime, que tornou conhecida do publico D. Mafalda, que nessa epoca pouco mais era que uma criança.

Não se enganou, pois, Thomaz Ribeiro, quando profetisou que D. Mafalda Mousinho de Albuquerque seria uma boa poetisa, o que esta Senhora plenamente justificou com a publicação das *Nevadas Penas*, apparecidas sob o pseudonimo de *Rubem de Lara*, livro tão querido de sua auctora, bem como o romance *Um Rembrandt*, obras estas em que *Rubem de Lara* e *Modesta* atingiu a maior perfeição nos seus versos e na sua prosa elegante.

Em 1906 publicou o seu primeiro livro : *Contos*, prefaciado por D. João da Camara.

Em 1907, *Versos*, prefaciado pelo dr. Candido de Figueiredo.

Em 1908, *O Coração dum Sabio*, em que defende como remedio social o divórcio.

Em 1910, *Um Rembrandt* e finalmente em 1913, *Nevadas Penas*, obras estas que abordam assumptos tão diferentes, mas que nunca ferem a nota politica a que D. Mafalda é completamente extranha.

Do valor literario dos trabalhos de D. Mafalda Mousinho de Albuquerque falam nos mais elogiosos termos, as chronicas literarias de varios jornaes, firmadas por Antonio de Campos Junior, Candido de Figueiredo, o falecido dr. Adolfo Sarmiento, etc.

SOMBRA

Nem eu propria sei bem porque sou triste,
Porque esta imensa dôr
Me annua, e me mostra quanto existe
Sombrio, aterrador !

Bem sei que para todos ha espinhos
Nas rosas do viver !
Que todos têm nos aridos caminhos
Da vida, que sofrer !

Que nem tudo é sinistro e negro e feio
Em derredor de mim !
Mas não sei que tristeza, que receio
Gela meu peito assim !

Quando em pequena ainda, me acolhia
Ao regaço da mãe,
Dizem que poucas vezes me sorria ;
E eu lembro-me tambem !

Hoje, em mulher, as sombras carregaram !
E, não sei bem porquê,
Inda as minhas tendencias não mudaram :
Ninguem sorrir me vê !

Modesta. (Mafalda Mousinho de Albuquerque). *Versos*,
Lisboa, 1907, pag. 29 a 30.

*

SEM REMEDIO

Alta noute. Na alcova, a lamparina
Lança uma luz serena, incerta e baça.
Pela memoria a desditosa passa
Os caprichos da sua infausta sina.

E emquanto friste e languida deslaça
As roupas de cambraia e musselina,
Sobre o peito de novo a fronte inclina,
Como a estatua da dôr ou da desgraça !

No braço, envolto em rendas perfumadas,
Duas manchas enormes, azuladas,
Que enfurecido alli deixára alguém,

Trouxeram-lhe a saudade dentro d'alma,
Da vida pobre, mas suave e calma,
Que ella gosára ao pé de sua mãe!

Modesta. (Mafalda Mousinho de Albuquerque). *Versos*,
pag. 87 e 88.

*

POR QUE TE AMO

Amo-te, porque és tu a luz bemdita
Que as trevas desta vida me alumia!
Porque és tu minha unica alegria!
Doce conforto da minha alma afflicta!

Pharol abençoado que me guia
Neste mar d'amargura e de desdita,
Onde o meu coração se estorce e agita
Numa longa, uma intermína agonia!...

Amo-te, porque neste ignaro mundo
O meu longo descrer doído e profundo,
Não m'ò expulsa do peito mais ninguém!

Porque ninguém no mundo se compára
Comtigo, alma de luz formosa e rara!
Sublime encarnação de todo o bem.

Modesta. (Mafalda Mousinho de Albuquerque). *Versos*,
pag. 148.

ÆQUO ANIMO!

Vós o sabeis, senhora! — Com certeza,
 O sabeis quasi como eu proprio sei! —
 Que para mim não ha mais dura lei
 Que esta da vossa glacial frieza!

Mas como a gente a tudo se habitua,
 E' para mim um facto, assente agora,
 Que hei-de seguir por toda a vida fóra,
 Observando uma lei severa e crua!

E' vosso nome o radioso grito
 Que aos meus labios acode sem cessar!
 Se desviaes de mim o vosso olhar,
 Não podereis tambem vêr um delicto.

Neste preito de amor tão levantado,
 Que se póde chamar-lhe adoração!
 Senhora, que me daes a inspiração!
 Senhora, que sois todo o meu cuidado!

.....
 O amor nunca se mendiga
 E' ou não é... e acabou!
 Deus esta lei decretou
 Porque toda a gente a siga!

Vêdes portanto! Não peço
 Nem por sombras o impossivel!
 De um peito nobre e sensivel
 Reclamo o que lhe mereço!

Um boccadinho de estima
 Com tudo se concilfa
 Só a vossa sympathia
 Todo o meu ser reanima...

Descei a mim vosso olhar
— Como não ha outro igual! —
E vereis todo o meu mal
Por encanto se acalmar!

Olhar, que traga sómente
Um bocadinho pequeno
D'aquelle affecto sereno
Onde abrigaes tanta gente!

Sou como a ave sem ninho!
Senhora, dae-me o abrigo
Do vosso olhar, que eu prosigo
No meu agreste caminho!

E depois... quando cansado
Do frio intenso do inverno,
Erguerei meu brado eterno,
Em qualquer rocha sentado:

— Senhora dos negros olhos
E das palavras serenas!
Vêde estas «Nevadas Penas»
Do meu caminho da abrolhos!...

Ruben de Lara. *Nevadas Penas*, Lisboa, 1913, pag. 3 a 6.

*

PRECE

Senhor! Já que a tormenta se não cansa
De contra mim rugir,
Doixae-me, inda que tenue, uma esperança!
Deixae-me, como um iris de bonança
Vêr o seu doce e placido sorrir!

Dai-me, Senhor, emfim, toda a amargura !
 — Noite sem alvorada ! —
 Irei buscar phantastica ventura
 Na adoração, na fervida ternura
 Que me escraviza aos pés da minha amada !

E a minha sorte negra hei de soffrel-a,
 Senhor, sem me queixar.
 Se attenderdes, Meu Deus, o que vos peço !
 Que no caminho duro que atravesso
 Nunca me falte a luz daquelle olhar !

Ruben de Lara. *Nevadas Penas*, 1913, pag. 45 e 46.

*

UM ENCONTRO

Passava distrahido .. e tu bem viste
 Que o pensamento meu não era ali,
 Quando o teu rosto emfim reconheci
 No olhar com que insistente me mediste !

Ha longos annos já que te esqueci.
 — Ao tempo, bem vês tu, nada resiste ! —
 ...Se o meu olhar foi summamente triste
 Certamente não foi porque te vi !

Que importa lá que os annos decorressem
 E que os factos emfim te convencessem
 Que era simples e bom meu coração ?

E' tarde ! Muito tarde ! — Que loucura
 Vir agora a acordar uma amargura,
 Hoje, fóra de tempo... e de razão...

Ruben de Lara. *Nevadas Penas*, Lisboa, 1913, pag. 49 e 50.

D. MECIA MOUSINHO DE ALBUQUERQUE

D. Mecia Mousinho de Albuquerque é filha de D. Mafalda Augusta Barbosa de Miranda e de Fernando Luiz Mousinho de Albuquerque que foi o comandante do *Batalhão Academico* no *Alto do Viso* e neta de Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque, auctor de *Ruy o Escudeiro* e das *Georgicas*, dois livros bastante conhecidos e apreciados.

D. Mecia Mousinho de Albuquerque que é uma distincta poetisa, tem colaborado, em prosa e verso, nos jornaes *Ocidente*, *Novidades*, *Tarde*, *Nacional*, *Dia* e *Nação*.

Alguns dos escriptos desta illustre senhora que descende de Affonso Sanches, filho bastardo de D. Diniz, teem sido firmadas com o pseudonimo de *Zoleica*.

D. Mecia é auctora dos seguintes trabalhos: *Tecedeira*, poemeto destinado a uma obra de caridade e que rendeu mais de 1 conto de réis; *A Bandeira*; *Os Mortos de Chaves*, folheto.

Tem para publicar os seguintes trabalhos literarios:

Verso: *Musa das prisões*; *Versos e Farpinhas*, de colaboração com sua filha D. Fernanda Mousinho de Albuquerque.

Prosa: *Aventuras de Rudeguna*.

D. Mecia Mousinho é, juntamente com a Senhora Condessa de Ficalho e D. Constança Telles da Gamá, das Senhoras Portuguezas a quem os presos politicos e emigrados mais altos serviços devem. E' fundadora de uma Associação que tem por fim conceder subsidios e pagar rendas de casas, a monarchicos necessitados.

No *Album dos Vencidos*, ha um capitulo dedicado a esta Senhora, no qual se faz referencia aos serviços que aos monarchicos tem prestado.

Rocha Martins, auctor do *D. Manuel II*, trabalho que a par dos de Joaquim Leitão, muita luz lançam nos acontecimentos que deram origem ao *5 de outubro de 1910* e nos que se lhe seguiram, no seu romance historico *Maria da*

Fonte fornece valiosos elementos para o estudo da família Mousinho que conta tantos guerreiros e literatos ilustres.

A biografia do avô de D. Mecia, foi feita por Xavier Cordeiro.

O ultimo trabalho literario de D. Mecia Mousinho de Albuquerque, ha pouco publicado, intitula-se *Fragmentos Historicos*, elegante edição, em que ha belas poesias, cheias de Fé, e que encantam pela forma primorosa por que estão escriptas, como os leitores poderão apreciar no soneto dedicado á memoria de Alvaro Pinheiro Chagas.

Frederico

DEPOIS DO BAILE

INEDITA

Terminou o baile . . . agora.
 Dos seus triumphos ufana,
 Uma formosa mundana
 Expõe-se ás luzes d'aurora

A belleza soberana,
 Que o mundo incensa e adora —
 E onde o tempo, por ora,
 Não pôz a mão deshumana,

Desprende o negro cabello,
 Ao éspelho — e fica-se a vel-os . .
 De repente perde a côr!

E' porque na densa matta,
 Um branco fio de prata
 Aparece . . . ameaçador!

Mecia Mousinho de Albuquerque.

OCULTAS MAGOAS

Como sombra que passa fugitiva,
Olhos fitos nas pedras da calçada —
Lá vae Ella — a Condessa pensativa
Em seu scismar infindo mergulhada! . . .

Os tranzeuntes param só por vê-la;
E cada um, ao contemplá-la, diz:
«Isto não é mulher . . . é uma estrella!»
«Um ente assim, como ha de ser feliz!»

Ao banquete de finas iguarias
Onde as flores se espalham nos crystaes,
Occultando profundas agonias,
A Condessa engole amargos ais!

Mas os convivas forçam-lhe o sorriso,
E cada um, ao contempla-la, diz:
«Não ha mais bella flôr no paraíso!»
«Um ente assim . . . como ha de ser feliz!»

Vibra do baile no ar o mago encanto,
Resplandece a alegria nos semblantes:
Só a Condessa a custo gela o pranto
Que borbulha em seus olhos rutilantes!

As donzellas cobiçam-lhe a frescura,
E cada uma, ao contempla-la diz:
«Tão rica e formosa . . . que ventura!»
«Um ente assim . . . como ha de ser feliz!»

Mas sobre fria e solitaria lousa
Altar funereo d'um amor ardente
A altas horas a Condessa ousa
Gemem . . . carpir . . . chorar eternamente!

É alevantando o seu olhar discreto,
 Triste . . . o coveiro, ao contempla-la diz :
 «Só eu conheço o teu pezar secreto,
 Misera amante . . . e chamam-te feliz!»

Mecia Mousinho de Albuquerque,

*

A' MEMORIA DE FREDERICO PINHEIRO CHAGAS

(No 2.º anniversario da sua morte)

Em nome das senhoras Portuguezas,
 Que das gloriosas epicas acções,
 Das façanhas antigas, das proezas,
 Guardam n'alma as sagradas tradiçções,

Uma simples corôa de tristezas
 Venho trazer, co'as nossas orações,
 A esse moço, que a perfidas grandezas,
 Preferiu o sepulchro sem traições!

Fiel até á morte, a sua espada,
 Reluzente, leal, immaculada,
 Não se dobrou de vencedor á lei —

Inerte . . . embora! ainda prestigiosa,
 Ensina assim á Patria revoltosa,
 Como se guarda a fé jurada ao Rei!

Mecia Mousinho de Albuquerque. *Fragmentos Historicos*,
 Lisboa, 1917, pag. 23 e 24.

MARQUEZA DE ALORNA

D. Leonor de Almeida Portugal Lencastre e Lorena, 4.^a Marqueza de Alorna e Condessa de Oeyenhausen, nasceu em Lisboa a 31 de Outubro de 1750.

A Marqueza de Alorna era filha de D. Leonor de Lorena, filha dos Marquezes de Tavora e de D. João de Almeida Portugal, 2.^o Marquez de Alorna.

Os antepassados de D. Leonor de Almeida Portugal Lencastre e Lorena, são dos mais illustres. *Aos Almeidas* refere-se Camões, no canto I, estancia 4.^a.

O titulo de Alorna, Praça da India Oriental, foi concedido por D. João V. em 9-11-1748, a D. Pedro de Almeida Portugal, 3.^o Conde de Assumar e 1.^o Marquez de Castello Novo, Vice rei do Estado da India, cargo que tambem exerceu seu avô D. Francisco de Almeida.

O Apellido Almeida, segundo refere Frei Bernardo de Brito, no *L.^o 5.^o Capitulo 6.^o da 1.^a parte da Chronica de Cister*, data de D. Sancho I, em que Paio Guterres tomou o Castelo de Almeida aos Mouros.

Paio Guterres é neto de Pelaio Amado, cavaleiro principal na Côrte do Conde D. Henrique.

Além destes, muitos outros ascendentes notaveis teve a Marqueza de Alorna.

.....
Na noite de 3 de Setembro de 1758, dá-se o atentado contra D. José.

Seu Ministro, o Marquez de Pombal, que, por causas varias e factos anteriormente passados, odiava a fidalguia, aproveita tal ensejo, para mandar prender o Marquez de Gouveia, o Duque de Aveiro e o Marquez de Tavora — D. João de Almeida, — 2.^o Conde de Alorna.

Sua esposa, D. Leonor de Lorena, e suas duas filhas D. Maria de Almeida e D. Leonor de Almeida, foram enclausuradas, no Mosteiro de San Felix, em Chellas, onde permaneceram perto de 20 anos, e sofreram os rigores da

prisão que lhes eram impostos pelo Arcebispo de Lacedemonia, por ordem do Conde de Oeiras — Sebastião José de Carvalho e Melo, mais tarde, Marquez de Pombal.

Foi em Chellas, na prisão, que para se entreter, *Alcippe*, — assim foi denominada uma das mais celebres poetizas que Portugal tem tido, — se dedicou ao cultivo das Letras e das Musas.

A Marqueza de Alorna — teve, por director espiritual, D. Frei Alexandre da Silva, tio de Garrett, a quem por muito tempo foram atribuidas as obras do auctor do Frei Luiz de Sousa.

Admirada pelo seu talento e rara beleza que fez successo na Côrte de Vienna d'Austria, onde esteve acompanhando seu marido, o conde de Oyenhausen, *Alcippe* brilhou não só nos *Outeiros*, onde acorriam os poetas da *Arcadia Lusitana*, a ouvi-la, como se notabilizou pelo impulso que deu á nossa literatura.

Theophilo Braga, na *Carta Prefacio* que antecede o bem feito e consciencioso livro de D. Olga de Moraes Sarmiento da Silveira, *Mulheres Illustres*, — *A Marqueza de Alorna* — obra donde extrahi algumas das notas que reproduzo, diz de *Alcippe*, «que teve o dom de encantar os grandes poetas do seu tempo, e de iniciar a renovação literaria do Proto Romantismo, reconhecendo e dirigindo a vocação incipiente de Alexandre Herculano».

O quadro, *A solidão*, que fez em Vienna d'Austria, atesta os seus merecimentos como pintora distincta.

As obras poeticas e traduções de *Alcippe* formam 6 volumes.

A já numerosa bibliographia *Alorniana*, foi enriquecida, em 1916, com um interessante volume, intitulado *A Marqueza de Alorna*, de que é auctor o Senhor Marquez d'Avila e Bolama.

SONETO

Feito na cerca onde trabalhavam uns homens na agricultura

Feliz esse mortal que se contenta
Com a herdade dos seus antepassados,
Que livre de tumulto e de cuidados
Só do pão que semêa se alimenta.

D'entre os filhos amados afugenta
A discordia cruel; vê dos seus gados,
Sempre gordos, alegres, bem tratados,
Numeroso rebanho que apascenta.

O throno mais ditoso é comparavel
Ao brando estado deste que não sente
De um sceptro d'ouro o peso formidavel ?

O que vive na Côrte mais contente
Provou nunca um prazer tão agradável
Como o deste Pastor pobre, innocente ?

Marqueza de Alorna. *Obras Poeticas*, Lisboa, 1844, volume I, pag. 16.

*

SONETO

Dizendo-me uma pessoa que eu nunca havia de ser feliz

Esperanças de um vão contentamento,
Por meu mal tantos annos conservadas,
E' tempo de perder-vos, já que ousadas
Abusastes de um longo soffrimento :

Fugi; cá ficará meu pensamento
Meditando nas horas malogradas,
E das tristes, presentes e passadas,
Farei para as futuras argumento.

Já não me illudirá um doce engano,
Que não trocarei ligeiras fantasias
Em pesadas razões do desengano.

E tu, sacra Virtude, que annuncias
A quem te logra, o gosto soberano,
Vem dominar o resto dos meus dias.

Marqueza de Alorna. *Obras Poeticas*, volume I.º pag. 17.

*

SONETO

A El-Rei, estando eu muito doente, em Chellas

Um moribundo esforço, um fraco alento
Indicio d'uma quasi extincta vida,
Envia uma infeliz, triste, abatida,
Desde o leito da morte ao Regio Assento.

Modéra, oh Soberano, o meu tormento,
Sólta o Pae, por quem choro dividida:
Esta voz, já sem força proferida,
Faça em seu peito brando movimento.

Quatro lustros, passados na amargura,
Comprehende sómente a minha idade;
Entro no quinto, e mais na sepultura.

Ah ! consente, Monarcha, por piedade,
Que mão paterna beije com ternura,
Mate o gosto quem morre de saudade !

Marqueza de Alorna. *Obras Poeticas*, volume I, pag. 34.

D. MARIANNA ANGELICA DE ANDRADE

D. Marianna Angelica de Andrade nasceu em Souzel, em 11 de Maio de 1840 e faleceu em 14 de Novembro de 1882.

Foram seus paes D. Maria Francisca Pereira da Silva e Joaquim Antonio Serrano.

Foi em homenagem a sua madrinha, D. Gertrudes Angelica de Andrade Ligeiro, viuva de um rico proprietario, e com a qual viveu desde pequena, que D. Marianna Angelica de Andrade adoptou os apelidos que usava.

Esta Senhora foi casada com o illustre e notavel homem de letras, Dr. Candido de Figueiredo. Desse matrimonio houve duas filhas, sendo uma delas a poetisa D. Rosalinda de Figueiredo Santos, de quem igualmente me occupo neste trabalho.

D. Marianna Angelica de Andrade, foi uma senhora muito instruida. Deixou dispersos muitos vestigios do seu talento, na *Gazeta Setubalense*, de que foi redactora; na *Voz Feminina*, jornal a principio só collaborado por senhoras; no *Almanach de Lembranças*, etc.

Foi auctora de uma comedia, as *Esporas do Alferes* e traduziu varios romances, publicados em diversos jornaes.

As suas produções poeticas constam de dois volumes: *Murmurios do Sado e Reverberos do Poente* — (1882) prefaciados por Gomes de Amorim. Este ultimo livro appareceu poucos dias depois de ter falecido sua auctora.

Com a devida venia, transcrevo o que se a acha a pag. 259 do livro *Figuras Literarias*,¹ acerca dos *Murmurios do Sado*:

«Os *Murmurios do Sado* são a tradução completa dos sentimentos mais intimos da autôra, das suas aspirações, das suas crenças, das suas tristezas, das suas alegrias, dos seus desalentos; são as capelas de flôres, que as virgens

Dr. Candido de Figueiredo.

varsovianas arremessam á corrente, por se libertarem de ruíns cuidados.»

De D. Marianna Angelica de Andrade que descendia do poeta Curvo Semeão, tambem trata D. Antonio da Costa no seu livro, *A Mulher em Portugal*.

Um ano depois da morte desta Poetisa, seu esposo reuniu, em folheto, as condolencias que recebeu de individualidades em destaque na nossa literatura.

Se não estou em erro, Camillo escreveu, a esse proposito, uma sentida carta que figura no mencionado folheto que se intitula : *Quatorze de Novembro*.

A MINHA ESTRELLA !

Jamais se esconda tua luz tão bella,
Formosa estrella de meu puro céu !
Ah ! que se um dia te não vejo pura,
Toda a ventura para mim morreu !

Eu te procuro quando o sol nos foge
E ainda hoje namorar-te vim !
Quando te vejo scintillar, querida,
Esqueço a vida n'este enlevo assim !

Esqueço tudo quanto abrange a terra ;
A paz e a guerra, e o prazer e a dôr !
Deixando aos homens a ambição, que arrasta,
A mim me basta teu feliz amor !

Se um dia, a vista, percorrendo espaços,
Não visse traços de tão meiga luz,
Ficava triste, sem amor, sem vida . . .
No chão cahida deporá a cruz !

Marianna Angelica de Andrade. *Murmurios do Sado*. Setubal, 1870, pag. 106 e 107.

*

XXXIII

MYSTERIOS DO TOUCADOR

Cassilda foi ao baile, e tão formosa,
Que fez inveja a todas as senhoras ;
Muito embora gentis, encantadoras,
Nenhuma era tão bella e magestosa.

Tinha a cutis rosada e setinosa,
Tinha no olhar o brilho das auroras,
Tinha as fórmãs perfectas seductoras ;
E ella passava altiva e donairoza.

De walsas e sorrisos fatigada,
Assim fallou depois com a criada
A sós, ao toucador vendo as feições :

«Fui rainha do baile ! que pátetas
São os homens ! Recolhe nas gavetas
Os dentes, o cabello, os algodões . . »

Marianna Angelica de Andrade. *Reverberos do Poente*,
publicação posthuma. Porto, 1883, pag. 93 e 94.

D. MARIANNA BELMIRA DE ANDRADE

D. Marianna Belmira de Andrade é, segundo penso, açoriana.

Em 1875, publicou em Ponta Delgada, um volume de versos, intitulado *Phantasias*, do qual extrahi a poesia que apresento.

Tem collaborado em varios jornaes, como *A Folha*, de que é directora, D. Alice Moderno, no *Almanach de Lembranças*, etc.

Pertence, pois, D. Marianna Belmira de Andrade, ao numero das muitas Senhoras Açoreanas que, por suas virtudes e conhecimentos, se teem distinguído.

Lamento bastante, não ter nesta ocasião, os elementos necessarios para poder completar a biografia desta Poetisa.

A MINHA TERRA

(NA MONTANHA)

Quão bella, quão formosa nos parece
 A terra onde nascemos, onde a infancia
 Alegre nos sorriu descuidosa...
 Toucada d'alvas flores!... Quanto amamos
 Os sitios que risonhos percorriamos
 Nos brincos infantis; quando a innocencia
 Com uma luz tão pura nos lembrava,
 E entre as illusões d'um mago sonho
 A mente acalentada adormecia!...
 Por isso te acho bella, ó minha terra,
 E quando a primavera nos assoma
 A rir por entre graças e perfumes...
 De pé sobre alto monte flexuoso,
 Da tarde ao pôr do sol m'encontras sempre.

Alli sob a ramagem fluctuante
 Dos alamos frondosos que me cercam,
 A vista se dilata embevecida...
 O dorso da montanha que s'eleva
 Coberto por formosas lorangeiras,
 Ao sopro animadôr da guarda amêna
 Desata-se em festões da côr de neve...
 E as brisas que perpassam entre a folhagem
 Correndo pelas copas do arvoredô,
 Agitam-no qual manto prateado
 Das auras ao capricho estremecendo...
 As aves voejando em borborinho

Aninham-se entre as ramas perfumadas,
Soltando em suas notas feiticeiras
O hymno da saudade ao fim do dia.

Alem a extensa renque de rochedos
Alçando-se imponentes, escarpados,
Em sua côr sombria traduzindo
Reflexos da poesia grandiosa ..
Emquanto a contrastar co'a nudez sua
E como a engrinaldar-lhe a fronte altiva
Os cimos se recobrem de verdura.
Ondêa o arvoredô, alvas casinhas
Avultam aqui e alli emoldurando-se
Das fayas na lustrosa ramaria.

Em baixo o oceano quêdo e lizo
Estende-se indolente e suspiroso . . .
Em doce languidez beijando a base
Da villa cujas casas agrupadas
Alli se apinham junto á verde encosta
Os homens que deslisam brandamente
Deixando após de si longas esteiras . . .
Parecem bellos cysnes resvalando
A' flor do crystalino e puro lago . . .

Marianna Belmira de Andrade. *Phantasias*, Ponta Delgada, 1876, pag. 61 e 62.

CONDESSA DE ALMEIDA ARAUJO

(D. HERMINIA FRANCO D'ALMEIDA ARAUJO)

A Senhora Condessa de Almeida Araujo, D. Herminia Franco de Almeida Araujo, nasceu em Lisbôa.

Era a filha mais velha dos Viscondes de Falcarreira. Foi casada com o Sr. Joaquim Palhares de Almeida Araujo, grande proprietario.

Aos dotes de formosura e coração, aliava a Sr.^a Con-

dessa de Almeida Araujo, um temperamento verdadeiramente artistico que muito a fez sobressahir no nosso meio intelectual.

Ainda está bem viva na memoria d'aqueles que tiveram a felicidade d'assistir a alguns dos concertos, promovidos pela *Schola Cantorum* (fundada por Alberto Sarti, no proposito de desenvolver entre nós o gosto pela musica religiosa), a agradabilissima impressão que receberam, ao ouvir, alguns dos trechos que tão magistralmente foram cantados pelas Senhora Condessas de Almeida Araujo e de Proença a Velha, directoras da referida Schola.

Entre as composições que nestas festas d'arte foram cantadas, por estas Senhoras, citarei o *Stabat Mater* de Pergolesi, *A Rissureição de Lazaro*, de Perosi e *À la porte du Cloitre*, de Grieg.

Foi, ainda, nestes concertos, que se tornaram celebres entre nós, pela novidade e pela forma porque foram executados, que Alberto Sarti fez ouvir, alem de algumas *Oratorias* do Abade Perosi, *Terre Promise* de Massenet, *Requiem* de Mozart; *Sete Palavras* d'Haydn, a *missa de Palestrina*, a *Moabita*, de Thomaz de Lima, o *concertante* do «Amor de Perdição», etc.

Parte destas notas obtive-as do livro *Horas d'Arte*, de Alfredo Pinto (Sacavem).

Em 1912, após uma curta existencia, minada por grandes desgostos, faleceu a Senhora Condessa de Almeida Araujo, a distinctissima auctora dum pequeno e mimoso livro de versos — *Villancetes* — cuja beleza e sentimento facilmente os leitores desta Antologia avaliarão.

Estes Villancetes foram escriptos, no ultimo ano de sua vida, mais como expansão d'alma ferida, que, propriamente, como manifestação poetica.

Compilados postumamente por sua irmã, a distincta poetisa D. Zulmira Franco Teixeira e prefaciados por Julio Dantas, é para lamentar que poucos conheçam os *Villancetes*; por não ter a edição entrado no mer caço.

VILLANCETE

Para sempre ouvir lamentos,
Para sempre ouvir gemidos,
De que serve ter ouvidos ?

VOLTAS

Os meus ouvidos, outróra,
Andavam mal costumados :
Ouviam sempre trinados,
Cantigas a toda a hora.
Mas para ouvir só agora
Lamentações e gemidos,
De que serve ter ouvidos ?

Ai, meu Deus, mais me valera
Ensurdecer de uma vez,
Pois não ouvindo, talvez
Meu coração não soffrera.
Não ouvir, ai quem me dera !
Senhor, para ouvir gemidos,
De que serve ter ouvidos ?

Condessa de Almeida Araujo (D. Herminia Franco d'Almeida Araujo). *Villancetes*, Lisboa, 1912.

*

VILLANCETE

A desgostos sempre afeita,
Nem eu já me lembro bem
Do gosto que um gosto tem.

VOLTAS

Se para soffrer nasci,
Não posso ter outra sorte :
Soffrerei até á morte,

Morrerei como vivi
Tantos desgostos soffri,
Que nem já me lembro bem
Do gosto que um gosto tem.

Bem quizera em cada dia
Recordar gostos passados :
Nos dias amargurados
Algum consolo teria.
Ai, que vida d'agonia
Que nem já me lembro bem
Do gosto que um gosto tem.

Condessa de Almeida Araujo. *Villancetes*. Lisboa, 1912.

D. MARIA CHRISTINA DE ARRIAGA

D. Maria Christina de Arriaga era a filha primogenita de D. Maria Christina Pardal Caldeira de Arriaga e de Sebastião José de Arriaga Brun da Silveira e Peyrelongue, ultimo morgado da familia Arriaga.

Nasceu na cidade da Horta e faleceu em 21 ou 22 de maio de 1915. Do que foi em vida esta virtuosa Senhora,— que tanto protegeu os pobres e os infelizes, e que a tantos outros predicados juntava o de uma intelligencia viva e de um espirito cultivado, di-lo o jornal *O Telegrapho*, diario noticioso da Horta, onde a morte de D. Christina de Arriaga foi muito sentida.

D. Maria Christina de Arriaga era irmã de José de Arriaga, escriptor bastante conhecido e do dr. Manuel de Arriaga, auctor dos *Cantos Sagrados* e das *Irradiações*, o venerando e probo primeiro Presidente da Republica Portuguesa, a quem devo parte d'estes apontamentos, que me foram dados com a distincta e captivante amabilidade que lhe eram peculiares.

Esta Senhora era, por sua avó, D. Maria da Piedade Cabral da Cunha Goodolfim de la Rocca, descendente, entre outras pessoas notaveis, de : El-rei D. Affonso terceiro, 15.^a neta ; do rei de Leão, Ramiro 2.^o, duas vezes neta ; de D. Hugo Capeto, Duque de França, Conde de Paris e de Orleans, 12.^a neta.

D. Maria Christina de Arriaga foi uma poetisa notavel.

Em dezembro de 1910, publicou, de colaboração com seu sobrinho Roque M. de Arriaga, M. Emilio, Marcelino Lima e Osorio Goulart, um folheto, *Paginas Soltas*, cujo producto se destinava ao Albergue Nocturno da cidade da Horta que desta Senhora recebeu grande impulso. Caridosa por excellencia, era raro o dia, e isto succedeu durante anos, que não visitasse o asylo de Mendicidade, onde levava consolo aos velhos e linitivos á miseria.

Alem desse folheto, escreveu um livro de versos — *Flores d'Alma*, sendo tambem auctora de muitos pensamentos que pela sua elevação e conceito são dignos de nota.

Serviu-me ainda de auxilio, para traçar estas ligeiras notas biograficas, uma obra monumental que, ha pouco tempo, foi oferecida ao dr. Manuel de Arriaga que teve a gentileza de m'a deixar consultar.

Nesse volume que é de desusado formato, de 217 paginas, e que foi compilado por Antonio Manuel da Silva, com elementos postos á sua disposição pelo Sr. Roque de Arriaga, acham-se reunidos inumeros artigos de jornaes, illustrações, folhetos, etc., que sem duvida alguma virão a constituir, um dia, um preciosa elemento de estudo, ácerca do dr. Manuel de Arriaga e de sua familia.

UM SEGREDO

Quando a brisa vem beijar
O lindo calix da flor,
Lembro-me que traz do sol
Alguns segredos d'amor.

Elle morando tão longe
 Lá nesse azul da amplidão,
 Talvez faça confidente
 A suave viração.

De lá offerece seus raios,
 A sua luz e calor ;
 E' como prova evidente
 Que á floresinha vota amor.

E o amor não mede distancias
 P'ra sua acção exercer,
 Nada d'elle está isempto,
 Tuõdo pode submetter.

Vendo a briza perpassar
 Beijando o calix da flor,
 Lembro-me trará do sol
 Algum segredo d'amor...

Maria Christina d'Arriaga. *Na Ala do Bem*, n.º 1. Dezembro de 1910. *Paginas Soltas*, pag. 20. Horta, 1910.

D. MARIA RIBEIRO ARTHUR

D. Maria Ribeiro Arthur nasceu em Lisbõa. E' viuva do coronel de infantaria, Bartholomeu Sesinando Ribeiro Arthur, auctor de varios livros curiosos, entre os quaes citarei: *Arte e Artistas*, 3 vol.; *Da Legião Portuguesa ao serviço de Napoleão*, etc.

Em D. Maria Ribeiro Arthur, que é uma senhora muito instruída, teve seu marido uma grande auxiliar, nalguns dos seus trabalhos literarios.

No jornal *O Reporter*, de 1896, escreveu esta Poetisa os seguintes artigos: *Veraneando e Recordações de Peniche*

e no jornal *Branco e Negro*: «Entre o Cabo Carvoeiro e as Berlengas, Viagens no Paiz, Peniche, Pelas Margens do Mondego, Margens do Lima, Saudades do Lima, etc.

Tambem colaborou no *Jornal da Infancia* onde publicou varias poesias, *Universo*, etc.

Actualmente, reside D. Maria Ribeiro Arthur, em Lourenço Marques, onde vive em companhia do seu filho, o Engenheiro Sesinando Ribeiro, Arthur sub-director do Caminho de Ferro.

A MINHA PATRIA

Minha Pátria, és tão formosa
como as petalas da rosa
que nasce no solo teu !
Como é azul o teu céu,
saudoso o teu arrebol !
As tuas flores de matiz
tão variado e feliz,
que mimosas, que gentis
á viva luz do teu sol !

Que noites tão perfumadas !
que lindas as madrugadas !
Tens nos teus prados bellezas,
tens nos teus campos riquezas
que poucos como tu tens ;
mas um Tejo tão formoso,
um Ave a gemer saudoso,
um Douro tão alteroso
como tu não tem ninguem !

E a rainha do occidente
recostando-se indolente
pelas montanhas em flor,
a sorrir-se, toda amor,

quando a bafeja o luar,
p'ra o namorado que a véla,
que a faz tão rica e tão bella,
e que prostrado aos pés d'ella
lh'os vai submisso beijar !

Tens as veigas do teu Minho,
e no teu Algarve um ninho
d'amor, sob o sol ardente,
tens, erguido altivamente,
á liberdade um padrão
sobre as fraguas do teu Douro,
que salpica areias d'ouro :
o teu seio é um thesouro,
a tua voz uma canção !

Como te amo patria qu'rida
que foste tão alto erguida
na lyra do teu Camões,
que ouviste as meigas canções
do mimoso Bernardim
de Garrett as harmonias,
de Castilho as melodias,
soltas por formosos dias
sob a olaya do jardim.

Que tiveste um Herculano
para com trabalho insano,
pelo patrio amor levado,
ir do abysmo do passado
tua historia levantar
e nas paginas da historia
que é para ti toda a gloria,
de que heroes a memoria
se vê altiva brilhar !

Oh patria, eu amo-te tanto
que por ti quizéra um canto
soltar, um canto divino,
mas como é pobre meu hymno
para ti meu Portugal,
que o rouxinol amoroso
escutas, melodioso
soltando o trinar saudoso
debaixo do laranjal !

Maria Ribeiro Arthur. *O Universo Illustrado*. Semanario de Instrucção e de Recreio, Lisbôa, 1879, pag. 127 e 128.

D. MARIA HELENA JERVIS DE ATHOUGUIA E ALMEIDA

D. Maria Helena Jervis de Athouguia e Almeida nasceu na cidade do Funchal. Pertence a uma familia illustre da Ilha da Madeira — os Jervis de Athouguia.

Tendo ficado orfã de pae aos nove anos de idade, foi residir para o campo, na encantadora aldeia de Nossa Senhora do Monte, um dos pontos mais lindos da formosa e fertil Ilha da Madeira, local este que, sem duvida alguma, contribuiu pela sua fascinante belesa, para que no juvenil espirito da Poetisa de que agora me ocupo, se desenvolvesse o gosto e o amor pela poesia, que tão expontaneamente lhe brotaram d'alma.

Trinta e tal anos esteve D. Maria Helena Jervis de Athouguia e Almeida fóra da sua terra natal.

As impressões que recebeu esta distincta Senhora, ao tornar a ver a aldeia onde passára parte dos primeiros anos de sua mocidade, exprime-as numa linguagem simples e comovente na sua poesia intitulada *Num dia chovoso*.

Apesar de D. Maria Helena Jervis de Athouguia haver

enviuado e contratempos de varia natureza a terem afastado do convívio das Musas e dos estudos, que sempre foram o seu enlevo e a que com tanta meticulosidade e consciencia se aplica, em 1909, appareceu a 2.^a edição do seu livro de versos, *Mosaicos*, prefaciado por Sena Freitas.

O producto da venda desta obra que sahiu sob o pseudonimo de *Bertha de Athaide*, destinava-se a socorrer tuberculosos pobres.

A 3.^a edição dos *Mosaicos* que deve apparecer em breve, contem bastantes poesias ineditas.

De rêve en rêve
L'amour nous prend
En riant.
De rêve en rêve
L'amour s'enfuit
En pleurant.

Bertha de Athayde. *Mosaicos*, 2.^a edição, pag. 65.

*

A LAGRIMA

Sunt lacrimae rerum.
(*Eneida*).

VIRGI. IO.

Nasce no berço a lagrîma
Tão doçe e crystallina
Como o orvalho do céu ;
E morre sobre a campa,
Amargurada e triste,
Como da tréva o véo.

E' que na infancia a lagrîma
E' filha do sorriso ;
Tem prismas da Alvorada
Que vem do Paraiso

Mas a que desce ao túmulo
Deriva da saudade
Vem das existencias findas,
Redime a humanidade.

Nos lirios e nas rosas,
Em seus formosos calices,
Ha lagrimas tambem ;
Penasas deslizando
Quando, no seu canteiro
As cólhe da haste alguem.

Do nada, nos abysmos,
Pois o pranto, não é
Filtrado pela dôr
Dos martyres da fé ?

Lá no mundo dos mundos
Cada estrella que nasce
Caminha e resplandece,
Deixa candente o sulco
No pranto maguado
D'um astro que esmorece.

Bertha de Athayde. *Mosaicos*, 2.^a edição, pag. 107 e 108.

*

REMINISCENCIA

Eu me lembro ainda era pequenina —
D'uma noite... que noite sem luar !
Cahia tanta chuva... tanto frio...
Que todos se acolhiam junto ao lar.

Não se viam estrellas reluzentes
Espreitando de Venus os amôres ;
Nem das fadas se ouviam as balladas,
Nem dos campos brotavam lindas flôres.

E no horror d'essa noite procellosa,
 Minha mãe me ensinava uma oração,
 Para o vento amainar, do mar as ondas,
 E desviar do mundo a maldição.

E depois, no meu berço d'innocencia,
 Embalavam-me os anjos a sorrir...
 Quando eu tambem alegre e já sem medo,
 Sorria-me para elles a dormir.

Bertha de Athayde. *Mosaicos*, 2.^a edição, pag. 97 e 98.

«AZUL»^x

(D. ZULMIRA DE ALMEIDA FRANCO TEIXEIRA)

D. Zulmira d'Almeida Franco Teixeira nasceu no Rio de Janeiro. E' filha de D. Carolina Augusta Ferreira d'Almeida, Viscondessa da Falcarrreira e de Pompilio Augusto Gonçalves Franco, Visconde do mesmo titulo, Fidalgo Cavaleiro da casa Real, Comendador das Ordens de Christo, da Conceição, etc., e uma das figuras mais insinuantes do seu tempo e que tantos beneficios prodigalisou, protegendo os pobres e desamparados.

Pelo lado materno é D. Zulmira d'Almeida Franco Teixeira aparentada com as familias do Conde de Carvalho e do Visconde de Ferreira d'Almeida, o importante e conhecido banqueiro brasileiro.

D. Zulmira Teixeira que é casada com o Sr. Luiz Virgilio Teixeira, antigo Deputado da Nação e 1.^o Secretario de Legação que durante muitos anos prestou serviço nas Legações de Portugal, em Madrid e no Rio de Janeiro, é neta de José Gonçalves Franco — fundador da primeira casa Bancaria Portuguesa, do seu tempo, que foi pae do Vis-

* Em frente, sem autógrafo, escrito

conde da Falcarreira e do Marquez de Franco que lhe succederam na gerencia de seus importantes negocios.

Apesar de uma ou outra vez terem sido publicadas na *Ilustração Portuguesa, Jornal da Mulher, Diario de Noticias, Dia* e noutros jornaes, poesias de D. Zulmira d'Almeida Franco Teixeira que tem usado sempre o pseudonimo *Azul*, a maioria das inumeras composições poeticas que, diga-se de passagem, sua Ex.^a produz com extraordinaria facilidade, está inedita, devendo uma parte desses versos figurar numa luxuosa obra em que trabalha ha bastante tempo esta Poetisa.

A este livro está assegurado, por certo, grande exito no nosso meio literario e artistico, successo para que contribue não só as apreciaveis e belas produções de sua auctora, como tambem as assignaturas de distinctos Mestres que, inspirando-se nos versos de D. Zulmira Teixeira, firmam as aguarelas, pasteis, sanguineas e musicas que deverão ornar esta Obra que ficará sendo um grande e notavel Repositorio d'Arte.

NO ANNO DE 1917

(INEDITO)

O' coração humano ! Obra divina,
Sacratio de clemencia e de doçura
Emprestado por Deus á creatura
E aonde a clara face Elle reclina :

O que é feito de ti, ó pequenina
Parcela de uma essencia forte e pura ?
Como te ha de encontrar quem te procura
Hoje, na humanidade que se arruina ?

Só vejo — ó dôr ! — por esse mundo vasto,
Nuvens de fogo, e em sanguinario rasto,
Crimes dos homens que perdidos vão . . .

E o coração, fonte de amor constante,
Mudado é errefecido a cada instante,
Na taça venenósa da ambição.

«Azul» (D. Zulmira d'Almeida Franco Teixeira).

*

O OUTOMNO

Dias de Outomno, dias sem eguaes !
O sol tem fogo, mas não queima, aquéce.
Se já do trigo não se avista a mésse,
Chilreiam ainda alegres os parðaes.

Sob os troncos erectos dos pinhaes
— Braços da natureza em muda préce
A urze côr de rosa até parêce
Tapete de adornar paços reaes.

Nos castanheiros riem os ouriços.
E deixam tremulando, movidiços,
Cahir o fructo nôvo, cheio e são.

E eu julgo-me doirada e fina abêlha
— Scismo na tua bocca tão vermêlha
Ao vêr medronhos rubros pelo chão.

«Azul» (D. Zulmira d'Almeida Franco Teixeira).

*

TU E SÓ TU

De ti só veio a minha musa triste,
Para ti vae o meu cantar magoado ;
As tristes notas do meu triste fado
São para ti, ó Bem que me fugiste :

Em ti só vivo e lá contigo assiste
Meu pobre coração alanceado :
Para ti, o meu sonho illuminado,
E's a essencia de tudo quanto existe .

Só os teus dedos d'ouro me susteem
O' meu eterno mal meu dôce Bem
Quero deixar-te e sinto que não pôsso . .

Se ao menos juntos e na mesma cóva
Podesse, aberto n'uma seiva nóva,
Florir n'um livro, cada beijo nósso !

«Azul» (D. Zulmira Franco de Almeida Teixeira).

*

SOL

(INEDITO)

Ninguem deve dizer «Esse dia lindo !»
Por que faz sol e que athmosphera é calma :
Devemos consultar os olhos d'alma,
— Olhos que só a ventura vae abrindo .

Que nos importa o Ceu e o mar infindo,
Do lirio a flor ou da palmeira a palma
A fonte que refresca e nos acalma
Ou a espiga que de pão nos vae nutrindo ?

O que pode affligir a noite escura
A quem n'ella se encontra ou se aventura
Ou que as estrellas fujam de onde estão ?

Que nos importa um temporal desfeito,
Se sentimos calor dentro do peito,
Se é dia claro em nosso coração ?

«Azul» (D. Zulmira Franco d'Almeida Teixeira).

VISCONDESSA DE BALSEMÃO

(D. CATHARINA MICHAELA DE SOUSA CESAR
DE LENCASTRE)

A Viscondessa de Balsemão, D. Catharina Michaela de Sousa Cesar de Lencastré, primeira Viscondessa do citado título, nasceu em Guimarães a 29 de Setembro de 1749. Foram seus paes D. Rosa Maria de Viterbo Cesar de Lencastré, filha dos segundos viscondes d'Asseca e Francisco Filippe de Sousa da Silva Alcoforado.

Foi casada com o primeiro Visconde de Balsemão, Luiz Pinto de Sousa Coutinho, antigo governador da Capitania de Matto Grasso e diplomata e estadista.

Acerca da Viscondessa de Balsemão que foi amiga íntima da Marqueza de Alorna (*Alcippe*) e de D. Francisca Possolo, outra poetisa notavel dessa epoca, diz o *Diccionario Popular* de Pinheiro Chagas :

«Chegando á capital da Grã Bretanha, conheceu D. Catharina quanto era deficiente a instrucção que havia recebido e buscando diversos pretextos para se afastar da sociedade, viveu por mais de um anno em completo isolamento entregue ao estudo das linguas e litteratura ingleza, franceza e italiana».

«Depois desse tempo de reclusão, a que voluntariamente se condemnára, appareceu nas reuniões da côrte e em sua propria casa se juntavam os homens mais distinctos de Londres, e pela convivencia com as illustrações d'essa grande cidade alargou os conhecimentos que havia adquirido durante o seu isolamento».

Ao regressar a Portugal, teve grande numero de admiradores, sendo a sua casa frequentada por distinctos cultores da poesia e das belas letras.

Poucas foram as producções poeticas da Viscondessa de Balsemão que foram publicadas.

O Soneto *Mesericordia* que reproduzo, foi feito por D.

Catharina, em 4 de Janeiro de 1821 (dia em que faleceu), depois de ter cumprido os ultimos deveres religiosos que a sua consciencia lhe dictou.

O Sacerdote, que assistia aos ultimos momentos da Viscondessa de Balsemão, e a quem ela pediu que lesse essa composição, não poudo passar alem da 2.^a quadra, pois que ao começar a ler o primeiro terceto, faleceu D. Catharina.

Os trabalhos mais notaveis da Viscondessa de Balsemão, são :

Ode ao Marquez de Pombal, o seu soneto á morte de Gomes Freire e as suas produções inspiradas pela Revolução de 1820.

Pela forma porque nas suas composições descrevia o amor, foi cognominada a *Sapho* Portuguesa.

MESERICORDIA

Grande Deus! que do alto d'esse throno,
Lanças o braço ao peccador constricto ;
Escuta do remorso humilde grito,
Das tuas leis perdôa o abandono.

Tu, da graça efficaz unico dono,
Que nunca a pena igualas ao delicto,
Dá-me socego ao coração afflicto,
Tão proximo a jazer no eterno somno! . . .

Bem debaixo de magica apparencia
Encobri os requintes da maldade,
Mas qual é hoje a triste consequencia ?

Ah! Senhor! recebei-me com piedade! . . .
Tirašte-me do abysmo da imprudencia,
Dai-me uma venturosa eternidade.

Viscondessa de Balsemão (D. Catharina). *Almanack Luso Brasileiro* para 1858, pag. 237.

SAPHO

Sapho ao mar se precepita
 Por impulso da paixão,
 Vinga em si o alheio crime
 Da perfida ingratição.

Muitos annos respeitado
 Foi o penedo fatal,
 Mas por força d'um exemplo
 Logo um mal causa outro mal.

Se fizessem assim todas,
 Que se vêem despresadas,
 Forão de victimas tristes
 As brancas ondas coalhadas.

Sem ti que vale a firmeza,
 O' santa conformidade?
 Tu a perdoar ensinas
 Loucuras da humanidade.

Viscondessa de Balsemão (D. Catharina). *Almanack de Lembranças Luso-Brasileiro* para o anno de 1863. Lisboa, 1862, pag. 376.

UMA PAIXÃO

Inda existe, cruel, inda em meu peito
 Se nutre da paixão o fogo activo ;
 Inda contra o teu gosto por ti vivo,
 Fazendo o sacrificio mais perfeito.

Inda te adoro, ainda te respeito.
 Vendo em ti de meus males o motivo,
 Porem o coração, de amor captivo,
 No captiveiro vive satisfeito.

Se ás vezes contra ti queixumes solto,
Do que fiz insensato então me admiro,
E aos meus antigos sentimentos volto.

Só por ti vivo, só por ti respiro ;
Sahirá com a minha alma em pranto envolto,
Teu nome unido ao ultimo suspiro.

Viscondessa de Balsemão (D. Catharina). *Almanack de Lembranças*, 1857, pag. 227.

D. HORTENCIA PAULINA DE LIMA BARBOSA

Apesar de D. Hortencia Paulina de Lima Barbosa, ter escripto diversas vezes, na *Grinalda*, jornal de poesias inéditas, publicado no Porto, nos anos de 1855 a 1869, pouco sei acerca desta Poetisa a quem Innocencio se não refere no seu Dictionario.

Esta Senhora viveu em Ponte da Barca, localidade donde datou algumas de suas producções poeticas.

Na *Grinalda* que é um jornal curioso e bastante apreciado, e que teve seis anos de existencia (caso raro entre nós, em publicações desta natureza) alem de Nogueira Lima e J. M. B. Carneiro, seus redactores, colaboraram : Guerra Junqueiro, Alexandre Braga, Alexandre da Conceição, Alberto Pimentel, Augusto Luso, Camillo Castello Branco, Custodio José Duarte, D. Clorinda M. Ernesto Pinto de Almeida, Faustino Xavier de Novaes, Francisco Joaquim Bingre, Sousa Viterbo, Guilhermino de Barros, João de Deus, José Maria de Sousa Monteiro, José Ramos Coelho, Julio Diniz, Furtado Dantas, J. Guilherme Lobato Pires, J. M. Barbosa Carneiro, J. M. Nogueira Lima, Manuel Duarte d'Almeida, D. Maria Amalia Vaz de Carvalho,

D. Mariana Belmira de Andrade, D. Maria Peregrina de Sousa, Soares de Passos, Theophilo Braga, Thomaz Ribeiro, etc.

A PASTORA

Sou pastora, sou feliz
 Meus rebanhos apascento ;
 Na verde relva me sento,
 Colho as rozas côr de liz,
 Os jasmims e brancos lirios.
 Louros verdes e martirios.

Vejo as margens encantadas
 Do meu Lima, tão formoso,
 Deslisando preguiçoso
 Sobre as areias douradas ;
 Vejo o sol no céu brilhante
 De mil raios fulgurante.

Góso as noites tão saudosas
 Em que a lua prateada,
 De mil estrelles cercada,
 Corre as campinas vistosas ;
 Vejo nascer linda aurora,
 Que com seu brilho namora.

As auras vejo brincando
 Co' as flores lindas mimosas,
 As folhinhas graciosas
 Sobre a terra debruçando.
 Pela manhã orvalhadas,
 A' tarde do sol crestadas.

Sou pastora, sou feliz,
 Meus rebanhos apascento ;
 Na verde relva me sento,

Colho as rosas côr de liz,
Os jasmins e brancos lirios
Louros verdes e martirios.

Hortencia Paulina de Lima Barbosa. *A Grinalda*, pag. 21
e 22, terceiro anno, Porto, 1860.

D. MARIA JACINTHA TEIXEIRA BASTOS

D. Maria Jacintha Teixeira Bastos nasceu em Lisboa.
E' filha de D. Marina Candida Villaverde Teixeira Bastos
e do falecido publicista e poeta Francisco José Teixeira
Bastos, auctor das *Vibrações do Seculo*, dos *Rumores Vul-*
canicos e d'outros trabalhos literarios de valor.

Dos quinze para os dezaseis anos, escreveu, esta Senho-
ra, uns contos para creanças, os quaes foram publicados
em varios jornaes da provincia.

Datam, aproximadamente, dessa epoca, as poesias que
nsiro, e que sendo ineditas, devo á amabilidade de sua au-
ctora, que é casada com o distincto advogado Dr. João Va-
erio das Neves Pereira, caricaturista de merecimento.

O FUTURO

(INEDITO)

Que é o futuro ?
Enigma escuro
P'ra nossa alma !
Na vida calma
Que se disfructa,
Ninguem prescruta
O que elle trará.

E' boa a vida
Na sua liða.

Com tantos sonhos,
Doces, risonhos
Se vae passando,
Não nos lembrando
Qual elle será.

Grandes castellos,
Lindos e bellos,
P'ra que os fazemos?
Se nós sabemos
Que p'ra o futuro
O fado duro
Destruí-los-ha.

Futuro incerto !
Será de certo
No fim a morte.
Com esta sorte
Triste que temos
Nunca sabemos,
Como elle virá.

Maria Jacintha Teixeira Bastos.

MEU CORAÇÃO

(INEDITO)

Está doído ! Mas que querem ?
Ficou assim, coitado,
N'um dia malfadado,
Por uns olhos que ferem.

Olhou-os sem pensar
Que uns olhos tentadores
Podem matar d'amores
Aquelle que os fitar.

Não mais teve alegria
Prendeu-se e assim ficou
E aquelle que o matou
Ao vê-lo assim sorria.

Doído ! Quer-se matar !
Não ha um só momento
Que o seu negro tormento
O deixe socegar.

Maria Jacintha Teixeira Bastos.

D. ELISA TOSCANO BATALHA

D. Elisa Toscano Batalha nasceu em Portel, uma das mais soberbas localidades do Sul de Portugal, vila alentejana, onde viveu por largos anos, e que dista umas oito leguas d'Evora.

Ha anos, publicou o seu primeiro livro de versos, ao qual deu o titulo de *Crepusculos*.

Passando a residir na Capital, tem esta Senhora colaborado, em prosa e verso, em varios jornaes e revistas.

Para o *Jornal da Mulher*, alem de varias poesias, escreveu D. Elisa Toscano Batalha um ligeiro estudo historico, baseado numa novela Castelhana, *Jariila*, cujo enredo se prende com certas passagens da nossa historia Patria.

Esta distincta Poetisa, que tem um fervoroso culto pela Literatura que adora, trabalha numa serie de cronicas e artigos que se referem á sua terra natal e arredores, escriptos que tenciona publicar num dos jornaes de Lisboa.

Em 1915, o seu soneto que cito, *Meu Tormento*, obteve a segunda classificação, num concurso aberto pelo mencionado *Jornal da Mulher*.

MEU TORMENTO

«Como sofre!» — me diz doce e excessiva
 E tomando-me as mãos — «que desalento!
 Vê-se que da desgraça o cruel vento,
 Aqui soprou, com inclemencia viva.

Encaneciða tem a pênscativa
 Fronte (assim posta quasi n'um momento)
 Ah! vamos, faça meu o seu tormento
 Conte-me essa occorrenciã pungitiva!

E calou-se. Entretanto, eu digo assim:
 Bemdita seja, teve dó de mim,
 Commoveu-a a minha alma angustiada!

Quer saber as razões? . . pueris talvez...
 Olhe, certo vai rir-se desta vez,
 E' que eu amei . . . amei sem ser amada!

Elisa Toscano Batalha. *Jornal da Mulher*, n.º 97, de 30-5-1915, 5.º anno, pag. 1409.

*

ANJINHO INFORTUNADO

E' pequenita. Só tens
 Dez annos e é fraquinha;
 Alva loira, delgadainha,
 Costuma, de quando em quando,
 Pedir-me a sua esmolinha.

Parece não ter ninguém;
 Vejo-a sempre sósinha.

Pobresita! quando pede,
 Não insiste, não se excede,

E é só, com moderação,
Que co'a dor nos olhos seus,
Peде, pelo amor de Deus,
Um boccaquinho de pão.

Ontem, diante de mim,
Alguem lhe fallou assim !
— A tua mãe onde está ?
Porque não vai ela aqui,
Caminhando a par de ti,
E a terna mão te não dá ?

Porque, de negro vestida,
Vagueias tu, sem guarida,
Pelo mundo, ao Deus dará ? —

Ao que ela, então, respondeu !
— A minha mãe está no ceu,
Acompanha-me de lá. —

Elisa Toscano Batalha. *Echos da Avenida*, Lisboa, Julho
de 1916.

*

DE VOLTA AO CURRAL

Campina em fóra, pela estrada real,
Eles lá veem. Buscam o doce Abrigo
— Formosos bois —
Veem do pascigo.
Veem no passo lento natural.

Entretanto, refulgem já no Ar
Estrellas ; por isso ele, o bom amigo
Maioral (um honrado servo antigo)
Grita, de vez em vez, p'ra os animar . .

E a sua ruê voz (mas carinhosa)
 Casa-se aqui, então c'o som dolente
 Dos chocalhos e esquifas. Belamente,
 Numa ingenua toada harmoniosa ..

Mas eis chegam emfim. Corre o maioral
 A abrir ðe par em par o amplo portão,
 E eles lá entram todos, ðe gangão,
 P'ra ðentro ðo vastissimo curral.

D'aqui vão p'ra cabana, sem demora,
 E ali, ðepois, os levam a tomar
 O seu logar á farta mangedora,
 Aonde os prendem.

Chamam-nos (é ðo maioral a voz)
 Chega cá *Baixel!* eh! chega *Galante!*
Pachá, Formoso! . . . » Emfim, todos e todos
 — Que graça! — logo vão, no mesmo instante,
 Bonacheirões, um e outro e outro após ..

Então, estando todos já afinal
 No seu logar, comendo a sã ração
 E tudo assim sereno
 Ceia o maioral: toicinho e pão moreno,
 Numa doce e perféita quietação. . .

Elisa Toscano Batalha. *Jornal da Mulher*, 3.º ano, n.º 16
 ðe 30-5-1913, pag. 573.

MERCEDES BLASCO

(D. CONCEIÇÃO VICTORIA MARQUES)

Mercedes Blasco nasceu no baixo Alemtejo como a mesma declara no seu livro, *Memorias de uma Actriç*, publicado em 1908 (2.ª edição), obra donde extraí alguns dos dados que figuram nestas notas biograficas.

Tambem usou em cartazes teatraes, os nomes de *Judit Mercedes Blasco* e de *Judit Mercês*.

O verdadeiro nome de Mercedes Blasco, é *Conceição Victoria Marques*.

Até aos 7 anos de idade viveu com seus paes na Andaluzia.

Depois passou a residir no Porto, onde se instruiu.

Seu pae, José Maria Marques, tinha especial empenho em que a filha cursasse Medicina.

O temperamento irrequieto e a atracção profunda que sobre Mercedes Blasco exercia a vida teatral, não lhe permitiu fazer esse curso, tendo sido, todavia, aluna da Escola Normal.

Um belo dia, sendo ainda menor, fuge de casa pela segunda vez — mau grado o horror que seu pae tinha pelo teatro — e faz a sua estreia artistica no teatro *Chalet*, do Porto, sendo-lhe confiados os primeiros papeis.

Em Lisboa, trabalhou nos teatros da Trindade e Avenida. *Mercedes Blasco* fez parte da companhia do teatro da Trindade, desde outubro de 1890 a maio de 1899.

Entre outras peças representou: *Mam'zelle Nitouche*, *Moira de Silves*, *Piparote*, *Miss Helyette*, *O burro do Sr. Alcaide*, etc.

As suas principaes creações que lhe mereceram a popularidade de que gosou, foram: o *Morgadinho do brasileiro Pancraccio*, o *Diabo Electrico*, *Miss Helyette*, *28 dias de Clarinha*, *Solar dos Barrigas*, *Mam'zelle Nitouche*, etc.

Inteligente e dotada de uma bonita voz, Mercedes Blasco

ez successo, não só nas peças mencionadas como tambem cantando fados e canções.

Representou no Pará, e em Madrid nos teatros *Lara Moderno* e *Romea*. Em Lisboa, tambem trabalhou no Real Coliseu de Lisboa, Avenida, Rua dos Condes, D. Amelia, etc.

A' bibliografia teatral portuguesa — de que neste momento me lembro terem sido publicadas as obras: *No Theatro e na Sala*, por D. Guiomar Torrezão; *O Theatro em Fralda*, por Oldemiro Cesar; *Recordações aa Scena e de Fóra da Scena*, por Augusto Rosa; *Impressões de Theatro*, por Bra Burity; *Estros e Palcos*, por Luciano Cordeiro; *A Literatura dramatica em Portugal*, por J. M. de Andrade Ferreira; alem dos volumes sobre o actor Antonio Pedro, Angel Pinto e Palmira Bastos — o livro de Mercedes Blasco é mais um elemento que se vem juntar.

BOHEMIA

No seu olhar, tão negro e revoltoso,
Luzia a chamma de infernal malicia...
Um riso brando, um rastro de caricia,
Brincava-lhe no labio appetitoso...

E o mandolim trilhava dôcemente
Sôb a pressão ardente dos seus dedos,
A murmurar-lhe uns divinaes segredos...
Seguindo assim religiosamente,

Uma canção singela e desolada
D'um estribilho languído e fremente,
Recordação de tempo mais risonho,

— Talvez da infancia pura e descuidada —
Que ela cantava distrahidamente.
A alma a errar pela ampliidão do Sonho!...

Mercedes Blasco. *Musa Hysterica*, Lisboa, 1908.

CASTA...

Quando a vejo passar, como o luar serena,
Luzindo-lhe o pudor no meigo olhar escuro,
Tenho a visão gracil da pallida assucena,
Brotando altiva e sã das pedras d'um monturo.

O oiro do cabello enrosca-se vaidoso,
Beijando-lhe, egoista, a nuca de setim...
Das faces o palor dá-lhe ao perfil gracioso,
Um mysticismo ideal de virgem de marfim...

E vae seguindo alem, sem sombra de amargura
Roçando a podridão e o vicio a cada esquina!
E nada vae manchar-lhe a virginal candura
Do riso que lhe encrespa a bôcca purpurina!

Por isso, ao vê-la ir, como o luar serena,
Luzindo-lhe o pudor no meigo olhar escuro,
Tenho a visão gracil da pallida assucena,
Brotando altiva e sã das pedras d'um monturo.

Mercedes Blasco. *Musa Hysterica*.

D. ESTHER AMALIA DA CUNHA BELEM

D. Esther Amalia da Cunha Belem nasceu em Coimbra, a 25 de Julho de 1856.

E' filha de D. Magdalena Emilia do Carvalhal de Miranda da Silveira Vasconcellos e do Dr. Antonio Manoel da Cunha Belem, cirurgião em Chefe do Exercito, e auctor de muitos trabalhos literarios e scientificos.

Colaborou no *Almanach das Senhoras*, no *Almanach D. Luiz*, na *Creche*, no *Diario Illustrado* (onde publicou, alem de poesias, perfis e biografias), e na *Lisboa Creche*.

Lisboa Creche, é um pequeno e interessantissimo jornal

que foi publicado em Lisboa em Maio de 1884 ; foi seu editor David Corazzi.

Teve por directores artistico e literario, respectivamente, Raphael Bordallo Pinheiro e o Dr. Xavier da Cunha. individualidades consagradas no mundo intelectual.

Neste jornal miniatura que é illustrado e que traz o facsimile da assignatura de cada escriptor, colaboraram, entre outros, em prosa e verso :

D. Esther da Cunha Belem, D. Guiomar Torrezão, Dr. Cunha Belem, D. Antonio da Costa, Brito Aranha, Camillo Castello Branco, Christovão Ayres, Barros Lobo, Eduardo Vidal, Gomes de Amorim, Fernandes Costa, Fernando Caldeira, Fernando Palha, Francisco Palha, Fonseca Benevides, Gervasio Lobato, Guilherme Ennes, Guilhermino de Barros, Lopes de Mendonça, Oliveira Ramos, Andrade Corvo, Pinheiro Chagas, Jaime Victor, Julio Cesar Machado, Palmeirim, Moura Cabral, Pedro Vidoeira, Ramalho Ortigão, Virgilio Machado, Visconde de Benalcanfor, Viscondes de Castilho, (Antonio e Julio), Visconde de Ouguella, Xavier de Carvalho, etc.

Lisboa Creche foi dedicada a sua Magestade a Rainha Senhora D. Maria Pia. Destinava -se a auxiliar as Creches.

D. Esther da Cunha Belem fez os seus primeiros versos, contando apenas dez anos de idade.

As suas produções poeticas nunca foram reunidas em volume.

JOÃO DE DEUS

(INEDITO)

Na Festa

Vem trazer-te a mocidade
Cantos, flores — que o tempo foge !
Diz o mestre com bondade :
— *A vida é o dia de hoje.*

Na Morte

Murcham as flores, geme a lyra
Como a ventura se esvai !
Morre o poeta e suspira :
— *A vida é folha que cai.*

Esther Amalia da Cunha Belem.

AS ROSAS DA RAINHA

Como a Rainha Santa a historia grato encanto
Sublime e angelical d'amor e de piedade
Um dia meigamente, abrindo o regio manto
Em rosas transformára o pão da caridade ;

Hoje, outra existe assim, de quem meigos sorrisos
Faz balsamo que extingue alheias fundas dôres ;
Que em luz converte as trevas, as lagrimas em risos
Em agasalho o frio, e em cuidado as flores.

Esther Amalia da Cunha Belem. *A Prece*, Lisboa, 1884.

A CRECHE

A Creche : — um tepido ninho
Todo formado de Amor !
Onde as meigas crianchinhas
Revivem ao seu calor !

E' como um ceu constellado
D'essas estrellas formosas
Onde sorriem os anjos
Onde florescem as rosas.

Esther Amalia da Cunha Belem. *Lisboa Creche*, (Maio de 84).

PARA OS ORPHÃOS

Aos pobres, coitadinhos.
 Christãos dai uma esmola
 O' mães, dai-lhes carinhos
 Dai-lhes ó patria a escola !

E assim tornemos ridente
 O seu destino escuro
 A's pombas do presente,
 A's aguias do futuro !.

Esther Amalia da Cunha Belem. *Para os Pequeninos*. 1885
 (Jornal a favor da Associação protectora das crianças).

D. MARIA RITA CHIAPPE CADET

D. Maria Rita Chiappe Cadet nasceu no Algarve, segundo supõe Innocencia da Silva. D. Antonio da Costa julga-a lisboeta (pag. 304 da *Mulher em Portugal*).

Faleceu em 5 de dezembro de 1885.

D. Maria Rita Chiappe Cadet foi professora de francês e gerente da livraria Lalement. Colaborou em inumeros jornaes e almanacks.

Em 1870, publicou um livro intitulado *Versos*. E', tambem auctora de *Sorrisos e Lagrimas* (poesia), e *Flores da Infancia*, contos e poesias moraes, dedicados á mocidade portuguesa.

Os *Contos da Mamã* e o *Theatro das Creenças* constituem uma graciosa colecção de onze pequenas comedias destinadas á infancia.

Foi esta Senhora, segundo creio. a percursora, entre nós da *Literatura Infantil*, para a qual tem escripto numerosos livros: D. Maria Amalia V. de Carvalho, D. Maria O'Neil.

Poetisas Portuguezas

D. Maria Feio, D. Emilia de Sousa Costa, D. Maria Sofia Machado (Santo Tyrso), etc.

Alem das obras citadas, o nome de D. Maria Rita Chiappe Cadet está ligado a muitas outras composições originaes, imitações e traduções.

A VARINA

Nas longas praias sem cessar banhadas
Das claras aguas do sereno mar,
Meu pobre berço de varina tive,
Que as vagas vinham com amor beijar.

Ah! foram ellas que affagaram ternas
Tranquillos sonhos de infantil viver,
Que me ensinaram co'murmurio brando
A lei do Eterno a respeitar e crer.

Que bellos sonhos na primeira idade
Minh'alma pura e juvenil creou;
Que meiga esp'rança no futuro aguarda
Quem o trabalho com prazer buscou.

Que importam lidas, se á fadiga afeito
Meu braço póde com ardor lidar;
Se o pão bemdito que o trabalho off'rece
Vem a meus paes consolações prestar.

Ah! se o meu rosto, como as jovens damas,
Mimo e alvura que ostentar não tem;
Se a brisa adusta que do norte sopra
As faces todas requeimar-me vem,

Em troca d'isso sinto o peito forte,
Livre e robusto palpitar de ardor,
E em meu caminho segredar-me escuto
Vozes que fallam de um porvir de amor.

Quando ao romper da madrugada acordo,
Ergo-me e sinto o coração feliz,
Minha alma pura de prazer trasborða
E a Deus meu peito com fervor bemdiz.

Oh ! sim que ao brilho da nascente aurora,
Na luz serena que raiar se vê,
Sente a varina palpitar-lhe o peito,
E dentro d'elle vigorar-se a fé.

Não gasto enfeites, meu vestir singelo
Não tem veludos, ouropel, setim ;
O breve lénço que o meu seio encobre,
As largas abas do chapéo varim.

A saia curta, debruada apenas
De orlas vermelhas sobre um fundo azul,
Eis meu adorno, da varina a gala,
Minha riqueza, meu trajar taful.

Porém, que importa s'inda assim não troco
A sorte minha por um throno, oh ! não !
Eu sou feliz n'esta pobreza honrada,
Trabalho e ganho com prazer meu pão !

Não sonho flores, nem setins, nem joias,
Vale mais que ellas meu gentil rubor,
Que sob os trajos de varina humildes
Mais sobresaê da mocidade a flor.

O unico sonho que na mente affago,
Unica esp'rança que minh'alma tem,
Toda a ambição que n'este peito encerro,
Que a par das crenças vegetou tambem,

E' d'esse lucro que o suor me custa,
Tenue parcella para mim guardar,
Pingentes d'ouro comprarei com ella,
E a cruz pendendo de gentil collar.

Oh ! se o consigo, mais feliz na terra
Mulher alguma viverá do que eu,
Que importam lidas que o prazer esmalta,
Doces trabalhos que abençoá o ceu !

Tomo a canastra que o meu peixe leva,
E na cidade que topar visinha,
Vou pelas ruas pregoando alegre :
«Biba, bibinha, quem a quer bibinha ?!...»

Maria Chiappe Cadet. *Versos*, Lisboa, 1870, pag. 17 a 19.

D. LUTHGARDA GUIMARÃES DE CAIRES

D. Luthgarda Guimarães de Caires nasceu em Villa Real de Santo Antonio.

E' filha de D. Maria Thereza de Barros Guimarães e de José Rodrigo Guimarães que foi um grande amador de musica.

Pelo avô desta Senhora — Daniel Baptista de Barros — teve D. Luiz I especial estima, datando esta amizade do tempo em que o pae de El-Rei D. Carlos I andava embarcado como simples guarda marinha.

O meio culto, em que desde bem nova viveu e se educou a illustre Poetisa de quem estou falando, influiu, por certo, bastante, para que no seu espirito germinasse o gosto pelo cultivo das Letras e das Belas Artes, estudos estes que tanto desvelo e atenção merecem a D. Luthgarda de Caires, esposa do muito conhecido advogado Dr. João de Caires.

Esta distincta Poetisa tem colaborado no *Diario de Noticias*, *Capital*, *Brazil e Portugal* onde publicou, alem de varias poesias, um conto — *O Conspirador* — e no *Seculo*, onde escreveu interessantes artigos sobre assumptos sociaes. Entre eles, merecem especial referencia :

Abaixo a penitenciaria (que contribuiu para a abolição da mascara aos presos), e *A Mulher na Sociedade*.

D. Luthgarda de Caires é auctora dos seguintes trabalhos literarios :

Em verso : *Glicineas, Papoulas*, 2.^a edição, *A Bandeira Portuguesa* (exgotada), *Pombas feridas* (plaquete), *Sombras e Cinzas*, 2.^a edição, *A Revolta*, peça em 1 acto, adaptação em verso, de uma scena simbolica, escripta em prosa, por Nelly Roussel que permitiu que fosse ampliada, o que D. Luthgarda de Caires levou a effeito, visto a peça em questão ser excessivamente pequena para poder ser representada.

Em prosa : *A Dança do Destino*.

A auctora das *Sombras e Cinzas*, trabalha actualmente nas seguintes obras : *O Dr. Vampiro*, romance, *Castellos de Estrellas*, poesia, e *As tres arvores*

A historia deste ultimo livro é muito curiosa. *Nas tres arvores*, serão publicados, alem de alguns contos ineditos, o nome das pessoas que teem contribuido com roupas e dinheiro para a meritoria obra de caridade que D. Luthgarda de Caires, com tanta devoção, iniciou ha 3 anos, vestindo e distribuindo brinquedos ás crianças dos hospitaes e, em especial, ás do Hospital D. Estephania, fundado pela Rainha do mesmo nome, a esposa do Rei D. Pedro V, hospital este, a principio, só destinado á infancia.

Todos os meses, esta bondosa Senhora compra brinquedos e rebuçados que leva aos seus protegidos.

A grande festa da distribuição das dadivas que tanta alegria causa aos pequeninos doentes, realisa-se no dia de Natal, sendo a promotora desta bemfazeja e simpatica obra, auxiliada por dedicadas Amigas.

Para bem se avaliar dos primores do coração de D. Luthgarda de Caires, basta dizer que parte do producto da venda dos seus trabalhos literarios é destinada a estes actos de caridade.

AVÈ, MARIA

*Avè, Maria, Mater dolorosa,
Cheia de graça e ÷ivinal fulgor !
Maria Santa, estrella radiosa,
Mãe de Jesus, o nosso Redemptor.*

*O Senhor é convosco, Virgem Santa,
Bem dita Sois, Vós, Casta flor dos ceus !
Que perlas finas, de amargura tanta,
Vós não chórastes, pelo amor de Deus !*

*Entre as mulheres, Mãe immaculada,
Bem dito é o fructo da mais casta estrella ;
No Ceu, na terra, Sois abençoada,
E entre as mais santas, a mais pura e bella.*

*Do Vosso ventre, tão bem dito e santo
Jesus nasceu, nosso ÷ivino Guia,
Por quem depois, correu o Vosso pranto,
Vendo-o expirar na Cruz, Santa Maria !*

Luthgarda Guimarães de Caires. *Glycinias*, Lisboa, 1910,
ag. 29 a 32.

*

A VAGA

A ÷oro-a ! como se a ÷ora
O que seduz e fascina, —
A vaga ÷iamantina
Que me atrahe e me enamora.

Quando louca ÷esarvora,
E quando altiva ÷omina,
Quando arrebatada e extermina,
Quando ruge... e quando chora.

Amo a sereia andolante,
A preguiçosa bacchante,
Gemendo queixas de amor...

Embora o seio turbado.
Sob o seu manto prateado
Ajimente a morte e a dôr!...

Luthgarda Guimarães de Caires. *Glycinias*, pag. 49 a 52

*

LOURDES

Era ao entardecer. Luz opalina.
Como eu fiquei ali extasiada!
Perante a Virgem branca immaculada,
Na sua gruta mystica e divina.

Como lagrima pura, crystalina,
Corria um fio de agua abençoada.
E uma rosa modesta e deslumbrada,
Na rocha tremulava, pequenina ..

Oh ! Mãe Celeste ! Até as proprias rosas,
Mesquinhas oscilando ao vosso lado,
Se curvam, vacillantes, receosas !

E o vosso olhar, descendo illuminado,
Por sobre as multidões angustiosas,
Redime a culpa, e limpa de peccado.

Luthgarda Guimarães de Caires. *Glycinias*, pag. 203 a 206

*

ANTE UMA CAVEIRA

Quem foste ? Tu que és hoje uns restos do passado ?
Um martyr ? um bandido ? O' tu que foste alguém !
Quem sabe se inda existe um peito angustiado
que chore a tua falta... um coração de mãe!...

Nas órbitas sem luz, talvez que uns lindos olhos,
outrora com amor, chorassem combalidos...
Talvez que o teu caminho, erriçado de abrolhos,
o regassem de pranto os teus olhos perdidos !

E hoje, fria caveira, insondavel misterio,
nem a terra te abraça o teu craneo gelado !
Nem sequer tens lugar num triste cemiterio,
onde a saudade vá chorar o teu passado !

Luthgarda Guimarães de Caires. *Sombras e Cinzas*, 1.^a
edição, Lisboa, pag. 53 e 54.

D. MARIA JOSÉ DA SILVA CANUTO

D. Maria José da Silva Canuto nasceu em Lisboa, em 28
de Janeiro de 1812 e faleceu em 20 de Janeiro de 1890.

Foi jornalista, poetisa e professora de ensino primario.
Colaborou em diversos almanachs, na *Revolução de Setembro*, no *Occidente*, no *Panorama* e na *Revista Universal Lisbonense*, na qual escreveram entre muitos outros homens illustres : Antonio Feliciano de Castilho ; Alexandre Herculano ; Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos ; Pereira da Cunha ; Antonio de Serpa ; Silva Tulio ; Philippe Folque ; Francisco Palha ; Silveira Malhão ; Ferreira Lapa ; Andrade Corvo ; João de Lemos ; Costa Cascaes ; Fradesso da Silveira ; Casal Ribeiro ; Correia Caldeira ; Augusto Pal-

meirim ; Gomes de Amorim ; Fernandes Thomaz, Visconde de Sá da Bandeira, etc.

D. Maria José da Silva Canuto publicou os seguintes trabalhos : *Escavações e Conferencias Pedagogicas*.

Foi, principalmente, á instrução que esta Senhora dedicou o maximo de seu esforço e intelligencia.

Morreu, depois de uma constante lucta pela vida, contando 82 anos de idade.

Se os ultimos tempos de sua longa existência não foram completamente angustiosos, deve-o a Rosa Araujo, — o iniciador dos grandes melhoramentos da cidade de Lisboa — que lhe concedeu um subsidio anual, que em parte lhe minorou a desgraça de se ver entrezada.

MAGDALENA

A que outr'ora opulenta e radiosa
de belleza e de amor não saciado,
leito eburneo, de arminhos recamado,
a seus cultos sagrára caprichosa.

Eil-a.. aos pés de Jesus . tão lacrimosa !
De odorífica unção lh'os tem banhado,
com as aureas madeixas enxugado.
Esplendiða na dôr ! sempre assombrosa !

A que outr'ora aos murmurios respondia
de menestreis acordes com harpejos,
que a seus festins opiparos reunia.

Muda as turbas perpassa, ouve os motejos,
Amor celeste a mente lhe alumia ;
pranto e morte fixaram seus desejos !

Maria José da Silva Canuto. *Almanach das Senhoras*, 1878, pag. 153.

D. LUCINDA DO CARMO

D. Lucinda do Carmo nasceu em Lisboa.

A 22 de Setembro de 1882, encetou a sua carreira artistica, representando, pela primeira vez, no Theatro Gymnasio, sendo a peça, em que tomou parte, *Estação Calmosa*, comedia em 3 actos, traduzida por José Augusto Ferro.

As principaes creações artisticas e peças em que mais se tem salientado D. Lucinda do Carmo que no meio teatral portuguez gosa de justificado renome, e que conta geral estima e simpatia do publico, são :

Nitouche, Lili, Carraça, Doutora, Noite do Calvario, Feiticeira, Innocencia, A Sombra, Cigarra, Intimo, etc.

No teatro D. Maria Pia, da Ilha da Madeira, e nos Açores, representou D. Lucinda do Carmo todo o seu repertorio, alcançando extraordinario successo.

Fazendo parte das companhias Furtado Coelho e Rosa e Brasão, representou, respectivamente, no teatro da *Comedia de Madrid*, durante um mes, bem como no Rio de Janeiro e em S. Paulo.

Em Paris e em Madrid, onde esta Actriz tem estado em viagens de estudo, assistiu a representações em que tomaram parte os mais iminentes artistas do mundo.

Em 1891, entrou para o nosso primeiro teatro dramatico, o Teatro Nacional, fazendo parte da Companhia Rosa e Brasão.

Em 1898, foi D. Lucinda do Carmo nomeada sociataria de 1.ª classe do mencionado teatro, onde se tem conservado até hoje.

Em Maio de 1912, foi-lhe confiada a regencia da 7.ª Cadeira da *Escola de Arte de Representar* que funciona no Conservatorio de Lisboa.

E' nessa cadeira, que se preparam os alunos para as provas finaes que são publicas e em que os discipulos mais classificados disputam premios.

Em 1911, publicou D. Lucinda do Carmo, uma das pou-

cas actrizes portuguezas que se teem dedicado á poesia, o seu primeiro livro (prosa e verso) intitulado *Fóra de Scena*.

Como escriptora, colaborou no *Almanach dos Palcos e Salas, Illustrado e das Senhoras*.

AS PALMAS

(MONOLOGO)

Quanto eu gosto de as ouvir! . . .

.....

Fazem-me logo sorrir

Por mais triste que me sinta :

— E não ha quem me desminta ;

(Pelo menos se esse alguém

Viver da arte tambem

E artista fôr, de direito.)

São as palmas o mór preito

Que o artista sempre anhela,

A ovação — a mais singela —

Sempre a nossa alma arrebatá

Porque, em summa, ella é tão grata

Que nos deslumbra e extasia

Como a pura luz do dia !

O templo da Arte adorádo

E por tantos profanádo

Quantas vezes se anniquila

Com a asneira que fusila

Sem que alguém lhe tenha mão ?

E cá fóra a multidão

Sempre bôa, complacente,

Tal profanação consente,

(Pois só pensa em divertir-se)

E acha graça, fica a rir-se! . . .

.....

Que santos, que ingenuas almas,

— Cae o pano . . inã dão palmas! —

Se um artista é de valor,
 (Aquelle que seja *Actor*)
 Que prazer ha de sentir
 Ouvindo rir, se elle rir,
 E chorar, se elle chorar ! ? . . .
 Ouvindo esturgir no ar
 As palmas e as ovações,
 Que mil gratas sensações
 D'alegria ha de sentir ! ? . . .

 Ha de, por força, sorrir,
 Ha de, por força, animar-se,
 Ha de, emfim enthusiasmar-se !
 Eu, por mim, nada conheço
 A que dê maior apreço
 Do que ouvir uma ovação.
 P'las palmas, a devoção,
 Em mim toca o fanatismo.
 — E até quando o paroxismo
 Da morte, se me abeirar
 Eu prometto não chorar
 Se no outro mundo as almas
 Me receberem com palmas ! . . .

Lucinda do Carmo. *Fóra de Scena*, Lisboa, 1911, pag. 115 a 117.

D. AUGUSTA FERNANDES PESSOA DE CARVALHO

D. Augusta Fernandes Pessoa de Carvalho nasceu em Bucellas, em 1886.

Apesar de ter residido, até 1910, nessa localidade, e de não ter tido professores que lhe ensinassem as verdadeiras regras de metrificacão, as suas producções poeticas leem-

se com muito agrado, tal é a singeleza e naturalidade de que são revestidas.

Foi no diário, *Novidades*, que D. Augusta Pessoa de Carvalho fez a sua estreia literaria.

No *Jornal da Mulher*, têm vindo, por varias vezes, poesias firmadas por esta Senhora.

Os seus versos andam dispersos, sendo para lamentar não se acharem ainda reunidos em volume.

SONHANDO

Em linda noite estrelada
Que é o que eu penso sosinha
Na janela debruçada?
Adivinha...

Que pensamento risonho
Vae minha mente afagando?
Que ridente e alegre sonho
Vou sonhando?

Não sabes, queres que diga?
Mas eu sei lá o que penso...
Que ideias a mente liga
Com mais senso.

Eu comparo o pensamento
Quando assim, na solidão
Ao espantoso movimento
Dum tufão.

Não ha nada que não venha
Perpassando velozmente
Transformar em densa brenha
Nossa mente.

São saudades, são lembranças,
São tristes recordações,

São meigas ternas esperanças
Aos milhões.

Lembram maguas já passadas
Despertam sonhos ridentes,
Mil ideias são chocaças
Tão dif'rentes . .

Mas dura tudo um momento
Anda tudo a esvoaçar,
Como as folhinhas que o vento
Traz no ar.

E quando enfim despertamos
D'aquelle louco rever,
Que projecto é que formamos
A valer ?

Ai pergunta embaraçosa
De que eu livrar-me consigo,
Um projecto . . . cor de rosa . . .
Que não digo.

Augusta Pessoa de Carvalho. *Jornal da Mulher*, II ano,
n.º 43, pag. 259.

D. DOMITILLA DE CARVALHO

D. Domitilla de Carvalho nasceu em Travanca da Feira, districto de Aveiro. E' filha de D. Margarida de Carvalho e de Manuel Rodrigues de Carvalho, de quem ficou orfã, contando, apenas um ano de idade.

Ao seu talento, perseverança, e esforço proprio deve D. Domitilla de Carvalho a sua formatura que fez com alta distincção na Universidade de Coimbra, nas antigas *Faculdades de Medicina, Matematica e Filosofia*.

Os estudos preparatorios fe-los D. Domitilla de Carvalho em Bragança, Castelo Branco e Leiria onde concluiu o curso.

D. Domitilla de Carvalho foi a primeira senhora que frequentou a Universidade de Coimbra. Tão inteligente como modesta, alcançou nesta Universidade as maiores distinções:

Na *Faculdade de Filosofia*, um premio e 8 accessits;

Na *Faculdade de Matematica*, 2 premios e accessits nas restantes cadeiras;

Na *Faculdade de Medicina*, accessits em todas as cadeiras do 1.º e 2.º ano e premios em todas as cadeiras do 3.º, 4.º e 5.º ano.

Foram-lhe tambem conferidos o *Premio Barão Castello de Paiva* (trabalhos anatomicos), e o *Premio Alvarenga* (matéria medica).

Não resisto á tentação de aqui transcrever uma ou outra passagem do prefacio com que Affonso Lopes Vieira abre o volume de versos, de D. Domilla de Carvalho, publicado em Coimbra, em 1909.

«Tenho a honra de pertencer á geração contemporanea em Coimbra da senhora ilustre que assina este livro.»

«Eu me recordo, como todos que no meu tempo eram sensiveis, da graça moderna que imprimia á velha escola o seu vestido de estudante.»

«Relembro a admiração profunda com que os cursos a que ela pertencia falavam da condiscipula fraternal, que conquistou sempre, com o mais franco aplauso dos camaradas e a rendida homenagem dos professores, as mais subidas distinções e premios, honrando desta vez quem os conferia.»

«E, sobretudo, á minha lembrança acode que já então essa rapariga modesta, de uma formosura simpatica e de uma gravidade risonha, que atravessava sózinha os nossos grupos, guardada pelo nosso respeito e pela sua alma, me fazia entender perante a desordem actual do feminismo, o que ahi ha de verdadeiro e de proporcionado.»

.....
 «O incanto desta mulher está em que ella ficou a mais *feminina* das criaturas, depois da sua longa jornada através da sciencia.»

Do valor de seus *Versos* que eu tambem considero dos melhores de quantos Senhoras Portuguezas teem feito, ainda é o auctor das *Canções do Sol e do Vento*, quem diz :

«Se tivesse feito só estes versos — dos mais sinceramente compostos e interessantes que mulheres portuguezas têm publicado — teria feito pouco. A vulgaridade das lições não é para aqui. Ellas seriam bem mesquinhas para a mulher gloriosa que uma faculdade de medicina, violentando os preconceitos terriveis de uma escola e de um país, pretendeu unanimemente contar entre os seus membros.»

A Academia de Sciencias de Portugal, que ha pouco acaba de comemorar o seu primeiro *decenario*, honrou-se, inscrevendo no numero de seus socios, a Doutora D. Domitilla de Carvalho.

Esta Senhora foi directora do liceu feminino D. Maria Pia, cargo que deixou a seu pedido, para simplesmente nele exercer o de professora.

D. Domitilla de Carvalho trabalha, actualmente, num outro livro de versos, certamente um novo primor literario. —

PORQUÊ ?

Já que os nossos destinos são diversos
 E vae findar a luz que me alumia,
 Quero dizer-te em meus sentidos versos
 Aquillo que fallando não diria.

Has de saber emfim quanta agonia,
 Quanta amargura e quantos ais dispersos
 Se traduzem em todos os meus versos —
 Se os teus olhos os lerem algum dia...

Como é que sendo tu melhor que um santo,
Tendo um conforto a dar a todo o pranto,
Tendo sempre um allivio para a dor,

Como é que n'esta magoa dolorida,
Sendo tu, como és, a minha vida,
Assim me dás a morte, meu amor ?

Domitilla de Carvalho. *Versos*, Coimbra, 1909, pag. 105 e 106.

*

FLOR QUE MORRE

No hospital

E' linda como os anjos. Na pureza
Do seu olhar macio, avelludado
Ha sempre a mesma febre e a mesma reza
Que o meu peito recolhe apiedado.

Com gesto de quem pede e essa tristeza
De quem presente o fim amargurado,
Ergue as mãos pequeninas de princeza
E sorri para todos com agrádo.

Com aquella ideal resignação
E a mesma fé em Deus nósso Senhor,
Ha dois annos que a vejo doentinha.

Quando presa de immensa compaixão
Do seu leito me acerco : «— Está melhor ?»
Ella responde sempre «— Melhorsinha...»

Domitilla de Carvalho. *Versos*, Coimbra, 1909, pag. 39 e 40.

*

ORPHÃS

Vi-as passar, as meigas criancinhas,
Vestes de luto em almas de açucenas.
E sorriam ! Tambem as avesinhas
Vão levando a cantar as suas penas.

Sorriam, sim, contentes, a brincar
Lá iam, como as aves pelo ceu
Alegremente em bando, a chilrear . . .
Mas de vê-las sorrir, chorava eu !

Domitilla de Carvalho. *Versos*, pag. 47.

*

MINHA SINA

Andei por largo tempo a imaginar
A Suprema alegria de te ver !
Tanto cuidado puz em te guardar
E só te encontro para te perder !

Seguia-te de longe. Era um prazer,
Um casto bem p'ra mim o recordar
Essa altivez de porte singular
Na esperança de um dia te merecer.

Tinha-te sempre a ti no pensamento.
Só a tua lembrança dava alento
A' desolada vida que me arrasta !

Bem sei que não tens culpa, é minha sina.
Vae atraz d'essa luz que te fascina
Sê feliz, meu amor, isso me basta !

Domitilla de Carvalho. *Versos*, pag. 83 e 84.

POBRE MORTA

I

Entrou na vida agreste e accidentada
— Revolto mar de lutas inconstantes —
Sem ter alguém, a pobre abandonada,
Que lhe guiasse os passos vacillantes.

Sem um raio de luz n'esta jornada,
Nem uns laços de amor cariciantes
Que a prendessem á vida n'uns instantes,
Por vezes quiz matar-se a desgraçada !

Mas hoje, quando a morte percorria
O seu corpo de cera emagrecido,
Quando em gelos de todo arrefecia,

Ella ergueu para mim os olhos baços
E sem força na voz, diz num gemido :
« Não me deixe morrer, dê-me os seus braços !

II

Vi-a depois, a pobresinha, fria,
Sobre a mesa de pedra revoltante
Em que o duro escalpelo principia
A dissecar, num gesto torturante

E ella que em vida tanto horror sentia
Pelo *theatro*, pobre morta errante,
Do repouso do tumulo distante,
Resignada parece que sorria . . .

Não me pode esquecer a immensa dôr,
Um mixto de piedade e de terror,
Que senti ao fitá-la com esfôrço :

Labio roxo, cabelo desgrenhado,
Mas sobretudo o *olhar!* o olhar parado,
Tenho-o cravado em mim, como um remorso.

Domitilla de Carvalho. *Versos*, pag. 41 a 44.

D. MARIA DE CARVALHO

D. Maria de Carvalho — a ilustre Poetisa que tanto honra as Letras Portuguesas — nasceu na Chamusca.

Os tres sonetos: *No Minho*, *O Lampeão* e o *Velhinho*, que figuram nesta Antologia, foram pela primeira vez publicados, ha muitos anos, nas *Novidades* que deles disse:

«Cae-nos na nossa banca de trabalho estes sonetos. Não sabemos quem seja o auctor. Mas seja quem fôr, publicamo-los por sentirmos que vamos dar a lume qualquer coisa que ha-de ficar na lingua portugüesa.»

Estas producções que tantos elogios mereceram, foram enviadas para o citado jornal, contra vontade de sua auctora, que, singelamente, as assignou com as iniciaes do seu nome e apelido.

Poucos dias depois de publicados (Vide o artigo de Joaquim Leitão, na *Liberdade*), D. João da Camara dizia numa das suas cronicas do *Occidente*:

«Dei estes tres sonetos para ensaio de dicção ás minhas alunas do Conservatorio, e disse-lhes: Decorem-nos porque de facto decoram tres sonetos que ficam na historia da literatura portugüesa.»

Em 1915, D. Maria de Carvalho publicou um interessante livrinho *As Sete Palavras*, ao qual a critica fez justas e merecidas referencias.

Em 1916, appareceu o seu segundo livro de versos, *Sonetos*, volume que contem verdadeiras joias poeticas, como os leitores, pelas numerosas citações que faço, poderão avaliar.

NO MOINHO

Ha na varzea um moinho que, isolado,
Trabalha alegre para toda a gente,
Aproveitando as aguas da torrente
Que espuma nos açudes. Levantado

Sobre a verdura rustica do prado,
Que o sol inunda, preguiçosamente,
Ergue a risonha e pittoresca frente,
Esse moinho branco, enfarinhado.

Arrulham pombos no beiral vermelho
Do seu telhado, e ladra o cão, já velho,
Aos camponios, que passam no caminho . .

Quem me dêra que tu . fosses moleiro !
E eu te pudesse ter por companheiro,
Na doce e branca paz d'esse moinho.

Maria de Carvalho. *Sonetos*, Lisboa 1916, pag. 43.

*

O LAMPEÃO

Na moribunda luz bruxoleante
D'aquelle pobre lampeão de rua,
Triste, isolado, na parede nua,
Achei um não sei quê, vago e tocante.

Mais triste ainda sob o alvor da lua .
E puz-me a comparal-o, n'esse instante,
A' saudade confusa e palpitante,
Que sempre em nós simbólica fluctua.

Pois se tivésse olhar o sentimento,
Que nos faz acudir ao pensamento
A lembrança do tempo já passado,

Devia ser assim — olhar sem vida —
Como a luz fraca, trémula, pendida,
Do pobre lampeão quasi apagado.

Maria de Carvalho. *Sonetos*, pag. 9.

*

VELHINHO

Muito velho, asseado e pobresinho,
Pede-me sempre esmola ás terças feiras
Eu chamo-lhe, sorrindo, o meu velhinho,
E converso com elle horas inteiras.

Falla-me d'um fidalgo, seu padrinho,
Que lhe deu um casal e algumas leiras ;
Antes de empobrecer teve um moinho
E milho loiro, aos montes, pelas eiras.

E estas longas historias aldeãs,
Tão humildes, tão rusticas e sãs,
Já eu sei como o velho as principia :

— «Quando eu era rapaz. .» e ao terminar
E' certo ouvil-o sempre confirmar :
— E' como digo a vossa senhoria.»

Maria de Carvalho. *Sonetos*, pag. 37.

*

ESQUECIMENTO .

Ao ver o mal por todos admittido,
Como regra a que a vida está sujeita —
Ao trocar a illusão pela suspeita,
Quem poderá negar haver sofrido ?

Depois, no coração fortalecido
Vae-se fazendo a paz, quando se acceita
A`crua vida assim, tal como é feita
No mundo, sempre egoista e corrompido.

Mas de tudo o que admitto, soffro e vejo,
— Tão contrario ao que sinto e ao que desejo —
O que mais me perturba e me entristece,

O que afinal impêde que eu me illuda,
E' a maneira audaz por que se muda,
E a facil rapidez com que se esquece.

Maria de Carvalho. *Sonetos*, pag. 17.

*

VIDAS

Algumas vidas ha em que parece
Pesar não sei que estranha maldição ;
Ha vidas, em que a dôr nunca se esquece
De esmagar lentamente o coração.

Dias e dias, em que se envilhece
Como se fossem annos de afflicção ;
Horas e horas, em que se apetece
O gelado repouso d'um caixão.

E julga sempre o mundo que avalia
As razões de tristeza ou de alegria,
Que tenta descobrir em cada vida . . .

E fala sem receio de enganar-se ! . . .
Como se a dôr pudesse avaliar-se,
Fóra do coração em que é sentida !

Maria de Carvalho. *Sonetos*, pag. 35.

IV

Soffre-se tanto pela vida fóra,
 Que o desalento deve perdoar-se.
 Saber lutar, viver e conformar-se,
 E' difficil missão para quem chóra.

O rapido heroismo d'uma hora
 Poucas vezes consegue sustentar-se,
 E' um sublime, um candido disfarce
 Da fraqueza mortal que nos devora.

O proprio Christo, sobre a Cruz exangue,
 — O corpo esbelto gottejando sangue,
 Joias vermelhas n'um sagrado engaste.

Teve um momento de tamanha magua
 Que soluçou, — os olhos rasos de agua :
 — Meu Deus ! meu Deus ! porque me abandonastes ?

Maria de Carvalho. *As Sete Palavras*, Lisboa, 1915, pag. 21.

D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO

D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, a distinctissima Escriptora e Poetisa, de que neste momento me ocupo, nasceu na cidade do Porto, segundo afirma o *Diccionario Practico Illustrado* de Jayme Seguier e em Pintéus, segundo severa o *Diccionario Portugal*

Sua Excellencia é filha de D. Christina de Almeida e Albuquerque, senhora assás intelligente e culta, e de José Vaz de Carvalho, individualidade não menos distincta.

A minha admiração pelo talento e vastissimos conhecimentos que possui D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, é

tanto maior, quanto é certo que á notavel escriptora, a
 ma o Sr. Christovam Aires, no *Boletim da II classe da Academia de Sciencias de Lisboa* — «nada foi ensinado.» «F
 taram-lhe aquelles mestres, tantas vezes atrofiantes e es
 rilisadores, que todos nós guardamos entre as recordaçõ
 da nossa infancia.»

Foi auxiliada pela sua grande intelligencia e prodigio
 memoria, lendo, lendo imenso, analisando, raciocinando
 fixando, que D. Maria Vaz de Carvalho se transformou
 apreciadissima e notavel historiadora, jornalista, pedagogo
 e moralista, que nacionaes e estrangeiros admiram e v
 neram.

São de D. Maria O'Neill, as palavras que transcrevo,
 um seu folheto intitulado *Uma Satisfação á Ex.^{ma} Sr.^a
 Maria Amalia Vaz de Carvalho* (Lisbôa, 1911):

«O seu olhar de aguia, penetrante e fino, educado p
 ella na constante observação dos homens e das cous
 abrange n'um relance os mais complicados problemas ps
 cologicos e especulativos, mas longe de se irritar e romp
 em justificada diatribe contra os erros e fraquezas da h
 manidade, o sorriso benevolo que lhe enfeita os labios d
 monstra que a experiencia adquirida não lhe tornou seve
 o juizo, nem duro o coração, como quasi sempre succede

A mocidade de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho foi pa
 sada no velho solar de Pintêus, que, a breve trecho, se co
 verteu num centro intelectual, onde homens de nome n
 letras (isto succedia ainda no periodo romantico), iam pre
 tar a sua homenagem de admiração e respeito a D. Ma
 Amalia Vaz de Carvalho, a juvenil Poetisa que aos dez
 nove anos de idade, escreveu o seu primeiro livro, *U
 Primavera de Mulher*, obra que para a Literatura Por
 guesa foi logo mais que uma esperanza. Foi ahi em P
 têus, que Gonçalves Crespo, o mimoso e admiravel po
 das *Miniaturas*, e dos *Nocturnos* conheceu D. Maria Ama
 Vaz de Carvalho com quem anos depois, se consorciou

Do valor dos trabalhos literarios de D. Maria Amalia V

de Carvalho, escriptos todos numa linguagem sã, clara, vernacula, bela e profunda ou simples, consoante o assumpto de que trata, e a despeito de, ha muito, ter o seu nome consagrado esta illustre e notavel Escriitora que é a auctora da obra mais vasta e mais valiosa que Senhoras Portuguesas se poderão orgulhar de ter produzido, fala a honrosa excepção que a *Academia de Sciencias de Lisboa*, em sessão da II classe, e por proposta de Henrique Lopes de Mendonça, abriu, elegendo D. Maria Amalia de Carvalho, para o seu gremio, distincção esta só concedida, em Portugal, a esta Senhora e a D. Carolina Michaelis de Vasconcelos.

E' bem proveitoso, para quem com consciencia queira apreciar as produções literarias de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, ler o parecer que, sobre a sua candidatura, foi elaborado por Teixeira de Queiroz, e assignado por :

Raymundo A. de Bulhão Pato, Julio M. de Vilhena, José Ramos Coelho, José Leite de Vasconcellos, Henrique Lopes de Mendonça, J. Fernandes Costa, Jaime Moniz, Joaquim Coelho de Carvalho, Gama Barros, Aniceto dos Reis Gonçalves Viana, Antonio Candido, Teofilo Braga, Christovam Aires e Francisco Teixeira de Queiroz, (relator).

Este parecer que figura a pag. 484 a 493 do citado Boletim, baseia-se, principalmente, no importante estudo historico desta Escriitora, *O Duque de Palmela*, obra em 3 volumes. Como se os Academicos que firmam a proposta e parecer referidos, não fossem só por si, bastante garantia do merito de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, que no citado Boletim apresenta um interessante estudo historico, medito até então, intitulado, *A Marquêza de Alorna — A sociedade e a literatura do seu tempo*, trabalho que não chegou a concluir, ainda se leem no mesmo Boletim, apreciações feitas pelo Sr. Conde de Sabugosa, Santo Thirso, Henrique Lopes de Mendonça, etc.

Não obstante só em 1912, A Academia ter aberto as suas portas a D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, (visto preconcitos de varia natureza e entre eles a infração dos Esta-

tutos o não terem permitido fazer antes), já D. Luiz I manifestára vontade de ver esta Senhora eleita para essa douta Corporação, como no seu belo livro *Gente d'Algo*, afirma o Sr. Conde de Sabugosa, um dos frequentadores dos salões de S.^{ta} Catharina, onde D. Maria Amalia Vaz de Carvalho tem reunido tudo quanto ha de mais selecto nas letras portuguezas.

Sob qualquer aspecto que possa ser encarada, a personalidade de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho é notavel.

E', ainda, o Sr. Cristovam Aires que escreve :

«E nem por isso Maria Amalia deixou nunca de ser a mais simples a mais bondosa a mais singela, a mais doce entre as mulheres portuguezas.»

«Nos seus belos olhos luminosos, muitas vezes o fulgor do genio é embaciado pelas lagrimas que a dôr humana nas suas ramificações infinitas lhe vae levar a cada passo tão intensa é a comunhão da sua alma com o sofrimento dos humildes, dos desditosos, dos pequeninos.»

«Quem um dia sentiu a doce caricia da sua voz, quem viu de perto em toda a sua soberania, a bondade inegualavel da sua alma, fica preso para sempre, mais do que ao seu talento e ao seu saber, a quanto tem de infinitamente santo, simples e doce essa fulgurante e rara encarnação de Mulher.» (Pag. V do citado Boletim).

Para concluir estes ligeiros dados biographicos, resta-me apresentar a nota dos numerosissimos e valiosos trabalhos de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, que outr'ora firmou varios folhetins publicados em jornaes, sob o pseudonimo de *Valentina de Lucena* :

Uma Primavera de Mulher (poema), 1867, *Vozes do Ermo* (versos), 1876, *Mulheres e Creanças* (notas sobre educação), 1880-87, *Contos e Fantasias*, 1880, *Contos para nossos filhos* (de colaboração com seu marido, Gonçalves Crespo), 8 edições. *Arabescos*, 1880, *Um conto*, 1885, *Cartas a Luiza* (Moral, educação e costumes), 1886, *Alguns homens do meu tempo* (impressões literarias), 1889. *As Cronicas de Valentina*

1890. *Cartas a uma Noiva*, *Pelo mundo fóra*, 1896, *Arte de viver na sociedade ou manual da vida elegante*, 4 edições, *Vida do Duque de Palmela*, 3 volumes 1898-904, *Em Portugal e no estrangeiro* (ensaios criticos), 1899, *Figuras de hon-tem e de hoje*, 1902, *Cerebros e corações*, 1903, *As nossas filhas* (carta ás mães), 2 edições 1905-906, *Ao correr do tempo*, 1906, *No meu cantinho* (Homem, factos. ideias), 1909, *Duquesa de Palmela* (In Memoriam), 1910, *Impressões de Historia*, 1911, *Cousas de Agora*, 1913.

Jornaes em que sua Ex.^a colaborou :

Jornal do Comercio, do Rio de Janeiro, em que escreve ha 34 anos. *Diario Popular*, *Jornal do Comercio*, *Reporter*, *Artes e letras* (jornaes de Lisboa), *Actualidade*, Porto, *Comercio do Porto*, *Paiç* (Rio de Janeiro), etc.

Depois de ter mandado o original para a imprensa, soube por pessoa da familia de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, que esta Senhóra nasceu em Lisboa, na Rua dos Poyaes de S. Bento.

A ANDORINHA

D'onde partiste, andorinha,
 minha alađa forasteira,
 que á terra da laranja
 vens pedir luz e calor ?
 D'este clima abençoado,
 chamou-te ao longe o carinho ?
 terás sol sobre o teu ninho,
 e lá dentro muito amor !

Aqui onde a primavera,
 se enfeita de roseo manto ;
 onde das aves o canto
 verte harmonias sem par ;
 onde á noite se estrelleja
 e palpita o ceu profundo,
 e aureas visões de além-mundo,
 brincam nas ondas do mar ;

aqui onde em cada flôr,
 treme vivo e scintillante
 um prismatico diamante,
 que a aurora chorou dos ceus ;
 onde tudo se illumina
 de mil ignotos fulgores ;
 onde pululam amores,
 sob o amante olhar de Deus ;

onde exhala acres effluvios
 a rama dos loureirões,
 e se une á flor dos myrtaes
 da vinha o verde festão ;
 aqui não terás saudades
 n'este ceu que a luz esmalta,
 nem dos terraços de Malta
 nem das brisas de Ceilão.

Vens talvez da velha Athenas
 onde em ruinas marmoreas
 viste esculpidas historias,
 que não sabes decifrar ?
 Deixaste acaso o teu ninho
 entre os mysterios do Egypto,
 e a uma esphinge de granito,
 pediste para o guardar ?

Viste os brancos minaretes ?
 viste as cupulas redondas ?
 e as verdes profundas ondas,
 e os floridos arrozaes ?
 Conta-me as tuas viagens,
 filha da luz e da aurora
 que vens descançar agora
 á sombra dos laranjaes !

D. JOANA DE CASLELBRANCO

D. Joana de Castelbranco que pertence á familia Velosa de Castelbranco, nasceu na Ilha da Madeira, freguezia do Fayal, onde passou a sua infancia e juventude.

Desde bem nova, que D. Joana de Castelbranco verseja.

Apesar d'isso, só em 1908 publicou em Lisboa o seu 1.º livro de versos, *As minhas flores*.

Posteriormente, reuniu esta Senhora, em volume, sob o titulo de *Fluctuações*, algumas das suas poesias.

Tem colaborado em varios almanachs e jornaes.

TRISTEZA

Sou como a flôr já mirrada
aos raios do estio ardente ;
sou como a onda fermente,
gemendo alem sem guarida ;
Sou como a folha do outomno,
que morta no chão existe,
sou como a lagrima triste
do coração desprendida.

Sou como a nuvem que passa
toldando o ceu tão formoso ;
sou como o ai piedoso
que foge ao seio descrente.
Sou como a noite gelada
em negro manto envolvida,
sou como folha cahida
levada pela corrente.

Minha alma é muda e sombria
como o jazigo da morte.
Lucto e pranto é minha sorte
no albor do meu viver.

Sinto empanar os meus gosos
 nuvens de dor e tristeza !
 Correr após a incerteza . . .
 lutar sempre . . . e só morrer !

Joanna de Castelbranco. *As Minhas Flores*, Lisboa 1908, pag. 14.

D. CAROLINA DA V. CASTELLO BRANCO

D. Carolina da V. Castello Branco foi uma das senhoras que colaborou na *Miscelanea Poetica*, jornal de Poesias publicadas desde Julho de 1851 a Agosto de 1853 (2.^a Colecção), Porto 1852.

No citado jornal, figuram versos de: D. Ana Amalia de Sá, D. Antonia Gertudes Pusich, D. Maria Felicidade do Couto Brown (*Soror Dolores*), D. Maria Peregrina de Souza, A. C. Louzada, Antonio Feliciano de Castilho, Augusto Luso, A. Lima, A. P. Caldas, Augusto Pereira Soromenho, Faustino Xavier de Novaes, D. João de Azevedo, João de Lemos, J. Freire de Serpa Pimentel, Nogueira Lima, Pereira da Cunha, Camillo Castello Branco, etc., etc.

A pag. 201 da mencionada *Miscelanea Poetica*, ha uma poesia de Camillo, intitulada *Meditação*, dedicada a sua irmã, Carolina Castello Branco.

A pag. 73 do referido jornal, encontrei a poesia que transcrevo e que é firmada por Carolina da V. Castello Branco.

Havendo, na familia de Camillo, o apelido *Veiga*, (o grande romancista teve uma tia chamada D. Rita Emilia da *Veiga* Castello Branco), *será a irmã de Camillo, a senhora a quem me refiro ? Esse da V. corresponderá a da Veiga ? Será uma mera coincidência o facto que aponto ?*

Não tenho elementos para esclarecer este interessante caso que em pouco se cifra.

Para o resolver, porém, parece-me que bastava saber :

primeiro : se a irmã de Camillo, D. Carolina Castello Branco que, depois de se casar com o medico Francisco José de Azevedo, passou a assignar-se D. Carolina d'Azevedo Castello Branco (*Romance do Romancista*, pelo Sr. Alberto Pimentel, pag. 37), alguma vez usou o apelido Veiga; segundo : se fez versos.

Quanto a esta ultima parte, parente proximo de Camillo, informou-me que D. Carolina, não foi poetisa.

Tendo recorrido a uma outra fonte segura e d'auctorizada opinião sobre assumptos Camillianos, nada consegui apurar.

Aqui fica posto o problema, para quem, com mais tempo e elementos do que tenho e disponho, o queira solucionar.

Se esta Poetisa tiver sido a irmã de Camillo, grande será a minha satisfação, por ter provocado o conhecimento desse facto. Se tal se não der, registada fica a coincidência que leva ás duvidas que apresento.

SCISMAVA

Passo aqui tardes, sósinha,
 Nestes prados verdejantes
 A scismar :
 N'alma sinto as fundas maguas.
 Ao murmurio d'estas aguas
 Murmurar.

Quando assim me vejo triste
 D'um penar d'intima pena . . .
 Choro então ;
 Que eu não amo a natureza
 Na solidão.

Amo-a sim, embalsamada
 Nos perfumes que lhe aspira
 A alma em paz ;

Mas se a dor punge de aguda
 A natureza tambem muda
 Não me apraz

Sei que a dor tem desafogo
 No alaúde, terno amigo
 Tam fiel.

Faço trovas, mas as trovas
 São amargas, duras provas
 De agro fel !

Carolina da V. Castello Branco. *Miscellanea poetica*, 2.^a collecção, Porto, 1852. pag. 73.

D. CATHARINA MAXIMA DE FIGUEIREDO ABREU CASTELLO BRANCO

D. Catharina Maxima de Figueiredo Abreu Castello Branco nasceu em Guiães (pequena aldeia do districto de Vila Real), cognominada a Cintra Transmontana.

Esta Senhora tem uma ascendencia muito illustre, como se lê no livro *Os Estrangeiros no Lima*, obra rara e curiosissima de que é auctor Manoel Gomes de Lima Bezerra, e que foi publicada em Coimbra em MDCCLXXXV.

No mencionado livro, diz-se que os «Abreus são das familias mais antigas e illustres do Reino.» «Segundo alguns auctores, provem da Casa Real de França pela linha e varonia de Philippe e Carlos, Conde de Evreux.»

Nesta familia, tem havido, segundo menciona o referido volume, muitos eruditos, predestinados, heroes e santos.

Assim, citarei, por exemplo, os nomes de Frei Manoel do Cenaculo, arcebispo de Evora ; D. Luiz Alvaro de Figueiredo, arcebispo da Bahia ; Bernardo d'Abreu Castello Branco, desembargador muito culto.

Apezar de D. Catharina Maxima de Figueiredo Feio só se dedicar á literatura, nos poucos momentos que as suas occupações caseiras lhe deixavam livres, foi uma poetisa distincta.

O que acabo de escrever, faz-me pensar quantas Sevignès e Georges Sand Portuga! poderia contar, se o nosso meio fosse propicio á revelação e desenvolvimento de muitos talentos e vocações que, por certo, se tem definhado e perdido!

Aos dezaseis anos publicou esta Senhora o seu primeiro volume de versos, intitulado *Poesias*.

E' tambem auctora de um romance, *Amor de Mãe*, publicado em folhetins, e de mais dois volumes cujos titulos são: *Fragmentos de Prosa e Verso* e *A Ultima Estancia*, livro que foi prefaciado por Xavier Rodrigues Cordeiro, o notavel poeta, auctor do *Tasso* e da *Doida de Albano*.

O fragmento da poesia, *O Firmamento*, que reproduzo, é extractado deste livro. Na opinião de um dos nossos homens de letras mais notaveis, pode esta composição poetica figurar a par da de igual titulo, de Soares de Passos.

Tendo sido Soares de Passos accusado de plagiario, Theophilo Braga provou na *Revista Literaria e Scientifica*, de *O Seculo* de dezembro de 1904, que a poesia *Firmamento* foi feita pelo auctor do *Noivado do Sepulchro* e não por Lourenço de Almeida e Medeiros.

O FIRMAMENTO

E' noute!... sobre o mundo adormecido,
Fulge tranquillo o céo, profundo e bello!
Eis a extensão immensa... indefenido
Abysmo... de razão constante anhelos!

Seus limites quaes são? Onde termina
Esta série de estrellas rutilantes?...
Nos páramos d'um Deus; mansão divina,
Povoada de aereos habitantes?

São mundos ; da attracção no eterno laço
 Sustidos pelo impulso que não cança ;
 Girando sem destino n'esse espaço,
 Que o espirito nosso não alcança ? . . .

Mas tantos, tantos mundos ? ! Esta ideia
 Que esmaga o pensamento e a voz tem presa,
 Mais nos offusca a luz, porque a alma aneia.
 Deixando-nos no vago a incerteza.

Que tormento, meu Deus! Não ser possível
 Haver da gloria vossa a comprehensão ! ?
 Ser tudo a tantos olhos o invisível,
 O vacuo da insondável confusão ! ?

.

Catharina Maxima de Figueiredo Feio. *A Ultima Estancia*,
 Porto, pag. 17.

*

COMPREHENDES ?

Sabes porque no valle os brancos lirios choram
 Quando o fogo do sol lhes não bafeja a tez ? ..
 Vês a rola sentida, entre as selvas que enfloram,
 Gemer do seu amor a longa viuvez ? . . .

Busca em a natureza a definição recta
 Dos mysterios da vida ; o fim, a aspiração ;
 E se podes após diz se n'alma discreta
 Entram do seu segredo a justa comprehensão ? ..

Catharina Maxima de Figueiredo Feio. *A Ultima Estancia*,
 Porto, pag. 52.

D. FLORA CASTELLO BRANCO

D. Flora Castello Branco é filha de D. Anna Rosa Correa e do Visconde de São Miguel de Seide — Nuno Castello Branco — falecido em 23-1-1896. .

Neta mais velha de Camillo Castello Branco e de D. Anna Placido, D. Flora Castello Branco que residiu, durante muito tempo em São Miguel de Seide, era irmã de Camillo, Nuno Placido, Rachel, Simão, Manoel e Estella de São Miguel de Seide Castello Branco.

E' para lastimar que os versos desta Poetisa que chegaram a ser compilados pelo distincto e infatigavel Camillianista sr. Alberto Pimentel, não tenham sido publicados em volume, até hoje.

MEU VIVER

Ai ! como é triste o viver
De quem se sente captiva
Como uma pomba ferida
Que na prisão vae morrer.

D'antes eu ia contente
Colher boninas da aurora
Por esses prados em fóra
Banhados do sol poente,

Guiava-me a liberdade,
Buscando fructas e flores ;
Não tinha meu peito amores,
Desconhecia a Saudade !. .

Erguia os olhos aos Céos,
Enlevada, mas um dia
Levou-me toda a alegria
Aquelle supremo Adeus !

Ai! como é triste o viver
 De quem se sente captiva
 Como uma pomba ferida
 Que na prisão vae morrer!...

Flora Castello Branco. *Occidente*, n.º 1006 de 10-12-1906,
 pag. 267.

MINH'ALMA

Chora, alma, que no pranto
 Da espr'ança medra a flor ;
 Tem coragem, sae ovante
 D'esta mais que humana dor!

Vejo alem de amargos dias
 Aurora santa raiar ;
 Espera, alma, não chores,
 Que a ventura ha de tornar !

Flora de Castello Branco. *Occidente*, n.º 1004 de 20-11-1906,
 pag. 250.

D. LEONOR DE FIGUEIREDO ABREU CASTELLO BRANCO

D. Leonor de Figueiredo Abreu Castello Branco, nasceu em Guiães.

Era filha de D. Genoveva Moreira de Azevedo e de José Maria de Figueiredo Abreu Castello Branco e irmã de D. Catharina Maxima de Abreu Castello Branco, poetisa a que se refere esta Anthologia, e tia da distincta poetisa e escriptora de quem tambem se occupa este trabalho, D. Maria Feio (D. Maria Figueiredo Feio Rebello Castello Branco).

Parte das poesias desta Senhora que descende de pes-

soas illustres, e que supponho ser aparentada com Camillo Castello Branco, quando mais não seja, por parte do Dr. Francisco Correia Botelho, conservador em Vila Real (conclusão a que teria o maior empenho em chegar, se as minhas inumeras e opostas occupações, me não deixassem uma parcela minima de tempo, para tratar d'assumptos literarios), foi publicado em diversos jornaes e almanachs, possuindo sua sobrinha o manuscripto com as melhores produccões poeticas, de D. Leonor de Figueiredo Abreu Castello Branco, as quaes um dia o publico terá occasião de apreciar.

LAURA

Deitada á beira do abysmo
Coitadinha, adormeceu.
Por cama tinha uma pedra,
Por docel o azul do ceu ;
Sómente por cabeceira :
Uns cabellos annelados
Côr da flor da canelleira.

Quasi nua, n'uns trapinhos
Parte do corpo envolvido,
Banhado o rosto de cêra
Talvez do pranto vertido.
Mas que farta cabeceira
Eram seus bastos cabellos
Côr da flor da canelleira.

Pendido um braço no abysmo,
O outro sobre um rochedo,
Assim dormia serena
A creancinha sem medo ;
Só tendo por cabeceira
Uns cabellos annelados
Côr da flor da canelleira.

Leonor de Figueiredo Abreu Castello Branco.

D. MARIA FIGUEIREDO FEIO REBELLO CASTELLO BRANCO

(D. MARIA FEIO)

D. Maria Figueiredo Feio Rebello Castello Branco nasceu em Guiães, aldeia trasmontana.

E' filha de D. Catharina Maxima de Figueiredo Abreu Castello Branco, poetisa de talento, e de Sebastião Pereira Rebello Feio que era dotado de uma bondade invulgar.

Os primeiros versos de D. Maria Feio datam dos onze anos. Foram publicados no *Almanach de Lembranças*.

Apesar de tão precocementè ter principiado a revelar-se em D. Maria Feio a inclinação pelas letras, só muitos anos depois poudè novamente entregar-se, á literatura e aos estudos sociaes e humanitarios, os quaes constituem hoje quasi o exclusivo fim da sua vida.

Tendo sido bastante infeiz e havendo sofrido muito, D. Maria Feio resolveu dedicar-se, de alma e coração, aos males de que enferma a sociedade, e em especial á causa da dignificação da mulher, que advoga com são criterio.

São de D. Maria Feio as seguintes palavras que figuram a pag. 111 do seu livro *Alma de Mulher*, publicado em 1915:

«Que as nossas armas de combate sejam sómente o sentimento que entenece, a doçura que cativa, a graça que atrae, a bondade que converte, que domina e vence.»

Não sei que mais admirar, no seu livro *Calvario de Mulher*, obra em que, a traços firmes, faz na parte dolorosa, sua autobiografia, se a linguagem imparcial de que, sempre usa, se as grandes conclusões que tira n'esse livro que, n' dizer de Magalhães Lima, é uma tese de psicologia e de sociologia muito importante, para a obra da civilização.

Tendo lido o *Calvario de Mulher* que é dedicado a Jean Finot e relacionando ideias, lembrei-me então dessa grand

verdade que Novicow diz no seu livro *Emancipação da Mulher* :

«Cada talento de mulher que não chega ao seu pleno desabrochar é um passo a menos para a obra da civilização.»

Como poderão os talentos desabrochar em Portugal, se o trabalho das escriptoras é ainda, em geral, peor remunerado que o dos escriptores?!

D. Maria Fei escreve ha 8 anos, mas sem remuneração official ou particular!

Por este e outros factos, é que eu admiro a coragem dalgumas das nossas Intellectuaes que, sem incentivos, e atravez de mil dificuldades e indiferentismos, sulcam o revolto mar das letras.

.....
A obra desta Poetisa, pode ser encarada, sobre diversos aspectos.

Como escriptora, é auctora de :

Alma de Mulher, 1915, (notas de um diário intimo de reflexões; *Calvario de Mulher*, 1915; *Verdades*, (assumptos sociaes e politicos); *Corações Infantis*; *Argumentos*. Neste folheto, ha valiosas cartas escriptas por D. Carolina Michaelis de Vasconcellos, D. Virginia de Castro e Almeida, Teófilo Braga, Justino de Montalvão e Sousa Costa, dirigidas a esta Senhora.

Como jornalista, tem colaborado na *Capital*, *Primeiro de Janeiro*, *Lucta*, *Comercio do Porto*, *Vanguarda*, *Novidades*, etc.

Alem de um belo livro de versos em que trabalha e cujo titulo deve ser *Sonho de Amor*, tem para publicar as seguintes obras :

Arte e Artistas, (apreciações sobre arte e artistas em Portugal); *A Belesa da Mulher*, (estudo sob o ponto de vista moral); *Contos Verdadeiros*; *Vozes do Coração*, *Lazaros e Magdalenas*, (estudos sobre o efeito da avariose).

Como conferencista, tambem é apreciavel a obra desta Senhora.

FÉ

(INEDITO)

Minha alma num andor de sete estrelas,
Subiu á torre ideal da sua Igreja.
Talvez da terra nenhuma alma a veja
Mas ela vê do alto a todas elas.

De lá, num esplendor de Eucarestia,
Como arco iris candido de abril
Envia a chuva prodiga e subtil
Do amor que fulge em nimbos de poesia.

E ás pobres almas que andam lá na guerra
Como andorinhas loucas sem beiral
Em vez de pedir para a alma da terra

Quizera ouvir dizer em communhão
Que lhe inspirasse a Fé no mesmo Ideal.
Bem dita seja a tua devoção.

Maria Feio.

*

A CANÇÃO DO MAR

(INEDITO)

O verde mar das esperanças
O mar verde da saudade!
Vai e vem e torna a vir
Traz-me a onda da bondade.

Ondinas que sois o espelho
Onde se mira o sol-pôr
Trazei-me de longes terras
A Galera do amor.

Galera d'ouro e de sonho
Sempre a nascer e a morrer
Como a luz da lua cheia
Que nasce para bem querer.

.....

Quem me dera no mar alto
Andar sempre a navegar
Levando á proa os meus sonhos
Sempre, sempre, a timonar.

Iria abordar decerto
Aquella ilha de Amores
Onde a bondade podesse
Ser padroeira de dores.

Remae, remae, sonhos belos
Timoneiro anda depressa
Que bem pode vir a morte
Antes que o dia anoiteça.

E enquanto sonhas no sonho
De Amor e bem querer
O mar se irá engalhando
Em trovas de adormecer.

Maria Feio.

D. EMILIA AUGUSTA DE CASTILHO

D. Emilia Augusta de Castilho era filha de Alexandre Magno de Castilho, bacharel formado em matematica, e de sua mulher senhora francesa que desposou, quando emigrado constitucional.

D. Emilia Augusta de Castilho nasceu em Lisboa, a 22 de Setembro de 1841.

Adorada por seu talentoso pae, teve brilhante educação, e, desde a meninice, tornou-se o encanto e admiração de sua familia e dos intimos.

Escreveu, por brincadeira, alguns versos infantis que, por vezes, foram publicados no *Almanach de Lembranças* fundado por seu pae em 1850.

Era muito formosa, como mostra o belo retrato, a oleo, existente em casa do erudito investigador Sr. Visconde de Castilho, auctor de varias obras de merecimento, entre as quaes mencionarei *Lisboa Antiga*, 8 volumes.

D. Emilia de Castilho foi casada com seu primo co-irmão, Alexandre Magno de Castilho, capitão-tenente, engenheiro hydrografo, socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, auctor de importantes obras scientificas, e filho do Dr. José Feliciano de Castilho Barreto de Noronha, do Conselho de Sua Magestade Fidelissima, etc.

Esta Senhora de cujo talento muito havia a esperar morreu na Figueira da Foz, a 20 de Maio de 1860, contando apenas 19 anos. Deixou uma filha que morreu sendo ainda criança.

VISÃO

Dormia! O socego da noute reinava
Em torno de mim!...

Sómente ao *Altissimo* o mar elevava
Seu hymno sem fim!...

E eu vi uma fada, tão branca, tão bela ..
Ao leito chegar;

Na testa tão pura, cravada, uma estrella
Lhe vi scintillar.

«Levanta-te, disse com voz maviosa
Levanta-te e vem! ...»

Ergui-me, segui-a, sahio graciosa
Sahi eu tambem.

Andámos um pouco ; em frente a uma porta
A fada parou ;
Com um volver d'olhos que inflamma e transporta
Que entrasse ordenou.

Em misero leito, finava, gemia.
Formosa mulher . . .
E não lhe acalmava mortal, agonia
Um ente sequer ! . .

Senti um thesouro surgir em meu peito ,
De dô e de amor ! . .
Senti sympathia, tristeza, respeito
Por tão viva dôr ! . .

A fada arrancou-me de scena tão triste ;
E olhando p'ra mim,
«Não é ainda nada o quadro que viste,
Ha muitos assim !»

E fomos seguindo mil ruas escuras
Da lua ao alvor ;
Mostrou-me em silencio crueis desventuras
E abysmos de dôr !

Mostrou-me choupanas, andrajos, deshonra,
Miseria, afflicção ! . . .
Velhinhos sem cama, mulheres sem honra,
Crianças sem pão ! . .

Exhausta e afflicta, me afasto e pergunto
Com trémula voz :
«Quem sois, de tão raras bellezas conjuncto,
Dizei, quem sois vós ?
«Eu sou a Caridade, me diz dôcemente ;
E quiz-te mostrar
Que inumeras dôres, com mão providente,
Se podem curar.

Agora que as viste, minora a sentença
 Lançada por Deus!
 Do bem que fizeres terás recompensa,
 Na terra e nos ceus.»

.....

Sumio-se, e sosinha me achei, no meu leito!
 Foi sonho?... Oh! que não.
 Tarefa tão santa gostosa te aceito,
 Brillhante visão!

Emilia Augusta de Castilho. *Almanach das Senhoras*, 1859,
 pag. 382 e 383.

D. CACILDA PINTO COELHO DE CASTRO

Desde criança, D. Cacilda de Castro revela gosto e propensão pelo estudo e pelas letras.

Ainda de saias curtas — e na idade em que o ideal é brincar e o aprender uma maçada — já D. Cacilda de Castro lia e estudava, sem descanso.

Apesar da sua grande aplicação ao estudo, e, talvez, por isso mesmo, poucos professores a satisfaziam.

Preferia estudar sem auxilio, fazendo-o com orientação propria.

Tudo quanto sabe deve-o, pois, a si mesma e á sua intelligencia.

Bem nova, contando apenas 15 anos de idade, publicou o seu primeiro livro *Silhuetas*, volume de contos que se acha exgotado e que a critica recebeu com louvores e justiça.

Sempre alheada da politica, D. Cacilda de Castro tem escripto e colaborado em quasi todos os jornaes, revistas e almanachs que se tem publicado em Portugal, desde os

mais obscuros, até os mais conhecidos como o *Portugal*, jornal em que não colaboravam senhoras.

Em Julho de 1911, foi representada no *Theatro da Natureza*, na Estrella, com geral agrado e successo, uma peça em 1 acto, *Merlim e Viviana*, que esta Senhora escreveu em 11 dias, a pedido de Adelina Abranches.

Esta delicada peça teve não só belo desempenho, como luxuoso guarda-roupa.

Um ano depois, D. Cacilda de Castro escreveu uma outra peça teatral, de Grand Guignol, intitulada *Esta Mascara* que cedeu a Alexandre de Azevedo que a fez representar no *Theatro de Sá da Bandeira*, do Porto, onde foi recebida com as mais carinhosas frases, pela critica portuense.

Entre essas apreciações destacarei, a de Simões Coelho, o critico do jornal *A Montanha*.

Nesse mesmo ano, isto é em 1912, a auctora de *Merlim e Viviana*, escreveu expressamente para a festa artistica da actriz Aurora Abranches, uma outra mimosa peça, *Manhã de Neve* que, como as anteriores, obteve grande exito.

A' excepção de *Esta Mascara*, todas as peças citadas, estão publicadas.

A D. Cacilda de Castro cabe a satisfação de ter sido quem primeiro fez ouvir e representar no teatro portuguez, o verso *natural*.

Apesar do bom acolhimento que sempre tem sido dispensado aos trabalhos desta Senhora, D. Cacilda de Castro ainda se não animou a dar á publicidade novos labores litterarios começados.

NAS RUINAS DO CONVENTO DE ALMOSTER

Pesado e firme o alpendre do convento
Oppõe ao tempo, o vulto denegrido.
Dentro do velho claustro somnolento
Tem cada altar um écho dolorido.

Pela nave desdobra-se um lamento ;
E na estante do cravo carcomido
Repousa ainda, o ultimo fragmento
De um cantico nas trevas diluido . .

Rumoreja na cerca o arvoredò,
Esparsas orações quase em segredo .
E por todo o mosteiro a desabar

Passam noviças num passinho breve,
Que de ar constricto e de cabeça leve,
As sombras hoje vem corporisar.

Cacilda de Castro. *Jornal da Mulher*, Lisboa, I ano, n.º 11
de 5 de dezembro de 1910, pag. 93.

*

O GAROTO DOS OLHOS AZUES

E' vel-o sempre no Chiado
de pérna ao léo, de pé descalço,
todo contente e esfarrapado !
No nosso encalço
pedindo esmola,
com o ar feliz de quem a dá . .

Coitadito !
Vivo e saltitante, lembra um passarito
fugido da gaiola !

Cinco annos terá . . .
não mais decerto ;
e assim pequeno e tão esperto,
a gente tem
de parar
a olhal-o bem.

E vê-lhe na cara suja, a protestar
immaculados :
os lindos olhos azues,
muito azues... e sombreados !

De um azul que me recorda
o azul dos olhos teus
quasi innocentes tambem
quando se fixam nos meus.

E contente,
dou-lhe a esmola
que elle espera impaciente...
receando que eu lhe fuja !

— Porque te evoco a ti,
na graça d'aquellè olhar,
e no contraste que ri
n'aquella carita suja ..

Cacilda de Castro. *Novidades* (jornal).

*

SUPOSIÇÃO

Porque as duvidas me affligem
e receio ..
E não creio
no que os teus olhos me dizem :

Se o que dizes não consigo
entender...
e te digo
o que não quero dizer ;
se estremeço
quando te vejo chegar !
E entristeço
por te não encontrar ..

E tambem :
 — e isto é o peor —
 Porque te encontro, melhor
 que ninguem !

Porque eu gosto de te ouvir
 se me fallas ..
 E me fico a sorrir
 se te calas :

Ninguem vês
 que em tão pouco veja amor !
 Mas tu és capaz de o supor...
 e eu talvez...

Cacilda de Castro.

CELIA ROMA

(D. ALICE LAURENCE ORAM)

Celia Roma é o anagrama com que D. Alice Laurence Oram, a talentosa jornalista e poetisa que nasceu em Lisboa, tem firmado as suas poesias e alguns dos seus trabalhos literarios.

Aos des anos de idade, fundou no seu collegio de Campolide, um jornalzinho no qual segundo a propria expressão desta Senhora, publicava versos errados e contos inverosimeis.

A mocidade de D. Alice Oram foi passada num meio culto. Em sua casa, em Cintra, durante os meses de verão e por vezes nos de inverno, reunia-se quasi todas as noites um grupo de escriptores e poetas illustres; e foi ouvindo-os e admirando-os — «a um canto da sala, silenciosa e esquecida» — que D. Alice Oram apredeu a pensar e educou o seu espirito.

Entre muitos outros nomes de pessoas notaveis que se reunião em sua casa, citarei os de Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, D. João da Camara, Silva Pinto, Latino Coelho, Thomaz de Carvalho, Alberto Braga e Bernardo Pin-dela.

Desses saudosos tempos da sua infancia, conserva ainda D. Alice Oram, como preciosa reliquia, um dos seus cadernos de colegial, no qual existem uns chistosos *bouts rimés*, escriptos pelo punho de Eça de Queiroz, Alberto Braga e de Jaime Batalha Reis, nosso Ministro na Russia.

E', principalmente, como jornalista que D. Alice Oram é conhecida.

Tem a seu cargo, actualmente, alem da informação telegrafica e por carta, para quatro jornaes inglezes e a representação em Portugal, do *Associated Press of America*, a reportagem para o *Dailly Mail*, de Londres, que devido á grande actividade e esforço de D. Alice Oram, foi o primeiro jornal estrangeiro que deu a noticia de ter rebentado a Revolução 5 de Outubro.

O que se passou em Portugal, nesses dias sangrentos de Outubro de 1910, noticiou-o em longas columnas, e telegramas, o citado jornal londrino que, reconhecido — pela fórma rigorosa das informações da sua correspondente e pelo modo corajoso como se portou, nesses dias de revolução, D. Alice Oram, que para colher entre a aluvião de boatos contradictorios, fieis e historicos pormenores, não duvidou atravessar, entre fogo, os pontos e ruas sitiados, — enviou-lhe, como premio, de seus bons serviços um cheque de 100 libras, acompanhado de honrosas referencias feitas á sua pessoa.

Alem dos referidos jornaes, foi tambem correspondente do *Echo de Paris* e de *La Vie Financière de Paris*, missão que declinou, visto não lhe chegar o tempo para tantos trabalhos.

Como traductora, tem D. Alice Oram o seu nome ligado ás versões :

Oliver Twist, de Dickens, varias de William Black e Aca-don Hill e *Contos* de Gabriel d'Anunzio; alem das citadas, traduziu mais alguns tomos da colecção de *literatura policial*, de Conen Doyle que tanta voga obteve entre nós, novelas que tambem tiveram por traductores Augusto Gil, Lopes de Mendonça, Manoel de Macedo e Christovam Aires (filho).

No antigo teatro de D. Amelia representou-se, em 1905, a peça *Clairière* de Donnay e Descavel igualmente traduzida por D. Alice Oram.

A varias outras empresas teatraes estão entregues versões de peças de Pinero, Suderman, e de Jules Renard, feitas por *Celia Roma*.

Como poetisa e contista, a obra literaria desta Senhora anda espalhada por varias revistas d'arte e jornaes. Uma de suas poesias publicada na *Cronica* mereceu de Gomes Leal que não conhecia, a esse tempo, sua auctora, as mais calorosas apreciações, achando o auctor das *Claridades do Sul*, que quem tão bem fazia versos, não devia escrever prosa.

NUVENS

Do mar as nuvens leves vão subindo
 Em rendilhado veu,
 Brancas teias de aranha, revestindo
 O claro azul do ceu.

Depois, impelle-as rapidas o vento,
 Correm sem descançar.
 Tão altas quasi como o pensamento
 De quem vive a sonhar.

Alegres sonhos meus, haveis passado
 No ceu da minha vida . . .
 Assim as nuvens do azul, em vôo ousado,
 Vão tambem de fugida.

Errantes peregrinas dos espaços,
A' luz do fim do dia,
Pintam na téla azul, a largos traços,
Quadros de phantasia ;

Castellos negros, rochas escarpadas,
Sobre tranquillos mares,
Com tintas das auroras irisadas
Das regiões polares . . .

E vejo n'essa vaga nebulosa,
Um mundo povoado
Peias divinas sombras côr de rosa
Dos sonhos do passado.

No anseio de alcançal-os, n'um momento
De um mundo ao outro passo,
Pela escada fugaz do pensamento
Subo atravez do espaço.

E minha alma inconstante e fugidia,
Veloz como Atalanta,
Vae azul fóra em busca da alegria
E a par das nuvens canta,

Sem ver que o corpo preso á terra chora,
E geme e desfallece,
Nem que a radiante luz d'aquella aurora
Breve desaparece.

Celia Roma.

D. LAURA DA FONSECA CHAVES

D. Laura da Fonseca Chaves nasceu em Lisboa. E' filha do Dr. João Henrique Dias Chaves, já falecido, e de D. Patrocínia da Fonseca Chaves.

D. Laura Chaves que é auctora de primorosos versos que encantam pela sua naturalidade, graça e sentimento, como se verá pelas poesias que transcrevo, fa-los sem pretensão, por mero passatempo. Só muito instada, acedeu a serem publicados no *Brasil e Portugal, Almanach das Senhoras*, e no *Jornal da Mulher* onde as suas produções poeticas teem sido muito bem acolhidas.

Alem dessas poesias e de muitas outras que estão inéditas, esta Senhora é auctora de diversas peças teatraes, em prosa e verso, que foram representadas por amadores.

Nas suas poesias que abordam assumptos muito diferentes e nos seus restantes trabalhos literarios, predomina a nota satirica, nota que esta Poetisa tem cultivado com exito.

D. Laura Chaves que pertence ao grupo das jovens Poetisas Portuguezas que figuram nesta Antologia, é, pelos seus merecimentos e talento, uma das mais lídimas espezanças da Literatura Portuguesa.

RACIOCINIO DE CRIANÇA

A' Helena

— O' mãesinha, ouve lá, explica-me isto, sim?
Dizem que tudo morre, e custa-me a entender.
Pois o paesinho e tu um dia hão de morrer
E tudo quanto existe ha de acabar assim? —

— Dizem que os mortos vão — e eu acho isto esquisito, —
Mettidos em caixões. Que lindos caixõesinhos
Devem levar p'rá terra as flor's e os passarinhos!
Quando eu morrer tambem irei assim bonito? —

— Que patetinha és, sempre tens cada ideia !
A morte nada poupa, é má, é muito feia !
Lhe respondeu a mãe n'um tom grave e profundo.

O pequeno ficou apreensivo, mudo,
Depois disse a sorrir : — Se morre tudo, tudo . . .
Mas que grande caixão ha de levar o mundo !

Laura Chaves. *Jornal da Mulher*, n.º 103 de 30-11-1915,
5.º ano, pag. 1553.

*

SONETO

Ao sair da taberna, aos bordos pela rua
Vae caminhando incerto o pobre borrachão.
V'uma voz avinhada embirra com a lua
Por pôr sombras na terra e confundir-lhe o chão.

Isto tropeça e cae : p'rali fica deitado
O corpo n'um novelo — um horrôr que faz dó !
Não consintas ó Deus, que um ser por ti creado
Enha por leito a rua, e por coberta o pó !

Não vês que o infeliz não tem pão para dar
Os filhos e á mulher ! Se bébe é p'ra olvidar
Fôme que os tortura e os vae ceifando a eito !

Que prégaste, Deus, na terra a igualdade
È como o rico cumpre essa tua vontade !
Esfaz o mundo, vá ! que está muito mal feito !

Laura Chaves. *Jornal da Mulher*, 6.º ano, n.º 115. Lisboa,
3-11-1916, pag. 1818.

*
x O AMOR E O TEMPO

Voava pelo espaço o Amôr alegremente
Pensando em fazer mal á pobre humanidade.
Quando a tolher-lhe o vôo, apar'ceu de repente
O tempo, que a sorrir o olhava com bondade.

Ao ver-se preso assim, Cupido descontente
Murmurou n'um desdem replecto de maldade
«Afasta-te d'aqui, velho tonto e demente
E deixa-me passar que eu quero a liberdade!»

«Ah, não me tens respeito» exclamou o tempo irado
«Pois eu para evitar que sejas malcreado
Hei de seguir-te sempre onde quer que tu vás!

E desde então o Amôr não anda satisfeito,
Não leva nada ao fim, nada lhe sae com geito,
Porque o tempo destroe tudo quanto elle faz!

Laura Chaves. *Jornal da Mulher*, n.º 110 de 30-6-916,
ano, pag. 1710.

*
A TEMPO

O baile ia acabar. A orquestra executava
N'um murmurio de sonho uma valsa ondulante
Eu, triste no seu hombro a cabeça pousava
Deixando-me levar semi-morta, anelante.

N'isto ele, aproveitando esse meu devaneio,
Chegou-me muito a si dizendo com ardôr:
«Deixa o teu coração palpitar sem receio
«Porque eu ha muito sei que tu me tens amor!»

"de vivermos". Com o sub-título "Fábula antiga" e começa da seguinte forma:
 "No principio do mundo o amor não era cego."

Ao ver que me arrancava o meu segredo assim
Tive um medo cruel de não ter mão em mim,
Mas não qu'rendo mostrar-lhe o meu grande embaraço

Sustentei sem temer o seu olhar ardente
E disse-lhe a sorrir, muito serenamente :
«Não fale mais, senão . perdemos o compasso !

Laura Chaves. *Jornal da Mulher*, 5.º ano, n.º 102, Lisboa.
30-10-1915.

D. BRANCA DE GONTA COLAÇO

D. Branca de Gonta Colaço, a inspirada e conhecidíssima Poetisa Portuguesa, nasceu em Lisboa. Filha do grande poeta Thomaz Ribeiro, D. Branca de Gonta Colaço que é casada com o notavel artista Jorge Colaço, tem sabido continuar nobremente as gloriosas tradições literarias de seu pae.

Esta Poetisa é auctora dos seguintes livros :

Matinas, 1907, (exgotado); *Canções do meio dia*, 1912;
Poetas d'Hontem, 1915.

Como conferencista, a obra de D. Branca de Gonta Colaço é tambem muito apreciada.

Poetas d'Hontem, assim se intitula uma de suas conferencias, que por duas vezes fez nas elegantes salas da Liga Naval Portuguesa, de Lisboa, ante uma selecta assistencia.

Dessa conferencia, diz no *Jornal da Mulher* (n.º 84 de 5 de Junho de 1914), o sr. Antonio Batalha Reis, o distinctissimo ænologo e escriptor que tão considerado é pela sua competencia e saber :

«Tornar saliente a religiosa unção, com que ouvimos a conferente recitar algumas producções dos *Poetas d'Hontem* — entre as quaes sobresahiu, com inconfundivel brilho, a *Borboleta* de Thomaz Ribeiro, é ainda uma verdade

bem verdadeira. Mas tudo isto, que quer aparentar alguma couza, — não é nada, por fim de contas! E não é nada — porque, em tudo que se pudesse dizer, — resultaria sempre a irremediável falta de sublime enlevo que imprimiu naturalmente, nos ouvintes, — a suave, carinhosa e insinuante voz de Branca de Gonta que chega aos nossos ouvidos como um canto celestial, — que nos delicia, — encanta, — prende e nos conduz, brandamente, a um verdadeiro extasis, completamente divino e unico!»

Esta apreciada conferencia foi mais tarde publicada em volume, edição feita a pedido e a expensas do illustre Camonianista e Academico Dr. Carvalho Monteiro.

Dedicado a uma obra de caridade, a edição dos *Poetas d'Hontem* que consta de 525 exemplares numerados, e que não chegou a entrar no mercado, exgotou-se em poucos dias.

Em 1916, realisou esta insigne Poetisa, na mesma Liga Naval de Lisboa, agremiação onde se teem feito ouvir, em belas conferencias, entre outros, Fernando de Sousa, Cunha e Costa, Anselmo Vieira, Alfredo Pimenta, Pereira de Matos, Gomes Mota, Freitas Branco, Hipolito Raposo, Antonio Sardinha, etc., etc. — nova e brilhante conferencia que mais tarde repetiu no Porto e em Coimbra e cujo titulo era: *(1) amor da Patria na obra de Thomaz Ribeiro.*

O ultimo trabalho literario de D. Branca de Gonta Colação foi publicado em 1917. Destinado a socorrer uma familia necessitada, intitula-se: *A' margem das Chronicas.*

NIHIL!

Morrer!

Oh, quem nos dá!

Achar, na morte,
a paz, que sobre a terra em vão buscamos!
Chegar depressa ao pôrto, onde esperamos
esquecer os baldões da nossa sorte!

Morrer !

 Mas, — ao morrer, para onde vamos ?
(Ha lá ninguem que a duvida suporte !)
Na vida, ao menos, qualquer sonho é nôrte. .
— e ha sempre uma illusão que nós amâmos !

Pobre do nosso peito exaustado, enfermo,
que sangra até por ver chegádo o termo
da pena que na terra tem cumprido !

Valêra talvez mais não ter esperanças !
Viver, na inconsciencia das crianças . . .
.....
Valêra talvez mais não ter nascido ! . . .

Branca de Gonta Colaço. *Matinas*, Lisboa, 1907, pag. 59
e 60.

*

PRELUDIO

Passei, olhou . . . — não succedeu mais nada.
Tarde ao serão, no familiar cantinho,
pensei de novo, um pouco interessada,
n'aquelle olhar, seguindo o meu caminho !

Ao outro dia, eu estava debruçada
a ver o azul do már sereno e liso . . .
— passou ! — Olhei . . . não succedeu mais nada . . .
— mas de então, na minh'alma alvorçada,
porque anda o chôro a batalhar com o riso ? !

Branca de Gonta Colaço. *Matinas*, pag. 84.

•

MEU AMOR !

II

Negar-te um beijo a ti, é significativo
 d'uma affoiteza enorme, ou d'um mortal receio ? !
 E' fingir que desprezo aquillo porque aneio ! . . .
 E' quasi recusar-me aquillo porque vivo !

Não é coragem, não ! — Afflige-me este enleio
 que sinto ao pé de ti, não sei porque motivo
 Quero dizer-te *sim* — o dôce lenitivo,
 e sempre vem o *não* metter-se de permeio !

Longe, faço a mim mesma uma promessa ardente
 de unir a minha bôcca á tua, brandamente,
 n'um beijo que afinal não é crime nenhum !

Mas vejo-te, e não sei que tenho, mal te vejo !
 Nem sei se é valentia o recusar-te um beijo
 se um grande mêdo, amor de não te dar só um . . .

Branca de Gonta Colaço. *Matinas*, pag. 51 e 52.

•

HISTORIA SILENCIOSA

Do tempo pelo rio crystalino,
 na barquinha veloz do seu destino
 elle ia a deslisar.

Viu-a na margem ao passar, e ao vê-la
 ambicionou a companhia d'ella . .
 que não se fez rogar !

E proseguiram juntos a descida
 da placida corrente d'uma vida
 de mutuo bem querer ;

sorrindo alegres aos clarões da aurora
entristecendo levemente, á hora
triste, do entardecer ..

Mal falaram. As almas que se adoram,
é d'olhar para olhar que se namoram
n'um extasis sem fim !

Um desejo reflecte outro desejo,
depois os labios unem-se n'um beijo ..
e vão sonhando assim !..

Quando o fim da viagem alcançaram,
á mesma sombra a repousar ficaram
na mesma primavera ..

È entraram a sorrir no Esquecimento ;
que é o Grande Sahará do firmamento
onde o silencio espera .

.....

Branca de Gonta Colaço. *Canções do Meio dia*, Lisboa,
1912, pag. 65 a 68.

*

PEDINDO ESMOLA

Uma, Esmolinha, sim ?

Eu sei que vos consola
dar pão e lume a um lar onde a miseria entrou !
Por isso vim confiada a vós, pedir esmola,
E alinharei sorrindo a ephemera sacola
d'uns versos que chorando o coração dictou.

Branca de Gonta Colaço. *A' Margem das Chronicas*,
Lisboa, 1917, pag. 3.

D. LIA DE MAGALHÃES COLLAÇO

D. Lia de Magalhães Collaço nasceu em Lisbôa. E' filha de Jeronimo de Magalhães Collaço, filho dos Condes de Córdexa.

Esta Senhora que é mãe da poetisa D. Anna Achaioli, casou muito nova, tendo feito, em solteira, versos cheios de simplicidade e sentimento.

Depois de casada, porem, fizeram-lhe os extremos maternas cortar as azas da sua grande imaginação, trocando as suas inspirações poeticas pelos deveres de mãe carinhosa.

Seu pai, bacharel em direito pela Universidade de Coimbra residiu a maior parte da sua vida em Pariz onde conquistou uma posição d'elite no mundo aristocratico.

Dotado de um espirito vivo, subtil e acentuadamente sarcastico, foi um dos mais aprimorados *raffinés* da elegancia parisiense, e pode dizer-se sem perigo d'errar que foi tão adorado pelas mulheres como temido pelos homens.

Teve sete duelos em que ficou vencedor e a sua atitude cavalheiresca fez com que figurasse com elogio no livro *Les hommes d'épée*.

A Jeronimo Collaço tambem se referiu Ramalho Ortigão, nas *Farpas*.

Sua filha D. Lia herdou dele por completo a figura e a agudeza de espirito, substituindo apenas a caustica ironica paterna por um *charme* especial que faz desta Senhora uma dama de trato muito interessante.

OS TEUS OLHOS

(INEDITO)

N'esses teus olhos, Maria,
Oceanos de luz pura,
Eu vejo tanta candura
Tanta luz, que a luz do dia,

Não tem aquella magia,
Não tem aquella doçura.
Não tem o amor, a brandura,
D'esses teus olhos Maria.

Lia Magalhães Collaço.

*

SEM TITULO

(INEDITO)

No album de Antonio Teixeira Carneiro

Não julgues que m'importa que o avarento
Tenha a seu lado mil outeiros d'ouro,
Não penses que eu espero outro thesoiro,
Sem ser o mergulhado em crú tormento.

Não julgues que a beleza me fascina,
Não creias que m'importa a fidalguia !
Admiro Joanna d'Arc, essa heroína,
De patriotismo e nobre galhardia.

Não aprecio o Rei pelo seu véto,
Enternece-me a luz do meu affecto :
Inebria-me um grande sentimento,

Alegra-me do campo a solidão,
E assim seguindo sempre o coração,
Maravilham-me as chammas do talento !

Lia Magalhães Collaço.

D. MARIA DA CONCEIÇÃO PEREIRA DA CUNHA

D. Maria da Conceição Pereira da Cunha nasceu em Lisboa em 15 de Março de 1893, e faleceu contando apenas 17 anos, em 5 de Maio de 1910, deixando imersos na maior dôr — seus paes D. Maria José de Pina Manique Pereira da Cunha, trineta do celebre Intendente Pina Manique, e o sr. Pedro José da Cunha, official de Engenharia e Reitor da Universidade de Lisboa.

D. Maria da Conceição Pereira da Cunha que era neta do antigo director do *Portugal Velho* e da *Nação*, o jornalista Augusto Porfirio de Carvalho Pereira, começou por instincto, visto nunca ter tido professor de poetica, a fazer versos desde os 10 anos, como mostra o volume de suas poesias publicado postumamente pelas suas amigas D. Laura Chaves e D. Maria Candida Parreira, Poetisas a que igualmente se refere este livro.

Alem desses versos, D. Maria da Conceição Pereira da Cunha fez muitos outros, que rasgava depois de os haver recitado em familia. Outro tanto succedeu com relação a algumas das varias comedias que escreveu e que foram representadas em teatros particulares.

Dotada de grande habilidade para o teatro, qualidade esta que revelou, desde bem nova, no *Colegio de São Luiz*, onde foi educada e se familiarizou com a lingua franceza, o que lhe permitia versejar n'essa lingua com grande facilidade, como se constata de algumas de suas produções poeticas, — foi D. Maria da Conceição Pereira da Cunha uma ingenua de qualidades rarissimas como demonstrou, na peça de Julio Dantas — *Rosas de todo o ano*, e noutras pequenas comedias que representou no mencionado Colegio, e fóra dele.

A MORTE DA MICAS

A morte entrara ali ! No quarto a luz do dia
Brilhava frouxamente ! Ella, que agonisava
N'um gesto convulsivo a roupa arrepanhava
Como a querer reter a vida que fugia . .

Depois p'ra nós volveu o amortecido olhar !
A custo descerrou a bocca desmaiada
E disse n'uma voz já um pouco velada :
«Que mal fiz eu a Deus para assim me abandonar ?»

Mas a Virgem que é mãe, ouvindo este lamento
Confragida de dôr, á terra então desceu
A trazer-lhe na morte o alivio ao seu tormento !

Mais tarde houve quem visse illuminar-se o espaço . .
Era Nossa Senhora a subir para o céu
Levando a alma d'ella occulta no regaço . .

Laura Chaves.

*

QUADRAS

Mal sabes tu a razão
Porque é que a estrella cadente
Apenas surge no ceu
Se some tão de repente

E' que eu pergunto-lhe sempre
Se ando no teu coração ?!
E ella então foge depressa
Com dô de dizer que não ! . .

Ave-Marias dão dores
Padre-Nossos alegrias
Que extranho rosario o meu
Só feito d'Aves-Marias. .

Maria da Conceição Pereira da Cunha.

*

DES VERS FAITS A MON CŒUR!

Mon cœur était petit comme les jeunes roses
 Un peu timide et tendre ainsi que les violettes
 Il repliait en lui des tendresses secrètes
 Sans les dire, mon cœur, savait de douces choses.

Alors, il a senti le chaste et doux besoin
 De verser sa tendresse au fond d'un autre cœur
 Et frileux et tremblant d'espérance et de peur
 Mon cœur alla frapper à la porte du tien.

Il le sentit très bon, ardent et généreux
 Mais une voix brutale a retenti soudain : =
 «Je ne veux pas de vous, partez, mon cœur est plein!»
 Et mon cœur répartit, déçu et malheureux.

Mais aujourd'hui mon cœur frappera de nouveau
 Et si tu me redis, «mon cœur est plein, partez»,
 Au lieu de revenir endolori, blessé,
 Mon cœur prendra le tien dans un suprême assaut!»

Il entrera surnois comme font les voleurs
 Et saura lui chanter de si pressantes choses
 Versera tant d'amour, d'espérance et de roses

.....
 Qu' un jour il sera seul à vivre dans ton cœur !

Maria da Conceição Pereira da Cunha. Janeiro de 1910.

D. MARIA DA CUNHA

D. Maria da Cunha era portuguesa, não obstante ser filha de uma senhora brasileira e de Francisco Zorro, de nacionalidade hespanhola.

Desde muito nova, esta Senhora que nunca ligou importancia ás suas poesias, versejava.

Tendo sido um dia entregues, por um seu tio, ao Dr. Candido de Figueiredo, (Viðe *Diario de Noticias* de 25 de Janeiro de 1917), as suas composições poeticas, as quaes o notavel mestre da lingua portuguesa mostrou e deu a apreciar ao Conde de Monsaraz e ao Dr. Julio Dantas, resultou desse facto a publicação do primeiro livro de versos de D. Maria da Cunha.

Trindades se chama essa encantadora e valiosa obra que conta 2 edições. Alem de soberbas poesias, regista os mais calorosos elogios feitos pelo auctor da *Musa Alemtejana* e da *Ceia dos Cardeaes*, como se verá da transcripção que passo a fazer. No citado *Diario de Noticias*, diz o dr. Candido de Figueiredo.

.....
 «Quando porem tive lazeres para a leitura daqueles versos, a minha surpresa foi enorme: estava ali indiscutivelmente um altissimo talento feminino, realçado por vasta cultura literaria e possuidor da mais perfeita tecnica do verso; e, com receio de que a auctora tomasse o meu conceito na conta das amabilidades vulgares, que aos homens devem as mulheres formosas e de talento como ela, dei conta da minha surpresa a duas auctoridades literarias, que não conheciam a poetisa, e que absolutamente confirmaram o elevado conceito que os versos me sugeriam: Julio Dantas e o Conde de Monsaraz.»

«Os dois laureados poetas deram-me por escripto o seu parecer, com que se prefaciou o livro *Trindades*»

«Monsaraz achou brilhantissima a estreia, pela mais com-

pleta correcção metrica, ampla fantasia, rica de côr e sonoridade, traço firme e tintas preciosas. »

«Julio Dantas escreveu que as *Trindades* revelaram um talento poetico de primeira ordem, pois tudo ha nelas: espontaneidade, sentimento musical, plastica do verso, tecnica perfeita, conhecimento de lingua, movimento, cor. . »

«Ha até sonetos, — diz Julio Dantas, — que podem até considerar-se obras primas.»

.....

Quanto havia ainda a esperar do talento de D. Maria da Cunha, se a morte a não houvesse arrebatado, em plena mocidade, do numero dos vivos! Longe da sua patria, da qual desalentos, desgostos, e talvez, até, injustiças, a afastaram, D. Maria da Cunha, faleceu repentinamente em S. Paulo (onde lhe tinha sido garantida, por varias pessoas importantes, uma colocação vantajosissima no magisterio), a 10 de Janeiro de 1917.

Com a sua morte fica inedito e incompleto, segundo penso, *O Livro da Noite*, cujo prefacio em belos alexandrinos fez successo no Brazil, onde seus versos são igualmente muito apreciados.

Na *Epoca*, do Rio de Janeiro, um dos principaes jornaes brasileiros, do qual é correspondente e enviado especial em Lisboa a distincta escriptora e jornalista D. Virginia Quaresma que tambem faz parte da redacção de *A Capital*, de Lisboa, publicou D. Maria da Cunha algumas de suas apreciadissimas poesias, que não figuram nas *Trindades*, taes como:

A Fiandeira (muito elogiada pelos criticos), e *Salomé*, 3 sonetos feitos e inspirados pela musica de Strauss.

Não é só como poetisa que é notavel a obra de D. Maria da Cunha.

Como jornalista, escreveu, a pedido de varios redactores de jornaes brasileiros, algumas cronicas.

Foi, ainda, uma conferencista brilhante, como atestam as suas conferencias feitas no Rio de Janeiro:

Como cantam os velhos povos da Europa sentados á sombra das Lendas e A Italia Artistica, que Alberto de Oliveira classificou das mais lindas e das mais bem feitas de quantas, portugueses teem feito no Brazil.

PROÉMIO

Ao meu livro singelo e desprendido,
Cheio de aspirações e de saudades,
Livro de quem viveu sem ter vivido,
Diz-lhe bem este nome de «Trindades».

Brando cahir da noite, hora de mágoas!
Penumbras que se estendem lentamente,
Vozes tristes das plantas e das aguas,
Sonhos dispersos pelo ar dormente,

Aves cansadas procurando o dono,
Ovelhas loiras quasi ao abandono,
Visões de paz, de amor que não existe,

Lucilações da estrella vespertina,
Rumorejar de ninhos em surdina...
Eis o meu livro, simples, vago e triste.

Maria da Cunha. *Trindades*, Lisboa, 1909, pag. 9 e 10.

*

CROMO

Passa na rua, donairoza e esperta,
Varinazinha, posta a mão na anca;
Como ha calor, a camisinha aberta
Deixa entrever a pele fina e branca.

Cabelos loiros, presos sob o lenço,
Saia rodada pelo calcanhar,
Dou-lhe dez anos, quando muito, e penso
Que uma avezinha lhe ensinou o andar.

Oh ! que gentil, esbelta figurinha !
 Uns olhos grandes, côr de agua marinha,
 Sorriso alegre como o sol de v'rão !

Deixá-la ir ! Se lhe dizeis que é linda,
 Desfaz-se o encanto : perde êsse ar que a alinda,
 Pragueja e insulta como um carregão.

Maria da Cunha. *Trindades*, pag. 43 e 44

*

O INFANTE DE SAGRES

(QUADRO DE MALHÔA)

No concavo da rocha o Infante cisma, e crava
 Ao longe, no horisonte, o olhar perscrutador ;
 O largo oceano em volta amansa a furia brava,
 Como um leão domado aos pés do domador.

Embebe-se num sonho altivo e refulgente :
 Surge do Mar da Noite o Atlantico da luz, . . .
 As quinas tremulando ao vivo sol do Oriente . . .
 Em terra de infieis a redentora cruz .

Hão de partir em breve ousadas caravelas ;
 Ha de guiar seu leme, e enfunar-lhes as velas,
 Da sua funda crença o sôpro genial ! . . .

E' nisto que êle cisma, e nem sequer duvida
 Que a frota há-de voltar . . A gente é destemida,
 Grandes almas de heróis, filhos de Portugal !

Maria da Cunha. *Trindades*, pag. 41 e 42.

*

MEIO DIA

O sol subiu. Agora é quasi a prumo :
Hora da sesta abençoada e santa !
Sai dos casais, prometedor, o fumo,
Os gados dormem, a cigarra canta.

A' luz do sol, a rosa brava deita
Um cheiro forte que entontece a gente ;
Nos milharais, a cotovia espreita,
A arvêloa salta na agua transparente.

E no silencio que se fez, profundo,
Ouvem-se as folhas cahir no chão,
E o palpitar do insecto moribundo.

Dormita á sombra o lavrador aldeão,
Em quanto o sol, progenitor do mundo,
Aloira os trigos e amadura o pão.

Maria da Cunha. *Trindades*, pag. 103 e 104.

*

VIRTUDES TEOLOGAIS

Eu creio em ti, Senhor, quando, ás tardes contemplo
O campanario tósco e simples de uma aldeia,
E as casinhas em volta ao pequenino templo,
A' sombra da tua cruz, ó Mártir da Judeia.

Espero, espero em ti, quando a estrelinha de alva
Vem espiando no céu o despertar dos ninhos ;
Astro nuncio do dia, a quantos ela salva !
Olhar da madrugada, irmã da flôr dos linhos !...

Mas, quando escuto rir um bando de crianças,
Quando beijo na face um d'esses pequeninos,
Fazem bem á minha alma os risos cristalinos ;

Da infancia descuidosa avivam-se as lembranças,
E eu amo-te, Senhor, que dás á orfandade
Esse dom de viver do passado — a Saudade.

Maria da Cunha. *Trindades*, pag. 79 e 80.

*

CLÁUDIA

N'aquelle tempo, junto ao portico sagrado
Do rei magnificente e sábio, Salomão,
Jesus anunciava ao povo deslumbrado
As glorias da humildade e o luar do Perdão.

Falava devagar . . dizeres tão suaves
Como o rumorejar da verde Galileia :
Amava a candidez dos lírios e das aves,
Ensinava a sua alma á velha raça hebreia.

O' doce «Bôa-Nova» ! Em quanto Ele prégava
E o sol batia em cheio os cedros do Hebron,
No alto da torre Antonia, imóvel, cogitava

Cláudia, mulher de Pôncio, a romana devassa !
Turbara-a estranhamente o rabi casto e bom,
Que a chamava, talvez á luz da sua graça !

Maria da Cunha. *Trindades*, pag. 34 e 35.

SOROR DOLORES

(D. MARIA FELICIDADE DO COUTO BROWN)

D. Maria Felicidade do Couto Brown que usou os pseudónimos de *Soror Dolores* e *A coruja trovadora* nasceu no Porto, em 10 de Janeiro de 1890.

Foi casada com o negociante Manoel de Clamouse Brown. Os seus primeiros versos foram publicados em edição particular, (sem local de impressão e data), apenas destinada a brindes.

Foram firmados com o pseudónimo de *A coruja trovadora*. (Vide Capitulo VI, pag. 163 do livro do senhor Alberto Pimentel — *Os Amores de Camillo*).

Na época em que *Soror Dolores* versejava, ainda era feio e notado senhoras dedicarem-se á literatura.

A unica diversão elegante do Porto antigo era nesse tempo, em que as damas iam á missa embiocadas na mantilha de lapim, o *Jardim de S. Lazaro*. A elle se refere numa poesia *Soror Dolores*.

Penso, ser tai preconceito, que levava esta Poetisa a escrever nas obras que oferecia :

Para não passar a outra mão.

Segundo diz D. Antonio da Costa, em 1850, esta Senhora publicou um livro intitulado *Soror Dolores*.

Em 1854, editava um outro, *Virações da Madrugada* (3.^a edição refundida de suas poesias), que tambem não chegou a entrar no mercado.

A' SENHORA MARIETTA GRETI

O rouxinol entre as flores,
Gorgeando seus amores,
Não tem voz mais argentina
Nem respira mais ternura,
Nem melodia mais pura,
Do que tu, Gresti divina.

Uma aura perfumada,
Lá do Oriente soprada,
Onde linda fada mora,
Cultivando seus rosais,
Não murmura meiga os ais
Como a tua voz sonora.

Quando a harpa de Sião,
De sublime inspiração,
Solemnes cantos vibrava,
Mais que tu não commovia,
Nem a compaixão movia,
Nem o remorso acordava.

O adeus que á patria diz
O proscripto, que infeliz
Para sempre a vai deixar,
E' um grito penetrante,
Tem um echo, é semelhante
Ao pungir do teu cantar!

Deve assim no espaço ethéreo
Ser um anjo de mysterio
Modelando hymnos d'amor;
Deve assim vibrar sonoro
N'esse eterno, angusto côro,
Quando louva o Creador.

E's o genio da harmonia,
Que pudeste, por magia,
Essa voz ao ceu roubar;
A mulher não pode tanto;
Não tem o condão d'encanto
De todos arrebatat!

Soror Dolores. *Almanach de Lembranças Luso Brasileiro*
para 1856, pag. 242.

D. EMILIA EDUARDA

D. Emilia Eduarda nasceu em Lisboa em 1 de Janeiro de 1845.

Representou, pela primeira vez, no *Theatro Therpsicore*, na rua da Conceição, á Praça das Flores, onde no dizer de Sousa Bastos, agradou extraordinariamente nas tres comedias de papeis muito diferentes que teve a seu cargo, nessa noite.

Depois de enviuar, entrou para o Theatro do Gymnasio. Ahi fez a sua estreia, representando a comedia em um acto

A esposa deve acompanhar seu marido, traducção de Julio Cesar Machado, peça em que tambem alcançou verdadeiro successo. (Vide *Carteira do Artista*, por Sousa Bastos).

Como actriz, fez Emilia Eduarda, que era intelligentissima, parte das companhias organisadas pelas empresas José Ricardo, Taveira, Rente, e Garraio.

Em 1895, pertencendo á Companhia Taveira, foi ao Rio de Janeiro, onde alcançou successo.

Em Lisboa, trabalhou nos teatros do Gymnasio, Variedades e Principe Real.

Em 1898, fazia parte do elenco da companhia do Theatro Carlos Alberto do Porto, cidade onde viveu muito tempo.

A primeira poesia que o actor Antonio Pedro recitou foi feita por D. Emilia Eduarda.

No *Almanach dos Palcos e Salas*, de que é proprietario o sr. Arnaldo Bordallo que teve a amabilidade de me prestar alguns esclarecimentos sobre assumptos theatraes, escreveu D. Emilia Eduarda alguns contos e poesias.

Em 1895, publicou esta Senhora, no Porto, um livro intitulado *Contos Simples*, que D. João da Camara prefaciou.

N'UM ALBUM

Um formoso bouquet de flôres mimosas

— Lirios do val e petalas de rosas —

Eu venho aqui depôr.

Fui roubal-as, ó doce primavera,
 Ao teu casto seio, onde Flora gera
 O seu primeiro amor!

In|bria o perfume que rescende
 — A flôr do campo, que de côr esplende,
 Delicada e gentil;
 Os jasmims brancos a pura neve
 Graciosos pendem a haste branda e leve
 A saudarem abril.

E sobre a flôr de fina transparencia
 — Flôr etherea, sacrario d'innocencia
 Que até o sol descora, —
 Vinda do céu, trememente e crystalina,
 Vi cair uma perola divina
 Do aureo manto de aurora.

Emilia Eduarda. *Almanach dos Palcos e Salas*, para 1895,
 (7.º anno), pag. 31.

D. JULIA EUGENIA SILVA DE PEREIRA LUCIO ESCORCIO

D. Julia Eugenia Silva de Pereira Lucio Escorcio nasceu em Lisboa.

E' filha de D. Maria del Rosario Matilae Lazara Francisca da Silva Montãno Castãnedã y Domingues de Pereira e de Zacharias José Pereira.

Esta illustre Poetisa que é casada com o importante industrial sr. João Nicolau Lucio Escorcio, publicou, em 1913, o seu primeiro livro — *Suspiros*, obra em prosa e verso, escripta em 4 linguas (portugues, hespanhol, francez e inglez). Foi prefaciado pelo escriptor Adriano Anthero.

Em 1917, publicou esta Senhora, um novo livro — 0

Protector de Inglaterra, — drama em 3 actos, de Don José Maria de Ortiga Marejon, que adaptou para portuguez, em verso alexandrino.

Alem desta peça que foi entregue, no *Theatro Nacional*, para ser representada, D. Julia Eugenia Silva de Pereira Lucio Escorcio traduziu o drama em 3 actos — *Campo de Arminho*, de D. Jacinto Benavente, original, que deve ser representado no Theatro Republica.

Esta Escriitora tem colaborado na *Illustração Portuguesa*, *Heraldo da Madeira*, *Jornal da Madeira* e no *Jornal da Mulher*.

O NOSSO AMOR

Não sei como este amor teve comêço,
 Nem qual de nós, primeiro o inspirou.
 Tu ou eu? eis o segredo... e desconheço,
 Qual de nós dois, primeiro o outro amou.

Por mais longe que eu olhe no passado
 Vejo-te sempre preso á minha vida.
 Tu foste desde sempre o meu cuidado,
 E desde sempre foste a minha lida.

Olhaste-me e eu olhei-te e foi bastante.
 Não precisa de mais o coração,
 Para saber que fica n'um instante,
 A' mercê d'essa eterna condição.

Lembro-me só que n'um brilhante outomno,
 Sereno e calmo como os há por cá,
 Eu comecei a ter noites sem somno,
 E dias sem cantar... amava já !

.....

A UM CRUCIFIXO

Foi olhando-te um dia, absorta e triste,
O' doce imagem, minha companheira,
Que eu me volvi á crença verdadeira,
Aquella em que na infancia tu me viste.

Chorava ao contemplar-te... tu sorriste,
Ao veres-me tornar á fé primeira ;
E ao teu sorriso, a alma toda inteira,
Ficará presa, emquanto ella existe.

No teu olhar de amor e de perdão,
Jesus! eu vi a minha redempção,
Qual uma estrella, a rebrilhar nos ceus!

Mentiu, Petrarcha! o teu saber profundo.
Não só a Dor — existe n'este mundo,
Existe a Fé! a doce Esperança . . e Deus!

Julia Eugenia Silva de Pereira. *Suspiros*, pag. 58.

PECCADORA

Oh ! n'insultez jamais, une femme qui tombe ;
Qui sait sous quel fardeau, la pauvre âme succombe !

Quando te vi, mulher, perdida, rastejando,
De andrajos vis, teu corpo esqualido coberto ;
Os cabellos ao vento e sujos, descompostos,
Cavada a face, o olhar amortecido e incerto.

Quando te vi, chegada ao extremo da miseria,
Sem pão, sem honra, enferma e rota e sem abrigo,
Lembrei-me que Jesus, remiu a Magdalena . .
Bastava-te a desgraça e a dôr, por teu castigo!

Julia Eugenia Silva de Pereira. *Suspiros*, pag. 92.

D. IZABEL FERREIRA

D. Izabel Ferreira nasceu em Lisboa. E' filha de D. Emilia Maria Pereira (Dama Brasileira), e de Antonio Bernardino Ferreira.

Desde criança, revela esta Senhora grande inclinação pelo estudo das letras e musica.

Os seus versos andam dispersos por varios jornaes e almanachs.

No *Mundo Elegante*, publicou esta Poetisa alguns contos em prosa.

MÃE

Ter mãe, é ter carinho, é ter amor
 madrugada d'abril, sorriso e flôr ;
 adormecer nas petalas d'um sonho,
 para acordar n'um existir risonho.

Ter mãe, é ter arrimo e protecção
 Um estro que nos guia — adoração ; —
 é receber n'um beijo seu a esp'rança,
 aureola divinal, luz de bonança !

.....

Não ter mãe, é viver na escuridão !
 A noite de invernias, a solidão !
 é o ruído calvario de uma cruz,
 sem um sorriso, um raio de luz !

Não ter mãe, assistir-lhe á agonia,
 é uma crudelissima elegia . . .
 é morrer de tortura e de afflicção,
 sentindo esphacelar-se o coração !

*

O POBREZITO

Jesus ao encontrar meigo, sorrindo,
um pequenito nu, esfarrapado,
interrogou n'um doce tom magoado :
não sentes filho, o frio qu'está caíndo ? !

A creancinha erguendo a fronte loira.
olhar cheio de azul, e crença e luz,
madrugada serena, encantadora,
respondeu a sorrir ao bom Jesus :

— Não canta o passarito, o bosque, a flôr ?
a planta, a luz, o dia que se esvae !
tambem eu canto e rio, ó bom senhor,
sou feliz, tenho mãe e tenho pae !

Izabel Ferreira. *Almanach das Senhoras*, 1901, pag. 255.

D. LUIZA FERREIRA

D. Luiza Ferreira é filha de D. Emilia Maria Pereira e de Antonio Bernardino Ferreira.

Irmã da Poetisa D. Izabel Ferreira, as suas produções que tambem são mimosas, teem sido publicadas em varios jornaes e, em especial, no *Almanach das Senhoras*, onde assiduamente tem colaborado.

19 D'AGOSTO

A primavera é como a mocidade,
Manhã cheia de sol, toda florida ;
Depois o outono vem .. tarde da vida !
E da manhã gentil, resta a saudade !

Luiza Ferreira. *Almanach das Senhoras*, para 1909, pag. 230.

*
3 DE MARÇO

O deslizar d'esta vida
não é, não, feito de rosas,
onde vão poisar subtis
as borboletas formosas.

E' um caminho d'agruras,
todo gemidos e dores,
Onde desmaiam esp'ranças,
onde vão morrer as flores.

Ha mais espinhos que aromas,
mais tristezas que alegrias
saudaes que choram n'alma,
as mais crueis agonias !

Luiza Ferreira. *Almanach de Lembranças*, de 1904, pag. 199.

*
A CRENÇA E A VELHINHA

No meu cantar de creança
Não ha sombras de amargura !
Eu chego, e trago a esperança
Da mais risonha ventura.

— E eu que parto dentro em breve,
Levo comigo a saudade
Dos sonhos da mocidade,
Que o tempo desfez em neve !

Luiza Ferreira. *Almanach das Senhoras*, 1907, pag. 210.

D. MARIA IZABEL GAMITO

D. Maria Izabel Gamito nasceu na Ilha da Madeira. É filha de D. Julia Gamito (já falecida), e de Salvador Gamito.

Aos onze anos de idade, numa inspiração simples de criança, compunha esta Senhora os seu primeiros versos.

As suas poesias, que não se encontram ainda reunidas em volume, tem sido publicadas no *Diario de Noticias*, da Madeira; *Noticias d'Evora*; *Diario dos Açores*; *O Conimbricense*; *Primeiro de Janeiro*, do Porto; *Diario Illustrado*; *Correio da Noite*; *Echos d'Avenida*; *Mala da Europa*; *A Chronica*, de Lisboa; e *La Temporada*, de Madrid. D. Isabel Gamito que é uma delicada poetisa, colaborou tambem em varios almanachs, entre os quaes citarei o *Almanach das Senhoras*.

PALAVRA SANTA

Esp'rança é canto dos astros
Que ouvimos p'la vida fóra,
E' palavra que sorri
A' nossa alma que chora,

O veu branco onde se prendem
Todos os sonhos da gente
Esp'rança é o divino aneio
D'aquelle que vive e sente.

Palpitam risos vermelhos,
Fogem tristezas ao vento . .
Esp'rança é atomo d'oiro
Cahindo no Sofrimento !

Maria Izabel Gamito. Lisboa, 1915.

*

INVERNO

Cáe néve. Canta o vento nos caminhos
A gelada canção da Invernía ;
A folhagem despede-se das arvores
N'um convulsivo chôro de agonia.

Cáe néve e chuva. Estorcem-se os açudes
No espumante arquejar das suas aguas ;
Flores e aves abraçam-se morrendo
No sombrio estortôr das grandes Maguas !

.....

Cáe néve. Canta o lume na lareira
A doirada canção das suas brazas.
Ha rocas d'onde o linho se desprende
N'um alegre agitar de brancas azas...

E a avó, que tem as néves da velhice,
Conta ás netas — sua vida e seu calôr —
Aquella historia já contada e linda
D'uma Princeza que morreu d'amôr .

Maria Izabel Gamito. Lisboa, 1912.

*

VELHOS

Ser novo, sim é ser a Luz e a Vida,
E' ter rosas na alma deslumbraða,
E' ser feliz ! Que a dôr é para os novos,
Lagrima que não chega a ser choraða.

Risos de sol, bemdito meio dia
Que Deus nos pôz nas almas a sorrir ;
Ser novo é ser a synthese da Vida,
Razão do Amor e razão do Existir !

.....

Ser velho é ter saudades de si mesmo
 De rastos nas escarpas da Anciedade.
 — Os velhos são mendigos do Passado
 A mendigar o pão da Mocidade! —

Maria Izabel Gamito. Lisboa, 1914.

GIESTA

(D. BRANCA DA SILVEIRA E SILVA)

D. Branca da Silveira e Silva que usa o pseudonimo de *Giesta*, nasceu em Lisboa.

E' filha de D. Maria Henriqueta da Silveira e do general Antonio Maria da Silva.

Em 1911 e 1912, foram publicadas no *Diario Illustrado* e nas *Novidades*, as suas primeiras poesias ainda com um certo cunho de infantilidade.

Em 1913, iniciou-se no Jornal *O Dia*, um interessantissimo torneio poetico travado entre *Giesta* e *Abé* (pseudonimo então usado por um dos nossos mais mimosos poetas — D. Alberto Bramão), debate que pela suspensão do jornal referido, foi continuado no *Diario de Noticias*.

Entre os dois campeões, que tiveram a rara fortuna de constatar que nenhum fôra vencido, trocaram-se 25 sonetos acompanhados de alguma prosa.

Este original torneio foi encerrado com uma ode de *Abé* publicada no n.º 11, de Outubro de 1914, da revista *Vida Mundana*, de que foi redactor e proprietario Luiz Trigueiros.

Em 4 de Março de 1915, foi levado á scena no Theatro do *Gymnasio*, a peça em um acto, em verso, *Amor de Marinheiro*, original desta illustre Poetisa e que obteve da imprensa justificados aplausos.

A um dos nossos primeiros theatros foi entregue uma nova peça desta Senhora, em 3 actos, e em alexandrinos, — *Sangue Azul*, — genero regional.

Em preparação tem D. Branca da Silveira e Silva, entre outros trabalhos, uma peça historica, *Frei Gil de Santarem*, igualmente escripta em alexandrinos. Esta distincta Escriptora e Poetisa tem colaborado no *Diario de Noticias*, *Archivos da Avenida*, *Dia e Nação* onde publicou um artigo intitulado: *A' memoria da Rainha Senhora D. Maria Pia*.

SAUDADE

(INEDITO)

Saudade!... Quanta vez o teu nome sagrado,
sem nome, que traduz a mais lenta tortura —
em ser comprehendido é por nós murmurado,
como inconscientemente a criança o murmura!...

Quantas vezes Saudade, és tu banalisada
pelas almas que nunca ao teu pungir se abriram,
que em qualquer recordar te imaginam gravada,
que julgam conhecer-te e nunca te sentiram!...

Quão doce viver em nós a suave lembrança
de quem nos deixou mas voltaria um dia;
quão doce saudade côr de rosa, ou verde como a esperança,
quão doce recordação que embala e acaricia.

Mas tu, a eterna dôr por um eterno ausente,
saudade fatal, a saudade que mata,
martirio que trucidã a alma lentamente
em noites de vigilia em prantos se desata,

— és triste como a cruz que vela um condemnado
e luz que em negro templo alumia um sacrario;
— és roxa como a flor que recorda o teu fado
e veste que Jesus levou para o Calvario.

A verdadeira és tu, Saudade rôxa e triste :
 não merece o teu nome a saudade que espera
 Saudade... , é a dor fatal que no peito onde existe,
 veste de luto a vida, a esmaga e dilacera.
 Saudade, é isto, — só — : Mar imenso e profundo
 aonde a alma se afunda e morre para o Mundo.

Giesta. 1916.

DIA DE ANNOS

Annos são rosas que murcham,
 astros cadentes que correm ;
 annos são prantos que nascem,
annos são risos que morrem.

São o despertar das horas
 que passamos a sonhar ;
 são illusões que nos fogem
com saudades a voar.

São folhas secas, esparsas,
 porque os vendavaes as partem ;
 são corvos negros que chegam,
 são andorinhas que partem.

Annos são ondas revoltas
 que, depois de encapelar,
 se desfazem num rochedo
 para nunca mais voltar.

Giesta. *Almanach das Senhoras*, de 1915, pag. 15.

*

ESTRELA DO NORTE

(INEDITO)

(*N'um album*)

Ha tantas, tantas estrellas,
pelo céu, a scintillar . .
E no mundo, ha tantos olhos
onde poisa o nosso olhar . . .

Caminheiro vagabundo
que, de noite se perdeu,
para encontrar o caminho,
perscruta os astros do ceu .

As almas tristes, errantes,
que andam no mundo sem par,
nos olhos d'alguem procuram
a sua estrella polar. .

Mas quanto tempo se passa
buscando o fanal da sorte ? !
-- Se ha tantos milhões de estrellas,
Mas — uma só — é do Norte ! . .

Giesta. 1914.

D. JULIA DE GUSMÃO

D. Julia de Gusmão, a intelligente, simpatica e instruída
enhora de que neste momento se occupa esta *Antologia*,
nasceu em Lisboa, a 21 de Outubro de 1835.

Apesar disso, a sua letra é de tal maneira firme e o seu
zer tão elegante e apropriado, que ninguem dirá partirem

esses escriptos de quem já conta 81 anos de idade, muitas vezes perturbados por grandes desgostos, como foi o da perda de sua querida mãe.

Foram seus paes D. Maria José de Mello e Joaquim Victor da Silva Teixeira de Gusmão, 1.º Official do Ministerio da Justiça.

Aos 10 ou 11 anos, começou D. Julia de Gusmão a escrever linhas rimadas, das quaes só tinham conhecimento sua mãe e seu pae que se comprazia em emendar-lhe os erros de metrificacão.

Quando essas linhas começaram a merecer o nome de versos, alguns foram publicados em varias revistas, a pedido de amigos de seu pae, que com desvanecimento, lhe havia mostrado as produções poeticas de sua filha.

Passados anos, um dia, encontrou-se esta Poetisa numa sala com Thomaz Ribeiro, que tendo-lhe ouvido recitar algumas de suas poesias, pediu licença para as publicar. Apareceram na *Revolução de Setembro*, acompanhadas de uma elogiosa carta do auctor dos *Sons que Passam*, dirigida a Matheus de Magalhães, encarregando-o de apresentar as poesias de D. Julia de Gusmão no jornal de que ele era então folhetinista.

Mais tarde, em 1867, esta Senhora publicou um livro de versos — *Flores Singelas* — prefaciado por Pinheiro Chagas, que a pag. 10, diz:

.....

«Eu tenho a firme convicção de que este volume ha de obter successo porque tem a grande qualidade que falta a maior parte dos livros de poesia contemporanea, é verdadeiro, é espontaneo, é o desbordar ingenuo de uma alma que não quer represar as suas sensações e que as deixa desabrochar e fulgir ao sol da poesia, como as flores orvalhadas pela aurora, e surprehendidas pelo astro esplendido».

.....

Em 1900, foi-lhe confiada a direcção do *Almanach d:*

Senhoras onde deixou muitos escriptos seus, em prosa e verso.

Em 1911, por falta de saude, deixou esse cargo, que exerceu sempre com a maior meticulosidade e dedicação.

Entre muitos jornaes e revistas em que colaborou D. Julia de Gusmão, poderei citar : *Almanach das Senhoras* e de *Lembranças*, *Diario de Noticias*, *Archivo Lisbonense*, *Boudoir*, *Mundo Elegante* e *Brazil e Portugal*.

Nesta ultima revista, escreveu um artigo acerca da morte da sua grande amiga D. Amelia Janny, o qual depois publicou em folheto.

Alem doutras traduções, fez a de *Le Disparu* de A. Daudet.

ALÉM

Nos raios do luar, no brilho de uma estrella,
no perfume subtil do jasmineiro em flôr,
no branco cíciar da brisa que á noitinha
perpassa junto a mim n'um sôpro acar'ciador,

Eu julgo presentir o fremito d'uns labios,
um som meigo e saudoso, um echo, a voz d'*Alguem*
que Deus chamou a si, que *além*, no ceu existe,
sorrindo para mim do myst'rioso *Além!*

E a voz que eu julgo ouvir no lume das estrellas,
nos raios do luar, na emanação da flôr,
no cíciar da brisa, o som que me inebria,
eu creio... vem do *Além* fallar d'um santo amor.

Além! ponto de esp'rança ! irradiação divina !
orvalho matinal nas ancias de soffrer !
pharol a illuminar na senda da existencia
o pouco que me resta ainda a percorrer !

Julia de Gusmão. *Almanach das Senhoras*, Lisboa, 1909, 39.º anno), pag. 376.

*

N'UM JAZIGO

Ha saudades de saudades,
e são as mais lancinantes !
Quem me dera ter agora
saudades que eu tinha d'antes !

Ajoelhada em teu jazigo,
Orando, pensando em ti,
eu sinto enorme saudade
de saudades que soffri.

Julia de Gusmão. *Almanach das Senhoras*, 1901, pag. 338.

IVALDA

(D. ALICE MONTEIRO LEITE)

D. Alice Monteiro Leite nasceu na cidade do Porto.

E' filha de D. Emilia C. G. Monteiro e de Eduardo F. Leite.

Seu avô Antonio Luiz Monteiro, natural de Coimbra serviu como voluntario da Rainha e foi um *dos mil e quinhentos bravos que desembarcaram no Mindello e entraram no Porto* com D. Pedro IV.

Pelos seus feitos militares, foi-lhe conferido pelo aludido monarca, o grau de *Cavalleiro da Torre e Espada*, sendo a primeira pessoa agraciada com tal distincção, na *Invicta Cidade*, onde morreu (exercendo o cargo de tabelião), e está sepultado.

Sobre o seu tumulo, ha as seguintes palavras que foram escriptas a seu pedido :

«Esta vida deixo contente: servi a minha Patria, amei a minha gente».

Desde criança, que D. Alice Monteiro Leite sente propensão pelas letras.

Tendo feito os seus primeiros estudos nos melhores collegios do Porto, não poudo por falta de saude matricular-se num curso superior, como era seu desejo.

Por outro lado, seu pae citava-lhe, sempre, o exemplo de escriptores morrerem de fome, em Portugal, e que versos só Junqueiros os deviam fazer.

Apesar de tão judiciosos conselhos, *Ivalda* (tal é o pseudonimo que esta Senhora escolheu para firmar algumas de suas poesias e escriptos em prosa, publicados em jornaes portuguezes e brazileiros), não desanimou em absoluto :

«Calada e desconsolada, mais procurava então viver a sós comsigo mesma, estudando as obras do grande poeta (Guerra Junqueiro), relendo-as, decorando-as, procurando decifrar-lhe os mais intimos segredos, as mais aladas inspirações do genio».

Assim, deu principio a um poema, que tem quasi concluído e que se intitula : *A Terra*.

Provando que *Ivalda* aproveitou com a leitura do auctor dos *Simplex* e da *Morte de D. João*, di-lo o seu trabalho literario a que me refiro.

Por ser grande o trecho que desse poema li, não posso, como queria, dar dele um specimen. Porém, nas poesias *Semente pequenina* e *Quero sonhar...*, os leitores encontrarão certa compensação á falta que aponto.

A actual guerra, nas suas variadissimas manifestações, em que o cumulo da barbaridade, do sofrimento e da heroicidade a cada passo se chocam, forneceu a esta illustre Poetisa e Escriitora tema para uns curiosos e bem feitos artigos, que tem publicado com o pseudonimo que usa, em varios numeros do *Commercio do Porto*.

SEMENTE PEQUENINA

Eu vi uma semente pequenina
Que sonhou ser na fria escuridão,
A Flôr gentil — a Forma peregrina
Da sua concepção.

Nasceu a folha. O Sonho da semente
Foi crescendo como ella . . Então pensava :
Não era só a flôr somente,
Aquillo a que aspirava . .

Mais tarde a flôr, encerrando, escondida,
A pura essencia d'essa aspiração,
Fez-se Perfume — foi, n'uma outra vida,
A luz d'um sonho, a voz d'um coração !

Ivalda. Lisboa, 17 de Setembro de 1915.

QUERO SONHAR...

Quero sonhar um sonho tão suave
Como um beijo de flôr :
Sonho, em que o pensamento seja ave ;
Beijo, que seja amor !

As aves tambem sonham quando cantam
A' tarde, ao pôr do sol. .
Ha trinados d'amor, que nos encantam,
Na voz do rouxinol !

E eu oiço dentro em mim tambem um canto
Que sempre me enamora ;
Que me diz o que ri e sente e chora
Sem eu ver riso ou pranto !

Que me conta os segredos dos vallados,
Os segredos d'amor...
Diz-me se a ave, voando sobre os prados,
Inveja alguma flôr...

Se, ainda rasteira e humilde, a hera aspira
A erguer-se para os ceus,
E depois, ao mirar-se, se suspira
D'amor nos sonhos seus...

Se o lyrio ao ver a abelha ancioso,
Tonto de medo e dôr,
Vendo-a roubar-lhe o nectar precioso
— Alma gentil da flôr!

Se tudo que na terra existe e vive,
Do lodo á creatura
Anceia, sonha, morre e, enfim, revive
Na propria sepultura. .

Diz-me os segredos que a natura esconde
E só quem soffre vê...
Que palpitam na flôr, na ave, e mesmo aonde
Ninguem, ninguem os cré!

.....
Quero sonhar a vida que presinto
Em torno a mim,
E quero ouvir o palpitar, que eu sinto.
Em tudo, enfim!

A vida tem encantos reservados
Que eu quero ter
Com os meus olhos d'alma, enamorados
De tanto vê!

D. AMELIA JANNY

(A POETISA DO MONDEGO)

D. Amelia Janny, era natural de Coimbra, cidade onde faleceu a 19 de março de 1914, contando 73 anos de idade.

Desta Poetisa diz o senhor *Pedro Eurico* (Pinto Osorio), no seu livro *Figuras do Passado*, Lisboa 1915, pag. 210 :

«A senhora D. Amelia Janny provém de uma familia que tem os mais illustres pergaminhos literarios, de que pode orgulhar-se esta vila! ¹ De uma familia, em que os dotes privilegiados da intelligencia e do talento foram patrimonio comum de todos, cujos nomes ainda andam na memoria dos vivos!»

«O Sabio D. Francisco de S. Luiz — Cardeal Saraiva; Antonio Correia Caldeira, eloquente parlamentar e distinctissimo homem publico; o poeta Luiz Correia Caldeira, têm os seus nomes inscriptos nas folhas de ouro da historia, da literatura e da politica do nosso paiz!»

«Frei Luiz Saraiva irmão do Cardeal, foi tambem homem muito intelligente e instruido!»

E num artigo acerca da morte de D. Amelia Janny diz *O Dia* de 8-7-1914 :

«Ella fazia versos pelo menos, ha 58 annos, pois que aos 14 da sua idade como poetisa fora apresentada a Antonio Feliciano de Castilho em 1856, ficando desde então consagrada, e sendo Xavier Cordeiro o padrinho da apresentação.»

«E foi uma poetisa *de verdade*, no sentido de se restringir ao sentimento, pois que hoje mais do que nunca, se torna mister differencar entre poetas de *sentimento* e poetas de

1 Ponte de Lima.

arte ; e se aquelles vão passando, d'estes muitos temos hoje, perfeitissimos na fórma, talentosos na concepção, que entusiasmam e recebem incensos da critica, e mais ainda do noticiario, embora noticiario e critica por vezes sejam suspeitas pelas camaraderies das clientelas.»

D. Amelia Janny tomou parte no celebre sarau realisado no *Teatro Academico*, em maio de 1862, festa em que estiveram alem da Academia, Castilho e Teofilo Braga, que recitaram versos ; Guerra Junqueiro que pela primeira vez apparecia ante a Academia, e que tambem recitou, e Anthero do Quental que leu alguns dos seus versos, que depois incluiu nas *Odes Modernas*.

Das *Figuras do Passado* (pag. 215), transcrevo o que disse Castilho, de D. Amelia Janny, quando dessa festa, dado que o auctor desse livro extratou da *Conservação Preambular do D. Jayme*, 1.^a edição, 1862 :

«Como que simbolisando a Musa do Mondego, uma gentil poetisa, veio, nova Sapho, merecer n'este certamem coroa de louros e murtha.»

«Ditosa filha de Coimbra ! com os teus donosos vinte anos em flor ; com a tua voz suave e timida, como o aroma exalado da tua alma !»

«Amelia Janny ! perdoa-me, se hoje diante do maior publico, te renovo os meus aplausos.»

Os primeiros versos de D. Amelia Janny foram publicados no n.º 11 do *Cysne do Mondego*. Publicou poesias nos *Preludios Litterarios ; Estreia Literaria ; Portugal Pittoresco ; Panorama Photographico de Portugal* (jornaes litterarios de Coimbra) ; *Almanachs das Senhoras, Luso Brasileiro, do Commercio do Lima*, etc., etc.

D. Amelia Janny nunca reuniu em volume as suas poesias.

Ultimamente estava disposta a faze-lo, ajudada pela illustre escriptora e poetisa, a Senhora Marquiza de Pomares, designio a que a morte poz termo.

No *Brasil e Portugal* (essa bela revista que infelizmente

deixou de se publicar), de 1-4-1914, escreveu D. Julia de Gusmão um artigo comemorando o passamento de sua grande amiga — *A Poetisa do Mondego*.

AOS ANNOS DE MINHA MÃE

A ti, que debruçada no meu berço,
Por noites de amargura e de agonia,
Velaste, coração em dôr submerso,
Abraçada na febre em que eu ardia ;

A ti, que me ensinaste entre mil beijos,
A louvar o Senhor em cada aurora,
Que encerraste as esperanças e os desejos
Em vêr-me alegre e forte d'hora em hora ;

A ti, que da affeição fazendo escudo,
Afrontaste o rigor de atrás destino,
Que ao deixares, por mim, familia e tudo
O teu seio de mãe soltava um hymno ;

A ti, ó minha Mãe ! martyr obscura,
Que percorreste a via dolorosa,
Forte do teu amor, com mão segura,
A amparar-me, a sorrir-me carinhosa ;

A ti, que eu vejo sempre, se a doença
Me entristece, me abate e curva a fronte,
Junto de mim, qual brilha em noite densa,
Uma estrella surgindo no horisonte ;

Livro em cujas paginas eu leio
Um poema de amor e de ternura,
Voz — como outra não ha —, seguro esteio,
Reprehensão que sorri ; perdão que dura ;

Olhar em que se espelha o affecto immenso,
 Onde vão reflectir-se as minhas dôres ;
 Abrigo sem igual, luz do que eu penso,
 Mystica urna de immurchaveis flores,

A ti, no dia dos teus annos, dera
 A alegria, que em prantos consumiste,
 Os folgedos da tua primavera,
 Em vez da tua vida amarga e triste !

.....

Amelia Janny. *Figuras do Passado*, por Pedro Eurico,
 Lisboa, 1915, pag. 217 e 218.

*

CAMARA ARDENTE

No luxuôso salão de purpura forrado,
 Avista-se uma urna em pedestal doirado.

Sobre ella ondeia e treme a chamma de mil lumes ;
 Respiram-se no ar suavissimos perfumes ;

E sobre o pavimento, em profusão de côres,
 Alastram-se festões de peregrinas flôres.

Em desalinho, solta a farta e longa trança,
 Suspira ajoelhada e muribunda a *Esperança* ;

E defronte, gentil e bello como a aurora,
 Na urna debruçado, o *Amor* soluça e chora.

E quando esmorecia o som da résa.
 Trahida a meia voz dos labios da *Tristeza*.

E se iam apagando os ultimos clarões
 Dos cirios funeraes e das mortas illusões ;

Então, com mão febril, fechei o athauðe
Onde ficava morta a minha *Juventude!*

Amelia Janny. *Figuras do Passado*, por Pedro Eurico,
pag. 206 e 207.

*

SONETO

O sino repicára alegremente
Chamando á festa a gente do povoado;
Para ouvir um orador muito afamado,
Tudo ia ligeiro e impaciente,

Vivera ali, creança e adolescente,
Pelos montes errante, a guardar gado:
Ordenára-se á custa do morgado,
Homem piedoso, bemfazejo e crente.

Ficára bom: nunca esquecêra aquella,
Que ao peito seu, tão pobre e amando-o tanto,
Tanta vez o levára a essa capella!

Sobe ao pulpito, emfim, sob esse encanto;
Mas na turba só vê a imagem d'Ella,
E desce, sem fallar, banhado em pranto!

Amelia Janny. *Almanach das Senhoras*, 1908, 38.º ano,
Lisboa, 1907, pag. 218.

D. GERTRUDES FERREIRA LIMA

(HUMILDE CAMPONEZA)

D. Gertrudes Ferreira Lima era natural de Santo Antão, uma das ilhas que no archipelago de Cabo-Verde formam o grupo de *Barlavento*, ao qual pertence tambem a ilha de S. Vicente, notavel pela sua magnifica situação geografica, importantes depositos de carvão e amplissimo, seguro e belo porto.

Falar de D. Gertrudes Ferreira Lima que foi uma senhora muito inteligente e instruida, educada no extinto collegio das Urselinas, em Coimbra, é recordar os primeiros anos da infancia passados na minha terra natal, nessa alcantilada e muito pictoresca *Suissa Caboverdiana*.

Falar da ilha de Santo Antão, é trazer á memoria a braveza celebre e indomita do seu mar, que por vezes, vem beijar as primeiras casas da *Villa D. Maria Pia* e as lanchas que, para fugirem á furia da suas vagas, são arrastadas até á rua principal da povoação.

Falar do seu mar, é ainda lembrar essas gigantescas ondas que, galgando o grande paredão do caes, se desfazem, em altas colunas da mais branca espuma.

Falar das suas tempestades, é avivar a lembrança desses destemidos marinheiros, tão familiarisados com os perigos da sua profissão.

Falar das suas interessantes, e quasi sempre formosas *ribeiras*, é recordar esses singulares e perigosos *caminhos*, tallados nos montes, montanhas e rochedos, mais adequados a passagem de animaes, que de gente, assim como as primitivas e simples povoações e logares, que no seu percurso se encontram. Lembrar esses caminhos, é rememorar verdadeiros abysmos em que a vista se perturba, e aos nossos ouvidos chega o sussurro longinquo e lugubre do mar desfazendo-se de encontro ás penedias!

Falar da Ilha de Santo Antão de Cabo-Verde é evocar

as historias ingenuas de *fitecêras* e *gongons*, (feiticeiras e duendes), por mim ouvidas quando criança.

Falar da Ilha de Santo Antão é registar alguns nomes illustres de seus filhos, como Roberto Duarte Silva, chimico notavel, que foi professor em Paris, onde era muito considerado ; os distinctos medicos Drs. Berrardo José de Oliveira, Joaquim Esmeraldo Nobre, João Gualberto Pinto e Oliveira Teixeira ; o engenheiro Lima ; e os officiaes d'artilharia Viriato Gomes da Fonseca e Luiz Nobre de Mello ; o mais jovem dos professores da Universidade de Lisboa, Dr. Martinho Nobre de Mello, logar que alcançou em brilhante concurso publico ; o poeta Januario Leite, etc., etc., não devendo tambem deixar de mencionar os nomes d'outros não menos illustres Caboverdianos, como o Dr. Francisco Frederico Hopffer, coronel medico, e illustre homem de sciencias, Academico e publicista ; José Maria de Sousa Monteiro, distinctissimo Academico e escriptor, auctor de *Sonetos*, *Poemas Mysticos*, *O auto dos Esquecidos*, etc. ; o Marquez de Fontes (Dr. Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello Ganhado) ; os Drs. João Augusto Martins illustre medico e escriptor, auctor do livro *Cabo-Verde, Madeira e Guiné* ; Dr. Freitas e Costá, Dr. Jorge Portella e Prado. Dr. Julio José Dias, Dr. João de Sousa Machado e Dr. Henrique de Vasconcellos, poeta, prosador e deputado por Cabo-Verde ; os officiaes d'Armada Christianos José de Senna Borcellos, Academico e auctor dos *Subsidios para a Historia de Cabo-Verde e Guiné* e Borja d'Araujo ; os generaes Servulo de Paula Medina e Henrique d'Almeida Leite ; José Barbosa, leader do partido Unionista e Vera Cruz, 1.º senador por Cabo-Verde ; Simplicio João Rodrigues de Brito considerado primeiro pintor da Corte do Brazil ; Simão Manoel Alves Juliano, cujo busto figura na praça do Comercio do Rio de Janeiro, como um dos benemeritos da navegação, etc., etc.

Como poetas citarei os nomes de Medina e Vasconcellos ; Eugenio Tavares ; José Lopes ; Guilherme Dantas ; José

Bernardo Alfama, etc. e tantas outras individualidades que nos varios conhecimentos humanos se teem distinguído.

A titulo de curiosidade dou o nome de alguns nacionaes e estrangeiros que se teem occupado de Cabo-Verde :

João da Silva Feijó; Felix Antonio de Brito Capello; Lopes de Lima, Antonio Alfredo Barjona de Freitas — que foi distincto governador de Cabo-Verde; o general Augusto Fructuoso Figueiredo de Barros, antigo e muito illustre secretario Geral de Cabo-Verde, a quem essa provincia muito deve; João Cardoso Junior, socio das Academias das Sciencias de Lisboa e de Portugal, auctor dos *Subsidios para a Materia Medica e Therapeutica das Possessões Ultramarinas Portuguesas*, e das *Cryptogamicas das Ilhas de Cabo Verde*, etc.; Ernesto de Vasconcellos; Alfredo da Costa Andrade; Chelmiki; Francisco A. de Varnhagen; Dr. Bruner; Darwin; Dr. Schmidt; Dampier; Eveleight; Melikon; Saint Claire de Ville; Stubel, Friedlaender, etc., etc.

D. Gertrudes Ferreira Lima foi uma das colaboradoras do *Almanach Luso-Africano* para 1895; tambem publicou varias poesias no *Almanach de Lembranças*.

SAUDAÇÃO

Eu vos saúdo magestosas serras,
Montes e valles, verdejantes plagas!
doce mysterio que na gruta encerras,
perfumes da tarde, harmonias vagas!

Eu vos saúdo laranjaes floridos
ribeiro manso que o luar pratea?
celestes lumes da amplidão cahidos
frondente ramo que p'ra Deus s'altea!

Eu vos saúdo murmurosas aguas,
que meigas fallas segredaes ás flores,
do peito triste minorando as aguas
e o curtimento de profundas dôres!

Eu vos saúdo, todos vós, n'est'ancia,
e, hoje, a mente n'esta augusta hora:
relembra mais a minha, dôce infancia,
prazer suave que minh'alma adora.

Ah! que saudade n'este peito enfermo
da pobre mãe que foi gentil e meiga!...
amor divino que enflora o ermo,
matiz rizonho que tapiza a veiga!

Oh! como sinto um turbilhão d'ideias
aquí sosinha contemplando os montes,
Virentes cumes, crystalinas veias,
ouvindo meigo o sussurrar das fontes!

E' que hoje lembro com tristeza infinda
ridentes plainos, outro campo bello,
affectos puros, como a aurora linda,
ou como das aves o cantar singelo.

E vós, perfumes de manhã festiva,
fulgente estrella de pallôr formoso,
quebrae-me as peias porque sou captiva
levae-me áquelle Portugal formoso.

Humilde Camponeza (Gertrudes Ferreira Lima). *Album
nach de Lembranças*, para 1893, pag. 214.

ALBERTINA DE LUCENA

(D. MARIA DE MONTAURY DO NASCIMENTO)

D. Maria Albertina de Montauray do Nascimento nasceu e
Lisboa a 6 de julho de 1879, sendo a mais nova dos filhos
Pedro Augusto do Nascimento, já falecido e de D. Maria
Leopoldina de Oliveira de Montauray. Por sua mãe, é ne

de Marco Antonio de Azevedo Coutinho Ramos de Montauray, senhor do morgado de Chorozeira, na freguesia de Aldeiajavinha, concelho de Alemquer, Fidalgo da casa de El-Rei Dom João VI. e de sua esposa D. Antonia Candida d'Oliveira, irmã do Senador do Imperio, diplomata e ministro do Estado brasileiro — o grande matematico Candido Baptista de Oliveira; bisneta de Marco Antonio d'Azevedo Coutinho, moço da Camara de D. Maria I, em cuja qualidade acompanhou a Familia Real ao Brazil, Fidalgo Cavalleiro da Casa Real e de D. Catharina Ramos da Silva d'Eça, senhora do citado Morgado de Chorozeira; terceira neta de João Baptista d'Azevedo Coutinho de Montauray, governador do Ceará Grande, Tenente General e Governador das Armas da Côrte do Rio de Janeiro, etc.; quarta neta de Marco Antonio de Azevedo Coutinho de Montauray, general e governador do Rio de Serra; quinta neta de Marco Antonio d'Azevedo Coutinho, Enviado Extraordinario e Ministro plenipotenciario nas Côrtes de Paris e Londres, Fidalgo da Casa Real, Secretario dos Negocios Estrangeiros e da Guerra, (o 1.º que houve nestas Repartições), e de Nicole Julie du Poeta, Condessa de Thiange e Marqueza de Montauray (origem dos Montauray em Portugal); sexta neta de Bartholomeu d'Azevedo Coutinho Governador da Provincia da Beira e Fidalgo da Casa Real; setima neta de Jorge de Azevedo Coutinho de Mesquita; oitava neta de Sebastião de Lucena de Azevedo Coutinho, Alcaide Mór de Portel, Guarda Mór de Lisbôa no tempo da peste; nona neta de Vasco Fernandes de Lucena, Alcaide Mór de Pernambuco. Em homenagem á varonia da casa de sua mãe, que é Lucena, é que D. Maria Albertina de Montauray do Nascimento usa o pseudonimo de *Albertina de Lucena*. Pela casa de Chorozeira esta Senhora entre outros antepassados illustres, conta a Mathias Ayres Ramos da Silva d'Eça, que na qualidade de Familiar do Santo Officio, protegeu muito infeliz Antonio José da Silva, o judeu, poeta satirico novel e a ultima victima da inquisição em Portugal.

D. Albertina de Lucena tem colaborado na *Nação*, de que é muito illustre Director o apreciado Jornalista Sr. João Franco Monteiro, que teve a amabilidade de me fornecer estes elementos, nos *Echos da Avenida*, na *Semana Illustrada*, e no *Almanach de Lembranças*.

Durante dois anos, *D. Albertina de Lucena* teve um jornalinho que era unicamente escripto por ella: a principio feito á mão, depois em copiografo. O *Vigilante* se intitulava esse curioso semanario.

Os seus primeiros versos datam dos dezasete anos.

JÁ TARDE

Encontraram-se um dia n'uma estrada
Dois pobres que se haviam conhecido
Em tempos de ventura; hoje sem nada
Choravam todo o bem que era perdido.

Passa o Destino, e olhando-os desdenhoso
Ergue a voz, com solemne magestade
Dizendo-lhes: — «Sou eu o Poderoso
Que esmaga a mais indomita vontade.

«Eu fiz de vós, quem éreis, e quem sois;
De felizes, tornei-vos desditosos: . . . »
Os velhinhos olharam-no, e os dois
Apertaram-se as mãos silenciosos

«Eu sei que fui cruel, despiadado;
Dizei hoje, uma vez, o que é que quereis;
Sou clemente, farei que o vosso fado
Inda possa mudar, pedi, vereis!»

Mas os pobres, serenos, alheiaados,
Apenas levaram, cheios d'espanto,
Os olhos para o Céu; tristes, pezados
Uns olhos todos magua, todos pranto.

E o destino insistiu : — «Então, pedi!
Serei o vosso pai, bem tarde, embora».
Elles então disseram : — Pai, parte
É tarde já ; deixai chorar quem chora!»

Albertina de Lucena. *Novo Almanach de Lembranças*,
para 1917, pag. 148.

BERTHA LUPI

Apesar de não ter obtido a tempo, os elementos de que carecia para poder fazer mais detalhadamente a biografia desta illustre Poetisa, não quiz deixar de incluir o seu nome entre os das Senhoras que cito.

D. Bertha Lupi é uma das Damas que tem escripto na *Pagina Feminina* que o *Diario Nacional* publica ás 5.^{as} eiras.

Entre muitas outras Senhoras, tem collaborado em prosa e verso, nessa interessante pagina literaria e artistica, de que director o Dr. Annibal Soares : D. Domitilla de Carvalho, D. Branca de Gonta Colaço, D. Maria de Carvalho, D. Cecília Mousinho de Albuquerque, D. Maria Leonor Reis, D. Alice Monteiro Leite, D. Albertina Paraizo, D. Cândida Goyes de Magalhães, D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso, D. Maria Magdalena Trigueiros de Martel, Marqueza de Rio Maior, D. Isabel d'Ornellas, Condessa de Vinhó e Alameda, D. Maria Emilia Telles da Silva, D. Maria de Leniz (Alcaçovas), e D. Maria de Sampaio Forjaz de Trigueiros.

DISTRAHIDA

Oiço ás vezes dizeres agastado
Que sou, sem ter emenda, distraída ;
Que vivo em mundo á parte e ignorado
Em terra que te é desconhecida,

Que tenho sempre o espirito afastado
De tudo o que me cerca, aborrecida,
Com o pensamento em mim só concentrado,
Distante, alheia ás coisas d'esta vida.

Talvez tenhas razão, talvez a dôr
De ver tanta maldade sem remedio —
Me traga ao coração este amargor.

Talvez eu queira então no meu torpor.
Fugir do mundo que me causa tedio
E viver só meu sonho todo amor...

Bertha Lupi. *Pagina Feminina*, do *Diario Nacional*. de
2-2-1917.

AO ESPELHO CRUEL

Por ti, ó espelho, eu tinha antigamente
Uma paixão pueril e orgulhosa,
Quedava-me esquecida em tua frente
Horas sem fim a contemplar-te, ociosa.

Acreditava então de boa mente
Que eras sincero e a sorrir venturosa,
Só a ti adorava ingenua e crente
Como enlevado quer a artista á rosa.

E agora, agora. . Como foi não sei.
Que se acabou a minha fé em ti
Que d'antes eras meu prazer e lei!

Mudaste tu, ou fui eu que mudei?
Se eu nunca em minha vida te menti
Porque mentias no que acreditei?

Bertha Lupi. *Pagina Feminina*, do *Diario Nacional*, de
15-3-1917.

D. CLORINDA MAXIMA DE MACEDO

Sendo os dictionarios portuguezes d'um grande laconismo no tocante a biografias de Senhoras Portuguezas, falta que principalmente se nota acerca das que viveram num periodo relativamente moderno (nãõ quero já falar das biografias de muitas Senhoras contemporaneas distinctas, sobre as quaes nada dizem), tem-se me tornado, por vezes, bastante ardua a tarefa d'obter elementos, que me permitam escrever algumas linhas referentes a determinadas Poetisas de que trata este livro.

Assim, de D. Clorinda Maxima de Macedo, sei apenas, que datava do Porto muitas das suas produções que foram publicadas em varios almanachs e jornaes, taes como: *O Perilampo*, etc. e que em 1878 publicou um volume de versos intitulado *Sombras*, prefaciado por Gomes Leal.

Do valor desses versos avaliarão os leitores pela poesia que apresento.

UM QUADRO

Quando o sol vae a sumir-se
alem d'aquelle pinhal...
e o rouxinol vae carpir-se
nos ramos do salgueiral;

quando alta vaga espumosa
vem junto á rocha quebrar
e que escuta a voz saudosa
do bronze chamando a orar

quando a estrella vespertina
fulgura no céu... além.
e por de traz da collina
se eleva a lua tambem ..

eu sinto elevar-me a mente
 ao seio do creador,
 ante esse quadro imponente
 de poesia, paz e amor!

Prostrada, então curvo a fronte
 aos pés d'esse immenso altar,
 que tem por tecto — o horisonte ;
 por orgão — a voz do mar ;

a luz da lua — por cyrios ;
 o puro céo — por missal
 e o brando arôma dos lyrios
 — por incenso perennal!

E assim — minha alma esquecida
 do peso da negra cruz,
 ascende de novo á vida...
 tem esperanças, crença e luz !

Clorinda Maxima de Macedo. *Sombras*, Porto, 1878, pa-
 123 a 125.

D. ALDA GUERREIRO MACHADO

D. Alda Guerreiro Machado nasceu em S. Thiago de C
 cem, onde reside actualmente.

E' filha de D. Catharina Maria F. Guerreiro e de Man
 do Espirito Santo Guerreiro, que foi um entusiasta pe
 artes. Cultivou como verdadeiro artista a pintura de c
 deixou certo numero de boas telas.

Tendo D. Alda Guerreiro Machado sido educada
 seus paes na veneração das grandes obras de todos
 generos, foi desse modo que se lhe despertou o go
 pela poesia, a que de preferencia se tem dedicado.

A causa da instrução popular merece tambem especial atenção a esta Poetisa, que por meio de artigos e do ensino tem tentado combater o analfabetismo.

As poesias d'esta Senhora acham-se dispersas em varias revistas, em jornaes da provincia e na *Encyclopedia das Familias*, curioso mensario que já conta 31 anos de existencia e de que é proprietario o sr. Manuel Lucas Torres.

D. Alda Guerreiro Machado é auctora duma bela serie de sonetos sobre *Figuras Historicas Portuguesas*, produções que estão ineditas.

Por esse motivo e por constituirem um genero de poesia pouco cultivado em Portugal, é tanto maior a minha satisfação em poder publicar nesta *Antologia* quatro dessas mimosas composições poeticas.

Ao contrario do que tem feito esta Senhora, que se occupa exclusivamente de *Figuras d'Outrora*, D. Mecia Mousinho de Albuquerque, D. Emilia Maia e D. Branca de Gonta Colaço, teem tomado, por vezes, para tema de algumas de suas poesias, *Individualidades historicas d'actualidade*.

A publicação desses sonetos, em volume, será uma ideia feliz, que fará reviver muitos nomes illustres da Nossa Historia Patria.

SAUDADE

Saudade, paixão d'alma amarga e triste
Complemento do amor nasce da ausencia.
Floresce, vive, cresce e fina essencia
Exala ; acre e subtil só na alma existe.

E' dôr que tem doçura ; ela consiste
N'um affecto que abrange uma existencia.
Se um coração prendeu com violencia
Ao soffrer desse mal ninguem resiste.

Quem não soffreu um dia essa amargura
 Que da recordação sempre se evola ?
 Ninguem busca fugir-lhe era loucura.

Saudade é flôr mimosa, e na corola
 O germen se encerrou da desventura
 E' uma dôr que mata e nos consola ?

Alda Guerreiro Machado.

*

D. HENRIQUE

(INEDITO)

Era um sabio o infante ! Idéias arrojadas !
 Um sabio e um heroe ! A fronte pensativa
 Austera, nobre e grave, alevantava altiva
 Na sombria altivéz das almas inspiradas,

Quinhentos annos ha ! Nas rochas escarpadas
 De Sagres, julgo ver-lhe a sombra fugitiva !
 — Deu nome a Portugal ! Foi sua iniciativa
 Sondar a vastidão das aguas aniladas.

A sua vista d'aguia, o sol do seu olhar,
 O mundo illuminou ; rompeu os nevoeiros
 Que envolviam então as terras d'alem-mar.

Navegador audaz, primeiro entre os primeiros
 Trabalhou e venceu e poude triumphar,
 N'este pais de heroes, Nação de Marinheiros !

Alda Guerreiro Machado.

*

NUNO ALVARES

(INEDITO)

Cheio de misticismo em meio do acampamento,
Alevantando o olhar, Nuno Alvares fitava
O seu'standarte branco a balouçar ao vento!
De subito, porem, com altivez bradava :

Por S. Jorge ! E cingindo á cinta o armamento,
No aneio de combater, o pendão que alvejava
Revia enternecido inda por um momento,
Partindo após, correndo, á guerra que o tentava.

Deu exemplo de arrojo ás hostes lusitanas,
Consequindo vencer as tropas castelhanas !
Em campanhas viveu ! Guerreiro infatigavel !

Mas um dia deixou a espada, o elmo, a cota,
Vestiu-se de burel, o heroe d'Aljubarrota
E foi morrer n'um claustro, o Santo Condestavel !

Alda Guerreiro Machado.

*

DUARTE D'ALMEIDA

(INEDITO)

Na batalha de Toro a gente portugueza
Caira derrotada. O alferes-mor então
N'um rasgo de inergia e não vulgar bravêza,
N'um esforço suprêmo, ergueu o pavilhão.

Uma lança contraria apanha-o de surprêsa,
Certeira vem d'um golpe e arrebatou-lhe a mão,
Mas não caiu em terra á mingua de defêsa
O pendão nacional ; em meio da confusão,

Indiferente á dôr, levanta-a novamente,
 Na mão esquerda, firme. esse heroico soldado,
 Um nôvo golpe a corta, e a resistir, ardente,
 Entre a gente que o fere, então arrebatado,
 Nos dentes a prendeu, caindo finalmente !
 E á patria veiu morrer de fome . . . «o decepado!»

Alda Guerreiro Machado.

*

EGAS MONIZ

(INEDITO)

Do Portugal antigo um nobre cavaleiro
 De nome Egas Moniz, um vulto glorioso,
 Simbolo de honradez, fiel e generoso,
 Rebrilha ainda hoje e impõe-se ao mundo inteiro.

Cercado o nosso rei em sitio traiçoeiro
 Pelo rei de Leão – um homem valoroso,
 Vassalo dedicado, altivo e corajoso
 Escravo do dever, leal e verdadeiro,

Tinha a Affonso VII a palavra empenhada
 Por Affonso primeiro; e ao vê-la assim quebrada
 Por decisão d'el-rei, que julga humilhação

A clausula que impôz o reino de Leão,
 Com filhos e mulher, partiu de animo forte,
 Caminho de Toledo, a oferecer-se á morte!

Alda Guerreiro Machado.

D. EMILIA ADELAIDE MONIZ DA MAIA

D. Emilia Adelaide Moniz da Maia nasceu no Rio de Janeiro em 1848, sendo portuguesa pelo facto de ter casado em Portugal, com José Rufino Moniz da Maia que faleceu em 1899, no posto de general.

Contando esta Senhora apenas quinze anos de idade, appareceu publicada na *Revista Popular*, do Rio de Janeiro (pag. 251), uma poesia sua, intitulada *Supplica*, que mereceu dos poetas brasileiros dessa epoca, e de Carlos José do Rosario, escriptor e proprietario da citada revista, as mais honrosas referencias.

D. Emilia Maia é não só uma poetisa distincta como ainda uma Senhora muito caritativa.

Não posso esquivar-me ao prazer de citar alguns factos por onde se pode aquilatar dos seus dotes de coração e espirito.

Assim, em 26 de março de cada ano, comemorando a data em que nasceu seu marido, dá um bodo a 12 viúvas pobres; no mesmo dia costumava tambem mandar distribuir no quartel de caçadores 2, onde seu esposo começou a carreira militar, como aspirante, um premio de 12 mil reis, destinado ao soldado melhor comportado, recompensa que, pela extincção desse regimento, é actualmente dada no de Infantaria 2.

Esta Poetisa é auctora dos seguintes trabalhos literarios: *Fleurs*, obra em francez publicada em 1878; *As sete palavras de Nosso Senhor Jesus Christo*, 1916, folheto destinado a um fim de caridade, bem como *Angelus*, livro de poesias inéditas que tem no prélo; *Penas*, volume de versos apparecido em 1912, (ao qual se referiram em termos muito elogiosos, *A Nação*, de 27-4-1913; *O Dia*, de 19 e 23-8-1913 e os *Echos da Avenida*, de 6-4-913); parte da edição deste livro ofereceu-a sua auctora ás pessoas das suas relações, tendo sido a outra parte vendida no Brazil; com o producto, comprou D. Emilia Maia um enxoval que ofereceu a uma orfã nascida e batisada na sua freguesia natal, *Candelaria*.

D. Emilia Maia foi uma das Senhoras que escreveu no semanario *A Voz Feminina*, fundado em 1868, e que teve por colaboradoras D. Marianna Angelica d'Andrade, D. Guiomar Torrezão, etc.

No *Almanach das Senhoras*, ha muitas producções poe-

ticas desta illustre Dama, mãe do actor Fernando Maia, gerente do teatro de D. Maria, e que faleceu bem novo, quando tudo lhe fazia prever um futuro glorioso.

A' muita amabilidade desta illustre Poetisa devo a cendencia do precioso autografo do grande poeta brasileiro *Gonçalves Dias*, o qual com o maior desvanecimento torno conhecido.

E' bem singela a narração do facto que deu origem a que este Poeta, quando da sua estada em Lisboa, tivesse enviado ao pae de D. Emilia Maia, a carta que reproduzo.

Sendo esta Senhora, uma fervorosa admiradora do auctor dos *Primeiros Cantos* e dos *Segundos Cantos* (vem aqui a proposito dizer que na primeira das obras citadas, se encontra a conhecida poesia *Minha terra tem palmeiras*, composta em Coimbra em 1843, e que tão celebre se tornou em Portugal e no Brazil), escreveu uma poesia intitulada *Americana* que dedicou a Gonçalves Dias, que respondeu com a carta referida e com uma poesia, *Emilia*, que pode ler-se a pag. 430 das *Obras Posthumas* de Gonçalves Dias, compiladas por Antonio Henrique Leal (São Luiz do Maranhão 1868).

D. Emilia Maia, é igualmente uma traductora distincta, como os leitores verão pelo soneto *Santa Thereza de Jesus*.

Ao evocar o nome do grande lirico Gonçalves Dias, tão precocemente falecido, vem-me naturalmente á memoria os nomes dessa pleiade brilhantissima de poetas, juriconsultos, romancistas, historiadores e criticos que o Brazil possui, taes como: Casimiro d'Abreu, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac, Raymundo Correa, Machado de Assis, Fagundes Varella, Junqueira Freire, Alvares d'Azevedo, Mario Artagão, Luiz Guimarães, Fontoura Xaxier, Ruy Barbosa, José de Alencar, Bernardo Guimarães, Aluizio de Azevedo, Affonso Celso, D. Julia Lopes de Almeida, D. Adalina Lopes Vieira, Ccelho Netto, Lucio de Mendonça, Graça Aranha, Sylvio Romero, Tobias Barreto, José Verissimo, Clovis Bevilacqua, Euclides da Cunha, etc., etc.

Alto com M.^o Sousa

Tome Vós a bondade de entregar
 a' Menda, que tem em casa, es-
 ses versos, que ella com os seus
 Duafim? É' bom signal de pro-
 varvera a canção que se despen-
 de de uma alma de incis dea
 nos primeiros gorgieiros dos passe-
 ros que evocação nas rammas.

Se com a mudança de estado
 me voltar a voz, ha-se agradecer
 she a grande e minimo poetics, que
 ella se lembrou de me escrever

Reccado

vob. ami Satt

St Goncalves de
 de Feol

M. em Lisboa

DÔR SUPREMA

Na estrada solitaria o arvoredô
 enlaça as ramas como verde manto.
 Entre as folhas occulta, triste canto
 gorgeia a fufinegra quasi a mêdo.

O ceu nublado de um aspecto treô
 vae orvalhando a terra com seu pranto :
 em carreira veloz passa entretanto
 carro que leva sepulchral segredo . .

Bem unidas na dôr, n'um só gemido,
 duas mulheres vão n'aquelle Horto
 guardando o seu thesouro enternecido :

Uma d'ellas em fundo desconforto
 como a Mãe de Jesus : em pranto ungiô,
 leva nos braços o seu filho morto !

Emilia Maia. *Penas*, Lisboa, 1912, pag. 70.

*

O AMOR DE DEUS

(TRADUÇÃO DE UM SONETO DE S.^{TA} THERESA DE JESUS)

Eu não vos amo meu Deus, por esperar
 O goso que me tendes promettido.
 Não me move o inferno tão temido,
 Para que eu deixe por isso de pecar,

Mas move-me tão somente o contemplar,
 Pregado n'uma cruz, escarnecido,
 O teu corpo desnudo e tão ferido,
 E a angustia mortal do teu olhar !

Move-me emfim, teu amor de tal maneira
Que sem mesmo haver Ceu eu te adorara
E sem haver inferno eu te temera;

Que pelo teu amor tudo perdera,
E se o goso que espero não sonhara,
Com o mesmo afan minh'alma te quisera.

Emilia Maia.

*

MEU DEUS, MEU DEUS, PORQUE
ME ABANDONASTE ?

IV

No Ocidente o sol já se escondia
E Christo sobre a Cruz abandonado,
Divagava o olhar angustiado,
Pela turba que o escarnecia.

A formosa cabeça lhe pendia
Sobre o peito de chagas constellado,
E de dôres crueis atormentado,
N'uma angustia mortal, estremecia.

Ergue-se o peito nas vascas da afflicção,
E fica-se em dolorosa contracção
Como um lyrio pendido sobre a haste.

E n'essa solidão perdendo a vida,
Ao Pae invoca em voz amortecida :
'Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste ? !'

Emilia Maia. *As Sete palavras de Nosso Senhor Jesus
Christo no Calvario*, Lisboa, 1916.

D. CANDIDA AYRES DE MAGALHÃES

D. Cândida Ayres de Magalhães é filha de D. Maria de Carmo Vaz de Carvalho e do coronel de Cavalaria, sociada Academia das Sciencias de Lisboa e ilustre poeta e prosador Christovam Ayres de Magalhães Sepulveda, o notavel auctor da *Historia do Exercito Portugues* (14 volumes) e de muitas outras obras de real valor, de que tratare quando noutro tómo, continuação desta *Antologia*, me occupar dos *Poetas Consagrados*.

D. Cândida Ayres de Magalhães que é sobrinha da muito notavel escriptora Sr.^a D. Maria Amalia Vaz de Carvalho publicou os seus primeiros versos em 1906, na *Illustração Portuguesa*, onde tambem escreveu umas curiosas poesias sobre ditas infantis.

Tem ainda colaborado na Revista *Transmontana*, *Jornal da mulher*, e *Diario Nacional*, e sobretudo, na *Aguia*, o órgão literario da *Renascença Portuguesa*. Nessa bela revista portuense, publicou esta ilustre Poetisa alguns capitulos d'um trabalho (por concluir), e que pelo seu lirismo e belleza de forma, lembram bastante as poesias de *Uma Primavera de Mulher*, e das *Vozes do Ermo*.

Figura tambem no livro *In Memoriam*, em que escreveram distinctas escriptoras e escriptores, e que foi dedicada pelo sr. Christovam Ayres, a seu filho José Vaz de Carvalho, o soneto *Risopara os outros*, que incluo nesta collecção.

D. Cândida Ayres de Magalhães faz versos, desde pequena.

No *Brazil e Portugal* de 1914, n'um artigo escripto por D. Maria O'Neill acerca do auctor da *Historia da Cavallaria Portuguesa*, achei o seguinte curioso pormenor referente a sua filha D. Cândida :

No collegio das Francesinhas de São Luiz, onde a auctora dos *Nimbos*, conheceu aos nove anos D. Cândida Ayres de Magalhães, via-a sempre, com os bolsos do bibe cheio de versos.

RISO PARA OS OUTROS

Pude entrar n'esse quarto onde morrias
amando a Vida! .. O teu olhar buscava
lêr, em quem do teu leito se abeirava,
que não era de morte o que sentias...

E quando, ainda a fallar, já não sorrias,
porque essa luz na Morte se apagava...
eu pude rir.. n'um riso que emballava
A illusão em que tu adormecias..

E rio ainda... e já te vi morrer!
E' que na vida o riso é um dever:
(causar tristeza aos outros faz remorso...)

Depois... choro baixinho e ás escuras,
a descançar do riso em que me esforço
por esconder tão fundas maguas!

Cândida Ayres de Magalhães. *Almanach Illustrado* (da
'Arceria Pereira), para 1912, pag. 64.

*

MOCIDADE...

Não ter amor, esperança ou fé que alente
Não ter sequer um bem que nos sorria,
nem consolo, nem paz... e não ter guia
na vida que promette e assim nos mente;

Sentir dentro de nós, sempre gemente,
o coração faminto da alegria,
como um cego que pela luz do dia
viva a chorar na sua noite ingente;

Bradar, erguendo os braços para a Morte: —
«— Em ti conhecerei quem me conforte,
«Oh! leva quem não deixa uma saudade...»

E volver-nos de longe a Morte: « – E' cedo!»
 «E's moço, ainda cumpre o teu degredo!»
 Para quantos é isto a Mocidade...

Candida Ayres de Magalhães. *Pagina Feminina*, do *Diário Nacional*, de 18-1-1917.

*

LAGRIMAS

(EPIGRAPHE DO LIVRO *Lgrimas*)

«*In Memoriam*» de meu irmão o Dr. José Vaz de Carvalho
 Ayres de Magalhães

Não ha na terra lagrimas mais santas,
 nem mais abençoadas,
 do que essas tristes lagrimas piedosas
 que choravam por nós olhos amigos...
 Por isso é que os Antigos
 — almas videntes, almas religiosas
 que por divino instincto se guiavam,
 depunham com fervor e com ternura
 dentro da sepultura,
 que ia esconder aos soffregos olhares
 esse alguem que partia,
 um vaso de crystal que recolhia
 as lagrimas em fio
 dos que ficavam na desolação...
 E a doce fé deixava-lhes suppor
 que essas lagrimas, symbolo e expressão
 da saudade e do amor,
 iam servir de eterna companhia
 na eterna solidão...

Candida Ayres de Magalhães.

SAUDADE

A saudade começa no momento
em que a gente já sabe que não dura
o bem que nos seduz ;
e da propria saudade sae a luz
que embelleza essa hora fugidia,
e dá encanto a tudo em que tocar,
como a belleza triste do luar
como a saudosa luz do fim do dia . .

Candida Ayres de Magalhães. *Pagina Feminina*, do *Diario Nacional*, de 1-3-1917.

D. MARIANNA ANTONIA PIMENTEL
MALDONADO

D. Marianna Antonia Pimentel Maldonado nasceu em Lisboa em 1772 ou 1774 e faleceu em 1855.

Esta Senhora era irmã de João Vicente Pimentel Maldonado, notavel poeta da *Escola Arcadica* e auctor dos *Apologos*, coleção de cem fabulas que a Garrett mereceram as mais encomiasticas referencias.

Esta Poetisa colaborou com 3 sonetos publicados sob o pseudonimo de *Uma Senhora*, no *Jornal Poetico ou collecção das melhores composições em todo o genero, dos mais insignes poetas portugueses, tanto impressas como ineditas offerecidas aos amantes da Nação*, por Desiderio Marques Leão, publicação feita, *com licença*, em Lisboa, em 1812, e no *Portuguez Constitucional*, de Pato Moniz. Nos versos de J. M. da Costa e Silva vem uma poesia desta Poetisa, que escreveu numerosas poesias que estão ineditas. *

D. Marianna Antonia Pimentel Maldonado publicou :

Ode ao triste anniversario da tragica morte de Gomes Freire de Andrade, publicação apparecida sem o nome da auctora.

Á GRÃ BRETANHA

(SONETO)

Não tanto hum dia Roma libertada
Do jugo de tyrannos oppressores,
Mais graças dava, dava mais louvores
Do grande Bruto á vingadora espada ;

Quanto, ó nossa benefica Alliada,
Graças devemos dar-te ainda maiores :
Teu braço nos vingou de vis traidores,
Nos trouxe a liberdade desejada.

Bem que d'Elisa já no seio ardia
O fogo de justissima vingança
As chammas lhe abafava mão impia :

Em ti os olhos fita, em ti descança ;
Tu arrancaste o sceptro á tyrania,
Quebraste os ferros, que nos punha França.

Por huma Senhora. *Jornal Poetico*, por Desiderio Marques Leão, Lisboa, 1812, pag. 278.

D. ZULMIRA DE MELLO

(D ZULMIRA DA COSTA DE FERREIRA FREIRE DE ANDRADE)

D. Zulmira da Costa de Ferreira Freire de Andrade nasceu na pictoresca e bela provincia do Minho, na aldeia de Ajude, de Pova de Lanhoso.

E' filha de José Augusto Pereira da Costa e de D. Erme-

linda Julia de Ferreira de Mello Freire de Andrade, da Casa das Agrads.

Seu avô materno, José Joaquim de Ferreira de Mello Freire de Andrade que manteve relações literarias com Camillo Castello Branco, era muito dado a assumptos d'arte, sendo a sua livraria no Solar das Agrads, uma das primeiras da provincia.

Foi, sem duvida alguma, esse ambiente d'arte e as leituras que D. Zulmira de Mello (nome com que tem assignado as suas produções poeticas), fez na livraria de seu avô, que tão cedo lhe despertaram a grande inclinação pelas letras e pela poesia, que com tanto gosto, carinho e felicidade tem cultivado desde bem nova.

Esta Poetisa, não tendo adormecido á sombra dos louros colhidos e desejando aperfeiçoar-se, não hesitou em pedir a João Penha (poeta septagenario que á semelhança de Gomes Leal e Camões chega á velhice, pobre de dinheiro e confortos), ensinamentos e conselhos, ao que elle, benevolamente acedeu, tendo no jornal *A Chronica*, ao apresentar a sua discipula, frases bem justas e elogiosas para D. Zulmira de Mello, que durante bastante tempo colaborou nessa publicação, onde figuram muitos nomes illustres.

A maioria das poesias desta Senhora nunca foi publicada. Darão um belo livro, que sua auctora pensa intitular *Flores de Sonho*, ou *Rosas de todo o anno*.

A ascendencia de D. Zulmira de Mello, como escreveu o sr. Conde de Valenças, é das mais nobres e antigas.

D. Soeiro Raymundo, rico homem e um dos fidalgos mais valorosos da côrte de D. Sancho I — acompanhando Ricardo I, Coração de Leão, Rei de Inglaterra, e Frederico Barbara Roxa, Imperador da Allemanha e Philippe Augusto rei de França, na cruzada que estes reisprehenderam para a conquista da *Terra Santa*, — deu taes provas de valor que mereceu o titulo de *Bravo dos Bravos*.

Por ter dado um assalto á porta do muro da torre cha-

mada Mello, de que fala o velho Testamento no Paralipomom LIII Cap. XXXII e em que hasteou na torre a bandeira das cruzadas Coração de Leão, abraçando D. Soeiro Raymundo, lhe deu aquele epiteto, adquirindo o apelido *Mello*.

Em 1204, D. Soeiro Raymundo povoou a quinta a que poz o nome de Mello, povoação elevada a vila por D. Affonso V.

Foi ahi que depois se estabeleceu o solar dos Mellos, de quem descendem os Cadavais, os Sabugosas, os Condes de Vila Real e outras familias illustres.

Pelos Freire de Andrade, provem dos Condes de Trans-tamara e de Trava.

SOMNAMBULA

N'um castello sombrio como a dor
Em que gemia, perpassando, o vento,
Dias de choro, noites de tormento
Triste eu passava, immersa em fundo horror.

Junto á porta, um dragão, sempre em furor,
Olhos em braza, me guardava attento ;
De subito, resôa, estranho evento !
D'entre o arvoredó uma canção d'amor.

A dormece o dragão, feroz, medonho,
D'aquella harpa ao som mavioso e lindo,
E eu vendo tudo azul, o ceu risonho,

Atraz do novo orpheu, sempre fugindo,
Pelos meandros do paiz do sonho,
Somnambula d'amor o fui seguindo

Zulmira de Mello.

PHANTASIA

Oh doce e branda lua, quem me dera
Possuir um alcaçar, fulgurante
D'esmeraldas, opalas e diamante
Em teus reinos de luz e de chimera !

Levada em bergantins de folhas d'hera,
Ir eu quizera á região distante,
Onde és a soberana triumphante,
Onde a Poesia, o eterno sonho, impera !

N'um paço defendido por dragões,
Guardar eu desejava as mariposas,
Branças, brancas, das minhas illusões ;

Desfolhar lírios e jasmíns e rosas,
E ao som vago de murmuradas canções
Vestir de azul imagens vaporosas . .

Zulmira de Mello.

Á BEIRA-MAR

Vão passando as gaivotas, embaladas
Nas salsas ondas d'esse mar de rosas ;
Branços flócos de espumas vaporosas
Lhes tremulam nas azas orvalhadas ;

E da praia as conchinhas variegadas
Alvejam pelas dunas arenosas,
Quaes fragmentos de pedras preciosas
Dispersos pelas ondas prateadas.

Ao pôr do sol, já quando o ceu e o mar
Se confundem, minha alma de vidente
Embebia-se em fundo meditar :

Reminiscencias, que evocava a mente,
Das vagas ao constante murmurar
Nas brumas se esvaiam lentamente . . .

Zulmira de Mello.

D. MARIA JOSÉ FURTADO DE MENDONÇA

D. Maria José Furtado de Mendonça residiu outr'ora em Celorico da Beira.

Colaborou, escrevendo folhetins em verso, no jornal *O Districto da Guarda*.

Nos almanachs antigos, é vulgar aparecer o nome desta Senhora (que foi sogra do falecido advogado Dr. Aureliano de Mattos), firmando poesias e charadas.

Em 1898, publicou um livro de versos, *Flores de Inverno*, que foi prefaciado pelo Dr. Candido de Figueiredo.

Esta Senhora tambem é auctora do *Auto da Vida de S. Sebastião*, editado no Porto em 1862.

O REI DE THULE

(VERSÃO LIVRE)

Outr'ora em Thule reinou
Um bom rei, tão extremoso,
Que até morrer foi cioso
Da mulher que desposou.
Quando esta o mundo deixou,
Entre dores cruciantes,

Chamou por alguns instantes
O Rei, e deu-lhe um legado,
Aureo vaso, cravejado
De rubins e de diamantes.

Quando o bom rei viu perdido
Dos seus amores o objecto,
Desde logo o seu affecto
Concentrou no vaso q'rido.
Tinha por elle bebido,
Dos verdes annos na flor,
O doce nectar do amor
Que docemente o embriagou...
Por isso, jamais deixou
O precioso penhor.

Se uma saudade o pungia,
Mirava o vaso adorado:
Tinha-o na mesa a seu lado,
Só por elle é que bebia.
Apesar d'isto, sentia
Que as forças lhe iam faltando;
Repartiu seus bens; mas quando
Pensou no vaso querido,
Rompeu em pranto sentido,
Largo tempo soluçando.

E logo em tom resolutivo
Os seus cortezãos chamou,
— E nenhum d'elles notou
Seu pranto, já agora enxuto! --
<Antes dos dias de luto,
— Diz-lhes com voz commovida,
<Quero a côrte reunida
<No castello junto ao mar,
<Para ahi vos offerter
<Um festim de despedida.

Dito e feito : a fidalguia
 Já cercava a lauta mesa ;
 Mal disfarçada tristeza
 Nos semblantes transluzia
 Notavam que o rei bebia . .
 Bebia . . e sempre sedento ;
 Semelhante ao avarento
 Que a alma tem no thesouro,
 Libava no vaso d'ouro
 O seu derradeiro alento.

Não pôde mais resistir !
 Atirou o copo ao mar,
 Via-o nas ondas boiar . . .
 Fugia . . tornava a vir . .
 Enfim, ao vel-o afundar
 Ergueu a tremula mão
 N'um «adeus» e a commoção
 Innda prantos lhe arrancou ;
 Depois, seus olhos cerrou,
 Cahiu sem vida no chão.

Maria José Furtado de Mendonça. *Flores de Inverno*, Lisboa. 1898, pag. 133 a 136.

D. ARSENIA BETTENCOURT MIRANDA

D. Arsenia Bettencourt Miranda é natural da Ilha da Madeira.

As suas composições poeticas acham-se dispersas em diferentes jornaes da sua terra natal.

No *Album Madeirense*, compilado por Francisco Vieira, tambem foram publicados alguns versos d'esta Poetisa.

ANHELOS

(FRAGMENTO)

Minha alma, que pedes, que queres ?
Que desejas que anhelos são os teus ?
E' de balde que imploras a Deus
Uma hora, um lampejo de luz ;
Densas trevas t'envolvem, te cercam,
E, por ellas a custo seguindo,
Vaes terriveis angustias sentindo,
Dôr acerba que a voz não traduz.

Doces sonhos me v'em por momentos
Esta vida alegrar, colorir,
Cuido então nessas horas fugir,
Triste mundo, p'ra longe de ti !
Esquecendo da vida os pezares,
Vou transpondo a sorrir o espaço,
Não sentindo a fadiga, o cansaço,
Que me prostram, me matam aqui !

Alta noite no ceu vejo a lua
A mirar a cidade dormente,
Prateando a ligeira corrente
Indo ao longe embalar-se no mar !
E eu escuto ness'hora encantada,
Uns sons vagos de grata harmonia,
De saudades, d'amor, de poesia,
Que me v'em docemente inspirar !

Arsenia Bettencourt Miranda. *Album Madeirense.*

D. ALICE MODERNO

D. Alice Moderno nasceu em Paris em 11 de Agosto de 1867.

E' filha de D. Celina Pereira de Mello Maulaz Moderno e de João Rodrigues Moderno.

Descende esta illustre Escriptora e Poetisa do celebre liberal Antonio Januario Moderno, da Ilha da Madeira, ao qual se refere o Tomo V, pag. 244, 325 e 478 dos *Documentos para a Historia das Cortes Geraes da nação portuguesa*.

Tendo vindo para Portugal em 1875, D. Alice Moderno foi a primeira senhora que cursou o Liceu de Ponta Delgada, onde vive e fundou um jornal literario, *A Folha*, no qual tem colaborado individualidades illustres nas Letras Portuguesas.

Esta Senhora é auctora dos seguintes trabalhos literarios:

Verso: *Aspirações, Trillos, Os Martyres do Amor, Asylo de Mendicidade, No Adro* (obras exgotadas), e *Versos da mocidade*.

Prosa: *Pessoas e coisas, O Dr. Luiz Sandoval, Açores* (descripção do archipelago), *Recreio das Salas* (revista literaria), etc., etc.

Pertence ao Instituto de Coimbra, e International Women Union, de Londres.

Muitos dos seus versos foram traduzidos em alemão, sueco, francez, inglez, hespanhol e italiano.

Em 1907, a *Alma Feminina* de que foi directora D. Virginia Quaresma, abriu um concurso, em que eram premiados os poetas portugueses, que melhor formassem um soneto com duas quadras que lhes eram dadas.

Entre os 40 concorrentes, foram apenas premiados nesse certamem, D. Alice Moderno, D. Domitilla de Carvalho e D. Branca de Gonta Colaço.

Ha pouco, num outro concurso poetico realisado pelo *Jornal da Mulher*, coube a um soneto d'esta Poetisa o primeiro premio.

MINIATURA

Só duas cousas diviso
Que sejam inda mais bellas
Do que o brilho das estrellas,
Do que a harmonia do mar :
— E' o imam do teu sorriso
E' a luz do teu olhar !

Alice Moderno. *Aspirações*. — Primeiros versos — Ponta Delgada, 1886, pag. 69 e 70.

*

LAGRIMAS

Eu quizera poder guardar n'um cofre
Talhado em diamante ou rubi,
As transparentes lagrimas de aljofre
Que hei derramado, meu amor, por ti

Alice Moderno. *Aspirações*, pag. 213

*

CREANÇAS

N'uma festa escolar

Eu quero muito ás creanças,
Essas alminhas de luz,
Esses ramos de esperanças
Esses irmãos de Jesus.

Dentro em sua alma impolluta
 Esplende e brilha o candor,
 Como, ao fundo de uma gruta,
 A's vezes, nasce uma flor.

Sempre que as vejo, suaves,
 Irrequietas, buliçosas,
 Mais travessas do que as aves,
 Mais fragrantas do que as rosas,

Digo : Senhor ! Não as tisne
 Do vicio o labeu fatal !
 Deixa-las ser como um cysne
 No seu lago de crystal !

Deixa-las ser sempre puras,
 Deixa-las ser sempre bellas,
 Como são, lá nas alturas,
 As lucilantes estrellas !

Alice Moderno. *Versos da Mocidade*, Ponta Delgada, 1911,
 pag. 13-14.

VISCONDESSA DAS NOGUEIRAS

(D. MATHILDE IZABEL DE SANT'ANNA E VASCONCELLOS
 MONIZ DE BETTENCOURT)

A Viscondessa das Nogueiras (D. Mathilde Izabel de Sant'Anna e Vasconcellos Moniz de Bettencourt), nasceu na Ilha da Madeira a 14 de Março de 1806 e faleceu em 23 de dezembro de 1888.

Esta Senhora que pertencia a uma antiga e nobre família madeirense, era filha de D. Francisca Emilia Teixeira de Menezes e de José Joaquim de Vasconcellos.

Foi casada com o Visconde das Nogueiras (Jacintho de

ant'Anna e Vasconcellos), escrivão da Mesa Grande da fãndega do Funchal, e á qual se refere a pag. 8 do livro *Testado genealogico* de João Carlos Feio.

Poetisa e Dama muito distincta, òela trata o *Diccionario* de Innocencio da Silva, e Bulhão Pato, a pag. 279 do tomo 2.º das suas *Memorias*.

Mãe do Visconde das Nogueiras, representante de Portugal nos Estados Unidos da America (auctor do volume de versos, *Amor e Patria*), D. Mathilde de Sant'anna e Vasconcellos escreveu com as iniciaes M. S. A. V. os seguintes livros :

O cura de S. Lourenço, 1855, romance ; *O Soldado de Albarrota*, 1857, romance historico ; *Dialogo entre uma avó e sua neta*, para uso das crianças de cinco a dez annos, approvado pelo conselho superior de instrucção publica, 1862.

Traduziu : *As Castellãs de Rossilon* ; e *Genoveva* ; verteu para francês, *Eurico o Presbitero*, de Herculano.

Os versos d'esta illustre Poetisa nunca foram compilados em volume.

Colaborou em muitos jornaes e no *Album Madeirense*.

UMA NOITE DE LUAR

(FRAGMENTO)

Já de estrellas recamado
A noite estendeu o veo,
Fulguram astros brilhantes
No panorama do ceu ;
E sobre a praia arenosa
Rola a vaga preguiçosa.

Nuvem não ha que escureça
O azul do firmamento,
Roçam apenas nas folhas

As leves azas do vento ;
Canta em loureiro visinho
O rouxinol num raminho .

E o fugitivo planeta
Que o ceu deixára apressado,
Quando alli viu girar
Do sol o carro dourado,
Agora, vagando errante,
Nos mostra a face radiante :

Tem já metade cruzado
Das celestes regiões,
Onde formam as estrellas
Formosas constellações,
Que variam na figura
Por sua fórma e altura :

O frouxo pallor que esparge
Sobre o lago prateado
Deixa na face das ondas
Um novo ceu retratado,
Onde se mira vaidosa
Da noite a princeza airosa.

Viscondessa das Nogueiras. *Album Madeirense*.

ONDINA

Tal é o pseudonimo usado pela auctora do volume de versos, *Pombas Feridas*, impresso em Paris, em 1906.

De *Ondina* que nasceu numa das ilhas do Archipelago Açoreano, diz o *Brazil e Portugal* :

«Ondina não é, pois, só ilustre e fidalga pelos seus sentimentos e merecimentos ; é nobre e ilustre tambem pel

ua ascendencia e pelo seu casamento. Pois apesar d'isso, *Ondina* é tão modesta que, podendo usar brazões illustres e assignar os seus escriptos com um titulo nobilissimo, é de uma simplicidade admiravel, e assigna verdadeiras maravilhas com um modesto e simples pseudonimo».

«Bem dotada pelo nascimento, pela intellectualidade, pelo talento, pela poesia, pelo coração, não o é menos pelas graças».

«Venus, se a visse, despediria decerto uma das tres Nymphas que a acompanham sempre, e admitiria em seu logar a graciosa e gentil *Ondina*. Ou se não tivesse coração para despedir uma das trez Graças, ella ficaria decerto sendo a quarta e passaria a ser a *Graça do sorriso*». O seu sorriso não tem rival. E' simplesmente delicioso, estonteante, macio —, como uma musica, um affago, uma aza...»

.....
 Ignoro se esta Poetisa chegou a publicar um livro em que trabalhava e cujo titulo era: *Espumas*.

POMBAS FERIDAS

Vão, ás vezes, as pombas pelo espaço,
 pelo espaço azulino a palpitar. . .
 aos bandos, aos cardumes, foragidas,
 as azas estendidas,
 por sobre torreões, jardins, o mar.

Vão em demanda dos paizes quentes,
 fabricar outros ninhos mais além . . .
 Vão fugindo aos nevões, ao inverno, á cheia.
 buscar Roma ou Judea,
 jardins d'Asia, talvez Jerusalem.

Ruflando as azas, vão, com mil arrulhos,
 beijos dando com os roséos biquinhos . . .
 e as nuvens côr de prata atravessando
 n'um doce enlêvo brando,
 — ao ar, á luz, ao sol, pelos caminhos.

Mas, ás vezes, nos bosques sussurantes,
um caçador, nas sombras da espessura,
dispára contra as pobres emigrantes. .

Das azas palpitantes
gotas sanguineas chovem lá da altura !

Feridas vão . . . e comtudo vão voando
as peregrinas, tristes, a arrulhar . . .
e as que passam nas pedras das estradas
plumas ensanguentadas
véem ás vezes recortando ar.

Leitor, — tambem nas folhas deste livro —
que eu compuz, como ao vento uma canção,
muitas plumas sangrentas vão caindo.

Parecem cair, rindo . . .

— mas tombaram chorando o coração.

Ondina. *Pombas Feridas*, Paris, 1916, pag. 15 e 16.

D. MARIA O'NEILL

(D. MARIA DA CONCEIÇÃO INFANTE DE LA CERDA
PEREIRA D'EÇA CUSTANCE O'NEILL)

D. Maria O'Neill (nome com que assigna os seus trabalhos literarios), nasceu em Lisboa.

E' filha de D. Maria Carlota Infante de Lacerda Pereira d'Eça e de Carlos Torlades O'Neill, ha pouco falecido.

Esta distincta e illustre Poetisa e Escriptora que descende de familias nobres, é sobrinha do Visconde de Santa Monica, auctor do *In Memoriam* e do *Fabulario*, e neta do general José Antonio Pereira d'Eça (sobrinho do Conde das Antas), comandante do Asilo de Invalidos Militares, em Ruma, de quem era amicissima e pela memoria do qual tem a maior veneração.

São do seu livro de contos — *Vida Real*, — as enternecidas palavras que passo a transcrever :

«Quem lhe visse a estatura aprumada e marcial, a ruga que, perpendicular, lhe sulcava a testa, os olhos verdes e penetrantes como gumes toledanos, tinha a consciencia de estar deante de um forte, mas não podia suppôr que sob aquelle peito, arcado e amplo, de velho caçador se abrigava um coração d'imensa e quasi feminil sensibilidade.

Nas *Cartas da Guerra* (coleccção de sonetos inspirados por um sonho), diz ainda de seu avô, esta Senhora :

Foi tão ingenuo, ativo e puro ser,
 Que, atravessando largamente a vida,
 A terminou sem bem a conhecer.
 Foi cheio de bondade e de talento,
 Comsigo austero, mas co'os outros nã .
 Olhando sempre o azul do Firmamento
 Passou na terra sem fitar o chão.

Se percorrermos as restantes obras desta Escripтора, nelas sempre acharemos uma palavra de saudade para o seu «melhor e mais dedicado amigo».

Tendo sido apresentado a D. Maria O'Neill, uma das nossas intellectuaes que maior numero de labores literarios tem produzido, pude de perto apreciar a serie de variados conhecimentos que possui, o que lhe permite abordar os generos literarios mais opostos, como facilmente verifiquei ouvindo-a, e lendo a sua vasta obra literaria.

Não é unicamente como escriptora que deve ser encarecida a personalidade desta conhecida e apreciada Poetisa.

Quem tenha tido o prazer de falar e de conviver com D. Maria O'Neill, notará logo que, á sua extrema simplicidade e despretenção, se alia um profundo amor pelo trabalho e pelo proximo.

Humanitaria e sempre disposta a sacrificar-se, é duma grande dedicação para com todos que do seu auxilio carecem.

.....

Como jornalista, escreveu em varios jornaes muitos e interessantes artigos sobre assumptos sociaes, literarios e artisticos.

Citarei apenas : No *Intransigente*, jornal fundado por Machado dos Santos — uma entrevista com o Ministro das Colonias ; no *Brazil e Portugal*, de 1914, sob o titulo de *Os nossos Artistas*, uma collecção de curiosos escriptos com os quaes tenciona formar um volume.

Aos dez anos de idade escreveu *O Morgado do Juncal*.

Em 1908, appareceu o seu primeiro livro de versos — *Nimbos*, obra que foi prefaciada pelos illustres Academicos José de Sousa Monteiro, seu mestre e grande amigo, e Bulhão Pato que, a pag. XI e XIV do prefacio, diz :

«Maria O'Neill, nas suas composições prima mantendo sempre a simplicidade e correcção pouco vulgar». «A sua linguagem nas locuções flexiveis e graciosas, é corrente elegante e moderna».

«Termino, saudando a auctora dos *Nimbos* pelo seu elevado talento e felicitando-a pela sua primorosa estreia».

Sousa Monteiro finda deste modo a sua carta acerca do *Nimbos* :

«Do muito, do muitissimo que tinha para n'este gratissimo assumpto dizer, direi apenas isto» :

«Expliquei já o porquê desta abstenção custosa. Nos mestres, como nos paes a gloria de seus filhos, se reflecte a gloria dos discipulos».

Directora do *Almanach das Senhoras* e do *Almanach Illustrado* (da Parceria Pereira), tem colaborado nos jornaes e revistas : *Jornal da Mulher*, *Zig-Zag*, *Correio da Europa*, *Bem Publico*, *Satira*, *Serões* (outra bela revista cuja publicação é para lamentar ter findado), *Illustração Portuguesa*, etc., etc.

D. Maria O'Neill é auctora dos seguintes trabalhos, em verso : *Nimbos*, *Tudo Perdido* (poema), *Cartas da Guerra*, *Fôra as Congregações*, *Aos Politicos*, e *São João nas ruas*.

É em prosa :

Ilusão desfeita, *Psalmos de Amor*, 1910; *Uma satisfação* à Ex.^{ma} *Senhora D. Maria Amalia Vaz de Carvalho*, 1911; *Um drama de ciúmes*, *Lucta de Sentimentos*, *A Marquêsza de Vale Negro*, 1914, (romances); *Vida Real*, 1915; para a *Biblioteca da Infancia*, escreveu: *Horas de Folga*, *Recreações Infantis*, *Para ler nas férias*, *Por bom caminho*, *Para divertir*, *Alegrias*, *Historias famosas*, bem como 7 folhetos para a colecção *Um imitador de Sherlock Holmes*.

Alem d'estes trabalhos, tem traduzido varios livros, como *Lea*, *Dama das Camélias*, etc.

Apesar d'outras occupações lhe tirarem tempo e socego, D. Maria O'Neill, que fez a sua estreia literaria em 1907, trabalha actualmente nas seguintes obras :

Claudia, *Psychologia de uma americana*, *Milagres de Santo Antonio*, *A Vibora*, romances; *Mulheres e reticencias*, contos; *Folhas mortas*, versos e *Contos da Mamã*.

Tem tambem promptos varios dramas e peças teatraes cujos titulos são : *Amor serodio* — comedia do tempo do Marquez de Pombal; *Scenas da Revolução* — drama em 3 actos; *Sombra do Passado*, idem, idem; *Scenas do Campo*, idem, idem; *Um primo do Brasil*, e *Xequé Mate*, comedias.

Esta ultima é uma adptação em verso. Do seu livro, *Um drama de ciúmes*, diz o Dr. Cândido de Figueiredo na *Chronica literaria*, do *Diario de Noticias*: «Já vimos muito tarde para falar d'este romance firmado por um dos nomes mais lustres e mais simpaticos da actual pleiade de escriptoras portuguesas».

.....
«A acção de *Um drama de ciúme*, não pode ser, como se é, mais impressiva e impolgante.»

«Ha quadros traçados com enexcedível maestria.»

Acerca do mesmo livro e da *Lucta de sentimentos*, exprime-se deste modo Fernandes Costa, auctor do *Eterno Feminino* e doutros belos livros, numa notavel carta aberta publicada no *Dia* de 31-7-913:

«Encontrei nas duas obras qualidades ingenitas que me impressionaram vivamente. A leitura de muitos dos seus capítulos não se pode fazer sem commovido interesse, sem um forte prazer literario, sem se estar reconhecendo, de continuo, a imperativa aptidão artistica e a innegualavel vocação romantica da escriptora engenhosa que os delineou e escreveu. Movem-se os seus personagens com deliberada naturalidade, com impressionante facilidade de gente viva surprehendida pela intelligente e sagacissima observador em animados instantaneos da existencia real e verdadeira.

«A dialogação é espirituosa, é saltitante, é fértil, é profunda, é comica ou dramatica, conforme as circumstancias a reclamam, na absoluta e completa propriedade com os casos

«Estes são predicados salientes dos seus trabalhos no campo da literatura imaginosa, onde V. Ex.^a marcando o seu logar com afirmações de talento e de graciosa e energica espontaneidade, que ninguem imparcialmente, lhe póde contestar. E muito mais alto subiriam as demonstrações do seu grande merecimento artistico, se V. Ex.^a cultivasse as especialidades literarias, em que já é distincta, n'um meio por outra forma propicio ao desenvolvimento progressivo del

A obra literaria de D. Maria O'Neill tem sido devidamente apreciada, como tive occasião de verificar por uma bela e elogiosa coleção de autografos que possui, firmados pelos nomes mais em evidencia na Literatura Portuguesa.

O inedito que publico, faz parte dos versos de que compõe o seu livro a publicar — *Folhas Mortas*.

Por esta poesia poderão facilmente os leitores julgar a beleza das restantes produções das *Folhas Mortas*.

FLIRT

(INEDITO)

Quer que lhe diga o que é? Um jogo de maldade
Que arrasta muita vez mais longe a vontade :

E', sabendo-se isenta, avassallar alguém
E sugeita-lo após com risos e desdem :

Não ter em conta alguma o coração alheio,
Mas dar grande valor a um dito, um galanteio :

Trazer sempre após si uns ôcos tagarellas
Que pasmam alta noite em frente das janellas,

Fechadas, já se vê, que a mulher troça-os rindo,
E diz depois que o rol dos parvos é, infindo !

Eu nunca o quiz fazer. E' vil dissipação.
Um sacrario respeita-se : — O que é o coração ?

Maria O' Neill.

*

O QUE SÓ TERMINA COM A MORTE

Perdidas illusões que tanto amei,
Fulgente enxame ao seio acarinhado,
Vós me fallaes ainda do passado
E me fazeis sorrir do que chorei.

Curou-me o tempo o coração lanhado,
Mas deixou-me a lembrança do que errei
Porque não peque, no que já pequei
Crendo ser ouro o que só é dourado.

Se olho as antigas crenças com piedade
Um ecco do que fui me vibra n'alma
Ao folgar juncto a mim a mocidade.

Mas commove-me vê-la em tanta calma
Correr desprevenida á realidade
Que finda tudo menos a saudade.

Maria d'Eça O'Neill. *Nimbos*, Lisboa, 1908, pag. 200.

*

UM SONHO

Sonhei que me mataste e tive pena
Da dôr que de fazê-lo sentirias ..
Não te rias, meu anjo, não te rias
Nossa alma pode, se de affectos plena,

Olhar a morte impavida e serena
E succumbir a alheias agonias.
O mais pungente d'essa triste scena
Era, acredita, ver que padecias.

Tendo-me morto tu depois choraste ..
Ouvi-te alli, sem me poder mover
Sentindo em dôr o coração estalar!...

Sonho maldito que o Senhor affaste :
Ter-te juncto de mim, ver-te soffrer
E não ter voz para te consolar.

Maria d'Eça O'Neill. *Nimbos*. pag. 4.

*

APÓS UMA JORNADA D'AMARGURA

Eu sei mui bem, Senhor, que não mereço
De que ao meu peito, nunca descançado,
Baixeis, Consolador Immaculado
A suavisar-me a dôr de que padeço.

Se d'ira, muita vez, n'alma estremeço
 Contra o destino, que é por Vós mandado,
 Basta pensar no meu Jesus amado
 Para volver á paz de que careço.

Se em Vós a minha mente dolorida
 Sempre tiver amparo e achar guarida
 Nas batalhas da vida, hei de vencer! —

E quando desça emfim á sepultura
 Apóz uma jornada de amargura
 Como eu, Senhor, acharei bom morrer.

Maria d'Eça O'Neill. *N'imbos*, pag. 35.

D. AGUEDA LEONOR ALVARRÃO PACHECO

D. Agueda Leonor Alvarrão Pacheco nasceu em Elvas. Irmã de D. Maria José Alvarrão Pacheco Simões, e de D. Henriqueta Pacheco é filha de D. Julia Victoria Alvarrão Pacheco. e do general Paulo Eduardo Pacheco, ambos já falecidos.

Esta ilustre Poetisa, que professa um verdadeiro culto pela literatura, é auctora de belos versos em portugues e em francês, de alguns contos, comedias e diversos artigos, trabalhos estes quasi todos publicados nos jornaes de Lisboa: *Diario de Noticias*, *Diario Illustrado*, *Echos da Avenida*, etc.

D. Agueda Pacheco tem tambem collaborado nos *Almanachs das Senhoras* e *Luso Brasileiro* e no jornal *A Folha* de que é directora e proprietaria a conhecida escriptora D. Alice Moderno.

Nesse jornal, foi publicado um artigo seu intitulado *Feminismo*, que mereceu a honra de ser transcripto em varios periodicos dos Açores.

Entre as poesias mais apreciadas desta Senhora, posso mencionar : *A Duqueza de Bragança*, *A morte de Cleopatra* e os sonetos *Trovejando* e *Porque ?* ; *Myrtes*, *Du trouble partout* e a versão do *Triste monge*, de Gomes Leal, etc.

Nos versos em francês usa D. Agueda Pacheco o pseudonimo de *Eleonor de S. Y.* ; nos contos o de *Edelwiss*.

PORQUÊ ? !

Meu Deus ! porque não dás á pobre criatura
Uma parcela só do teu poder imenso ? !
Se a todos cabe em dote o sofrimento intenso,
E a vida inteira é dor, tristezas e negrura ;

Se os bons momentos são . . . momentos, nada mais,
Se na terra não pousa a perfeita ventura ;
E se o cansasso vem após tanta amargura,
A ponto de par'cer que somos imortais ;

Porque não dás Senhor, na tua alta bondade,
A' pobre criatura a quem a dor invade
Um meio simples, bom, para fugir do mundo ?

Porque não deixas tu que a vida, ao menos, seja
Um livro que se lê enquanto se deseja,
E que se fecha, enfim, quando o sofrer é fundo ?

Agueda Pacheco.

TROVEJANDO

Estraleja o trovão no cinzeo espaço,
Resfriam-se do ether as camadas,
'Scurecem das montanhas as quebraças,
E envolvem todo o vale em negro abraço.

No rio — que se estende em longo braço —
De grossa chuva as gôtas apressadas
Repetem, sobre as aguas assustadas,
Liquidos discos de perfeito traço.

Gemem os choupos e os pinheiros mansos
Ao pêso enorme da caudal tormenta ;
Fogem as aves, tremem mesmo os gansos ;

Sómente a luz do sol, toda beleza,
Surgindo emfim por entre a cor cinzenta,
Ri do pavor da terrea natureza.

Agueda Pacheco. 1910.

D. HENRIQUETA GUILHERMINA ALVARRÃO PACHECO

D. Henriqueta Guilhermina Alvarrão Pacheco nasceu em Elvas.

Era a irmã mais nova das poetisas D. Maria José Alvarrão Pacheco Simões e D. Agueda Pacheco.

Esta Senhora que foi casada com seu primo Manuel Joaquim Desiderio Pacheco, official distincto e professor do Collegio Militar, faleceu em 1905.

Dotado de uma intelligencia viva e clara, e de belas qualidades, possuía grandes aptidões artisticas.

D. Henriqueta Pacheco apreciava muito as Belas Artes e, em especial, a musica.

Escreveu em prosa, uma comedia de sala, num acto, intitulada *Uma partida de damas*, comedia que se representou varias vezes, em soirées, sendo muito aplaudida.

Nas suas produções poeticas, simples e pequenas, ha alguns versos de muito realce e colorido.

A TARDE

Declina o dia ! no horisonte lindo
 Vermelhas nuvens perpassando vão,
 E o sol fulgente a occultar-se quasi,
 Já desmaiado nos alumbra então !

Vai pouco a pouco agonizando placida
 Dourada chama desse fácho intenso ;
 E o veu de trévas de uma noute amêna
 Cae desdobrado, silencioso, imenso !!

Como da noute o tenebroso manto
 'Scurece o prado, o campanario, a cruz !
 Assim 'scurecem, em minh'alma os brilhos
 Quando os teus olhos não me dão a luz! . . .

Trás me saudades, esta aragem tépida,
 Suspiros, cantos, de um amor celeste ;
 Balsamo puro no meu peito ardente . .
 Suave orvalho na campina agreste !!

Henriqueta Pacheco. *Almanach Illustrado, Literario e Charadistico para 1886, (2.º anno), Extremoz, 1885, pag. 228.*

D. MARIA JOSÉ ALVARRÃO PACHECO SIMÕES

D. Maria José Alvarrão Pacheco Simões nasceu em Elvas, sendo a filha primogenita de D. Julia Victoria Alvarrão Pacheco, já falecida e do general Paulo Eduardo Pacheco, antigo comandante geral da Arma de Artilharia cargo de confiança e espinhoso.

Esta Senhora conta na sua familia grande numero de literatos. Alem do seu marido, o coronel de Infantaria sr.

Luiz Henrique Pacheco Simões, official muito illustrado e trabalhador e considerado escriptor militar, e de seu filho Mario Cesar Pacheco Simões (mais conhecido pelo nome literario de Mario Pacheco), professor efectivo do liceu Alves Martins, de Vizeu, auctor dos livros de versos: *Horas Claras*, *Himnos á vida e ao amor*, *Livro de Trovas*, *Dalias* e *Canções do meu lar*, e de suas irmãs D. Agueda e D. Henriqueta Pacheco, ainda se teem dedicado ás letras, seus cunhados, os apreciados escriptores Luiz Leitão e sua esposa, D. Maria Pacheco Leitão, auctora de *Ivonne* e *Pitois*, *Estimulos* (serie de contos vertidos do francez e destinados ás creanças das escolas primarias), e *Um Evangelizador da Bondade e Beleza*, folheto no qual reuniu diversos artigos publicados em diferentes jornaes, e pelos quaes se pode avaliar da missão altruista e dos ideaes de Luiz Leitão.

Desde muito nova que esta illustre Poetisa verseja. Porém, só mais tarde consentiu que fossem publicadas algumas de suas poesias. Fez em 1881, no *Eborensense*, a sua estreia literaria.

Tem collaborado nos jornaes, almanachs e revistas: *Porta Ferrea*, de Coimbra; *Folha de Mafra*; *O Meridional*, de Montemor-o-Novo; *Jornal das Senhoras*, de D. Julia Sandoval; *Folha, Jornal da Mulher*, *Diario de Noticias*, *Almanach das Senhoras*, *Alma Feminina*, *Revista do Bem*, dirigida por Luiz Leitão, e no *Tiro e Sport*, onde no numero 359 do 13.º ano, referente a 31 de Julho de 1907, teve esta Senhora a satisfação de ver publicada na secção *Sala das Perolas*, a sua tradução do monologo do fim do primeiro acto do drama — *Hernani*, de Victor Hugo, trecho que vem acompanhado do retrato de D. Maria José Alvarrão Pacheco e de palavras muito elogiosas, e que mereceu as melhores referencias de abalisados poetas e escriptores, a quem, previamente, havia sido mostrada pelo professor e illustre official de Engenharia sr. Marrecas Ferreira.

Foi tambem na *Sala das Perolas* que appareceu a tradu-

ção em alexandrinos, do monologo de *Carlos V*, feita por Pinheiro Chagas.

Alem da bela tradução do *Hernani*, que os leitores desta *Autologia* poderão apreciar, esta Poetisa tem feito outras, como de Frederic Passy, Sully Prod'home; de Theophile Gautier, verteu um conto, *O ninho de rouxinol*.

Em 1913, publicou D. Maria José Alvarão Pacheco, um folheto em verso, sob o titulo de *Sombra e Misterio*; esta Senhora pensa fazer uma selecção de seus versos, para os reunir em volume, o que será mais um bom serviço que presta á Literatura Portuguesa que, desse modo, ficará enriquecida com valiosas produções poeticas (até hoje dispersas), entre as quaes avultam alguns inéditos.

Do valor dos versos de D. Maria José Alvarão Pacheco, avaliará quem ler as *Novas Alvoradas*.

NOVAS ALVORADAS

Porque abates, mulher, a tua nobre fronte
Aos pés do teu senhor, ao peso que te esmaga,
Se o teu sentir é santo e a tua voz affaga
E se é tão lindo e vasto o teu vasto horisonte ?

Porque te algêmam dize, qual servidor ingrato
Se tu és livre e és aguia a revoar no espaço ?
Com que direito a lei, ousando erguer o braço,
Trucida o teu talento e o teu sonhar maltrata ?

Porque os olhos fechaste ás gerações passadas,
E és tu que tens na mão as gerações futuras,
Porque não tens tambem em teu poder seguras
A liberdade e a luz das novas alvoradas ?

Porque te envolve ainda o baixo servilismo
Que faz nascer o engano, a falsidade, a treva ?
Quando é que o sol rompendo, ao teu caminho leva
O clarão sem equal, que mate o vil egoismo ?

Se tudo em teu sentir desperta uma cohorte
De mil dedicações! Como é que ninguém sabe
Que o teu valor immenso até nem mesmo cabe
No logar que lhe desse a gratidão mais forte?!

Não curves a cabeça!... Estuda lê, medita!
Transforma o campo inculto em jardim perfumado!
Trabalha, aprende, ensina! até que vás ao lado
Desse ente que contigo o mesmo chão habita.

Em vez de indifferente ou revoltada, apura
A forma a novas leis que possam sustentar-te.
Desponta já o sol que deve illuminar-te.
Rasga, mulher, os veus da tua noute escura!

No mundo o teu logar não é a vã chimera
Que se desfaz qual fumo!... e é bello o teu caminho!
Ensina-o bem a pomba, entrelaçando o ninho,
E com ardente afan, no seu covil, a féra.

O teu logar, mulher, é junto a quem padece!
E é junto á prole ingenua!... E's tu tal como o porto
Onde o cançado nauta encontra almo conforto
Quando a tormenta vem e o ceu azul 'scurece,

Por mais que ao longe paire o teu pensar inquieto,
Por mais que ao longe vás em nova e crúa liða
Da de puxar-te ao lar ignota mão querida!
O lar te ha-de levar o verdadeiro affecto ...

Mas não ao lar que existe! ... ao lar ainda distante
Mas não ao falso ninho, onde ha grilhões ainda!
O lar onde a mulher por uma aurora linda
Nos novos ideaes, encontre a luz brilhante!

Maria José Alvarrão Pacheco. *Echos da Avenida*, n.º 996,
de 5-XII-1909, XX anno.

*

FRAGMENTO DO «HERNANI»

(DE VICTOR HUGO)

(ACTO PRIMEIRO — SCENA IV — *Hernani, só*)

Tu o disseste, ó rei! do teu séquito sou!
 Dia e noite te busco; atraz de ti eu vou.
 Cada passo que dás, logo o meu passo o segue
 Em mim, a minha raça, a tua, em ti, perséque.
 De olhos fixos no rei, punhal sempre na mão,
 Vê tu que senda aponta o meu fatal condão!
 E agora és meu rival! . Apenas um instante,
 Entre amar e odiar eu fiquei vacillante,
 Pois no meu peito ardente oh! crê! não ha logar
 Para o meu odio insano e o meu amôr, a par!
 Ia esquecendo já, quanto te odeio, amando;
 Porém tu vens lembrar o meu sentir nefando.
 E's tu quem me desperta! és tu que vens dizêr:
 «Acorda, sonhadôr, seguir-me é teu devêr.»
 E o meu amor inclina a trémula balança,
 E vem cair tambem do lado da vingança! . . .
 Do teu séquito sou! Tu o disseste, ó rei!
 Caminha pois e vê, que atraz de ti irei.
 Nunca os teus cortezãos servis ou palacianos,
 Nem servidores teus do seu mister ufanos,
 Irão junto de ti, fieis ao seu senhor,
 Como eu irei, ó rei, com tão seguido ardôr!
 Os que te cercam, crê, cubiçam só grandezas!
 Frivolas honras, luxo! o fausto e as riquezas.
 E os grandes de Castella os poderios vãos,
 Que pôdem dar á larga, as tuas regias mãos.
 Eu não! Eu quero mais! Não sou tão fraco e louco,
 Que vá prender-me a ti e desejar tão pouco!
 Se a tua mão destróe na minha vida a paz
 A minha ha de vingar o teu arrojo audaz!

Eu quero mais! . . . Se em ódio o peito me incendeias,
 Quero o sangue que tens a circular nas veias!
 Quero a tua alma, a vida e tudo que um punhal
 Revolve, arranca e extingue em coração venal! . . .
 Caminha tu na frente; atrás irei: não cança
 O passo meu á voz d'esta infernal vingança,
 Irei onde tu vás! Imperturbavel, só,
 A lucta intentarei num guerrear sem dó:
 Tu não darás sequer, um passo em plêno dia,
 Sem que eu te espreite e mostre a frente mais sombria
 Nem volverás de noute, o teu altivo olhar
 Sem que o persiga o meu, em fôgo, a rebrilhar!

Maria José Alvarrão Pacheco. *Tiro e Sport*, n.º 359 de 31
 de Julho de 1907, ano XIII.

D. ALBERTINA PARAIZO

D. Albertina Paraizo nasceu na cidade do Porto.
 A sua mocidade foi passada em contacto com talentosos
 poetas e escriptores; conviveu muito com Antonio Nobre,
 auctor do *Só* e das *Despedidas*, Eduardo Coimbra, dos
Dispersos, e Antonio Fogaça, dos *Versos da Mocidade*.
 Do mesmo modo que os Poetas Brasileiros Alvares de
 Azevedo, faleceu contando 21 anos de idade; Junqueira
 Freire, 22; Casimiro d'Abreu, 23; Castro Alves, 24; Aure-
 ano Lessa, 31 e Fagundes Varella, 34; — Antonio Nobre,
 Eduardo Coimbra, Cesario Verde, Antonio Fogaça e José
 Puro, auctor do *Fel* e Alfredo Serrano, auctor da *Manhã
 Mourada* — morrem em plena primavera da vida!

Entre as varias publicações de que esta mimosa Poetisa
 tem sido directora, citarei: *Jornal da Mulher*, *Almanach
 das Senhoras Portuenses*, cujo primeiro ano foi publicado

em 1885, e o *Almanach das Senhoras Portuguesas e Brasileiras*. No primeiro destes Almanachs, escreveram, entre outras pessoas :

D. Alice Moderno, D. Maria José da Silva Canuto, D. Alberto Bramão, Antonio Fogaça, Hamilton d'Araujo, Eduardo Coimbra, Antonio Nobre, Bulhão Pato, Conde de Sabugosa, Eugenio de Castro, Francisco Palha, Gomes Leal, Guerra Junqueiro, J. Leite de Vasconcellos, Joaquim de Araujo, Julio Cesar Machado, Manoel Duarte d'Almeida, Visconde de Monsaraz, Oliveira Martins, Rodrigues de Freitas, Teixeira Bastos, etc., etc.

O *Almanach das Senhoras Portuguesas* contem artigos de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, Alberto Pimentel, Anthero do Quental, Candido de Figueiredo, Brito Aranha Eça de Queiroz, Fernandes Costa, J. Andra de Corvo, Marcelino Mesquita, Pereira Caldas, Ramalho Ortigão, Santos Valente, Theophilo Braga, Visconde de Ouguella, Visconde de Sanches de Frias, Coelho de Carvalho, Christovam Aires Xavier da Cunha, etc.

D. Albertina Páraiso é auctora de um belo livro de versos — *Rosas e Musgos*, que abre com um autografo de João de Deus.

Esta Senhora tem colaborado desde muito nova em inumeros almanachs, revistas e jornaes; nalguns sustentou durante anos, secções diarias, tendentes a educar e instruir sensatamente a mulher portuguesa, muito lhe devendo por isso, a causa da educação feminina.

No jornal o *Dia*, esteve a seu cargo uma secção assaz interessante — «*Joiás e Flores*».

D. Albertina Paraizo vive actualmente muito em especia para o resurgimento das Industrias Portuguesas, sendo organisadora de uma exposiçãõ permanente, na qual encontram representadas as mais curiosas e tipicas industrias regionaes, do paiz como tive occasiãõ d'apreciar quando procurei esta illustre Poetisa no seu escriptorio da rua do Alecrim, que toda Lisboa conhece.

A MINHA MÃE

Para alguém sou o lyrio entre os abrolhos.

GONÇALVES CRESPO.

A ti, ó Santa, côr de jaspe e arminho,
Aza e conforto do meu pobre ninho,
Para quem tenho as perfeições dos astros ;

A ti, qua nunca em tuas doces preces,
Minha primeira amiga, tu me esqueces
E a quem eu sempre hei de adorar de rastros ;

A ti, que instillas o frescôr das rosas
A's minhas longas febres tormentosas,
Na Santa Uncção dos beijos que me dás,

A ti, que estás mais alta que as Rainhas,
N'um céu, todo bordado de andorinhas,
Coroado de cecens e de lilaz ;

A ti, em cujo rosto apenas leio
Poemas de martyrios que o teu seio
Encerra Santamente, ha largo espaço ;

A ti, estes versitos de creança :
Rosas simples, que prendo á tua trança,
Musgos verdes, que ponho em teu regaço.

Albertina Paraizo. *Musgos e Rosas*, Lisboa, pag. 25 e 26.

*

MARES

Lá, no profundo e tumultuoso mar,
O nacar gera a perola luzente,
Que brilha, como o pallido luar
No seio d'uma noite transparente...

Assim tambem, no mar das minhas máguas,
 A dôr gerou o pranto abençoado,
 Que desliza atravez as duras fragoas
 Como um celeste balsamo sagrado. . .

Albertina Paraizo. *Musgos e Rosas*, Lisboa, pag. 39.

*

MADONA

Não sei se eram mais bellas, mais formosas,
 As Madonas de Sanzio celebraças;
 Nem se os vultos das grandes Amorasas,
 Coroadas de Mirthos e de rosas,
 Tinham as tuas formas delicadas.

Sei que na minha esthetica mais pura
 Tu tens a torturada linha ideal,
 Duma suave e biblica figura,
 Illuminando as folhas d'um missal . .

Albertina Paraizo. *Musgos e Rosas*, pag. 71.

*

NAUFRAGIO

Como cadaver, frio e regelado,
 Sobre as aguas errantes, no alto mar,
 De fragua para fragua arremessado,
 Sem nunca a paz do tumulo encontrar,

Tal no meu peito um vulto inanimado
 — O coração! — extincto rouxinol,
 Vae boiando, boiando amortalhado
 Nas penas que lhe servem de lençol .

Albertina Paraizo. *Musgos e Rosas*, pag. 129.

*

DOLOROSA

Dizer quizera ao coração — revive ! —
Para poder amar ;
E as doces crenças, que eu outr'ora tive,
Tornal-as a encontrar !

Depois, adormecer, trémulamente,
A' luz do teu olhar,
Ter a visão dum mundo transparente
E nunca despertar !

Albertina Paraizo. *Musgos e Rosas*, pag. 89.

D. MARIA CANDIDA DE BRAGANÇA
PARREIRA

D. Maria Cândida de Bragança Parreira nasceu em Lisboa.

E' filha de D. Henriqueta de Bragança Parreira, e de Antonio Maria de Oliveira Parreira, antigo professor de linguas e historia do liceu Camões, e auctor de varios trabalhos literarios apreciados, como os *Luso Arabes*.

Apesar desta Senhora se dedicar mais a escrever pequenas peças teatraes, do genero revista e opereta, do que á poesia, conta já duas edições o seu livro *Versos*, prefaciado por Lopes de Mendonça.

Em 1916, de colaboração com D. Magdalena Trigueiros de Martel Patricio e João de Vasconcellos e Sá, escreveu o *Sarau dos Romanticos*, que com tanto exito e brilhantismo foi levado á scena numa recita de caridade, realizada em 4-6 no *Teatro Politeama*, recita em que tomaram parte Senhoras e Cavalheiros da mais distincta sociedade de Lisboa.

Dessa noite, guarðo, como por certo succede a toda a selectissima assistencia, que por completo enchia o *Politeama*, a mais grata e viva lembrança.

E ainda hoje (decorridos mais de dois anos após essa data), não sei que mais admirar, se o fino gosto que presidiu á feitura das engraçadas e delicadas peças que nesse serão d'arte e encanto espiritual me foi dado ver representar, se o bom desempenho que amadores tão distinctos deram aos seus papeis, se, finalmente, o aspecto feérico que apresentavam em conjuncto, os balcões, os camarotes, as frisas e a sala.

.....

E agora, fechando o parentesis que abri, e pondo ponto a amenas divagações, direi que D. Maria Cândida Parreira — a intelligente aluna do 3.º ano do curso da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa — é a unica senhora a quem o ano passado foi conferida uma distincção nesse estabelecimento, para a matricula no qual se habilitou em 21 meses, tempo que levou a fazer os 7 anos que constituem o Curso do Liceu.

LEMBRAS-TE ?

A oliveira era velha !
 Mas no seu tronco risonho
 E' que eu te contei um dia
 Como nascêra o meu sonho.

Eu... era a vida futura ..
 Ella... a vida que passou...
 Porém o sonho desfêz-se...
 E a oliveira ficou.

*

SUPLICA

«Não vás ! não quero eu ! dizia-te zangada,
 «Tu não podes partir deixando-me assim triste !
 «E' demais ! E' cruel ! Então em que consiste
 «Esse tão grande amôr, se eu fico abandonada ?

«Se partes, nunca mais terás no meu olhar
 «O mesmo amôr profundo, a mesma anciedade,
 «Acabarei tambem eu por me habituar,
 «Por não sentir de ti a mais leve saudade !»

Dizia-te isto altiva e cheia de despeito,
 Nervosa, a disfarçar a grande commoção,
 E pallida, a tremer, levava a mão ao peito
 Como a qu'rer comprimir lá dentro o coração !

Mas n'isto o teu olhar cruzou-se com o meu,
 Li n'elle tanta dôr que temi o castigo !
 E n'um impulso doído a rir e a chorar . . eu
 Pedi-te ; — «Parte, amor ! mas leva-me contigo.»

Maria Cândida Parreira. *Versos*, pag. 61.

*

SAUDADE

Ao despedir-me de Lagos

Essa palavra saudade
 Aquelle que a inventou,
 A primeira vez que a disse
 Com certeza que chorou.

L. VIEIRA.

Desde que contei partir
 Tanta tristeza me invade
 Que eu sei emfim traduzir
 Essa palavra saudade.

Saudade! — Prazer sombrio
Só quem a experimentou
Comprehende o que sentiu
Aquella que a inventou...

Foi sensação de tristeza?
Quem sabe? talvez sorrisse
De magoa, dôr e surpresa
A primeira vez que a disse.

Mas se foi o coração
O unico que fallou...
Não sorriu, de certo, não,
Com certeza que chorou...

Maria Cândida Parreira. *Versos*, pag. 101.

D. MARIA MAGDALENA VALDEZ TRIGUEIROS DE MARTEL PATRICIO

D. Maria Magdalena Valdez Trigueiros de Martel Patricio nasceu em Lisboa.

E' filha de D. Maria Henriqueta de Mascarenhas Godinho Valdez e de João Campelo Trigueiros de Martel.

Esta Senhora, que é casada com o dr. Francisco Antonio Patricio, publicou em 1915, *Le Livre du Passé Mort*, obra que contem formosos versos que foram inspirados no seu grande amor pelo Passádo e pelas coisas frivolas e femininas que encantam a sua sensibilidade, e que o seu espirito adora.

Le Livre du Passé Mort foi acolhido pelos nossos intellectuaes e por toda a Imprensa Portugueza com merecidas palavras de louvor.

Neste original livro faz a distincta Poesia de quem me

estou ocupando, a reconstrução do Passado, numa linguagem harmoniosa, apropriada e evocadora.

Para bem se avaliar da índole de *Le Livre du Passé Mort*, cujos capítulos são :

À *la beauté mourante des choses du passé!* (que comprehende os sonetos, *Vieilles soies, Vieux miroirs, Vieux bijoux, Vieux Evantails, Vieux cristaux et porcelaines*, etc.); *Oraisons au Charme qui s'evolle des belles choses fragiles*; *A la couleur triste et gaie des heures qui secoulent!*; *Rêves et impressions fugitives!* (que se compõe dos sonetos *Venise à l'heure ou les belles choses sont plus belles!*, *Seville à l'heure où les jardins sont embaumés*, et *L'heure où la paix tombe, divine, sur nos champs!*, etc.) *Evocations du vieux passé* — que comprehende *Dans les temps heroïques de la Grece dorée* — (Impressions de la Danse des Faunes et des Banchantes de Tremisor), *La Belle Epoque Romaine sous l'Empire d'Hardrien* (impressões de la vallé de Tibur), *Dans les temps mysterieux du Moyeu Age*; *Dans les splendeurs de la Renaissance Italienne!* (souvenirs de la cité des marbres et des lys, etc. — reproduzo o que a este respeito diz sua auctora, que modestamente o firma com o nome de *Maria Magdalena* :

«A toutes les femmes, dont les âmes très femenines, peuvent seules comprendre le charme et la beauté des choses frivoles et fragiles, que nous adorons, je dedie ces vers faits pour elles, comme des pauvres oraisous que j'adresse à tout ce qui est beau et doit mourir. . . »

D. Maria Magdalena trabalha num interessante livro em que o seu temperamento creador, original e verdadeiramente artistico, por certo se revelará mais uma vez. *Rendas*, se intitula essa obra, certamente um novo triunfo para a sua auctora.

Ao falar nesta distincta Poetisa, é justo lembrar ainda o papel que bem recentemente tomou, ajudada por distinctas e dedicadas amigas, na encantadora festa do *Mercado Regional*, realizada a favor dos Soldados Portugueses.

Esta deliciosa, interessante e pictoresca diversão, em que figuraram ilustres Senhoras e gentis Meninas e Rapazes da nossa primeira sociedade, vestindo os característicos trajos de diferentes regiões do Paiz e da Ilha da Madeira, pertence ao numero das festas cuja grata impressão perdura e que do mesmo modo que o *Mercado Regional*, realizado no Porto, a instituição das *Madrinhas de Guerra* (ideia que partiu de D. Sophia Burnay de Mello Breyner), e a *Festa da Flor* levada a efeito, com grande successo e brilhantismo, em Lisboa, Porto, Coimbra e outras cidades e terras de Portugal — serão lembradas com saudade, não só por todos aqueles que a elas assistiram, como também com gratidão pelas inumeras familias a quem tão simpaticas e bem-fazejas iniciativas proporcionam inumeros beneficios.

No *Mercado Regional*, realizado em Lisboa nas salas da Sociedade Nacional de Belas Artes, tomaram parte, alem de D. Maria Magdalena Trigueiros e D. Zulmira Franco Teixeira (auctora de belas e alusivas quadras que acompanhavam as flores que se vendiam) :

D. Maria L. de Brito Rocha e Mello, D. Helena de Brito Rocha e Mello, D. Anna da Cunha e Menezes Pinto Cardoso (Lumières), D. Maria Luiza Barroso da Camara, D. Francisca Seabra de Lacerda, D. Maria de Brito da Rocha e Mello, D. Emilia Cabral da Silva, D. Maria de Roure, D. Sofia Pedreira, D. Maria Carlota de Paiva Raposo, D. Albertina da Camara Rodrigues, D. Constança de Berquó (Loulé) D. Maria Viana de Lemos da Costa de Albuquerque Salema, D. Maria da Conceição Viana Machado Castello Branco (Caria), D. Ema Ferreira d'Almeida, D. Helena de Querico Macieira, mademoiseles Levy, Tavares Pinto d'Avellan Waddington, Zaguri, Amzalak, D. Maria de Sola Telles de Castro Lopes, D. Izabel de Aguiar de Castro e Sola (Francos), D. Maria Clara Telles da Silva de Castro e Sola, D. Maria do Carmo de Mendonça Pessanha (Rezende), D. Maria Luiza de Vasconcellos e Sousa Alves, D. Helena da Camara Viterbo (Ribeira), D. Alice Bettencourt, D. Angelin

Plantier, D. Olga Buzaglo, D. Maria Lima Peters, D. Octavia Sasseti, D. Maria da Madre de Deus Sampaio Mello e Castro e D. Palmira Navarro Viana Bastos.

L'HEUSE ROUGE

Déssechée au grand loin se déroulait la plaine
Telle une vaste mer aux énormes vaisseaux
Et c'était les hameaux, éblouissants de chaux,
Voiliers prodigieux de cette mer lointaine.

Le soleil flamboyait dans sa grandeur païenne,
Acablés de chaleur peisaient les animaux,
Et le soleil brûlait et bergers et troupeaux,
La terre s'embrasait de rougeur incertaine . . .

La terre s'endormait pesante de sommeil,
Défaillant aux baisers farouches du soleil,
La cigale chantait dans l'épaisseur du foin.

L'heure rouge flambait en chansons de lumière,
Et cette heure semblait être l'heure dernière,
Que les cloches sonnaient dans les clochers au loin !

Maria Magdalena. *Le Livre du Passé Mort.*

*

ORAISON AUX DENTELLES

J'adore la souplesse fine des dentelles . .
En les touchant parfois des doigts impatients
Le doux frémissement des tissus anciens
Me fait trouver une âme aux choses irréelles !

J'adore la souplesse fine des dentelles . .
Des femmes d'autrefois aux profils patriciens,
Ont brodé patiemment, de leurs doigts magiciens,
Ces rêves transparents, aux grâces éternelles !

Vous durerez toujours dentelles du passé,
Car sur vos vieux dessins, un parfum, éffacé,
Vous donne la fraîcheur comme une eau qui jallit.

Et la calme Beauté qui se meurt dans votre âme,
Nous reparait en grâce, et charme, sur la femme,
Dentelles de Venise, Irlande ou Chantilly !

Maria Magdalena. *Le Livre du Passé Mort.*

D. MARIA DO CARMO PEIXOTO

D. Maria do Carmo Peixoto é filha de D. Maria Adelaide N. de Abreu Peixoto e de José da Cunha Abreu Peixoto.

Os versos desta Senhora nunca foram reunidos em volume, o que é para lastimar, pois formariam um apreciavel conjuncto, em que predominaria a beleza, originalidade e graça.

As poesias desta Senhora teem sido publicadas em varios jornaes, como a *Nação*, *Jornal do Comercio*, etc.

DEIXÁE QUE EU SONHE...

Se a Crença que me anima e acalenta
Se o Amor e o Bem, tudo que é bello
E' mentira na Vida...
Se é tudo um sonho, o que me faz viver ..
Oh! deixae-me sonhar a vida inteira
Quero viver illudida!

Quero viver no Sonho e na Chimera
Se me chamarem louca, o que me importa?!
Se sou feliz assim?!
Eu quero acreditar que o Amor existe ..
Que a virtude, não é uma mentira ..
Que a vida não tem fim!

Acredito nas almas côr d'arminho
E que mesmo nas almas desditosas
Negras como o Horror...

Ha um cantinho branco, aonde occultos,
Fallando mui baixinho... existe o Bem
A Crença e o Amor!...

Não me rasgueis o veu da illusão
E deixae-me sonhar... Se é mentira
Se a vida não é isto...

Não me acordeis... Cuidado! a vida é breve!
Ah! deixae-me sonhar .. Que eu só desperte
Um dia aos pés de Christo!

Maria do Carmo Peixoto.

*

A UNS OLHOS ..

Teus lindos olhos radiosos
Não sei que fatal condão
Possuem, que o coração
Nunca mais senti bater
Depois de os ver!

Ha uns olhos que dão vida
Ha outros que morte dão
Teem esse fatal condão
Os teus olhos, meu amor
Mas Senhor!
Como é bom assim morrer
Depois de os ver!

Maria do Carmo Peixoto.

D. EUGENIA REGO PEREIRA

D. Eugenia Rego Pereira nasceu na Ilha da Madeira.

Tem colaborado em diversos jornaes dessa Ilha e nomeadamente no *Diario da Madeira*, de que é distincto director José Cruz Baptista Santos, auctor das *Rosas e Jasmins*.

Ao illustre poeta, bem como ao meu amigo Jorge da Silva Freitas, aqui deixo expresso o meu sincero agradecimento por algumas indicações que me forneceram acerca das Poetisas Madeirenses.

AO CAIR DA TARDE

Vae aos poucos o sol esmorecendo
Entre as nuvens doiradas, setinosas ;
E as aves o espaço percorrendo
Vão no ar como pétalas de rosas.

Choram as fontes, e as flor's tremendo
Na haste se baloçam deleitosas,
Longe, o pastor o gado recolhendo
Então triste umas canções saudosas.

Uma vaga tristeza nos invade.
Em noss'alma se espalha uma saudade,
Echo distante de passado hymno.

E o sol em fogo, treme agonisante,
Depois. . a noite apaga-o n'um instante,
Como lagrima ao riso cristalino.

Eugenia Rego Pereira. Funchal.

*

ECHOS QUE PASSAM

Noite de estio ardente. — Pelas aldeia,
 Nas eiras cantam lindas raparigas
 Loiras, da côr do oiro das espigas,
 O amor que as almas moças incendeia.

A lua, hostia de luz, no ceu vagueia,
 Ao som plangente e terno das cantigas,
 Sentindo reviver canções antigas
 O pensamento vôa, devaneia.

E deixa-nos sonhar. — E a sonhar vamos
 Passado fóra, á infancia que lembramos.
 Mas, sonhos de luar, tudo acabou !

Ao longe, o echo morre docemente,
 E dá-nos a illusão que é o som dolente
 Dos cantos que o passado nos levou,

Eugenia Rego Pereira. Madeira.

D. LUIZA MARIA PEREIRA

D. Luiza Maria Pereira é natural da Ilha da Madeira.

Os seus versos veem publicados na obra «*Flores da Madeira*» «poesias de diversos auctores Madeirenses colligidas pelo Dr. José Leite Monteiro e Alfredo Cesar d'Oliveira».

A 2.^a serie das *Flores da Madeira* entre outros nomes e poetas, menciona os de :

Januario Justiniano de Nobega, João Fortunato d'Oliveira, João da Nobega Soares, João C. Coutinho Gorjão, José Antonio Monteiro Teixeira, José Marcia da Silveira, etc.

TRIBUTO DE SAUDADE

Ergue-te, pomba, do gelado leite ;
Vem escutar a minha voz saudosa ;
Vem ver-me o pranto que hoje aqui, chorosa,
Por ti rebenta de meu triste peito.

Dos puros labios o ingenuo riso
Venho buscar, para apagar-me a dor
Que me deixára da mudez o horror
Em troca do terreno paraiso.

Em quantos peitos a viuvez deixaste !
Em quantos olhos borbulhando o pranto
Que em vão reclama d'essa voz o encanto,
Que deste a Deus e n'alma nos gravaste !

Eras do ceu, angelica assucena !
Teus dias a virtude numerou ;
Dos anjos a sympathica ternura
Na bella fronte o berço te gravou.

Ai berço, berço de flores
Que a materna mão creou ;
Ai berço aonde a virtude
Seu perfume ensinou !

Bebeu teu seio esse aroma
Que no sepulchro fechaste,
E ás almas que acarinhaste
Esse nectar ainda assoma !

Eras do ceu, sympathica assucena !
Envia ao seio do amado esposo
Esse perfume d'alma que, choroso,
Ella procura para a viva pena.

Solta-lhe n'alma, que a saudade rala,
O halito que a vida lhe afagava !
Essa doce que o alimentava
Mate-lhe o fel que nos seus dias cala.

Luiza Maria Pereira. *Flores da Madeira*, 1871.

D. MARIA DA COSTA PEREIRA

D. Maria da Costa Pereira bem como outras Senhoras a quem faço referencia nesta *Antologia*, nasceu na ridente e bela Ilha da Madeira.

Nas «*Flores da Madeira*», obra que já varias vezes citei, ha colaboração desta Poetisa.

O 1.º volume — 1.ª serie — da mencionada publicação appareceu em 1871 e a 2.ª serie em 1872.

Entre os Poetas mencionados nesse trabalho, leem-se os nomes de :

Antonio Policarpo de Passos Sousa, Alfredo Cesar d'Oliveira, Alipio Augusto Ferreira, Diogo Berenger Junior, Eduardo E. de Carvalho, Francisco Vieira, etc.

A MINHA IRMÃ

I

Da natureza fecunda
Na primavera gentil,
Quando do seio do Eterno
Chovem thesouros, a mil,

E o gremio da terra exhala
Perfumes gratos nas flores,
Tudo é esperanza e ventura
E tudo respira amores,

Da tua existencia o dia
 Primeiro a luz conheceu ;
 As impressões d'esta quadra
 Tu'alma toças bebeu.

II

Hymnos ! . . . hymnos teus annos me pedem !
 No meu seio a amizaðe os contêm ;
 Mas a lyra, instrumento de máguas,
 Para o goso já forças não tem,

Hymnos ! . . . hymnos talvez maguassem
 De teu peito a ferida ternura ;
 Do pesar ouve os sons que conheces,
 Co'a amargura se justa a amargura.

Para erguer os punhaes de teu seio,
 O meu seio não deixam curvar
 Os que o meu cruelmente laceram ;
 Só me resta comiigo chorar !

Tuas dores são minhas e tuas ;
 Meus pezares, sombrios, são teus ;
 Do martyrio a c'rôa e a palma
 Para nós guarda o seio de Deus.

Maria da Costa Pereira. *Flores da Madeira*, 1862.

D. BEATRIZ PINHEIRO

D. Beatriz Pinheiro nasceu em Vizeu.

Foi no liceu dessa cidade, onde fez com muito brilho curso complementar de sciencias e letras, no qual obteve distincões em quasi todas as disciplinas.

Os primeiros trabalhos literarios desta illustre Poetisa

eram publicados quando frequentava os ultimos anos do liceu; appareceram na revista academica *A Mocidade*, fundada nessa cidade por seu condiscipulo Carlos de Lemos, poeta e professor com quem anos depois se uniu por um casamento.

Nessa cidade, creceu D. Beatriz Pinheiro, ajudada por seu esposo, a revista de arte e critica, *Ave Azul* que durou muitos anos. Na secção *Sala de Visitas* desta interessante revista, figuram versos de: Fausto Guedes Teixeira, Eugenio de Castro, Manoel da Silva Gaio, Carlos de Mesquita, Amara de Oliveira, Affonso Lopes Vieira, Camillo Pessanha, Thomaz de Noronha, etc.

Foi, principalmente, a partir de 1900, que esta Senhora mais activamente se preocupou com o problema da emancipação da mulher pela instrução e pelo trabalho, como revelou em muitos artigos e cronicas que em Portugal e no estrangeiro despertaram bastante interesse, tendo alguns d'elles dado origem a larga polemica como a que sustinou o falecido padre e escriptor Senna Freitas, na *Trindade*.

Os artigos a que alludo, foram publicados na *Ave Azul*, e D. Beatriz Pinheiro colaborou, escrevendo muitos artigos, que tiveram a honra de ser, quasi todos, traduzidos e divulgados, em revistas de Italia, por A. Mari.

Em verso, alem da *Oração*, e dos sonetos *Psiché*, *Criticada* e as *Folhas de um Album* (uma das suas primeiras composições poeticas), escreveu os poemas *Anhelos* e *Os Cavaleiros* que Thomaz Camizzaro e Phileas Lebesgue traduziram, respectivamente, para verso italiano e para prosa franceza.

Os trabalhos literarios desta Poetisa foram carinhosamente apreciados na Imprensa Portuguesa por Rodrigo de Lemos, Trindade Coelho, Teixeira Bastos, Luiz Trigueiros, Alfredo Portela, José Agostinho, Julio de Lemos, José de Lencastre, Augusto de Castro e por outros escriptores cujos nomes me não lembro neste momento.

A elles se referiram tambem as revistas estrangeiras, *Orlabria*, *Iride de Reggio*, *Esperia*, de Caserta, *L'Humaine Nouvelle*, *Verbeine*, *Mercure de France*, etc.

Igualmente tiveram palavras de encomio para esta S. nhora :

A. Padulla, Prospero Peragallo, L. Zuccaro, V. Emile Chelet, Thomaz Camizzarro e Any René d'Yvemont, que *Mercure de France* escreveu :

— «Beatriz Pinheiro l'Ada Negri du Portugal...»

J'ai retenue au hasard une delicieuse *Oraison* (Oração quanto meu filho dorme) digne de João de Deus, la ballade des *Trois Cavaliers* (Os tres cavaleiros) qu'on dit de folklore, *Psiché*, *Anhelia*, d'un souple si delicieusement subjectif et pantheistique».

Como prosadora, de D. Beatriz Pinheiro, disse Any René d'Yvemont, na *Verbeine* : J'ai lu et relu bien des fois *Deux Almas*, (Deux ames) Nouvelle de Beatriz Pinheiro, où les sentiments sont sufisement ciselés. *Duas almas* est un chef d'oeuvre digne de nos meilleurs ecrivains».

Por ocasião do caso Calmon, coadjuvada por um grupo de senhoras que a escolheram para presidente da *União de Senhoras Liberaes de Viçeu*, fundou D. Beatriz Pinheiro como protesto contra a educação congreganista, a Escola Liberal João de Deus, para raparigas pobres.

D. Beatriz Pinheiro foi, durante tres anos, professora no Liceu Maria Pia. Actualmente, é professora de Literatura Portuguesa no Curso especial de Educação Feminina e socia de merito da Associação das Escolas Moveis João de Deus, por proposta de Magalhães Lima ; é socia correspondente do Instituto de Coimbra, por proposta do Dr. Bernardino Machado.

CRISÁLIDA

Des ailes ! des ailes ! des ailes !

TH. GAUTIER.

Nas horas de silencio, olhos fechados
Ao beijo hypnotico do luar bemdito,
Que azas leves são essas que eu agito
Por longinquos caminhos ignorados ?

Que azas fluidas são essas que, se fito
Do alto delas os mundos afastados,
Meus olhos logo sinto deslumbrados
Na luz dessas pupillas do Infinito ? !

Azas leves, mais leves do que a aragem...
E fluidas, vaporosas como a imagem
Dum clarão sobre as aguas fugidias...

Azas que me arrebatam, ceus em fóra,
Para onde o sonho vive e onde a Luz mora,
Ao extase das divinas alegrias !
.....

matriz Pinheiro.

*

HINO AO SOL

(DO POEMA *Anhelia*)

Oh Sol que com teus raios, mal assomas,
Azulas todo o ceu e a terra aloiras :
Que o chão mal tocas com as fulvas comas
E a poeira do chão p'ra logo doiras :

Oh Sol, que és tudo quanto ha na Terra :
Que és flor e és fruto, que és perfume e és côr :
Sol, cujo seio a vida toda encerras,
Que a vida não é mais do que calor :

Oh Sol que estes meus olhos enxugavas,
 Quando elles, razos d'agua, mal te viam.
 A ver se com teu hálito secavas
 A fonte donde as lagrimas nasciam :

Oh Sol que no meu labio agora cantas,
 Meu sangue aqueces, nos meus nervos vibras
 Sol que p'ra o Ceu da Terra me levantas
 E que entre o Ceu e a Terra me equilibras :

Claro Sol ! Vivo Sol ! Oh Sol divino !
 Pela luz cujo rasto agora sigo,
 Em que andava perdida sem destino,
 Oh ! Sol ! eu te bemdigo !

Beatriz Pinheiro.

*

A' MEMORIA DO POETA DAS PENINSULARES
 DR. SIMÕES DIAS

Poeta do Amor, que o puro Amor cantaste
 E tão cedo fugiste ao nosso amor,
 D'olhos fitos no vivo resplendor
 Do sonho que na terra não achaste :

Se *lá*, onde o teu sonho realisaste,
 Tu que foste na terra um sonhador,
 Algum ecco perdido, algum rumor
 Ainda chega do mundo que deixaste :

Que o perfume das rosas desfolhadas,
 Que a essencia das lagrimas choradas
 Na cova, onde o teu corpo repousou,

Num claro raio de luz p'ra ti voando
 Te façam o ether brando inda mais brando
Lá, onde o teu espirito voou.

Beatriz Pinheiro. *Ave Azul*, Revista de Arte e Critica
 rie I, fasciculo n.º 4, Vizeu, 15-4-1899, pag. 146.

D. ANNA AUGUSTA PLACIDO

(VISCONDESSA DE CORREA BOTELHO)

D. Anna Augusta Placido nasceu na cidade do Porto, em setembro de 1833.

Faleceu contando 62 anos de idade, em São Miguel de Seide, aos 19 de setembro de 1895.

Era filha do comerciante portuense José Placido Braga — uma das victimas do celebre naufragio do vapor *Porto*, succedido na tarde de 29-3-1852 — e de D. Anna Augusta Vieira, natural tambem do Porto.

Dos doze filhos deste consorcio, em 1862, apenas restavam quatro, no numero dos quaes se contava D. Anna Placido, que a este facto alude no admiravel prologo do seu livro *Luz coada por ferros*, que foi escripto como é sabido, na cadeia da Relação do Porto.

D. Anna Placido consorciou-se, em primeiras nupcias, com o rico commerciante portuense Manoel Pinheiro Alves, de quem enviuvou em 15 de Julho de 1863, tendo havido desse matrimonio um filho Manoel Placido que faleceu na Povia de Varzim em 17 de setembro de 1877, contando apenas 19 anos de idade; a sua morte foi muita sentida por Camillo, que nas *Scenas da Hora final* escreveu a proposito deste acontecimento algumas das suas mais belas paginas de prosa.

No dia 9 de março de 1888, Camillo casou no Porto, na sua casa da rua de Santa Catharina n.º 458, com D. Anna Placido, de quem teve os seguintes filhos: Jorge Camillo Castello Branco — o primogenito que mais tarde endoideceu e a quem por decreto de 23-5-1889 foi concedida uma pensão vitalicia annual de um conto de reis; e Nuno Castello Branco, agraciado com o titulo de Visconde de São Miguel de Seide, falecido em 23-1-1896.

D. Anna Placido, Senhora muito culta, versada em litteratura e soffredora, escreveu: *Luz coada por ferros*; no jor-

nal *O Leme*, de seu filho Nuno, publicado em Seide, começou, sob o pseudonimo de *Lopo de Sousa*, um romance — *Nucleo de Agonias*, trabalho este, em que ha, como na *Luç coada por ferros*, verdadeiros traços reveladores de dôr e passagens que são claras notas autobiograficas.

Traduziu : *A Marcelle*, de Amadée Acharð, com o titulo, *Como as mulheres se perdem*, Porto, 1874.

No mesmo ano, e do citado auctor, *A vergonha que mata* ; em 1875, *Aprender na desgraca alheia*, trabalhos em que usou o pseudonimo já citado ; *A vida futura*, de Lescoeur, 1877 (versão revista e prefaciada por Camillo), e *O Papa e a liberdade*, de R. Constant, etc.

D. Anna Placido tambem usou na *Gazeta litteraria* do Porto, do pseudonimo de *Gastão Vidal de Negreiros*.

Colaborou em inumeros jornaes.

Foi por causa de D. Anna Placido que Camillo deu entrada na cadeia do Porto em 1-10-1860, donde sahiu absolvido em Outubro de 1861.

No carcere, escreveu o mais fecundo romancista portugês alguns dos seus melhores livros, senão os mais perfectos e belos :

Amor de perdição, *Romance de um homem rico*, *Annos de prosa*, alguns dos *Doze casamentos felizes*, etc.

Para bem avaliar da enorme influencia que D. Anna Placido exerceu sobre Camillo, que pela primeira vez que a viu — já noiva — num baile da *Assembléa Portuense* lhe chamou a sua *mulher fatal*, é muito util e interessante a leitura das seguintes obras de Camillo : *Memorias do carcere*, *Annos de prosa*, *No bom Jesus do Monte*, *Eusebio Macario*, *Os brilhantes do brasileiro*, *Scenas innocentes da comedia humana* e *Ao anoitecer da vida*, livros em que D. Anna Placido é tratada, por *Rachel*, *Adriana*, *Henriqueta*, *Ludovina*, *Leonor*, etc.

A lista citada ficaria incompleta, se não mencionasse os trabalhos do erudito investigador sr. Alberto Pimentel, cujos titulos são : *Memorias do tempo de Camillo*, *Romance*

do Romancista, e sobretudo o seu consciencioso estudo *Os Amores de Camillo*. Quem ler as obras citadas ficará com uma ideia completa e nitida dos grandes dramas amorosos ocorridos na vida do maior romancista portuguez.

A' poesia *Maldita*, que reproduzo nesta *Antologia*, respondeu Camillo com uma outra intitulada, *Maldita porque?* que começa e termina deste modo:

Maldita ! Que importa que o mundo te brade,
Que a infamia na fronte te escreva ; «maldita !»
O Christo, no lenho da dor infinita,
Tambem foi maldito da raça preclita,
E Christo era um Deus.

.....
Bem dita, bem dita, ó martyr tu sejas,
Que um dia sonhaste ventura no amor !
Cabiste da altura dos teus devaneios
Cabiste e choraste ; e a chorar, passam cheios
Tens diaa de dôr !

Camillo Castello Branco. *Ao anoitecer da vida*.

Provando o seu affecto por D. Anna Placido, vou reproduzir a seguinte quadra escripta pelo auctor de *Um Livro Duas Epocas da Vida*, copiada do n.º 521, de 4-2-1906 (XII anno), pag. 2 da *Mala da Europa*.

A RACHEL

(ULTIMOS VERSOS)

Eu deixei de viver, quando os meus olhos
Deixaram de te vêr, ó minha amada !
Ceguei, morri ! De mim que resta agora ?
O estorvor da alma atormentada.

E' do livro *Camillo inedito*, do Visconde de Villa Moura seguinte trecho de um autografo de Camillo :

— «Os incuraveis soffrimentos que se vão complicando nos os dias levam-me ao suicidio, unico remedio que posso dar. Rodeado de infelecidades de especie mortua, sendo a primeira a insanía de meu filho Jorge, e a se-

gunda os destinos de meu filho Nuno, nada tenho a que me ampare nas consolações da familia. A mãe deste dois desgraçados não promete longa vida; e, se eu pudesse arrastar a minha existencia até ver Anna Placido morta, infallivelmente me suicidaria.»

«Não deixarei cahir sobre mim essa enorme desventura — a maior, a incomprehensivel á minha grande comprehensão da desgraça.»

«Esta deliberação de me suicidar vem de longe, com um presentimento. Previ desde os trinta annos este fim. Receio que chegado o supremo momento não tenha a firmeza de espirito para traçar estas linhas».

.....
Camillo tomou a resolução a que se refere esta carta em 1-6-1890.

D. Anna Placido faleceu 5 anos depois.

Acerca da morte de Camillo, vide um artigo do auctor desta *Antologia*, intitulado *Camillo e os seus amigos*, a sahir num interessante livro collaborado por escriptores portuguezes e brazileiros, obra que se deve á iniciativa do sr Ventura Abrantes.

MALDITA !

Mal dita ! mal dita ! eis a voz que eu escuto
Nas sombras da noite, se geme o tufão ;
Ao longe lá ouço bramir a tormenta,
Não menos medonha no meu coração.

Mal dita ! mal dita ! me bramam os raios.
Raiando-me a fronte sinistro fulgor.
E eu pallida e triste qual anjo repulso
Debalde levanto as mãos ao *Senhor* !

Mal dita ! mal dita ! os ferros me dizem
Que inertes assistem á minha afflicção ;
E a estrella, que passa ligeira se esconde
Deixando nas trevas bramir o trovão.

Malðita ! malðita ! os echos repelem
D'um mundo feroz que exulta á victoria ;
Malðita tu sejas mulher infamada
Por culpa que é n'outras suprema gloria.

Anna Placiðo. *Os Amores de Camillo*, por Alberto Pimentel. Lisboa, 1899, pag. 313.

*

A CAMILLO CASTELLO BRANCO

(15 DE AGOSTO DE 1859)

Passou, meu Deus, foi um sonho
De que é ðoce o despertar,
Das negras feias, visoens,
Já nem me quero lembrar,
Tornei a achar o remanso
Do meu tão ðoce sonhar . . .

Volto quasi á paz serena
Dos meus ðias infantis ;
O meu anjo me segreda
Misterios . . . que não se ðiz
Vejo o futuro coroado
Pela esperanza a que me affiz.

E' muito para a minh'alma ;
Importa da vida o ceu ;
Sobre os falsos ðons do mundo
Lançarei cerrado veu.
Das ambições a mais nobre
E' chamar-te um ðia meu.

Anna Augusta. *Livre Pensamento*, Coimbra, maio de 1895,
n.º 2, pag. 46.

MARQUEZA DE POMARES

(D. MARIA MANUELA DE BRITO E CASTRO DE FIGUEIREDO
E MELO DA COSTA)

A Marqueza de Pomares, senhora muito distincta, é filha de D. Maria Ignez da Luz de Carvalho Daun e Lorena e de Antonio de Brito e Castro de Figueiredo e Melo da Costa, doutor em Canones pela Universidade de Coimbra, fidalgo cavalleiro da Casa Real, comendador da ordem de Christo, etc.

Casou em 30 de junho de 1864 com D. Luiz Maria de Carvalho Daun e Lorena, Marquez de Pomares, Moço Fidalgo da Casa Real, Par do Reino vitalicio, etc.

Depois da morte de seu esposo, a Senhora Marqueza de Pomares vive muito afastada da sociedade, dedicando-se especialmente a sua numerosa familia, e aos seus pobres e protegidos.

Esta Senhora que é extremamente caritativa, já em 1876 foi iniciadora de uma importante obra de caridade, a que se refere num curioso artigo publicado na *Pagina Feminina*, do *Diario Nacional*, de 24-5-1917, a illustre Marqueza de Rio Maior, que ultimamente tem escripto no citado jornal, esplendidos artigos evocadores de Lisboa antiga :

«Quando se deram as grandes innundações do Tejo, em 1876 e 1877, tiveram lugar muitas festas de caridade da iniciativa de S. M. a Rainha Sr.^a D. Maria Pia.»

«Uma d'ellas foi organizada pela sr.^a Marqueza de Pomares, no theatro de D. Maria II, nas noites de 25 e 26 de janeiro de 1877, e revestiu-se de um raro esplendor.»

«Representou-se o *Frei Luiz de Sousa*, que creio nunca mais tornou a ser tão bem representado por amadores.»

A Senhora Marqueza de Pomares é auctora de um livro em prosa, *Os pobres e ricos* (Coimbra, 1906), cujo producto reverte a favor da Creche e do Asilo da Infancia desvalida

de Coimbra, unico volume de suas obras que entrou no mercado, e de dois livros de versos. Intitula-se um deles, salvo erro, *Sob a Cruz*.

E' para lamentar que o grande retrahimento desta bondosa Senhora não permita a divulgação das suas obras poeticas, do merecimento das quaes se avaliará pelo soneto *Saudade*, que copiei do livro *A Tachygraphia ou Stenographia* (sem mestre), por Manuel Joaquim da Costa, Lisboa, 1909, pag. 87.

SAUDADE

Todos guardam comsigo uma saudade ;
E' raro quem na vida uma só tenha.
Ha saudade que dá pena tamanha
Que, uma só, faz na vida a soledade.

Nem frios da velhice, nem vaidade,
Transformam coração em dura penha,
Em quanto da demencia não lhe venha
Esquecer tempo, affectos e verdade.

Saudade não é só memoria triste
De ausentes, da ventura além perdida ;
E' veneno subtil, e que resiste

Ao tempo, que nos leva amor e vida,
Em quanto o homem pensa em quanto existe
E' fibra dentro d'alma já partida !

Marqueza de Pomares. *Sob a Cruz*.

D. FRANCISCA DE PAULA POSSOLO

D. Francisca de Paula Possolo da Costa nasceu em Lisboa a 4 de outubro de 1783 e faleceu em 19 de Julho de 1838.

Esta ilustre Poetisa era filha de D. Maria do Carmo Correia de Magalhães e de Nicolau Possolo.

E' auctora de: *Henriqueta de Orleans ou o Heroismo*, novela apparecida em 1819; de um folheto em que reuniu alguns dos seus sonetos liberaes, recitados no teatro de S. Carlos em 1826, quando da promulgação da Carta Constitucional; *Francilia, pastora do Tejo*, volume de poesias que contem sonetos, odes anacrionticas e horacianas, canções, elegias, e epistolas.

Deixou ineditas: uma novela e a tradução da *Pluralidade dos mundos*, de Fontenelle e duas comedias, *Ricardo ou a força do destino* e *Claves*. Traduziu *Corinna* de madame de Stael e a *Carta do Conde de Las Cases a Lociano Bonaparte*.

Amiga intima da Marqueza de Alorna, a quem o auctor da *Harpa do Crente* e das *Lendas e Narrativas*, chamava a *Mulher Extraordinaria*, D. Francisca Possolo era muito considerada por Castilho que foi um dos numerosos frequentadores dos seus salões, onde se reunia a elite do seu tempo.

JURAMENTO DE AMOR

(MADRIGAL)

Não te engano Marilia (repetia
 o loiro Anfrizo á duvidosa amante)
 amar-te-hei sempre. E deste amor constante
 o meigo juramento lhe escrevia.
 Mas o pranto suave, que a ternura
 aos olhos lhe chamava
 da mimosa escriptura

as começadas letras apagava ;
 e p'ra maior desgraça, oh ! sorte dura !
 tentando renovar o que escrevêra
 pobre Anfrizo ! já tudo lhe esquecera.

Francisca de Paula Possolo da Costa. *Poesias, Novo Almanach das Senhoras* para 1878, pag. 154.

*

EPISTOLA

(FRANCISCA POSSOLO)

Francilia de Alcipe (Marqueza d'Alorna)

«Zoilos, tremei ! Posteridade és minha.»

BOCAGE.

Se á musa de Francilia é dada a gloria
 D'erguer na voz da lyra o nome egregio,
 O nome illustre da extrema da Alcipe ;
 Se á cantora immortal, irmã de Phebo,
 Póde ser grato o som de humilde canto ;
 Alcipe, honra de Lysia, acolhe meiga
 A pura offrenda da singela musa,
 Versos, que o coração remette aos labios,
 Filhos da natureza, eia, animae-vos ;
 Da gratidão nas azas côr de neve
 Adejai, versos meus, d'Alcipe aos lares ;
 De Alcipe, cuja lyra magestosa,
 O nome de Francilia aos ceus mandando,
 Impõe silencio aos Zoilos ; e os colloca,
 A par do nome seu, na Eternidade.
 Zoilos, receios, timidez inerte,
 Prejuizos fataes, tyrannos do estro ;
 Da mente que até hoje escravisaste,

Apartai-vos, fugi; cantou-me Alcipe;
 Alcipe honrou meu nome, honrou meus versos
 D'Alcipe divinal a lyra eterna
 Meu nome, os versos meus salvou do Lethes.

Francisca de Paula Possolo. *Almanach das Senhoras*
 1882, pag. 122 e 123.

D. MARIA ADELAIDE FERNANDES PRATA

D. Maria Adelaide Fernandes Prata nasceu no Porto em 1825, e faleceu em Lisboa a 18 ou 19 de março de 1881.

Os seus escriptos, em prosa e verso, andam espalhado por almanachs, jornaes e revistas da epoca.

Entre as varias publicações em que colaborou, citarei: *Esperança*, jornal de recreio literario, hoje muito raro e em que escreveram alem de Camillo, D. Anna Placido, D. Maria Peregrina de Sousa, Ramalho Ortigão, Theophilo Braga, Sousa Viterbo, Alberto Pimentel, Guilherme Braga, João de Deus, etc.

Os dois volumes deste jornal, que tinham, respectivamente, 381 e 142 paginas, appareceram á venda no 2.º leilão dos livros que pertenceram ao falecido bibliografo Dr. Rodrigo Veloso, o paciente auctor de inumeras investigações literarias que deixou registadas na *Aurora do Cavado*, jornal seu que contou trinta e tal anos de existencia.

D. Maria Adelaide Fernandes Prata é auctora de um livro de poesias, *O filho de Deus*. Verteu de Ossiam o poema em 6 cantos, *Fingal*.

O FILHO DE DEUS

.....
 Mesmo do Salvador, n'essa hora extrema,
 Os Summos sacerdotes motejavam,
 Dizendo-lhe — «se és Deus, da cruz desce,
 «Obra agora um prodigio e em ti crerêmos!»

Então, amargo fel, crueis soldados,
 Aos incendiados labios lhe chegavam.
 Mas elle sem queixar-se, ao Ceo rogava,
 Pelos que até á morte o atormentaram.
 «Perdoae-lhes, dizia, ó Pae celeste
 «Que miseros, não sabem o que fazem ! .
 «Frageis entes da terra ! que são elles ? !
 «Tenue porção d'argilla que não pode,
 «Sem uma luz celeste apresentar-se,
 «Ante a face divina do Altissimo. . . »
 E junto á cruz vê já com turbos olhos,
 Uma mulher que chora amargurada !
 Era a Virgem saudosa e sem conforto,
 A Mãe que vê morrer o filho caro !
 E o discipulo-amado que em seu peito,
 Ouir'ora reclinara a fronte pura,
 Elle fixa tambem ; á Mãe dizendo : —
 — «Angelica mulher ! eis o teu Filho ! . . .
 E eis alli tua mãe, disse ao mancebo.
 Após, afflicto, um ai solta de morte,
 Clamando : por que ó Pae me abandonaste ? . . .

Maria Adelaide Fernandes Prata. *O Filho de Deus*, pag.
 1 e 142.

D. ANTONIA GERTRUDES PUSICH

D. Antonia Gertrudes Pusich nasceu na Ilha de S. Nicolau,
 de Cabo-Verde, em 1805.

Era filha de D. Anna Maria Izabel Nunes e de Antonio
 Pusich, illustre governador dessa provincia.

Esta distincta Poetisa, Escriptora e Jornalista, faleceu na
 cidade de São Bento, em Lisboa, em 1883, contando 78 anos
 de idade. Na casa em que habitou, e que defronta com o
 mercado de São Bento, foi collocada uma lapidé commemora-
 tiva, com os seguintes dizeres :

N'Esta Casa
Falleceu A Illustré Escriçtorá
E Poetisa
D. Antonia Pusich
Que muito honrou a Patria
Com o seu talento.

Alem desta lapide, ha em Lisboa, apenas, mais 7, perpetuando a memoria de: Alexandre Herculano; Visconde de Almeida Garrett; Visconde de Castilho; Bocage; Innocencio Francisco José da Silva; Luiz de Camões, e Camillo Castello Branco.

Não obstante esta Senhora ser filha de um almirante, neta de tenentes generaes e de ter sido casada com um militar distincto, vaivens da sorte fizeram-na passar da abastança para uma situação difficil que pouco menos era que a miseria.

A seu cargo, ficou a educação de suas filhas. Foi com o producto da penna, que numa lucta encarniçada, constante e corajosa, D. Antonia Gertrudes Pusich fez face á situação angustiosa de sua vida — lucta tanto mais desigual e extenuante, quanto é certo que em Portugal o trabalho intellectual é, como se sabe, *pessimamente compensado*.

Em inumeros jornaes, publicava odes, elegias, poemas e mil artigos em que, principalmente, advogava a causa dos oprimidos e dos fracos.

Em varias Assembléas publicas, onde por vezes se discutiam interesses vitaes para o Paiz, mais duma vez se ouviu a sua voz.

Fundou os jornaes *Assembleia Litteraria*, *Benfificencia* e *A Cruzada*.

Esta intelligente Caboverdeana é auctora de: *Os do mysterios*, *Olinda*, ou *Abadia de Cumnor Place*, (poema em 5 cantos, Lisboa 1847); *Elegia á morte das infelizes victimas assassinadas por Francisco de Mattos Lobo, na noite de 27-1841*; *Julia*, drama; *A conquista de Tunis*, idem; *Esparg*

o monte, comedia ; *Ashaverus* ; *Regedor de parochia* ; *Constança ou o amor maternal*, drama em 3 actos, o qual era a historia do seu viver domestico.

Constança e Regedor de parochia foram representados em 1849, nos teatros do Gymnasio e da Rua dos Condes. Publicou em 1872, uma curiosa biografia acerca de seu pae, official d'Armada, distincto escriptor e antigo governador de Cabo-Verde, cargo de que foi deposto em 1820 quando do pronunciamento realisado na ilha de S. Thiago. A junta governativa enviou Antonio Pusich para a ilha do Maio e d'ali veio para Portugal, onde as Côrtes o não queiam deixar desembarcar, visto ter sido fiel ao Rei que teve de ficar por seu fiador. Abrangido pelo decreto de 16-9-1833 foi demittido. E' auctor da *Descripção hydrografica das Ilhas de Cabo-Verde*, e das *Memorias physico politicas*.

MADEIRA

(AUDAÇÃO LYRICA)

Salve ! linda Madeira, ilha ditosa !

E's do Oceano a flor !

E's das ilhas princeza a mais formosa,

Mimo do Creador !

Tens mil plantas, mil flores preciosas,

Teu solo a alcatifar ;

Onde teus pés, submissas, respeitosas,

Vem as ondas beijar.

Verde é teu rico, magestoso manto !

Tens diademas de luz ! . .

O seio teu, da natureza encanto,

Mil encantos produz !

Não é de Italia o sol tão claro e bello,

Mais puro que o teu sol :

Manhãs de Portugal (que tanto anhelos)

Dão-te o lindo arrebol !

Que noutes tão amenas tens, Madeira !
Tens aguas de cristal ;
Tens no frescor da brisa mais fagueira
Perfume divinal !

Em throno alto e seguro te sustentas ;
Tens o céu por docel . . .
Para pintar os campos que alimentas
Quem tivera pínzel !

Oh ! não ! . . . pínzel não pode o mais sublime
Pintar o brilho teu !
A poesia te cante, ella se exprime
Co'a linguagem do ceu !

Mas não te cante vate dolorosa
Avezada a carpir ;
Cantem-te os filhos teus, ilha ditosa ;
Dá-lhes ledo porvir !

Que eu possa apenas com rasteiros traços,
Com debil, triste voz,
Saúdar teus lares, demandar espaços
Cumpre ao genio veloz.

Como ás nuvens sobranceiros
Se erguem teus montes, assim
Teus genios subão, ligeiros,
Com azas de cherubins !

Em som divino entoando
Suaves hymnos d'amor,
Vão teu nome eternizando
A'quem e além do equador !

Não achem povos no mundo
Que te não saibam prezar ;
Que no teu sólo fecundo
Não quizessem repousar !

E mais tarde á lusa historia
 Pagina de oiro offerecer,
 Onde no esplendor da gloria
 Possão teu nome escrever !

Antonia Gertrudes Pusich. *Almanach de Lembranças Luzo-Brazileiro* para 1856, pag. 206 e 207.

D. CLOTILDE RAFAELA DE BATTAGLIA RAMOS

D. Clotilde Rafaela de Battaglia Ramos nasceu em Lisboa, a 24 de Outubro de 1882, e faleceu no Estoril, a 17 de Janeiro de 1904, contando apenas 22 anos de idade.

Filha mais nova do insigne lirico João de Deus (o maior poeta do amor, segundo afirma Marco Antonio Canini em *Il Libro dell'Amore*), era irmã de João de Deus Ramos e do Visconde de S. Bartholomeu de Messines, auctor da *Breve noticia sobre a Ordem do Santo Sepulchro, da Republica de S. Marinho* (exgotados), e dos *Pensamentos de João de Deus*.

Aos dez anos de idade, compoz uma poesia, *A' Manhã dourada*, inspirada na de igual titulo de Alfredo Serrano, versos que dedicou a seu professor Freitas e Costa, a quem me refiro a paginas 158 deste trabalho.

Pelas quadras que insiro, cheias de sentimento, naturalidade e belesa, facil é calcular a situação de destaque que, sem duvida, viria a ocupar nas letras portuguesas D. Clotilde Ramos, se a morte tão cruelmente a não houvesse rostrado em plena juventude !

QUADRAS

Na força da minha magua
Não sei bem o que é a dor ;
Os olhos, quando chorosos,
Não é que veem melhor.

Ninguém fale em suas maguas
A quem mais maguas não tem.
Só tem maguas d'outras maguas
Quem maguas tiver também.

Por uns olhos que fugiram,
O lume dos meus perdi :
Porque nem elles me viram
Nem eu também mais os vi !

Chamam-te doída em não teres
O pensar que os outros têm !
Deixa lá falar quem fala,
Faze tu por pensar bem.

Quando os teu olhos diziam
Coisas que os meus encantavam,
Sei que os teus olhos sentiam,
Sei que os teus olhos choravam.

Vão-se as penas que se teem
Nos suspiros que se dão
Mas se assim vão, assim veem,
Voltam, assim como vão !

Infeliz d'esse que pensa,
Não crê em nada e em ninguém . . .
Crenças que tendes crença,
Ensinae-me a crer também !

Leve-me breve o Senhor,
 Nada no mundo me tem ;
 Já que perdi teu amor . . .
 Que perca a vida tambem.

Toldam o céu nuvens negras
 Que se desfazem em agua . . .
 Desfazem-se nos meus olhos
 As nuvens da minha magua !

Clotilde Ramos. *Mala da Europa*, n.º 523 de 25 de
 18-2-1906, XII ano, pag. 2.

D. MARIA CAROLINA RAMOS

D. Maria Carolina Ramos fez a sua estreia literaria em 1916, publicando no *Almanach Illustrado*, da Parceria Pe-reira, as quatro inspiradas quadras que reproduzo.

A sua apresentação foi feita em calorosas frases, por Albino Forjaz de Sampaio, ha pouco eleito para a Academia de Sciencias de Lisboa, o conhecido e estimado auctor da *Gente da rua*, *Palavras cynicas*, *Lisboa tragica* e de muitos outros trabalhos que tanta aceitação teem tido.

D. Maria Carolina Ramos é aluna da Escola Medica de Lisboa.

QUADRAS

Sonhava alto e sonhando
 Ouviu-me dizer alguem
 — «Ai tu não me desprezavas
 Se fosses pobre tambem.»

Mas depois, julgo, accordei
 Nunca mais adormeci,
 E toda a noite pensei
 Pensei, mas sómente em ti.

Nada ha que tanto canse
 Nem ha nada que mais custe,
 Que procurar uma alma
 Que á nossa alma se ajuste.

Quem a encontra é feliz,
 Tudo tem realiado.
 — Mas quanta gente ahi passa
 Sem nunca a ter encontrado . .

Maria Carolina Ramos. *Almanach Illustrado*, para 1916.

D. ZULMIRA RAMOS

D. Zulmira Ramos representou como actriz, em Lisboa, nos teatros da Trindade e d'Avenida e no Porto no teatro Carlos Alberto.

Segundo me informam, reside actualmente no Brazil.

Colaborou, escrevendo versos, no *Almanach dos Palcos e Salas*.

MAIO

Vem rompendo a manhã ; o sol doirado
 clarêa as cumiadas dos outeiros,
 Gorgeia o pintasilgo em tom magoado
 nos ramos enlaçados dos vimeiros.

Nasce o dia. Do pincarado escalvado
 descem aguas aos trépidos ribeiros.
 Emanam um cheiro agreste, embalsamado,
 da mata rumorosa de salgueiros.

No centro da cidade onde se agita
 o despotismo vil que ao odio incita,
 é rara a animação dos bons romeiros ;

mas, na campina, em festivaes cortejos,
caminham, entre ditos e gracejos,
envergando os seus fatos domingueiros.

Zulmira Ramos. *Almanach dos Palcos e Salas*, Lisboa,
1913, pag. 42.

D. EMILIA ACCIAIOLY REGO SENIOR

D. Emilia Acciaioly Rego Senior nasceu na Ilha da Madeira.

E' auctora de um pequeno livro de versos cujo titulo ignoro.

Foi uma das colaboradoras da interessante publicação «*Flores da Madeira*», obra que consta de dois volumes, e que foi publicada por Alfredo Cesar d'Oliveira e José Leite Monteiro.

Entre os diversos nomes que figuram nesse repositório poetico, leem-se os de : Luiz da Costa Pereira, Luiz A. Ribeiro de Mendonça, Luiz Antonio Jardim, Luiz d'Ornelas Pinto Coelho, Marceliano Ribeiro de Mendonça. Mauricio Carlos Castello Branco e Manoel Luiz Viana de Freitas.

O ARCO IRIS

GENESIS IX, 13.

I

Formoso arco celeste
Qu'nos ceus te vais curvando,
E o alto firmamento
De mil côres matizando !
Aquelle que com Seu sôpro
Tão acima te elevou,
E com variadas tinctas
Sabiamente te pintou,

II

Aquelle que te sustenta
 Com tanto brilho e belleza,
 Foi coberto em sua vida
 Com o manto da pobreza,
 Aquelle que te curvou
 Do modo o mais magestoso,
 Foi condemnado a morrer
 Como um facinoroso.

III

Com o seu sangue innocente
 O seu rosto foi manchado —
 Esse precioso sangue
 Que por nós foi derramado.
 Todo o calis d'afflicção
 Sobre elle se exgotou;
 E para nos libertar
 Em tormentos expirou.

Emilia Acciaioly Rego Senior. *Flores da Madeira.*

D. MARIA LEONOR REIS

D. Maria Leonor Reis nasceu em Lisboa, a 14 de março de 1900.

Esta Poetisa, talvez a mais nova das que figuram nesta *Antologia*, é filha de D. Elisa Albertina da Silva Lobo Reis e do conhecido e ilustre pintor Carlos Reis, e neta do escriptor Antonio Augusto da Silva Lobo, antigo redactor da *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro e redactor em chefe do *Diario do Senado* brasileiro.

Datam dos oito anos as suas primeiras tentativas poeticas. «Aos doze fazia as suas primeiras descrições de pas-

seios que dava com seus irmãos, descripções estas, que se caracterisavam pelo humorismo com que descrevia situações comicas, ridiculas ou alegres, desses passeios».

Aos quinze anos compoz o seu primeiro soneto.

D. Maria Leonor Reis que se dedica com verdadeiro amor ao cultivo da poesia, tendo sido animada a publicar alguns dos seus sonetos, por D. Branca Colaço e pelo sr. conde de Sabugosa, fez a sua estreia literaria em 1917, colaborando na *Pagina Feminina*, do *Diario Nacional*.

Tenciona reunir as suas produções poeticas num pequeno volume, que conta publicar em breve.

O meio extremamente intelectual e artistico em que vive, por certo contribuirá muito para que as suas produções venham em breve a ser contadas entre as melhores feitas por Poetisas Portuguesas.

ASSIM TE FOSTE!...

Porque te foste oh! Musa inspiradora
E me deixaste em troca o desalento?
Porque de mim fugiste no momento
Em que eu quizera recordar a hora

D'aquelle dia, em que uma doce aurora
Me segredou fazendo juramento:
Eu vir a ter mais tarde algum talento
Se veresjasse pela vida fóra?!...

Porque fugiste então e me deixaste
Sem amparo se sempre me guiaste?!
Sem tão nobre columna a que m'encoste?!
.

Agora . do meu sonho feito em nada
Só me resta a expressão desalentada:
«Assim como vieste... assim te foste»! ..

Maria Leonor Reis. *Pagina Feminina*, do *Diario Nacional*,
de 19-3-1917.

*

ASSIM TE PODES IR...

Quizeste divertir-te á minha custa
 Quizeste que eu ficasse arreliada :
 Por isso tu fugiste arrebatada
 Por tua crueidade oh ! Musa injusta !

De ti já não me importo ! Estou robusta
 D'aquella pieguice já passada...
 Pôdes viver de mim muito afastada
 Que a tua ausencia já me não assusta !

Fica-te em paz no sitio onde estiveres
 Que eu viverei melhor se tu viveres
 Longe de mim sem nunca mais te ouvir !...

A este desamparo muito afeita
 Tu deixas-me dizer-te satisfeita :
 «Como vieste... assim te podes ir !»...

Maria Leonor Reis. *Pagina Feminina*, do *Diario Nacional*,
 de 19-3-1917.

D. ANNA AMALIA MOREIRA DE SÁ

Francisco Gomes de Amorim diz a pag. 366 e 367 da segunda edição do primeiro volume dos *Contos Matutinos* (Lisboa 1866), o seguinte :

«Em dezembro de 1849 appareceu no *Periodico dos Pobres do Porto* uma poesia, assignada por uma senhora, á *rosa encarnada*. Em seguida vieram no mesmo jornal dois poetas, cantando a *rosa branca*, e proclamando-a superior á outra. A dama da *rosa encarnada* voltou ao campo, declarando aos seus contrarios que depunha a lyra por não poder sustentar a luta. Os dois cantaram a victoria, mas a

mim (que tinha então 22 annos) ferveu-me o sangue, e entendi que me não salvaria se não saísse a terreno em defesa dos opprimidos !

«Mandei, pois, para o *Periodico dos Pobres* a composição a que se refere esta nota, e as mais que se lhe seguem até pag. 206. Ignorando se os nomes dos poetas portuenses eram verdadeiros, ou se os encobria o pseudonimo, assignei-me *Grão Magriço*.

«Os cantores da *rosa branca* não gostaram de que eu me mettesse nas suas contendias, e responderam-me com aze-dume ; eu repliquei tambem asperamente e a questão chegou ao ponto de eu tirar passaporte para ir ao Porto saldar as contas com elles. Devo ao meu fallecido amigo e mestre Garrett o haver-me livrado desta ridicula questão com o tremendo sermão que me pregou ao saber a minha resolução.

«Felizmente ainda não havia caminhos de ferro, nem se dava um passo neste paiz sem o auxilio d'um passaporte ; aliás quem sabe se veriamos renovadas em Portugal as guerras de York e de Lencastre, que por iguaes motivos assolaram a Inglaterra !

«Faço estas confissões como verdadeiros actos de penitencia, e declaro solenemente que nunca procurei saber se a dama da *rosa encarnada* era um mytho, ou se realmente existiu a ex.^{ma} sr.^a D. Anna de Sá.

«Eu não fui o unico a tomar a sua defesa. Depois de mim, alguns poetas de Lisboa publicaram nos jornaes do Porto poesias contra a *rosa branca* ; e, seguindo o meu exemplo, os partidarios da sr.^a D. Anna de Sá escolhiam os nomes, com que assignavam os seus versos, entre os doze de Inglaterra».

.....

D. Anna de Sá existiu de facto. Em 1861, publicou no Porto, um volume de versos intitulado *Murmurios do Vizella*.

D. Anna de Sá é a mesma pessoa que D. Anna Amalia Moreira de Sá.

SAUDADE

Saudade ! gosto amargo d'infelizes
Delicioso pungir d'acerbo espinho !

GARRETT.

Saudade ! sentir acerbo
De penetrante soffrer !
E' poeta o que no peito
Uma vez te viu nascer :
E' poeta, oh ! sim, poeta,
Quem te soube comp'render !

Saudade ! nome cadente,
De suave inspiração !
Exprime dôr e ternura,
O viver da solidão,
Harmonia que do peito
Geme em lugubre canção !

Quem ha que diga — saudade
Sem tambem dizer — amor ?
— Esse nome sempre preso
A' lyra do trovador !
O melhor dos sentimentos,
Que nos déra o Creador !

Saudade diz o meu peito,
Diz — saudade, a mais não ser !
Eu amo a flor deste nome,
Por tambem lhe pertencer ;
Amo tudo, que saudade,
Saudade pôde dizer.

Anna Amalia Moreira de Sá. *Murmurios do Vizella*, Porto,
1861, pag. 105 e 106.

D. ESMERALDA DE SANTIAGO

D. Esmeralda de Santiago nasceu na cidade do Porto, onde reside.

E' filha do distincto medico oftalmologista Dr. Manoel Lopes Santiago.

Tendo sido sempre muito applicada ao estudo, seus paes pensaram em que cursasse medicina, não tendo porém chegado a frequentar a antiga Academia do Porto, por não sentir vocação para a carreira que lhe propunham.

D. Esmeralda de Santiago que é bastante nova, verseja desde os 15 anos.

Em 1914, fez a sua estreia literaria na *Illustração Portuguesa*, semanario em que tem colaborado.

A maior parte da sua obra poetica está inedita.

Triste se intitula o livro de versos que tem para publicar, prefaciado por Julio Dantas.

OUTR'ORA E HOJE

I

Quando eu era creança, uma inocente
Contando d'anos uma duzia apenas,
Nas tardes estivaes, calmas, serenas,
Olhando o céu embevecidamente,

Ficava-me a cismar!... E o rir dolente
Das estrelas, fulgindo ás centenas
Em grandes gotas, medias e pequenas
Apoz cerrar a noite suavemente,

Vinha acordar minh'alma enternecida!...
Aagitava-me então extranha vida,
Ajoelhava crente, e uma oração

Voava dos meus labios para os céus,
 Onde eu via a imagem do bom Deus,
 N'uma aureola d'Amor e de Perdão !

II

Pobre de mim!... já hoje assim não é!...
 E se á noite contemplo o firmamento
 E' só tristeza e dôr e sofrimento
 Que invade a minha alma que em Deus crê!...

E' certo que conservo a mesma fé
 Que outr'ora me elevava o pensamento
 Junto do Creador, nem um momento
 Ela me abandonou, e julgo até

Que ela augmentou, com minha desventura ;
 Mas este imenso Amôr, doce tortura
 Que me consome e abraza sem cessar,

Fez-me esquecer de todo a oração!...
 E meu esfacelado coração
 — Só lagrimas, Senhor, sabe rezar !

Esmeralda de Santiago. *Ilustração Portuguesa*, n.º 448,
 21 de Setembro de 1914, pag. 382.

D. ROSALINDA CELESTE DE FIGUEIREDO SANTOS

D. Rosalinda Celeste de Figueiredo Santos nasceu em Lisboa.

E' filha de D. Mariana Angelica de Andrade, poetisa illustre a quem me refiro a pag. 25 a 27 deste trabalho e do Dr. Antonio Candido de Figueiredo.

Esta Senhora foi uma boa e dedicada auxiliar de seu pae, em muitos trabalhos literarios.

Alem de varias obras classicas que, para a livraria Tavares Cardoso, D. Rosalinda Santos traduziu, fez ainda traduções de folhetins no *Diario de Noticias*, durante quatro anos, e na *Vanguarda*.

Tendo contrahido nupcias com o capitão de Infantaria sr. Henrique Figueiredo Santos, esta illustre Poetisa a quem devo a gentileza de me ter fornecido os ineditos que reproduzo, abandonou as letras, dedicando-se exclusivamente a cuidar dos seus.

Como poetisa, nunca desejou colaborar em jornal algum ; no entanto, a leitura das suas poesias agrada bastante.

Os versos, desta Poetisa, como os de D. Maria da Gloria Teixeira de Vasconcellos, são intimos, e inspirados pelo amor de seus lares, que cantam numa linguagem simples e bela.

POMBAS

(INEDITO)

Como vos quero, mansas pombinhas !
Não ha, na terra, mais lindas aves !
As vossas penas tornam as minhas
Como o ar puro, leves, suaves. .

Nas horas d'ocio, sois meu enlêvo,
Penas de neve, penas doiradas !
Umas sedosas, outras relêvo,
Tambem ha, negras e bronzeadas !

Mil atractivos tem meu pombal,
Ninhos, borrachos, amôr e arrulhos !
Não ha discordias ; cada casal
Lembra o meu ninho, lar sem barulhos . . .

E quantas vêzes, as *sentinelas*,
 (Eles, os pombos), não vou rondar!
 Guardam, atentos, os ninhos delas,
 Empoleirados, sem arrulhar!

Pombinhas brancas! pombas morenas!
 Meu passatempo! cuidados meus!
 Quero ir convosco, nas vossas penas,
 Quando voardes, um dia aos ceus!

Rosalinda Celeste de Figueiredo Santos.

*

AO MEU RUI

(INEDITO)

Já tres annos tens
 Aurora em botão
 E tudo illuminas
 Com esse clarão!

Teus olhos, meu Rui,
 Tão bellos, risonhos,
 Só dizem esp'ranças,
 Ternuras e sonhos!

As flôr's á porfia,
 Já andam, vê lá!
 Tirando-te espinhos,
 Que o mundo tem cá!

E querem, vaidosas,
 Enchêr-te o caminho,
 E as asas tornarem-te
 Bem leves, anjinho!

Mimosa criança!
E' tua bellêza
Teu riso, que encanta
E afasta a tristeza!

Ventura, anelos,
P'ra ti só desejo;
Criança, és um sonho!
Criança, és um beijo!

Rosalinda Celeste de Figueiredo Santos.

D. MARIA OLGA DE MORAES SARMENTO DA SILVEIRA

D. Maria Olga de Moraes Sarmiento da Silveira nasceu em Setubal.

E' filha de D. Julia Candida de Moraes Sarmiento e de Francisco Maximo de Moraes, official superior do Exercito, já falecido.

Pelo lado materno, é neta do general Candido Higino de Moraes Sarmiento que descendia das familias mais illustres de Traz-cs-Montes. Neta paterna do falecido major Justiniano Maximo de Moraes, que por feitos militares foi louvado, acha-se exposta na Sociedade de Geographia de Lisboa a espada d'honra que D. Maria II lhe ofereceu.

D. Maria Olga de Moraes Sarmiento da Silveira foi casada com o medico naval de 1.^a classe Manuel João da Silveira, morto no combate do Cuamato, contando apenas 34 anos de idade.

O nome desta distincta escriptora é bastante conhecido e apreciado, não só em Portugal, como em Madrid, Paris (sua residencia habitual), Rio de Janeiro, S. Paulo e na Argentina, onde tem sido muito bem acolhidas as conferencias que fez nesses paizes.

Em 1913, foi eleita socia do Instituto de Coimbra. Em 6 de maio de 1908, A Academia de Sciencias de Portugal que conta entre os seus socios os nomes illustres de Teofilo Braga, Santos Lucas, Alfredo da Cunha, Augusto de Miranda, Antonio Cabreira, Ramos da Costa, Belo de Moraes, Silva Amado, Dr. Julio Henriques, João Cardoso Junior, Costa Sacadura, Abel Botelho, Alberto Bramão, Anselmo de Andrade, Costa Mota, Ernesto de Vasconcelos, Queiroz Veloso, Bruno, Cunha e Costa, Julio Neupart, Freitas Branco, Magalhães Lima, Marquêz do Funchal, Rocha Martins, Teixeira Lopes, Veloso Salgado, Ventura Terra, Alfredo de Mesquita, Moreira de Sá, Viana da Mota, Severo Portela, Bento Carqueja, Augusto de Lacerda, Carneiro de Moura, padre Himalaia, Conde de Sabugosa, Visconde de Sanches de Frias, Madame Curie, D. Domitila de Carvalho, Analote France, Camile Saint Saens, Henri Turpin, L. Phileas Lebesgue, Pierre Prevost, Prospero Peragallo, Ribeiro Y. Rovira, etc., etc., elegeu socio a D. Olga de Moraes Sarmiento da Silveira. Investigadora profunda e meticulosa D. Olga de Moraes Sarmiento, é uma das figuras de mais realce na literatura feminina portuguesa na qual se destacam os nomes de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, D. Carolina Michaelis de Vasconcellos, D. Emilia de Sousa Costa, D. Maria O'Neill, D. Virginia de Castro e Almeida, D. Anna de Castro Osorio, D. Angelina Vidal, D. Alice Pestana (Caiel), D. Claudia de Campos, D. Maria Paula d'Azevedo, D. Maria Benedicta Mousinho de Albuquerque e Pinho, D. Conceição Eça de Mello, D. Mafalda Mousinho de Albuquerque, D. Maria Feio, etc. Prosadora e poetisa brilhante, dirigiu durante muitos anos a revista *Sociedade Futura*.

Em 1906, publicou: o *Problema Feminista*; em 1907, *A Marquezã de Alorna*, obra a que me refiro a pag. 22 desta *Antologia*; em 1909, *A Infanta D. Maria e a Corte Portuguesa* (Conferencia realisada no Instituto de Coimbra em 4-5-1909); no mesmo ano, *Arte, Literatura e Viagens* e finalmente em 1912, *La Patrie Bresilienne*.

Para estas obras tiveram os jornaes portuguezes e estrangeiros (merece especial referencia um artigo de Maxime Fromont, no *Mercure de France*), as mais rasgadas e entusiasticas apreciações.

São do *Dia* de 25-IV-1912, as seguintes palavras :

«A distinctissima senhora D. Olga de Moraes Sarmiento, que em Paris foi alvo das mais calorosas homenagens por occasião da sua conferencia, tem sido muito festejada pela alta sociedade de Madrid e pela elite intellectual da capital do visinho reino, sendo-lhe feita uma recepção gentillissima».

«Uma outra excepcionalissima distincção, que muito folgamos de registar aqui, teve a sr.^a D. Olga de Moraes Sarmiento : a Infanta D. Isabel, não podendo assistir, por incommodo de saude, á conferencia, convidou-a a passar a tarde de sexta feira no seu palacio, a fim de lhe lêr e á familia real esse tão bello trabalho litterario».

O trabalho a que se refere este artigo é *La Patrie Bresilienne*.

NEVER MORE...

O sol descae no poente e as nuvens côr de rosa
Formam-se em turbilhões cercando-lhe o aureo leito.
Que torrentes de luz ! que surprehendente effeito !
No emtanto triste desce a noite silenciosa.

Assim eu vi cahir, entre illusões desfeito,
O amor que illuminou minha'alma descuidosa.
Foi um occaso ! e apoz a treva angustiosa
Invaadiu torvamente o vacuo do meu peito.

Todavia o sol volta abrindo a porta ao dia,
Mas o amor... oh ! o amor... a divinal poesia,
Que nos perfuma o ser, não voltará jamais !

Não voltará jámais! e uma atroz saudade
 Repete ao coração esta fatal verdade
 Como ironia cruel aos sonhos ideaes.

Maria Olga de Moraes Sarmiento da Silveira. *Almanach das Senhoras*, de 1913, pag. 247.

D. ELVA EDUARDA DA CUNHA SERRÃO

D. Elva Eduarda da Cunha Serrão nasceu na Figueira da Foz.

E' filha do falecido escrivão-notario Julio Augusto Gaspar da Cunha Serrão e de D. Mabilia Augusta do Reis Serrão.

Tendo vivido muitos anos no Alemtejo, fez a sua estreia literaria no jornal *A Voz d'Estremoz*.

As suas poesias tem sido publicadas nos *Almanachs das Senhoras* e de *Lembranças* e, sobretudo, no jornal, *Sucessos*, d'Aveiro.

A obra desta Senhora, como de tantas outras de quem falo, nunca foi reunida em volume.

SONETO

— Deixae chegar a mim os pequeninos!
 Disse Jesus sorrindo santamente
 E dos seus doces olhos peregrinos
 Rolou na face a lagrima tremente . . .

E a afagar-lhe os cabelos finos
 E o rosto branco de expressão ridente,
 Fitava os olhos d'elles, azulinos,
 Emquanto lhes falava mansamente . . .

Na sua meiga voz, suave e calma,
 Tentava, em vão, encher-lhes bem a alma
 De tudo o que é bondade, o que é meiguice . . .

Mas foi de balde. A pequenina grei
Quando mais tarde um bando sem ter Lei
Não recordou o que Jesus lhe disse.

Elva Serrão. *Almanach de Lembranças*, de 1910, pag. 142.

*

SONETO

Na delicada haste — debruçada
Nas suas folhas tenras, setinosas,
Vi uma linda rosa nacarada
Entre-abrindo as petalas viçosas . . .

E o vento a sacudil-a — balouçada
Na hastesita, em curvas caprichosas,
Ficava a rosa um pouco reclinada,
Pendidas suas petalas mimosas . . .

E n'essa posição tão peregrina
A inclinar a côma pequenina
Com desusada graça e compostura . .

Fazia-me lembrar — ao vêl-a airosa —
Uma dama gentil, pretenciosa,
Fazendo gravemente uma mesura . . .

Elva Serrão. *Almanach das Senhoras*, de 1910, pag. 356.

D. MARIA PEREGRINA DE SOUSA

D. Maria Peregrina de Sousa nasceu no Porto em 13 de fevereiro de 1809.

Colaborou: no *Archivo Popular*, *Revista Universal Lisbonense*, *Braz Tisana*, *Pirata*, *Aurora*, *Lidador*, *Iris*, do Rio de Janeiro, *Grinalda*, etc.

Na *Revista Universal Lisbonense* usou D. Maria Peregrina de Sousa o pseudonimo de *Obscura portuense*.

Castilho foi admirador desta Senhora.

PARABOLA DA MINHA VIDA

Em jardim me vi formoso,
Tão alegre, tão mimoso,
Que outro nunca vi assim :
Longas ruas espaçosas,
Flores mil, todas viçosas,
Julguei vêr n'este jardim.

Era então de madrugada :
Nebrina de côr rosada
No comêço d'este dia
Mil encantos presentava ;
Os desares occultava,
As bellezas diffundia.

Vem o dia : esclareceu
Pouco a pouco terra e ceo.
Ruas que vira vistosas,
Vi tristonhas, apertadas ;
Murchas, sêccas, desfolhadas
Vi as flores mais formosas.

Só medravam lá martyrios,
Chagas vivas, rôxos lirios ;
Os suspiros, ais singelos,
Tristes lagrimas pendidas ;
As saudades denegridas,
Malmequeres amarellos.

Quasi estava já no fim
Do symbolico jardim,
Eis me falta arrimo e luz !

Em terra cahi prostrada!...
De saudades rodeada
Abracei funérea cruz.

Maria Peregrina de Sousa. *A Grinalda*, II ano, Porto, 1857, pag. 17 e 18.

D. GUIOMAR TORREZÃO

D. Guiomar Torrezão nasceu em Lisboa a 26 de novembro de 1844 e faleceu em 22 de outubro de 1898.

Nos primeiros anos de sua existencia luctou com muitas difficuldades esta Senhora que foi uma grande trabalhadora.

Aos oito anos de idade, ficou orfã de pae, restando-lhe apenas sua mãe que extremecia, dois irmãos pequenos e a avó que pouco tempo depois faleceu.

Dotada de grande força de vontade, intiligente e muito estudiosa, poucos anos depois era professora de instrução primaria e de francês.

Tinha pouco mais de dezasseis anos de idade, quando escreveu a sua primeira obra literaria, *Uma alma de mulher*.

E' auctora dos trabalhos: *Rosas Palidas, No Theatro e na sala, Meteoros, Paris, Familia Albergaria, Flavia, Batalhas da vida, A comedia do amor, Idilio á ingleza*, etc.

Para o teatro do Gymnasio escreveu *Educação Moderna*, comedia e *Naufragio do Brigue Colombe*, peça destinada a um teatro do Brazil.

D. Guiomar Torrezão tambem traduziu muitas peças teatraes, como: *Condessa Sara, Dois garotos, Menina dos telephones*, etc., etc.

Folhetinista distincta, colaborou no *Reporter, Diario Illustrado, Gazeta Setubalense*, etc.

Em 1871, fundou o *Almanach das Senhoras* que dirigiu durante muitos anos, tendo-lhe por sua morte, succedido no aludido cargo, sua irmã D. Felismina Torrezão.

Relacionada com os escriptores mais em evidencia do seu tempo, o nome desta illustre Poetisa e Escriitora é so-bejamente conhecido nas letras portugesas.

A MINHA MÃE

(NO DIA DOS SEUS ANOS)

Ó minha mãe quem pudera
cingir-te a fronte de flores!
e ajoelhar aos teus pés,
sanctuario dos meus amores!

Ai! quem pudera n'um raio
do sol mandar-te minha alma.
A saudade é um martyrio,
mas um martyrio sem palma!

E tu és na minha vida
a doce luz de uma fé,
que nunca pôde extinguir-se,
que brilha sempre de pé!

Ó minha mãe quem pudera
voar... voar para ti!
e dizer-te em meigo enlevo
surri meu anjo!... surri!

Guiomar Torrezão. *Almanach das Senhoras*, para 1872, 2.º ano, Lisboa, 1871, pag. 127.

D. ROSA VARELLA

D. Rosa Varella nasceu na freguezia de Ganfei, concelho de Valença do Minho.

E' filha de D. Maria Rosa de Sousa Varella e de Domingos Gonçalves. Professora official em Loivo de Cerveira,

concluiu o curso para o magisterio primario official, na Escola Normal de Braga, em 4 de Julho de 1904.

Fez a sua estreia literaria em 1913, ano em que publicou o seu primeiro livro (prosa e verso), *Ondas do Minho*, impresso em Vianna do Castello.

Em 1917, editou um volume de poesias, *Harpa da Tumba*.

Tem collaborado nos jornaes: *Correio Litterario*, de Lisboa, *Comercio do Lima*, de Ponte de Lima, *Voç de Cerveira* e nos *Echos de Cerveira*.

D. Rosa Varella que consagra os poucos momentos que tem de seu, á literatura, trabalha num romance intitulado *Flor das Campas* e tem no prélo um novo volume de versos — *Revoadas* — do qual faz parte o soneto *Lei Universal* que abaixo transcrevo.

LEI UNIVERSAL

(INEDITO)

Desfralda-se uma vella aventureira,
Sulcando altiva as aguas agitadas,
Por sobre ela a aguia em revoadas,
Vejo o espaço transpondo altaneira.

A' mente trazes coisas já passadas,
Aguia austera viril e sobranceira,
Que deixas ao passar como uma esteira,
Cortando a nevoa das manhãs nevadas.

Sobes com altivês alem da serra,
E's senhora suprema d'ampliãõ,
Foges ás sombras tumulares da terra.

Mas não foges á morte esse dragão,
Que a vida a todo o ser, cruel encerra,
E ao nada faz volver a creação !

Rosa Varella. Do livro *Revoadas*.

*

PROVAÇÕES DA VIDA

(O QUE NOS ESPERA)

Da creança o negro destino,
Que dura maldade encerra,
Mais vale o eterno somno,
No frio leito da terra.

E' ave que livre esvoaça,
E cantando poisa na flor:
No silvedo busca agasalho
Onde a espera o caçador.

Rosa Varella. *Ondas do Minho*, Vianna, 1913, pag. 15.

*

DESVENTURAS

Desventuras cá neste mundo o que importa?
Neste mundo ha venturas, prazeres, paixões,
E efemeras risos da sorte que volta,
Delicias, desgraças... da sorte os baldões.

Se chora a miseria que importa então! ?
Afasta o ditoso a vista com tedio,
E é inutil implorar a compaixão,
Crime é pedir para a desgraça remedio.

O remedio está nessa fria morada,
Aonde tudo finda no esquecimento,
E se resume a vida nesse pó do nada,
E nossos pobres dramas nos vais-vens do tempo.

Rosa Varella. *Harpa da Tumba*, Vianna, 1917, pag. 87.

D. MARIA DA GLORIA PEREIRA TEIXEIRA DE VASCONCELLOS

D. Maria da Gloria Pereira Teixeira de Vasconcellos nasceu na quinta de Pascoaes, em Amarante.

E' filha de D. Carlota Guedes Teixeira de Vasconcellos e de João Pereira Teixeira de Vasconcellos.

Irmã do poeta Teixeira de Pascoaes, tem esta distincta Poetisa que é casada com o sr. José Monteiro Carvalho, collaborado na *Revista de Coimbra*, na *Chronica*, na *Alma Feminina* e, ultimamente, na *Aguia*, bela revista mensal, de litteratura, arte, e sciencia, filosofia e critica social, na qual tem escripto; Aarão de Lacerda, Afonso Duarte, Antonio Carneiro, Antonio Sergio, Augusto Casimiro, Aurelio da Costa Ferreira, Eurico de Seabra, Gomes Leal, João Lucio, Leite de Vasconcellos, Leonardo Coimbra, Mario Beirão, Phileas Lebesgue, Teixeira Lopes, Teixeira de Pascoaes, Teofilo Braga, Visconde de Vila-Moura, etc., etc.

Esta Senhora usou o pseudonimo de *Maria Estella*, como se vê do bonito soneto que incluo nesta coleção.

D. Maria da Gloria Teixeira de Vasconcellos tem em preparação um interessante volume de versos que tem por titulo: *O Livro de minha filha*, obra em que ha belas poesias, repassadas de ternura. Vide pag. 257 desta *Antologia*.

PRIMEIROS CUIDADOS

Com a tua linda cabeça
Tombada sobre o meu peito
Chegadinha ao coração
Que batia com mais geito,

Com teus braços enrolados
Ao meu pescoço, Maria ;
Teus grandes olhos febris
Fechadinhos á alegria.

Murchinha como uma flôr
De baixo d'um sol ardente.
Como é triste para uns braços
Suster um filho doente !

Ai, são como o sol d'inverno
As alegrias da Mãe !
Tão depressa tem de rir
Como ha-de chorar tambem.

Sêr Mãe é tornar a ser
Mais uma vez pequenina.
Quantas vezes eu não sei,
Se sou a Mãe, se a Menina !

Ser Mãe é olhar a infancia
Que em creança se não viu . . .
Como nos volta nos filhos
Aquillo que nos fugiu !

Maria Teixeira de Vasconcellos. *A Aguia*, Revista mensal de Litteratura, Arte, Sciencia, Filosofia e Critica Social, n.º 38, Porto, Fevereiro de 1915, pag. 62.

*

SONETO

No azul immenso o meu olhar cançado,
Como elle gosta lá de repousar !
De ver o mundo está tão desgraçado
Que se desfaz em lagrimas no ar.

Para alem do infinito constellado,
Ha uma estrella que me quer levar,
Astro de estranha luz illuminado.
Que vem sobre o meu peito repousar !

Nas azas d'essa estrella vou voando
Mas sempre minha Mystica saudade
De roxas nuvens tudo vae toldando.

Desfaz-te, ante meus olhos, roxo veu!
Que tudo encobres, dize-me a verdade,
Se para além do Ceu, ainda ha mais Céu?

Maria Estella. *A Chronica*, n.º 61, 3.º anno. Lisboa, março de 1902.

D. MARIA AMELIA VAZ

Esta Senhora é, como a Viscondessa das Nogueiras (D. Mathilde Izabel de Sant'Anna e Vasconcellos Moniz de Bettencourt), D. Maria Helena Jarvis de Athouguia e Almeida, D. Joanna Castelbranco, D. Arsenia Bettencourt Miranda, D. Leolinda Jardim Vieira, D. Emilia Acciaioli Rego Senior, D. Luiza Maria Pereira, D. Maria da Costa Pereira, e D. Eugenia Rego Pereira, — natural da Ilha da Madeira,

D. Maria Amelia Vaz tem colaborado assiduamente em almanachs, diferentes jornaes e, especialmente, no *Diario da Madeira*.

MORTINHA

Veste de neve a creancinha,
Que vae mortinha a enterrar,
Com um sorriso!
A flôr d'um çia que jaz pendida,
Emmurchecida, irá brilhar
No Paraiso.

E a acompanhal-a ao cemiterio
Um côro ethereo! Um bando lindo,
Aquelle bando!

Lindas creanças inãa innocentes
 Pensam contentes, que vae dormindo.
 Seguem cantando.

No campanario repica o sino,
 Parece um hymno o seu tocar
 Alegrementemente.

Rozas desfolham p'lo cortejo
 E tem ensejo de a beijar
 O sol poente.

Lá n'um casal, ó dôr pungente,
 Amargamente a mãe chorava
 O duro açoite
 Da negra morte. Mas uma estrella
 Poude alguém vél-a a mais brilhava
 No ceu á noite.

Pois é geral, ahí na aldeia,
 A' bocca cheia, diz a gente :
 Essas estrellas
 Que se estão vendo no azul prezas
 Serão accesas eternamente
 Pelos anginhos .

Amelia Vaz. *Santa Cruz*, 1912.

D. MARIA RITA CORRÊA DE SÁ BENEVI- DES VELASCO DA CAMARA

D. Maria Rita Corrêa de Sá Benevides Velasco da Camara nasceu em 2 de Outubro de 1821 e faleceu em 30 de Janeiro de 1868.

Irmã do setimo Visconde de Asseca, Salvador Corrêa de Sá, era filha de D. Rita de Castello Branco, terceira filha

dos primeiros marquezes de Bellas e do Visconde de Asseca, Antonio Maria Corrêa de Sá Benevides Velasco da Camara.

Esta illustre Senhora foi casada com D. José Maria da Piedade de Lencastre, segundo filho do quarto Marquez de Abrantes e da Marqueza D. Helena do Santissimo Sacramento de Vasconcellos e Sousa, filha dos Marquezes de Castello Melhor.

A SOLEDADE

Voe soll!

Que voz dolorosa, que tristes gemidos
Os echos retumbam d'antiga Sião?!
Rachel lamenta dos filhos perdidos?
Não ha consolal-a, por que elles não são?

São ais e saudades, que solta Maria,
Chamando entre angustias seu caro Jesus.
Debalde o procura com tanta agonia!
Do filho que resta! . no monte uma cruz!

A cruz, que sua alma consola e tortura!
Agora na terra seu unico amor...
Oh vós, que provastes da vida a amargura,
Dizei se ha tormento que eguale essa dôr!

O archanjo, se agora baixasse, Senhora,
Saudando teu nome da parte de Deus,
Esse ave festivo calara d'outr'ora,
Seus ais compassivos unira co'os teus.

Nem «Deus é contigo» teria juntado,
Que Deus já parece de ti se ausentou,
Deixou mesmo o filho, foi surdo a seu brado;
Do seu desalento Jesus se queixou.

Mas ah! se outr'ora te disse *Bemdicta*,
Não menos agora t'ò deve dizer;
Que a benção celeste por Deus foi predicta
A quem sobre a terra chorar e soffrer.

Bemdize, pois, Virgem, as maguas que soffres,
 Que eterna ventura no céu te darão!
 Com ellas, abrindo das graças os cofres,
 Alcança conforto p'ra os filhos de Adão.

Maria Rita Corrêa de Sá. *Parnaso Mariano*, (2.^a edição),
 Coimbra 1890, pag. 181.

D. MARIA VELEDA

D. Maria Veleða nasceu em Faro, a 26 de fevereiro de 1871. Foram seus paes João Diogo Frederico Crispin, oriundo de uma familia ingleza, de comerciantes, que se estabeleceram no Algarve, e D. Carlota Perpetua da Cruz Crispin.

Tendo ficado orfã de pae aos onze anos, começou a trabalhar aos quinze anos, para ajudar a viver sua mãe e um irmão mais novo, dedicando-se desde essa idade ao professorado.

Aos dezanove anos fez a sua estreia literaria num lornal provinciano — *O Districto de Faro*.

Colaborou, depois, em varios jornaes de Lisboa e da provincia, como o *Diario Illustrado*, *O Globo*, o *Reporter*, *A Vanguarda*, *O Seculo*, *O Herald*, *O Lidador*, etc., etc., e em diferentes revistas como *A Tradição*, *A Sociedade Futura*, *A Mulher e a Creança*, etc.

As suas produções, quer em prosa, quer em verso, foram, a principio, exclusivamente literarias; mais tarde, porém, revestiram um caracter acentuadamente feminista e de propaganda em favor da educação infantil.

A sua actividade literaria adquiriu nova feição desde 1904, em que começou a colaborar em diversos jornaes politicos de caracter republicano, passando desde logo a ser solicitada para colaborar com os homens mais em destaque nesse partido.

Na propaganda do mesmo ideal, D. Maria Veleða discursou em comicios e fez conferencias.

Dos seus numerosos artigos politicos, o que adquiriu maior notoriedade foi um que publicou na *Vanguarda*, de que era director Magalhães Lima, e que se intitulava : *A proposito*, e que obteve grande exito e teve tres edições successivas.

As suas conferencias mais notaveis foram reunidas em volume, intitulado *A Conquista*, prefaciado por Antonio José d'Almeida. Publicou diversas plaquetes — *A Emancipação feminina*, etc. Manteve, em Serpa, uma publicação mensal, *Côr-de-rosa*, contos moraes para creanças.

Como poetisa, a sua obra anda dispersa por inumeros jornaes, revistas e almanachs.

D. Maria Veleða foi durante muitos anos colaboradora assidua do *Almanach das Senhoras*.

Actualmente, tendo abandonado por completo a propaganda politica e feminista, e estando afastada da literatura, dedica-se, exclusivamente, á sua missão de amiga das creanças, vivendo só para elas, como Delegada da *Tutoria Central da Infancia* e Directora professora da *Obra Maternal*, da qual foi fundadora, e onde são recolhidas creanças do sexo feminino que estejam ao desamparo ou em perigo moral, sendo este segundo cargo exercido gratuitamente.

PETALAS

Déste-me um dia, sorrindo
Tua alma para a guardar . . .
— E era um hymno a tua voz,
Era um ceu o teu olhar.

Guardei-a junto da minha,
Em tão estreita união,
Que por fim já não sabia
Se eram duas ou não.

Mas quizeste rehavel-a,
 Tiveste ðe a espedaçar...
 — Tinhas-m'a ðado sorrindo,
 E levaste-m'a a chorar.

Maria Veleða. *Almanach das Senhoras*, para 1901, pag. 83.

*

MATER DOLOROSA

Lança-me á vala. Amigos ! Que me importa
 Apodrecer com párias lá no fundo !...
 — Ha-ðe ser como um fardo sujo, immundo,
 O cadaver ða vossa infeliz Morta.

Atirae-me e esquecei-vos ð'esse ðia,
 Que eu não quero ðeixar-vos um ðesgosto ..
 Esquecei o meu riso, a voz, o rosto...
 Essa máscara alegre que illudia,

E quando não houver, emfim ninguem
 Que o meu nome recorde ou me lamente,
 Vós vereis arrastar-se, lentamente,

Caminho ð'essa vala, uma velhinha,
 Carregada ðe flores — coitadinha... —
 E chorando por mim — a pobre Mãe !

Maria Velleða. *Almanach das Senhoras*, para 1903, pag. 123.

D. VIRGINIA VITORINO

Desta inspirada Poetisa, auctora ðo soneto *Incerteza*, sei, apenas, o que a seu respeito ðiz com justiça, *O Seculo* (*edição da Noite*), ðe 4-6-1917 :

«Faz hoje a sua estreia literaria, no nosso jornal, uma

nova poetisa, a sr.^a D. Virginia Vitorino, que, em plena mocidade — tem apenas 20 anos — se revela na posse de todos os segredos da mais difficil de todas as formas poeticas: o soneto. Desde hoje é-nos licito contar, entre as nossas illustres cultoras do verso, mais um talento, que é uma autentica e radiosa esperanza».

INCERTEZA

Mentes-me muito sim. Já m'o tens dito
E eu tinha-o já tambem advinhado.
Mas que me importa a mim esse peccado
Se tẽ desculpo até, se te acredito ?

Qual será de nós dois o mais culpado ?
Tu que mesmo a mentir és tão bonito,
Mudando em graça o teu maior delito,
Ou eu, porque te tenho acreditado ?

Tu vaes dizendo aquilo que não sentes ;
Eu ando presa a ti, n'esta anciedade
De saber o motivo porque mentes.

Enganamo-nos ambos sem pensar :
Tu a mentir, dizendo-me a verdade,
Eu crendo em ti, mas sempre a duvidar.

Virginia Vitorino. *Seculo*, (edição da noite) de 4-6-1917.

D. LEOLINDA JARDIM VIEIRA

D. Leolinda Jardim Vieira é natural da Ilha da Madeira. Poetisa e cantora de notaveis recursos, casou com o Dr. João José Vieira, jornalista e antigo director do extinto *Diario Popular*, do Funchal.

Esta Senhora foi uma das colaboradoras do livro *Flores da Madeira*.

NUM ALBUM

Nos jardins mais formosos tão lindas vegetam
Alegres florinhas,
e vezes mãos ferinas a morte decretam
ás innocentinhas! . . .

Succede que nos montes nasce a flor inculta
e morre ignorada
na escarpa de um outeiro, lá quasi sepulta,
mas não maltratada.

Tal como a flor das serras, singela lembrança
Venho aqui depôr, —
fraco penhor de affecto, um signal d'esperança,
d'eternal amôr.

Leolinda Jardim Vieira. *Flores da Madeira.*

D. ANGELINA VIDAL

D. Angelina Vidal é filha do notavel maestro Joaquim Casimiro e viuva do medico naval, Dr. Luiz Augusto de Campos Vidal, falecido na Guiné em 21-7-1894.

Começou, bem cedo, a sua carreira literaria que tem sido sempre agitada, como a sua vida.

Escriitora, Professora inscripta no Lyceu e no Conservatorio, Socia efectiva da Associação da Imprensa Portuguesa, Socia benemerita da Associação dos Trabalhadores da Imprensa, Membro de Honra da Liga Internacional Polonesa dos Amigos da Polonia, etc., a obra de D. Angelina Vidal como escriptora, professora, jornalista, poetisa e oradora é invulgar e reveladora de profunda erudição.

Porém, de nada lhe tem servido, praticamente, o seu grande talento e as inumeras distincções que, em concursos literarios internacionaes, os seus trabalhos tem obtido.

Quantas vezes, na sua solitaria residencia da rua de S. Gens, acompanhada pelos seus fies companheiros — os seus cães e por um ou outro dedicado amigo — D. Angelina Vidal ao ver-se desamparada e doente, terá feito amargas reflexões acerca dos homens, ela que tanto trabalhou em favor de uma humanidade perfeita!

Não poucas vezes, por certo se terá lembrado da frase do grande Affonso de Albuquerque.

.....
D. Angelina Vidal foi proprietaria e redactora dos jornaes: *Syndicato*, *Justiça do Povo* e *A Emancipação*.

Colaborou no *Domingo Illustrado*, *Bocage*, *Partido do Povo*, *O Tecido*, *A Luz*, *O Trabalho*, *Partido Operario*, *Luz do Operario*, *Constructor*, *Liberdade*, *Vulcão*, *Marselhesa*, *Tribuna*, *Officina*, *Voç do Trabalho*, *Vanguarda*, *Alma Feminina*, *A Chronica*, *Gabinete dos Reporters*, *Livre Pensamento* (Madrid), *Diario Metallurgico*, *Revolução*, *Caixeiro*, *Commercio de Lisboa*, *Voç do Operario*, etc., etc.

D. Angelina Vidal é auctora dos poemas: *Liberdade*, *Morte de Satan*, *O Marquez de Pombal á luz da philosophia*, *O Ultrage*, *Semana da Paixão*, consagrado á rainha D. Amelia (brado eloquente a favor dos marinheiros condemnados), *A noite de espirito*, dedicado a João de Deus, e premiado num concurso internacional; *Icaro*, igualmente premiado num concurso realisado no Rio Grande do Sul; *Nas florestas da vida* (a proposito da catastrophe de Courrières), Lisboa, 1906; *Jesus no templo* e *Espiraes de dôr*.

Por almanachs e jornaes andam dispersos um sem numero de suas poesias, que dariam um valioso volume.

Em prosa, alem de inumeros artigos em que tem versado quasi todos os ramos dos conhecimentos humanos, é auctora dos admiraveis *Contos de Crystal* e *Contos negros*, que só por si bastariam para noutro paiz em que a literatura fosse amada, consagrarem quem os architectou.

Para o teatro, escreveu esta notavel Senhora: *Caminho errado*, comedia em 3 actos, em verso; *Castigar os que*

erram, idem, idem, em prosa; Nobresa d'alma, Licção Moral e Conselheiro Acacio.

Ao terminar estes singelos dados biograficos, tenho esperança que ainda surgirão melhores dias para D. Angelina Vidal que, por certo, não será esquecida principalmente pela Associação da Imprensa e por aqueles a quem o seu grande coração e elevado espirito sempre beneficiou.

CONFRONTO

«Pae, porque me abandonas?» exclamava
O doce Nazareno agonisante,
E seus olhos sem luz na luz fitava
Do paternal imperio deslumbrante.

Mas do céo impassivel não baixava
O rocio da piedade; e do semblante
Da victima serena, deslisava
A supplica de um pranto soffocante.

Deus, o cumplice horrivel d'este crime,
Deixava-o espedaçar, qual brando vime
Que o tufão colossal prosta e retalha.

Mas eis, n'este momento, junto á cruz.
Alguem chorava a dôr do bom Jesus;
Era um paria infamado, era a canalha i

Angelina Vidal. *Almanach Republicano*, para 1880 (6.^o anno) pag. 99.

*

CANÇÃO DO ENGEITADO

Sem ter ninguem eu ando assim
Sempre a mau trato, ao sol ao frio
Enfermo ou são, ninguem sentiu
Um só carinho ou dôr por mim.

Amos, ganhões, ovelhas, cães,
N'esses cazaes e choças varias,
Almas christans ou alimarias
Todos são filhos... teem mães!

Trigaes do campo, aguas da fonte
Cepas, ginjaes, pinheiros, tilias
Ouvi dizer que têm familias...
Eu nunca a tive, eu ando a monte...

Levando as cabras n'esses trilhos
Passo por baixo dos pomares,
E penso então, todo em pezares:
A flôr é mãe, os fructos filhos.

Beijos de mãe, como serão?
Era de pedra a mãe que tive?
Ai! se eu soubesse onde ella vive
Guardava-a aqui, no coração.

Quando recolho á noite os bois
Peço, a chorar, a cada estrella;
Dize, onde está? Só quero vê-la,
Chamar-lhe mãe morrer depois!

Angelina Vidal. Lisboa, *Novo Almanach de Lembranças
Luzo-Brazileiro*, para o anno de 1908, pag. 54.

*

A PENA DE MORTE

Sou democrata e mãe; procuro um norte
De Liberdade e Gloria!
Aceito essa revolta ardente e forte
Que faz tremer a Historia,
Porem condemno o imman desvario
Que mata a sangue frio!

Angelina Vidal. *Vizéu Ilustrado*, pag. 201.

VISCONDESSA DE VILLA MAIOR

(D. SOPHIA DE ROURE AUFFDIENER PIMENTEL)

A sr.^a Viscondessa de Villa Maior nasceu em Lisboa, a 17 de março de 1821.

Era filha de D. Emilia Auffdiener e de João de Roure.

Esta illustre Dama foi casada com o Visconde de Villa Maior, Julio Maximo de Oliveira Pimentel, reitor da Universidade de Coimbra e auctor do *Douro Illustrado*.

Esta Poetisa foi mãe da sr.^a Marqueza de Bellas e de Emilio Pimentel que fez as estampas com que seu pae ornou o livro citado.

A Senhora Viscondessa de Villa Maior escreveu um livro muito interessante e que foi aprovado pelo Conselho de Instrucção Publica — *Poesias lyricas selectas de Luiz de Camões* (1876). A esta obra se refere Seabra de Albuquerque na *Bibliographia da Imprensa da Universidade*, ano de 1876.

De D. Sophia de Roure Auffdiener Pimentel fala *O Parnaso Mariano*, coligido por Abilio Augusto da Fonseca Pinto, Conimbricense muito illustre.

A SENHORA DA AGONIA

Vós, Senhora da Agonia,
 Dos homens consoladora,
 Tende dó da peccadora,
 Oh Virgem Sancta Maria !

De luz carecem as flores ;
 Sem luz extingue-se a vida ;
 O iris de paz promettida
 Sem luz não tivera cores.

Sem a graça, luz formosa
 Das almas, tudo era pranto
 No mundo. A luz e o encanto
 D'esta terra tembrosa,

Ella em negra escuridade,
Ella, a candida Joanninha
De mal d'amor se defineha,
De longa acerba saudade.

Dae, Senhora da Agonia,
Dae á triste luz e esp'rança ;
Dae-lhe dias de bonança
Oh Virgem Santa Maria !

Sophia Pimentel. *Parnaso Mariano*, 2.^a edição, Coimbra, 1890, pag. 100.

D. AMELIA DE GUIMARÃES VILLAR

D. Amelia de Guimarães Villar é filha de D. Margarida Guimarães Villar e de José Joaquim Marques Villar.

Nasceu na freguezia de Victoria da cidade do Porto, em 6-10-1890.

Em 1908, principiou a escrever algumas quadras, no semanario de Aveiro, *Os Successos*.

Para satisfazer a varios pedidos, tem colaborado nos jornaes: *A Voç do Leça*, *A Scintelha*, *A manhã*, *A madrugada*, *A semana Illustrada* e *Pontas de Fogo*.

Em 1909, publicou esta distincta Poetisa, o seu primeiro livro de versos — *Timidas Aspirações*, que está exgotado, bem como o seu monologo, *Um mau engano*, editado em 1910.

Em 1916, appareceu o seu livro de poesias *Lagrimas*, prefaciado pelo illustre poeta Campos Monteiro.

Este ultimo trabalho tambem teve o mais elogioso acolhimento feito pelos principaes jornaes do norte, entre os quaes mencionarei: *O Primeiro de Janeiro*, *Comercio do Porto*, *Jornal de Noticias*, etc.

O soneto *Miragem*, que figura nesta *Antologia*, é copiado do livro *Lagrimas*.

Em 1916, obtive o soneto a que me refiro, num concurso poetico realisado pelo *Correio Literario*, de Lisboa, o primeiro premio, entre 175 concorrentes.

VERSOS

No teu peito ao meu amor
 deste guarida.
 Amo-te mais que ao mundo.
 E's minha vida.

Repara : — O amor que sinto
 No meu peito,
 E' o mais louco, o mais puro,
 O mais perfeito.

Amelia de Guimarães Villar. *Timidas Aspirações*.

*

MIRAGEM !

Vejo-te em toda a parte, a todo o instante !
 Teus labios a sorrir, nesse sorrir
 Que sabe comover e confundir
 Meu coração num goso delirante.

Vejo-te em sonhos, vivo, tam flagrante,
 Como uma rosa d'ouro a reflorir ! . . .
 Vejo-te em sonhos ! . . . Como é bom dormir . . .
 Miragem tam sublime e tam amante !

E vejo-te no mar n'esse quebranto
 Da sua magestade e galhardia,
 E nos lamentos dos pesares seus !

E vejo-te no ceu, cheia de encanto !
 Tam bela como os olhos de Maria ! . . .
 Tam pura como as lagrimas de Deus !

Amelia de Guimarães Villar. *Lagrimas*, Porto, 1919, pag.

ADITAMENTO

D. FLORENCIA DE MORAES

D. Florencia de Moraes nasceu em Vila Real.

E' filha de D. Anna Pereira de Moraes e de José Correia de Moraes.

Esposa do Dr. Abel José Fernandes, juiz do Ultramar, D. Florencia de Moraes tem estado, acompanhando seu marido, em S.^{to} Antão de Cabo-Verde, em Pangin e em Moçambique, onde reside ha 8 anos.

E' auctora de : *Vozes da India* (poema) e *Fé e Vagar*, pequenós livros de sonetos em alexandrinos ; tem prompto, a entrar no prelo, um novo livro de versos. Em 1911, publicou em Vila Real um pequeno opusculo, em verso, *Para as crianças*.

Tem colaborado na *Aurora da Liberdade*, *Povo do Norte*, *Districto de Vila Real*, *Novidades*, *Evolução*, e nalguns jornaes de Cabo-Verde e India.

Devo estes apontamentos á grande amabilidade dum patricio desta Senhora, o conhecido e apreciado jornalista e escriptor, Dr. Sousa Costa, auctor da *Pecadora*, *Fructo prohibido*, *Coração de mulher*, *Sempre virgem*, etc.

SONETO

— O' meu paiz saudoso, onde ha poentes
de sangue e de viuvez em cada outomno
em ti quero dormir o ultimo somno
de amor e morte sob a cruz dos crentes.

E tu, coração meu, tem bem presente
as horas de saudade e de abandono,
como um doente, occiðental outomno,
passadas sob os indicos poentes.

A noite e a vida, esse mysterio enorme
que junto ao seio de ignoto dorme,
como o Ideal que dentro em nós habita,

vae dum a outro polo, como os ventos,
na rosa colossal dos pensameutos,
dispersos pela aboboda infinita.

Florencia de Moraes. *Vozes da India.*



INDICE

| | Pag. |
|--|------|
| Prefacio..... V a | XV |
| <i>Achioli (Maria Anna) — Chapinhandõ</i> | 1 |
| Lar feliz..... | 2 |
| <i>Agoàs (Virginia da C. Silva) — Saudade</i> | 4 |
| Imaculada. | 5 |
| Dormir, esperar..... | 6 |
| No Calvario espinhoso desta vida..... | 6 |
| <i>Aillaud (Maria Cecilia) — A' memoria de meu caro filho Manoel Matias Vieira</i> | 8 |
| De colina em colina vagueando..... | 8 |
| <i>Albuquerque (Anna de) — Sae-nos do coração um pranto ardente</i> | 10 |
| <i>Albuquerque (Mafalda Mousinho de) — Sombra</i> | 11 |
| Sem remedio..... | 12 |
| Por que te amo..... | 13 |
| Æquo animo! | 14 |
| Prece. | 15 |
| Um encanto..... | 16 |
| <i>Albuquerque (Mecia Mousinho de)—Depois do baile*</i> | 18 |

* Este signal indica que as poesias a que se refere são inéditas.

| | |
|---|----|
| Occultas magoas..... | 19 |
| A' memoria de Frederico Pinheiro Chagas.. | 20 |
| <i>Alorna (Marqueza de) — Soneto.....</i> | 23 |
| Soneto. | 23 |
| Soneto. | 24 |
| <i>Andrade (Mariana Angelica de) — A minha estrella.</i> | 26 |
| Mysterios do toucaador..... | 27 |
| <i>Andrade (Marianna Belmira de) — A minha terra..</i> | 28 |
| <i>Araujo (Condessa de Almeida) — Villancete.....</i> | 31 |
| Villancete..... | 31 |
| <i>Arriaga (Maria Christina de) — Um segredo</i> | 33 |
| <i>Arthur (Maria Ribeiro) — A minha Patria</i> | 35 |
| <i>Athougua e Almeida (Maria Helena Jervis de) — De</i> | |
| rêve en rêve..... | 38 |
| A lagrima.... | 38 |
| Reminiscencia..... | 39 |
| <i>Azul — No anno de 1917 *.....</i> | 41 |
| O outomno..... | 42 |
| Tu e só tu..... | 43 |
| Sol *..... | 43 |
| <i>Balsemão (Viscondessa de) — Misericordia.....</i> | 45 |
| Sapho..... | 46 |
| Uma paixão | 46 |
| <i>Barbosa (Hortencia Paulina de Lima) — A pastora .</i> | 48 |
| <i>Bastos (Maria Jacintha Teixeira) — O futuro *</i> | 49 |
| Meu coração *..... | 50 |
| <i>Batalha (Elisa Toscano) — Meu tormento.....</i> | 52 |
| Anjinho infortunado..... | 52 |
| De volta ao Curreal. | 53 |
| <i>Blasco (Mercedes) — Bohemia.</i> | 56 |
| Casta..... | 57 |

| | |
|---|----|
| <i>Belem</i> (<i>Esther Analia da Cunha</i>) — João de Deus* | 58 |
| As rosas da rainha | 59 |
| A Creche | 59 |
| Para os orphãos | 60 |
| <i>Cadet</i> (<i>Maria Rita Chiappe</i>) — A varina | 61 |
| <i>Caires</i> (<i>Luthgarda Guimarães de</i>) — Avé Maria | 65 |
| A vaga | 65 |
| Lourdes | 66 |
| Ante uma caveira | 67 |
| <i>Canuto</i> (<i>Maria José</i>) — Magdalena | 68 |
| <i>Carmo</i> (<i>Lucinda do</i>) — As palmas | 70 |
| <i>Carvalho</i> (<i>Augusta Fernandes Pessoa de</i>) — Sonhando | 72 |
| <i>Carvalho</i> (<i>Domitilla de</i>) — Porquê | 75 |
| Flor que morre | 76 |
| Orphãos | 77 |
| Minha sina | 77 |
| Pobre morta | 78 |
| <i>Carvalho</i> (<i>Maria de</i>) — No moinho | 80 |
| O lampeão | 80 |
| Velhinho | 81 |
| Esquecimento | 81 |
| Viidas | 82 |
| Soffre-se tanto pela vida fora | 83 |
| <i>Carvalho</i> (<i>Maria Amalia Vaz de</i>) — A andorinha | 87 |
| <i>Castelbranco</i> (<i>Joanna de</i>) — Tristeza | 89 |
| <i>Castello Branco</i> (<i>Carolina da V.</i>) — Scismava | 91 |
| <i>Castello Branco</i> (<i>Catharina Maxima de Figueiredo Abreu</i>) — O firmamento | 93 |
| Comprehendes? | 94 |
| <i>Castello Branco</i> (<i>Flora</i>) — Meu viver | 95 |
| Minh'alma | 96 |
| <i>Castello Branco</i> (<i>Leonor de Figueiredo Abreu</i>) — Laura | 97 |

| | |
|---|-----|
| <i>Castello Branco (Maria Figueiredo Feio Rebello) —</i> | |
| Fé * | 100 |
| A canção do mar * | 100 |
| <i>Castilho (Emilia Augusta de) — Visão</i> | 102 |
| <i>Castro (Cacilda Pinto Coelho de) — Nas ruínas do</i> | |
| convento de Almoester | 105 |
| O garoto dos olhos azues | 106 |
| Suposição | 107 |
| <i>Celia Roma — Nuvens</i> | 110 |
| <i>Chaves (Laura da Fonseca) — Raciocínio de criança</i> | 112 |
| Soneto | 113 |
| O amor e o tempo | 114 |
| A tempo | 114 |
| A morte da Micas | 123 |
| <i>Colaço (Branca de Gonta) — Nihil!</i> | 116 |
| Prelúdio | 117 |
| Meu amor | 118 |
| Historia silenciosa | 118 |
| Pedindo esmola | 119 |
| <i>Colaço (Lia de Magalhães) — Os teus olhos *</i> | 120 |
| Sem titulo * | 121 |
| <i>Cunha (Maria da Conceição Pereira da) — Quadras</i> | 123 |
| Des vers faits a mon cœur! | 124 |
| <i>Cunha (Maria da) — Proemio</i> | 127 |
| Cromo | 127 |
| O Infante de Sagres | 128 |
| Meio dia | 129 |
| Virtudes teologals | 129 |
| Claudia | 130 |
| <i>Dolores (Soror) — A' senhora Marietta Gresti</i> | 131 |
| <i>Eduarda (Emilia) — N'um album</i> | 133 |
| <i>Escorcio (Julia Eugenia Silva de Pereira Lucio) —</i> | |
| O nosso amor | 135 |

| | |
|--|-----|
| A um crucifixo..... | 136 |
| Peccadora..... | 136 |
| <i>Ferreira (Izabel) — Mãe</i> | 137 |
| O pobrezito | 138 |
| <i>Ferreira (Luiça) — 19 de Agosto</i> | 138 |
| 3 de março | 139 |
| A creança e a Velhinha..... | 139 |
| <i>Gamito (Maria Izabel) — Palavra santa</i> | 140 |
| Inverno | 141 |
| Velho | 141 |
| <i>Giesta — Saudade *</i> | 143 |
| Dia d'annos..... | 144 |
| Estrella do norte * | 145 |
| <i>Gusmão (Julia de) — Além</i> | 147 |
| N'um jazigo..... | 148 |
| <i>Ivalda — Semente pequenina</i> | 150 |
| Quero sonhar..... | 150 |
| <i>Janny (Amelia) — Aos annos de minha mãe</i> | 154 |
| Camara ardente..... | 155 |
| Soneto..... | 156 |
| <i>Lima (Gertrudes Ferreira) — Saudação</i> | 159 |
| <i>Lucena (Albertina de) — Já tarde</i> | 162 |
| <i>Lupi (Bertha) — Distrahida</i> | 163 |
| Ao espelho cruel..... | 164 |
| <i>Macedo (Clorinda Maxima de) — Um quadro</i> | 165 |
| <i>Machado (Alda Guerreiro) — Saudade</i> | 167 |
| D. Henrique * | 168 |
| Nuno Alvares * | 169 |
| Duarte de Almeida * | 169 |
| Egas Moniz * | 170 |
| <i>Maia (Emilia Adelaide Moniz da) — Autografo de Gonçalves Dias *</i> | 173 |

| | |
|---|-----|
| Dôr suprema | 174 |
| O amor de Deus | 174 |
| Meu Deus, meu Deus, porque me abandona- naste? | 175 |
| <i>Magalhães (Candida Ayres de) — Riso para os ou- tros.</i> | 177 |
| Mocidade | 177 |
| Lgrimas | 178 |
| Saudade | 179 |
| <i>Maldonado (Marianna Antonia Pimentel) — A' Grã Bretanha</i> | 180 |
| <i>Mello (Zulmira de) — Somnambula</i> | 182 |
| Phantasia | 183 |
| A' beira-mar | 183 |
| <i>Mendonça (Maria José Furtado de) — O rei de Thule</i> | 184 |
| <i>Miranda (Arsenia Bettencourt) — Anhelos</i> | 187 |
| <i>Moderno Alice — Miniatura</i> | 189 |
| Lgrimas | 189 |
| Creanças | 189 |
| <i>Nogueiras (Viscondessa das) — Uma noite de luar</i> | 191 |
| <i>Ondina — Pombas feridas</i> | 193 |
| <i>O'Neill (Maria) — Flirt *</i> | 199 |
| O que só termina com a morte | 199 |
| Um sonho | 200 |
| Após uma jornada d'amargura | 200 |
| <i>Pacheco (Agueda Leonor Alvarrão) — Porquê?</i> | 202 |
| Trovejando | 202 |
| <i>Pacheco (Guilhermina Alvarrão) — A tarde</i> | 204 |
| <i>Pacheco Simões (Maria José Alvarrão) — Novas al- voradas</i> | 206 |
| Fragmentos do Hernani | 208 |
| <i>Paraizo (Albertina) — A minha mãe</i> | 211 |

| | |
|--|-----|
| Mares | 211 |
| Madona..... | 212 |
| Naufragio | 212 |
| Dolorosa..... | 213 |
| <i>Parreira (Maria Candida de Bragança) — Lembras-te?</i> | 214 |
| Suplica..... | 215 |
| Saudade | 215 |
| <i>Patricio (Maria Magdalena Valdez Trigueiros de Martel) — Lheure rouge</i> | 219 |
| Oraison aux dentelles..... | 219 |
| <i>Peixoto (Maria do Carmo) — Deixae que eu sonhe.</i> | 220 |
| A uns olhos | 221 |
| <i>Pereira (Eugenia Rego) — Ao cair da tarde</i> | 222 |
| Echos que passam | 223 |
| <i>Pereira (Luiça Maria) — Tributo de saudade</i> | 224 |
| <i>Pereira (Maria da Costa) — A minha irmã</i> | 225 |
| <i>Pinheiro (Beatriz) — Crisálida</i> | 229 |
| Hino ao sol | 229 |
| A'memoria do poeta das «Peninsulares» Dr. Simões Dias..... | 230 |
| <i>Placido (Anna Augusta) — Maldita!</i> | 234 |
| A Camillo Castello Branco | 235 |
| <i>Romares (Marqueza de) — Saudade</i> | 237 |
| <i>Possolo (Francisca de Paula) — Juramento de amor</i> | 238 |
| Epistola | 239 |
| <i>Prata (Maria Adelaide Fernandes) — O filho de Deus</i> | 240 |
| <i>Pusich (Antonia Gertrudes) — Madeira</i> | 243 |
| <i>Ramos (Clotilde Rafaela de Bataglia) — Quadras</i> .. | 246 |
| <i>Ramos (Maria Carolina) — Quadras</i> | 247 |

| | |
|--|-----|
| <i>Ramos (Zulmira) — Maio</i> | 248 |
| <i>Rego Senior (Emilia Acciaioly) — O arco iris</i> | 249 |
| <i>Reis (Maria Leonor) — Assim te foste!</i> | 251 |
| <i>Assim te podes ir</i> | 252 |
| <i>Sá (Anna Amalia Moreira de) — Saudade</i> | 254 |
| <i>Santiago (Esmeralda de) — Outr'ora</i> | 255 |
| <i>Hoje</i> | 256 |
| <i>Santos (Rosalinda Celeste de Figueiredo)—Pombas*</i> | 257 |
| <i>Ao meu Rui*</i> | 258 |
| <i>Silveira (Maria Olga Moraes Sarmiento da) — Never More</i> | 261 |
| <i>Serrão (Elva da Cunha) — Soneto</i> | 262 |
| <i>Soneto</i> | 263 |
| <i>Souza (Maria Perigrina de) — Parábola da minha vida</i> | 264 |
| <i>Torrezão (Guiomar) — A minha mãe</i> | 266 |
| <i>Varela (Rosa) — Lei universal*</i> | 267 |
| <i>Provações da vida</i> | 268 |
| <i>Desventura</i> | 268 |
| <i>Vasconcellos (Maria da Gloria Teixeira de) — Pri- meiros cuidados</i> | 269 |
| <i>Soneto</i> | 270 |
| <i>Vaz (Maria Amelia) — Mortinha</i> | 271 |

Novo Fábrego Cha- Fábrego Fábrego
 Chadas Fábrego
 Fábrego Fábrego

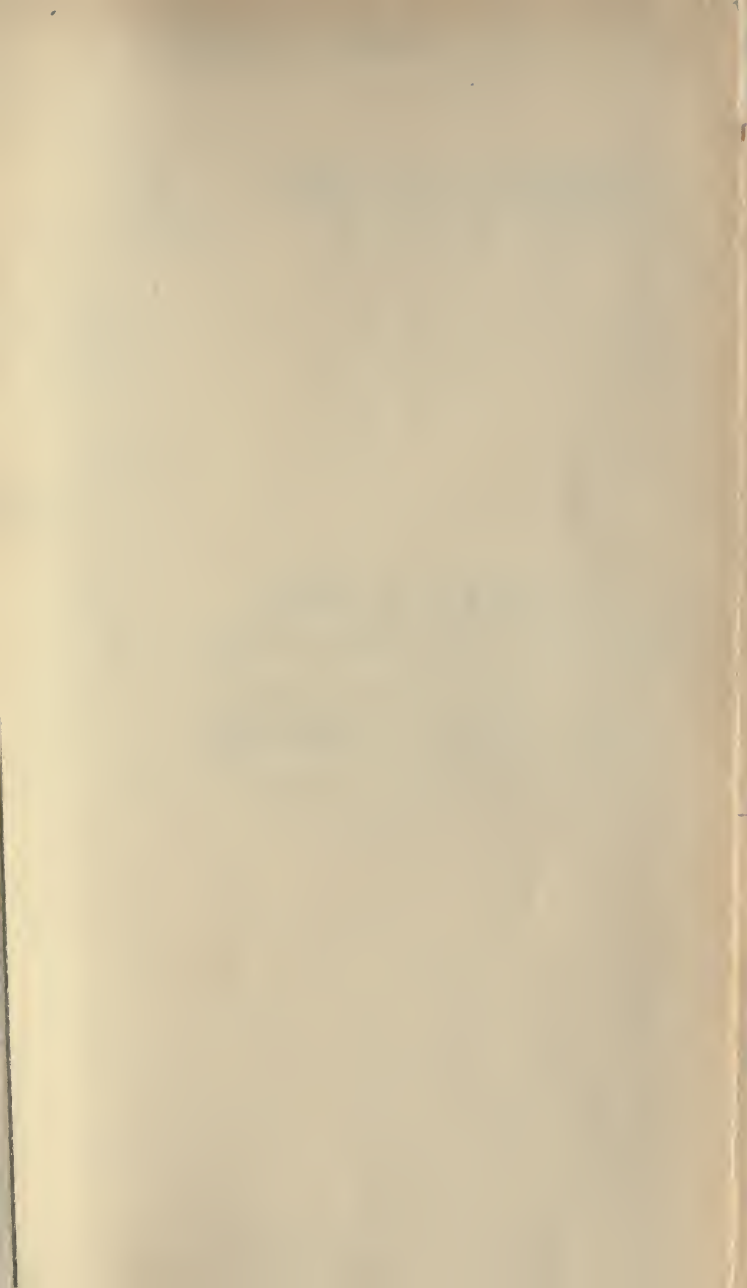
| | |
|--|-----|
| <i>Vidal (Angelina)</i> — Confronto | 280 |
| Canção do enfeitado..... | 280 |
| A pena de morte..... | 281 |
| <i>Villa Maior (Viscondessa de)</i> — A Senhora da Agonia..... | 282 |
| <i>Villar (Amelia de Guimarães)</i> — Versos..... | 284 |
| Miragem | 284 |

ADITAMENTO

| | |
|---|-----|
| <i>Moraes (Florença de)</i> — Soneto | 285 |
|---|-----|

ERRATAS PRINCIPAES

| Pag. | onde se lê | deve ler-se |
|------|------------------|---------------------|
| 7 | Metestasio | Metastasio |
| 15 | Doixae-me | Deixae-me |
| 52 | Só teus | Só tem |
| 56 | ez | fez |
| 74 | D. Domilla | D. Domitilla |
| 160 | dos filhos Pedro | dos filhos de Pedro |
| 217 | moyeu | moyen |
| 219 | l'heuse | l'heure |



PQ
9033
C3

Cardoso, Nuno Catharino
Poetisas portuguesas

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY
